

INFERNO DE NÉUTRON

JAMES AXLER

GOLD
EAGLE

OS MELHORES DE SUSPENSE OS MELHORES

2
LIVROS
EM 1

SE

ALMA DA MAGIA

JAMES AXLER

NOVA CULTURAL

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



**INFERNO
DE
NÊUTRON**
JAMES AXLER



NOVA CULTURAL

NEUTRON SOLSTICE

© 1987 by James Axler

Originalmente publicado, em 1987,
pela Worldwide Library, Canadá.

A marca GOLD EAGLE, consistente nas palavras
GOLD EAGLE e no colofão representando
uma águia, é marca registrada da
Harlequin Enterprises B.V., Toronto, Canadá.

INFERNO DE NÊUTRON

© 1989 para a língua portuguesa

EDITORA NOVA CULTURAL LTDA.

Todos os direitos reservados, inclusive o direito de
reprodução total ou parcial, sob qualquer forma.

Tradução: Vera C. P. Limongi

NOVA CULTURAL: Av. Brig. Faria Lima, 2000
3º andar — CEP 01452 — São Paulo — SP — Brasil
Caixa Postal 2372

Esta obra foi composta na Editora Nova Cultural Ltda.

Impressa na Artes Gráficas Parâmetro Ltda.

Sinopse

A Terra não foi destruída com a guerra nuclear que varreu o planeta em 2001, apenas um modo de vida. A população mundial foi reduzida a um quinto do que fora um dia. Os ecossistemas foram completamente transformados. O clima mudou de maneira radical. Onde outrora existira a América do Norte, os sobreviventes lutam para vencer uma nova era de pragas, doenças causadas pelas radiações, barbárie e loucura. São dias de trevas eternas, quebradas apenas pelos clarões macabros vindos do céu. Nevoeiros tóxicos cobrem a Terra. Pântanos fétidos criam novas e terríveis formas de vida. Ventos de trezentos quilômetros por hora fustigam o planeta e, quando por acaso uma nuvem se forma, é chuva ácida que cai, ácido puro que reduz um homem a um monte de ossos após sessenta segundos de agonia atroz.

Apesar de tudo, a vida retornou.

Em lugares isolados, os sobreviventes lutam contra todas as probabilidades. E vencem.

Mais ou menos.

Prólogo

Uma gota de suor brotou da testa da mulher, escorreu por seu rosto e caiu na lâmina afiada do punhal que trazia nas mãos.

Sua pele era escura e os cabelos, negros como a noite. Estava nua, sentada numa cadeira de palha, próxima à fogueira que ardia dentro da cabana. Era difícil adivinhar sua idade. Pelo corpo, poderia se dizer que tinha vinte e poucos anos. Porém, ao olhar para o rosto, a pessoa arriscaria um palpite bem diferente.

A pele era feia, marcada por cicatrizes e rugas profundas. A maioria dos dentes havia muito já tinha caído e os que restavam eram amarelos e quebrados.

Seus olhos, no entanto, chamavam a atenção de quem quer que a olhasse.

Eram brancos como leite, com uma fina membrana no lugar de cada córnea.

O punhal que segurava era longo e afiado. No cabo de madeira, escrito em letras góticas, havia as seguintes palavras: La Mort Lente.

A morte lenta.

Na outra mão, a mulher cega trazia uma criatura estranha, um pássaro enorme de penas vermelhas, seus olhinhos brilhando à luz do fogo.

Ali dentro havia mais uns quinze homens, usando shorts e camisetas rasgadas.

Eram todos negros, de cabelos curtos e lábios grossos, e estavam ajoelhados ao redor da mulher.

Um deles se levantou e jogou um punhado de pó nas chamas, atizando ainda mais o fogo, fazendo com que uma nuvem branca subisse para o teto e desaparecesse num buraco que servia de chaminé.

Imediatamente, um cheiro adocicado e agradável invadiu a cabana.

A mulher levantou as mãos, levando o punhal e o pássaro para perto dos olhos.

Respirou fundo, abriu a boca e começou a falar umas palavras estranhas num francês diferente, um dialeto distorcido que tivera origem havia muitos séculos, numa terra outrora conhecida como Haiti.

— O pássaro sagrado vai nos mostrar o caminho... O pássaro sagrado vai nos mostrar o caminho...

A cabana, exceto pela voz da mulher e pelos gritos do pássaro, estava em silêncio.

Os homens não ousavam se mover. Lá fora, o sol se punha, e a noite que já vinha chegando prometia ser tão quente quanto o dia.

— Por nós, pelo senhor Barão, por nossas vidas e pelas vidas do além, eu faço isso.

— Eu faço isso! — repetiram as outras vozes, em coro.

As duas mãos se encontraram, a ponta da lâmina procurando e encontrando os olhos brilhantes do pássaro que, ao sentir-se mutilado, soltou um grito medonho e assustador. A mulher continuou a segurá-lo com firmeza.

— Não cante, não fale, não veja! Apenas nos mostre o caminho a ser seguido!

Ela abaixou a cabeça, murmurou alguma coisa inaudível, então levantou os braços e libertou a ave ferida.

— Voe! Voe!

Por um longo momento, nada aconteceu. O pássaro virava a cabeça de um lado para outro com desespero, como se procurasse uma salvação para a escuridão que o envolvia.

— Voe! — a mulher repetiu.

Finalmente, a ave fez um esforço e bateu as asas, ganhando altura. Não foi muito longe. Perdeu

altitude, depois se levantou de novo e, para horror e espanto dos presentes, caiu uma segunda vez, aterrissando bem no meio da fogueira, impregnando a cabana com o cheiro de penas queimadas.

Ninguém tentou salvar o pássaro. Não seria apropriado.

Foi um homem calvo, de rosto largo, que quebrou o silêncio: — Por quê? Por que ele não nos mostrou o caminho a ser seguido?

A mulher virou a cabeça em sua direção e ele deu um passo para trás, como se tivesse levado uma bofetada no rosto.

— Há um tempo para cada coisa. Um tempo para viver e um tempo para morrer.

Até mesmo o mais orgulhoso dos homens encontrará a morte um dia. Agora, fiquem calados que eu vou me concentrar.

Ela juntou as mãos e começou a balançar seu corpo, enquanto entoava um hino estranho, que falava de uma terra abençoada, onde só existia a coragem, a verdade, a honra e a bondade, e que de repente se transformava num lugar macabro, cheio de sombras assustadoras.

A música chegou ao fim. A mulher cega levantou-se, ergueu os braços, e seu corpo começou a tremer, como se estivesse tendo uma convulsão.

Quando falou, o fez com uma voz grave e impressionante: — Eles estão chegando, para desafiar o Barão...

— Quem está chegando? — perguntou o calvo, assustado.

Mas a cega nem lhe deu atenção. Continuou ali, seus olhos inúteis arregalados, gritando, como se estivesse em transe: — Eles estão chegando! Eles estão chegando! Eles estão chegando!

Lá fora, o pântano se estendia, interminável, em todas as direções. Dentro de suas profundezas, havia um movimento lento, como se ele também pudesse sentir que alguma coisa de muito diferente estava para acontecer.

1

Ryan Cawdor abriu o olho.

A névoa começava a se dissipar e as luzes no chão e no teto já não piscavam mais. Uma placa luminosa na parede refletia seu próprio rosto, distorcido e deformado. A câmara parecia igual às demais, talvez um pouco mais limpa e mais bem-cuidada.

Respirou fundo e olhou em volta. Foi aí então que algo chamou a atenção. Aquele lugar era quente. Um verdadeiro forno, para ser mais exato.

Ali em volta, jogados no chão, como se fossem sacos de lixo, estavam seus seis companheiros. Quatro deles o acompanhavam desde o tempo em que trabalhava para o Negociante, quando juntos percorriam a Terra da Morte num tanque enorme, comprando barato e vendendo caro. A vida num país quase todo devastado pela guerra nuclear de janeiro de 2001, cem anos antes, era o retrato autêntico do próprio inferno.

O primeiro a mostrar sinais de recuperação foi J.B. Dix, o armeiro. Com quarenta anos, magro e franzino, era a maior autoridade viva em armas em geral. Os óculos e o chapéu estavam caídos, perto dele.

Piscou os olhos e, instintivamente, tocou a submetralhadora Uzi que trazia presa ao ombro. A pistola Steyer AUGH 5.6 mm estava no coldre, do lado direito da cintura.

— Que lugar quente, Ryan.

J.B. era um homem de poucas palavras. E todas elas eram relevantes.

— Quente é apelido, rapaz!

Ryan pensou em se levantar, mas acabou mudando de ideia. Ainda não se sentia pronto para tal esforço. Seu tapa-olho havia se afastado ligeiramente e ele voltou a colocá-lo no lugar. Ajeitou a pistola SIG-Sauer P-226 9 mm no coldre junto ao quadril e examinou o inseparável fuzil automático Heckler & Koch G-12 e a munição que o acompanhava. Tudo em ordem. Além dessas armas, ele ainda levava um facão afiado, preso ao cinto.

As pessoas precisavam tomar muito cuidado na Terra da Morte.

— Doc não parece bem — comentou J.B.

Ryan olhou para o mais velho e mais misterioso membro da expedição.

Dr. Theophilus Tanner. Doc para os íntimos. Alto, magro, sessenta anos, mais ou menos, com dentes em excelente estado. Sua voz era bonita, profunda, e costumava falar de um jeito estranho e fora de moda.

Ele jazia no chão, completamente esparramado, e roncava alto. Estava pálido e abatido. No coldre junto ao cinto, iam a inseparável espada com o cabo em forma de cabeça de leão e a bizarra pistola Le Mat.

Doc fora resgatado de Mocsin, uma cidade medonha e suja, que havia lhe roubado parte de sua sanidade mental. Mesmo assim, era um homem culto e sabia de muitas coisas a respeito da Terra, antes mesmo da Grande Guerra de 2001.

Ao lado dele, estavam Finnegan e Hennings. O primeiro, baixo e atarracado, segurava firme seu fuzil automático Heckler & Koch com silenciador. O segundo, um negro alto e forte, trazia uma arma idêntica.

Velhos amigos desde o tempo do Negociante, ambos eram corajosos, obstinados e donos de um grande senso de humor.

Lori Quint jazia perto de Doc. Ryan notara que o velho e a adolescente loira haviam se tornado muito

amigos, naqueles últimos dias. Não era de se estranhar. Na Terra da Morte, a primeira coisa que a pessoa precisava era de uma arma. A segunda, de um amigo.

A jovem Lori fora a segunda mulher do velho e louco Quint, o Guardião de um enorme depósito no Alasca. O casaco de pele que levava consigo jazia inútil a seu lado. A única arma que possuía era uma pequena pistola PPK .22.

Ryan respirou fundo. e resolveu se levantar. A seu lado, Krysty Wroth deu um bocejo. Ele olhou para a moça com uma grande ternura. Amava-a como jamais amara mulher alguma nesse mundo.

— Pela Mãe Terra, Ryan, que calor!

Ele lhe sorriu.

Acho que viemos parar em algum lugar do sul.

— Será que ainda estamos dentro da Terra da Morte?

— Acho que sim.

A garota se levantou, sem esforço aparente. Ryan ficou admirado com seu poder de recuperação. Enquanto os outros começavam a acordar, entre gemidos e suspiros desanimados, ela já estava de pé, ajeitando os cabelos com a ponta dos dedos. Ela usava um macacão cáqui e botas de cano alto, adquiridas no depósito do Guardião Quint, no Alasca. No coldre, junto ao cinto, estava sua inseparável pistola Heckler & Koch P7 A-13 9 mm.

Dez minutos depois, estavam todos de pé, com exceção de Lori. De joelhos, com o rosto transtornado de dor, a garota fazia força para conter as lágrimas que teimavam em aparecer em seus olhos.

Doc Tanner ajoelhou-se a seu lado, as juntas fazendo barulho, e pôs o braço ao redor de seu ombro.

— Onde estamos? — ela perguntou, entre um soluço e outro. — Como chegamos até aqui? Eu nunca senti tanto calor em toda a minha vida...

J.B. deu um sorriso irônico.

— Conte a ela, Doc. Quero ver como você vai fazer para explicar esse mistério a uma toupeira dessas.

O velho não gostou muito daquilo ..

— Eu agradeceria, Sr. Dix, se parasse de chamar a srta. Quint de um nome tão baixo quanto este. Ela não é boba e não tem culpa por não ter tido oportunidade de se aprimorar. A moça é tão inteligente quanto qualquer um de nós.

— Mas que merda! — reclamou Ryan — Este calor está me matando!

Lori Quint conseguiu levantar-se e apoiou-se em Doc. Finnegan ia fazer algum comentário maldoso a respeito do estranho casal, quando percebeu que o momento não era para brincadeiras e fechou a boca.

— Doc Tanner sorriu para a garota.

— Você vai melhorar logo, criança. Não fique impressionada. Olhe, o que aconteceu foi o seguinte. Nós estamos numa câmara construída há muito tempo, antes que o holocausto nuclear destruísse o planeta. Essas câmaras são conhecidas por máquinas de transporte. Assim que a porta se fecha, ela nos leva a lugares completamente diferentes, num piscar de olhos.

Lori ouvia atentamente as explicações do velho, mas não devia estar entendendo nada.

— Essas máquinas estão espalhadas pela Terra toda. Quase todas foram destruídas, mas algumas, principalmente as que ficavam dentro dos depósitos, acabaram sendo preservadas.

— O que é um depósito, Doc?

— Depósito, minha cara, era aquela visão do inferno de Dante que você chamava de sua casa.

— E quando foi que saímos de lá?

— Há uns quinze minutos. O transporte é feito em segundos. Levamos mais tempo para acordar e nos recuperar do que para viajar.

A garota arregalou os olhos.

— Quer dizer que nós viajamos milhares de quilômetros em menos de um minuto?

O velho sorriu: Porém, seu sorriso foi logo substituído por uma expressão de horror. Sua sanidade parecia estar voltando, mas as recaídas ainda eram frequentes.

Virou-se para Ryan e começou a falar, com voz grave: — Os homens da ciência são uns vermes inúteis. Eles passam a vida toda desen-volvendo técnicas terríveis para matar. Ah, as coisas que eu vi... quanto horror! — O

velho fechou os olhos e começou a tremer como um galho de árvore sob o vento forte de verão. — Um jovem, um motorista de táxi de Mineápolis e um ladrão de galinhas... Foram todos usados como cobaias. Vi o quanto sofreram nas mãos daquela gente. E as crianças então Presas em jaulas, como animais, respirando aqueles gases tóxicos Para que, meus amigos? Para quê?

Doc Tanner começou a chorar e Lori o abraçou, com carinho.

Por alguns momentos, todos ficaram quietos. Foi Ryan quem quebrou o silêncio: — Bem, pessoal, vamos indo.

— É isso aí — acrescentou J. B.

2

Ryan abriu a porta e foi dar numa ante-sala cheia de computadores e máquinas engraçadas, onde piscavam luzes vermelhas e verdes.

Ali, do lado de fora, havia um cartaz enorme, com a seguinte frase: "Entrada ex-pressamente proibida".

— Armas na mão — avisou Ryan. — Fiquem atentos. Não sabemos o que vamos encontrar pela frente.

Ele se aproximou de uma outra porta, onde havia uma alavanca apontada para a palavra "fechada". Fazendo força, empurrou-a em direção à posição "aberta".

A porta se abriu imediatamente e Ryan pôs a cabeça para fora.

— Algo de interessante? — perguntou J.B.

— Não. Me passe o aparelho.

O armeiro lhe entregou um objeto do tamanho de um radinho de pilha, que media a radioatividade do ar. Acendeu uma luzinha fraca, indicando que a área estava limpa. Havia lugares espalhados pelo país onde o nível da radiação era tão alto que matava uma pessoa em questão de minutos.

— Tudo em ordem, Ryan?

— Tudo, J.B.

Hennings enxugou o suor da testa com a palma da mão.

— Que lugar quente! Tomara que esse calor derreta as banhas de Finnegan.

— Tome cuidado para que o sol não o deixe ainda mais preto — rebateu o outro.

— Parem com isso, vocês dois — ordenou Ryan. — Vamos lá, pessoal. Precisamos descobrir onde viemos parar desta vez.

Ele foi o primeiro a deixar a ante-sala, seguido por Krysty, Hennings, Finnegan e Doc, com o braço na cintura de Lori. J.B. Dix saiu por último, ficando a dez passos de seus companheiros, virando-se a toda hora para ver se ninguém vinha atacá-los por trás.

Foram dar num corredor estreito, sem portas nem janelas em nenhum dos lados.

— Será que isso é um depósito, Doc? — perguntou Ryan.

— Tenho a impressão que não, sr. Cawdor. Pode ser que eu me engane, mas acho que vamos acabar saindo em outro lugar.

O corredor se estendia, interminável. De vez em quando, eles passavam por pequenas câmaras de vídeo instaladas no teto, que pareciam estar desligadas.

— Alguma novidade? — berrou J.B., lá de trás.

— Nada! — respondeu Ryan.

— Não há ninguém por aqui — avisou Krysty. — Posso afirmar que não estamos sendo observados.

— Tem certeza?

— Certeza absoluta.

Após o holocausto de 2001, o planeta fora contaminado por todas as formas de veneno nuclear. Nuvens químicas, chuvas de ácido e doses letais de radiação produziram mutações genéticas inacreditáveis. Mutantes surgiram, de todos os tamanhos, tipos e formas.

Em muitos casos, seus nomes diziam como eles eram e de que forma agiam.

Os grudentos, por exemplo, tinham mãos que colavam em qualquer superfície e eram extremamente difíceis de ser eliminados.

Os sensitivos conseguiram prever o futuro, embora suas previsões não fossem sempre muito corretas.

Os urubus só pressentiam coisas negativas. Em geral, não sabiam dizer com exatidão o que iria acontecer, mas quando abriam a boca era sinal certo de desgraça.

Os loucos eram... bem, os loucos eram loucos mesmo.

Krysty Wroth era uma espécie de mutante. A princípio, Ryan se aborrecera com aquilo, depois acabara se acostumando. A moça possuía muitos talentos. Seus longos cabelos ruivos pareciam ter vida própria e escondiam vários segredos: Conseguia prever desgraças, como os urubus, e ainda tinha uma visão e uma audição fora do comum.

Porém, seu maior atributo era outro. Sua finada mãe, Sonja, lhe transmitira o gosto pela meditação e o respeito pela Mãe Terra, Gaia, como era chamada, em homenagem à deusa grega da Terra.

Embora aquilo a deixasse exausta, Krysty era capaz de disciplinar seu corpo e mente a ponto de conseguir uma força física impressionante, de fazer inveja a um gigante de duzentos quilos.

Não eram só os humanos que pariam mutantes.

Em seus trinta e poucos anos de vida, Ryan havia encontrado todas as perversões genéticas que uma mente doentia poderia imaginar. Peixes e aves. Insetos tirados de um pesadelo. Cobras e pássaros. Todos distorcidos em paródias obscenas de suas formas originais.

O grupo continuou a seguir pelo longo corredor. Não havia mais ninguém por ali.

O ar era limpo, sem odores desagradáveis. Uma vez que você sente o cheiro da morte, não se esquece nunca. Nunca mesmo.

Cinco minutos depois eles chegaram ao que parecia ser a saída.

O corredor se abria numa sala quadrada, cujas paredes ainda guardavam marcas de quadros e cartazes de aviso. Seja lá quem tivesse passado por aquele lugar antes, havia feito uma limpeza completa. Nada tinha permanecido. Nem mesmo poeira.

— Não estou vendo nenhum painel de controle — comentou Finnegan. — Como vamos fazer para abrir essa porcaria?

As paredes em volta da porta estavam completamente vazias. Ryan olhou para Doc, pedindo ajuda.

O velho, porém, não foi de grande auxílio.

— Confesso que estou perdido, sr. Cawdor. É a primeira vez que vejo uma porta desse tipo.

— Vamos explodi-la -anunciou J.B. Dix. — É a única maneira.

— Eu não faria isso, Sr. Dix. Não sabemos onde estamos e as suas granadas podem causar muitos danos.

— Então o que vamos fazer? — perguntou Ryan — Não aguento mais ficar aqui dentro, nesse calorão dos diabos!

— Se me permite um palpite, Sr. Cawdor, tenho a impressão de que o painel de controle deve estar escondido em algum lugar e...

— Espere — interrompeu-o Lori, aproximando-se da porta.

— O que será que ela vai fazer? — resmungou J.B. — Dizer alguma palavra mágica?

— Fique quieto — reclamou Krysty. — Vai ver que a garota sabe de alguma coisa que nós não sabemos.

Lori Quint deu mais dois passos à frente. A princípio, nada aconteceu. Então, para espanto de todos, a porta se abriu, fazendo um barulhão.

Ryan arregalou o olho.

— Como você conseguiu fazer isso, Lori?

— Foi fácil. A porta dos fundos do lugar onde eu morava era igualzinha. É só chegar bem perto, para que ela nos veja e se abra para nós.

— Uma porta com olhos? — perguntou J.B. — Hum... estou achando essa história muito estranha.

— Chega de conversa mole, pessoal. O importante é que ela se abriu. Venham!

Eles foram dar numa outra sala, onde havia uma segunda porta, com uma maçaneta num dos cantos.

Ryan não teve problemas para abri-la. Estava destrancada.

A luz do sol brilhou em cheio em seu rosto. Respirou fundo, enchendo os pulmões de ar puro. Olhou em volta. Não reconheceu aquele lugar.

Já havia visitado muitas partes daquele continente. Andara pelas avenidas esburacadas de Nova York, tomadas pela vegetação, onde se encontravam plantas e flores envenenadas a cada esquina, onde houvera um dia uma estátua enorme, hoje reduzida a um monte de massa disforme.

Visitara as terras geladas do norte e os desertos da zona sul, onde nuvens químicas despejavam chuvas de ácido sobre o solo árido. Agora, encontravam-se num lugar nunca antes visto.

O calor era infernal. Gotas de suor começavam a brotar de sua testa. Olhou para trás e foi com surpresa que percebeu que a construção de onde saíra ficava debaixo do solo. Do lado de fora, a porta era coberta por uma densa vegetação. Talvez aquela camuflagem natural fosse a principal razão pela qual ninguém nunca entrava ali.

— Chegamos — disse Finnegan, olhando para aquela terra pantanosa.

Krysty sentiu um arrepio de frio, apesar do calor insuportável.

Teve um pressentimento estranho, que não a deixou nem um pouco satisfeita.

3

A mulher cega estava sentada numa cadeira, de braços cruzados. Usava um vestido leve de algodão, com uma mancha marrom no lado direito. Era sua melhor roupa.

De dois em dois minutos, passava a língua pelos lábios secos.

Em volta dela, no saguão de onde outrora fora o hotel mais famoso da cidade de Lafayette, Louisiana, os homens conversavam sobre negócios. Ninguém lhe dava muita atenção.

Se Mãe Meia-Noite fora chamada pelo chefe, era melhor não se meter em confusão. A mulher era poderosa como o diabo. Pobre daquele que a aborrecesse. Encontraria a morte na certa. Era só ela encostar o dedo no rosto do infeliz e murmurar uma palavra. Como acontecera com Steve King, no mês anterior. O coitado começara a emagrecer e acabara morrendo em vinte dias, pesando menos de quarenta quilos.

E agora, algo tinha dado errado. Todos comentavam o fracasso do ritual. Então, o Barão a chamara.

Respirou fundo e sentiu cheiro de maconha. Segundos depois, ouviu passos de alguém se aproximando.

— Ele já vai recebê-la, Mãe Meia-Noite.

Não havia mais aquele respeito costumeiro na voz do jovem e ela sentiu o gosto amargo do medo em sua própria língua. O Barão governava a região toda e a população lhe devia obediência. Até mesmo os Cajuns, morando mais adiante, não ousavam aborrecê-lo.

A mulher se levantou e estendeu a mão, para que o rapaz a guiasse. Aquele hotel era o quartel-general do Barão do Tormento, havia muitos e muitos anos. Porém, ele mudava de quarto todas as noites, para evitar um assassinato.

— Vamos por aqui, Mãe Meia-Noite. Tome cuidado. Há um degrau ali e outro mais adiante.

Ela não queria perguntar a razão pela qual tinha sido chamada, por medo de receber a resposta que temia.

Não ia perguntar. Precisava se segurar.

Por quê...

— Ele vai lhe dizer.

— Oui.

Eles começaram a andar. Seu senso de direção era excelente, mas, mesmo assim, costumava se perder naqueles corredores intermináveis, cheios de curvas e passagens secretas. Passaram por uma máquina barulhenta, que fazia gelo para o Barão e seus homens. Tomaram um elevador e foram parar num outro corredor, longo e sinuoso, subiram uma escada, andaram vários metros e entraram num outro elevador.

Estavam demorando muito para chegar ao quarto do Barão e ela se perguntou se o rapaz não estaria encompridando o caminho de propósito, para divertir-se à sua custa.

— Ainda está longe?

Ele ignorou sua pergunta e continuou a andar.

Ela insistiu.

— Ainda está longe, amigo?

— Não. — Houve uma pausa. — E não me chame de amigo.

Foi aí então que ela ouviu o som de um tiro, claro como água.

Esperou que a bala entrasse em seu corpo, mas nada aconteceu. O rapaz a seu lado percebeu sua tensão e caiu na risada.

— Esse não é o estilo do Barão, Mãe Meia-Noite. Suas vítimas nunca tiveram uma morte rápida.

— Eu sei — ela respondeu, sua voz mais fraca do que o habitual. A última execução pública havia

acontecido no começo do ano. O condenado era um velho, que fora pego roubando comida para a família. Os seguranças do Barão o amarraram em ple-na praça, o encharcaram de gasolina e atearam fogo em seu corpo.

Mãe Meia-Noite não pudera apreciar o espetáculo, mas sentira o cheiro da carne queimada. E ouvira os gemidos do velho.

Chamas e gemidos.

Chamas e gemidos.

Chamas.

— Chegamos — avisou o rapaz) abrindo uma porta.

Ela foi empurrada para dentro de uma sala, que parecia cheia de gente.

— Como foi o ritual do pássaro, Mãe?

Ele falava em francês, sua voz bonita e profunda.

— Péssimo, Barão. Péssimo mesmo.

— Quero ficar a sós com ela. Deem o fora, pessoal.

Ouviu-se um barulho forte de pés no chão, como se todo o mundo quisesse sair dali ao mesmo tempo. A bruxa ouviu a porta se fechar.

Nunca vira o Barão do Tormento, embora já tivesse conversado com ele muitas vezes. Na verdade, haviam até feito amor. Conhecia seu corpo como ninguém.

Sabia que ele era muito alto. 1,90 ou mais. Apesar de seu tamanho, o corpo era fraco, seus joelhos e quadris mal aguentando seu peso. Para compensar, usava um aparelho de aço nas pernas, que o ajudava a andar melhor. Os cabelos eram curtos e crespos. O pênis, grosso e longo, lembrava o braço de uma criança. Um dia, ele es-cancarara suas coxas e a arrebetara por dentro, fazendo o sangue jorrar por seu ventre e pernas.

Ela nunca engravidara. Como nenhuma das mulheres que ele havia possuído. Mas todos sabiam que o Barão ainda tinha esperanças de ganhar um filho, um herdeiro para seu império.

— Fiquei sabendo que o pássaro mergulhou nas chamas e morreu.

Ela respirou fundo e sentiu o cheiro do homem à sua frente. Almíscar e sabonete misturados.

— Isso nunca aconteceu antes, senhor.

— Você cegou a ave?

— Sim, senhor.

— Tomou cuidado para não machucá-la? As asas estavam em ordem?

— Sim, senhor.

O homem ficou em silêncio por alguns instantes. O único som que Mãe Meia-Noite ouvia na sala eram as batidas de seu próprio coração.

— Isso nunca aconteceu antes...

— Você já disse isso.

— Perdão, senhor.

— Estou muito desapontado, madame. Muito desapontado mesmo.

Ela respirou fundo, para tomar coragem.

— Tudo isso prova uma coisa, meu. amo. Uma coisa terrível. Os estranhos estão chegando. Gente diferente de nós. Não são Cajuns, muito menos os renegados de Lowel ton. Eles estão vindo de lugar nenhum...

— E vão trazer problemas?

— Problemas muito graves, senhor. ..

— Isso é tudo? Não há mais nada que você possa me dizer, para me ajudar a impedir a entrada desses estranhos?

Mãe Meia-Noite pensou desesperadamente em algo que pudesse satisfazer o Ba-rão, mas era difícil

raciocinar sob tanta pressão.

— Não, meu amo...

— Então você falhou. E eu não tolero falhas.

Ele deu um passo à frente e colocou as duas mãos em sua garganta. Começou a apertá-la. Mãe Meia-Noite ainda tentou se debater, mas era impossível livrar-se do julgo daquele negro gigante. O último som que ouviu, lá no fundo de seu cérebro, foi de algo se partindo, como alguém esmagando uma maçã podre.

— Adieu, madame — sussurrou o homem, jogando o cadáver no chão. Limpou o sangue de suas mãos na camisa escura que usava.

Alguém bateu na porta de sua luxuosa suíte.

— Entre.

— Terminou, senhor?

— Terminei, Mephisto. Tire esse lixo daqui e jogue aos animais.

— Ela viu alguma coisa, senhor?

— Parece que sim. Algo de muito grave. Alerta os homens. De agora em diante, todo cuidado é pouco.

— Será que aquele garoto encrunqueiro e seus amigos estão querendo aprontar alguma?

— Lauren e a sua gangue? Acho que não. A bruxa previu algo de novo. Gente des-conhecida, vinda de longe, vai aparecer por aqui.

Mephisto deu um sorriso cínico.

— Talvez seja algum espírito que venha para puni-lo pelas suas maldades, Barão.

O comentário poderia ser perigoso, mas parecia apropriado para aquele momento.

— Maldade? Mas eu sou um homem tão bom, meu caro Mephisto...

Dizendo isso, o Barão do Tormento jogou a cabeça para trás e caiu na gargalhada.

4

Este lugar é uma merda! — reclamou Hennings, espantando um mosquito enorme que havia pousado em seu ombro.

— Nunca vi inseto tão grande em toda a minha vida — acrescentou Finnegan.

— Mosquitos mutantes — explicou J.B., lacônico como sempre. O armeiro olhou em volta. Podia quase jurar que estavam no sul, a uns duzentos quilômetros a oeste do velho porto de Nova Orleans.

— Região dos Cajuns — anunciou Doc Tanner, enxugando o suor da testa com a palma da mão.

— O que é Cajum? — perguntou Ryan, curioso.

O velho respirou fundo e começou a explicar: — Nos idos de 1600, há uns quinhentos anos, mais ou menos, os franceses vieram para cá e se estabeleceram numa parte da costa leste que chamaram de Nova Fran-

ça. O solo era fértil, o clima, temperado e os colonizadores passaram a chamar seu paraíso de Acádia. Cento e tantos anos depois, os ingleses chegaram, os expulsaram de suas terras e os pobres coitados acabaram fugindo para esta região .. O nome Cajum veio depois. Simples, não é?

Ninguém disse nada, e mais uma vez Ryan se perguntou como aquele homem podia ter tanto conhecimento do passado.

Eles decidiram explorar a área.

— Cuidado, pessoal-avisou J.B. — O solo é pantanoso e deve haver areia movediça por todo canto. Olhem onde pisam.

Ryan foi na frente. Estava mesmo espantado. Nunca, em toda a sua vida, havia visto um lugar daqueles. Nem em seus sonhos mais fantásticos.

O sol brilhava com intensidade, sua luz refletindo nas folhas das árvores e nas plantas e cogumelos que cresciam por toda a parte.

Cinco minutos depois, eles chegavam ao portão de segurança, protegidos por cercas de arame farpado. Porém, ele já não servia para mais nada. Árvores caídas haviam esmagado as cercas e destruído as torres da guarda, onde apodreciam os restos enferrujados das submetralhadoras.

Eles continuaram a andar por entre a densa vegetação, olhos e ouvidos atentos a qualquer perigo. Por várias vezes Ryan ouviu barulhos estranhos ao longe, mas não conseguiu especificar o que era.

Chegaram a uma encruzilhada e pararam por alguns instantes. Hennings se abaixou para examinar os restos de uma tabuleta jogada num canteiro de azáleas. Tentou apanhá-la, mas a madeira se desfez em seus dedos, comida por besouros e pela umidade.

Naquele momento, um pássaro branco com duas cabeças pousou num galho de árvore. Era provável que o lugar estivesse cheio de criaturas estranhas.

— Ei, Ryan, como vamos fazer com o almoço? — perguntou Finnegan, espantando uma nuvem de moscas cor de laranja que viera aborrecê-lo.

— Tenho a impressão de que vamos acabar chegando logo a alguma cidade. Poderemos arranjar comida com os habitantes.

Ninguém falou nada. A ideia de obter alimentos de um bando de mutantes que moravam num lugar imundo como aquele não era muito animadora.

— Olhe! — exclamou Lori, apontando para a frente, onde havia algo esquisito no chão.

— Isso deve ter sido um trilho de estrada de ferro — comentou Hennings. — Vi uma coisa parecida num livro.

Ele estava enganado.

O grupo havia acabado de entrar num lugar que havia mais de um século tinha sido um grande parque florestal.

Agora, as árvores ficavam mais espaçadas e a vegetação já não era tão densa.

Mais adiante, havia um enorme lago, os raios de sol refletindo em suas águas lamacentas. De vez em quando, Ryan ouvia um barulho estranho vindo da margem, como se alguém tivesse dado um pulo ou se mexido.

Finnegan correu até lá, lavou o rosto e molhou os lábios. — Hum... A água é morna.

E salgada também.

— Não estamos longe do mar — explicou Ryan. — O golfo do México fica a poucos quilômetros daqui. Costumava haver tempestades terríveis de ácido por essas bandas, capazes de reduzir um homem a um monte de ossos em questão de segundos.

Ao que parece, as coisas ficaram mais calmas.

— Não sei não — disse Hennings, apontando o cabo de sua HK 54 A para o alto.

O céu começava a escurecer, o azul transformando-se num violeta escuro. Os raios de sol furavam as nuvens, que refletiam nas águas do lago. Ryan franziu a testa, preocupado.

— Vamos sair daqui depressa. .

Eles começaram a andar com passos rápidos e foi com surpresa que, ao passarem por uma árvore, ouviram uma voz sair de dentro dela.

— "Lembrem-se, caros visitantes, que este parque é patrimônio do povo. Não o danifiquem."

— Uma árvore falante! — exclamou Lori, de olhos arregalados.

A voz continuou, arrastada como um portão velho precisando de óleo, de vez em quando sumindo e se levantando de novo.

Mais adiante, vocês vão encontrar centenas de tartarugas. Se ouvirem algum barulho na margem do lago, não se assustem. É nosso velho amigo jacaré, que não faz mal nem a uma mosca."

Ouviu-se um clique, então a voz parou.

J.B. Dix aproximou-se da árvore falante.

— Exatamente como eu desconfiava. Tem um gravador aí dentro, que funciona au-tomaticamente.

Krysty Wroth ficou impressionada.

— Cem anos depois e ele ainda não quebrou..

Os sete continuaram seu caminho. Passaram por outra árvore falante, que dizia: — "Os visitantes costumam sentir, mesmo em meio a tanta lama e água, um grande bem-estar dentro do nosso parque)".

— Além de uma picada na testa — reclamou Finnegan, espantando um mosquito.

A caminhada prosseguiu.

Mais adiante, eles avistaram outro lago, mais lamacento do que o primeiro.

— Parece um verdadeiro pântano — comentou J.B. — Será que é muito fundo, Doc?

— Para falar a verdade, meu caro Sr. Dix, nem fundo ele deve ser. Quanto mais se mergulha, mais a água vai ficando grossa e lamacenta. O infeliz que cair aí dentro nunca mais será achado.

Passaram por outra árvore falante.

— "Alô, caro visitante. Este é o maior pântano natural do país. Conservem bem esta área, para que, daqui a cem anos, nossos bisnetos e tataranetos também possam visitá-la."

Krysty balançou a cabeça.

— Cem anos é agora... Será que esse pessoal do século vinte tinha ideia da desgraça que iria se abater sobre o planeta?

Finnegan enxugou o suor da testa e sentou-se num tronco de árvore. Estava cansado. Aquele calor era de matar.

No céu, raios e trovões anunciavam uma tempestade para breve.

Ryan Cawdor deu um suspiro e continuou a ouvir a voz gravada havia mais de cem anos. Pertencia a uma mulher e era bonita e sonora.

— "Conserve bem este parque. Lembre-se de que o homem deve viver em perfeita harmonia com o meio ambiente".

De repente, o gordo Finnegan deu um grito e jogou-se no chão, tentando escapar de um jacaré gigante que saíra do pântano. Com a mandíbula aberta, capaz de engolir um búfalo, e os dentes afiados, o predador pulou no ar, pronto para devorar sua presa.

5

O fuzil automático Heckler & Koch G-12 possui uma mira a laser que o faz extremamente preciso a qualquer distância, seja de dia ou de noite.

J.B. Dix já havia explicado a Ryan por que esse tipo de arma atirava rajadas de três balas de cada vez.

— A maioria dos fuzis, como o M-16, costuma levantar, depois do quarto ou quinto disparo. Fica difícil de controlar. O G-12 interrompe o ciclo no meio, para que isso não aconteça.

A aparição do monstro tomou o grupo de surpresa. Alguns reagiram mais depressa do que os outros.

Doc teve dificuldades em sacar sua pistola do século dezenove e Lori ficou parali-sada de susto.

Krysty, J.B. e Hennings tiveram reflexos rápidos. Mas foi Ryan quem salvou a vida do amigo, seu Heckler & Koch G-12 mandando rajadas de balas de 4.7 mm em direção ao predador.

As três primeiras, soando a um ouvido desconhecido como uma explosão, atingi-rem o tronco da árvore, mandando madeira por todos os lados. As seguintes entraram em cheio no corpo do jacaré mutante.

O sangue jorrou sobre Finnegan, encharcando seu rosto e peito. Ninguém mais precisou atirar. As balas de Ryan haviam partido o monstro em três, jogando os restos de carne de volta ao pântano.

Hennings ajudou o amigo a se levantar.

— Se ele tivesse comido você, meu caro, estaria alimentado por dois meses...

J.B. aproximou-se deles.

— Por que você tinha de sentar ali, Finnegan?

O gordo limpou o sangue do rosto e do pescoço.

— Sabe de uma coisa? Um dia, eu fiz essa pergunta a um homem. Um franco-atirador que trabalhava para o Negociante. Dean Stanton era o seu nome. Rápido e certo como o diabo. Pois bem, um dia, o cara pulou num lago raso e quebrou as duas pernas. Foi aí então que eu perguntei por que ele tinha feito um negócio daqueles.

— E o que foi que ele respondeu?

— Que na hora, aquilo havia parecido uma boa ideia Finnegan começou a rir. Era um riso contagiante e, em pouco tempo, o grupo todo, inclusive J.B., estava às gargalhadas.

Finnegan aproximou-se de Ryan e lhe agradeceu: — Obrigado, amigo. Você me salvou a vida.

Ele sorriu.

— Que nada, rapaz. Esqueça.

Os pedaços do jacaré jaziam no meio do pântano. Em volta deles, pequenos peixes começaram a surgir, para devorar o animal morto. Em menos de cinco minutos, o jacaré mutante havia sido reduzido a ossos.

Hennings deu um assobio.

— Minha nossa! Eu já tinha ouvido falar nesses peixes. Eles se chamam “pianas”.

— Piranhas — corrigiu-o Krysty. — E são mais perigosos do que o próprio jacaré.

Eles se afastaram rapidamente dali. E foi com alívio que, um pouco mais adiante, chegaram a um terreno mais firme.

Avistaram uma pequena construção de pedra, em meio a uns carvalhos. Era estranho, mas as janelas de vidro e as paredes permaneciam intatas.

Ryan ficou surpreso. Podia contar nos dedos de uma mão o número de vezes em que havia visto arquitetura de antes da guerra em perfeito estado de conservação.

— Será que este lugar não foi muito atingido por ser uma planície?

— Acho que sim — respondeu J.B.

— Acho que não.

— E por que não, Doc?

Doc Tanner limpou uma mancha verde em sua roupa.

— Já ouviu falar num brinquedo chamado bomba de nêutron, meu caro Sr. Cawdor?

— Bomba de nêutron? Mas que diabo é isso?

— Já ouvi falar — disse o armeiro. — Não é aquele troço que mata as pessoas e conserva as coisas?

O velho fez que sim com a cabeça.

— Um resumo simplificado dos efeitos, mas preciso o suficiente para os nossos propósitos.

A porta do prédio estava aberta, porém eles não quiseram entrar.

As nuvens já haviam se dispersado, afastando a ameaça de uma tempestade para breve.

Decidiram seguir seu caminho.

Andaram vários quilômetros e não encontraram sinal de vida humana. O lugar parecia deserto. Os únicos barulhos que ouviam eram o zumbido irritante dos mosquitos em seus ouvidos, ou o lamento de algum pássaro, ao longe.

Foram dar num rio bem grande, que se movia em direção ao leste. Finnegan, ainda abalado com o fato de ter escapado por pouco de virar comida de jacaré, aproximou-se da margem com cuidado, para lavar as mãos. Levou um dedo à boca.

— Esta água é fresca. Não tem gosto de sal.

— Por que será que esse rio é tão grande? — perguntou Krysty, curiosa.

A princípio, ninguém respondeu. Então, Lori abriu a boca: — Todos os rios são grandes porque as pessoas não bebem sua água?

Hennings caiu na risada.

— Essa é a coisa mais ridícula que já ouvi em toda a minha vida! Os rios são grandes porque...

Doc Tanner o interrompeu, o dedo em riste: — Não zombe da moça, meu caro amigo de pele escura. O que ela falou não é exatamente uma bobagem. Nós estamos perto do velho rio Mississípi. Hoje em dia não há mais fábricas e redes de esgoto para poluí-lo, e ninguém mais usa as suas águas para fins comerciais. Não é de se admirar que ele tenha ficado tão grande.

A caminhada prosseguiu. Meia hora depois, Ryan ordenou uma parada e ajoelhou-se no chão, entre uns arbustos.

— Achou algo de interessante? — perguntou Hennings.

— Achei. Olhe aqui. Marcas de botas. Parecem recentes. É melhor ficarmos atentos.

O aviso não foi necessário. Até a jovem Lori já havia compreendido que a atenção poderia ser a diferença entre a vida e a morte.

Como sempre, Ryan seguiu na frente, com o dedo no gatilho. Os outros o seguiram, prontos para qualquer ação.

Num determinado momento, ele pensou ter ouvido o som de vozes humanas ao longe. Porém, como o ouvido mutante de Krysty não registrasse nada, o pequeno incidente acabou sendo esquecido.

Aquilo foi um erro que, dentro de uma hora, iria culminar na morte de um dos membros do grupo.

6

Eles encontraram o veículo logo depois. Estava encalhado, como uma baleia morta havia muito tempo, entre umas árvores, as rodas de trás dentro de um lago. De longe, mais parecia um barco com rodas.

— Um buggy, próprio para regiões pantanosas — afirmou Doc Tanner, com convicção. — Tração em todas as rodas. Perfeito para andar na terra, na água, ou em qualquer coisa intermediária.

J.B. aproximou-se para examiná-lo, — Hum... Lugar para oito pessoas, tanque cheio, motor em boas condições... Acho que acabamos de ganhar um belo presente.

— Será que tem alguém aqui por perto? — perguntou Ryan.

— Pelo menos, eu não vejo ninguém.

— Deixe que eu vou guiando — disse Finnegan, animado. — E vamos dar o fora daqui bem depressa, antes que alguém resolva aparecer.

Ryan aprovou a ideia. Havia uma regra simples na Terra da Morte. Se você consegue apanhar o objeto, ele é seu. Se outra pessoa o apanhar, ele é dela.

O buggy estava prestes a pertencer a Ryan Cawdor e a seu grupo.

O negociante estabeleceu regras para todas as ocasiões. Inclusive para roubos e furtos em geral.

— É fácil furtar um carro — ele sempre dizia. — Em primeiro lugar, certifique-se de que não há ninguém por perto. Depois, entre rapidamente e só dê a partida no último momento possível. Ficou bem claro? Só no último momento possível. Uma vez que você faz barulho, tudo pode acontecer. Então, pé na tábua e dê o fora o quanto antes!

Finnegan sentou-se no banco do motorista. Krysty, Doc e Lori entraram do outro lado, olhos e ouvidos atentos a qualquer ruído estranho. Hennings, Ryan e J.B. ficaram de fora, para ver se ninguém se aproximava.

Assim que se sentiu pronto, Finn deu um assobio. Os três homens entraram rapidamente no veículo. A hora da partida havia chegado.

— Para que lado vamos?

— Atravesse o rio — respondeu Ryan. — Deve haver alguma vila do outro lado.

— Todos prontos?

— Todos! Pé na tábua!

Finnegan deu a partida e pisou no acelerador. O carro engasgou, depois morreu. O rapaz tentou de novo. Uma nuvem de fumaça saiu do cano de escapamento, mas o motor não pegou.

— Mais uma vez, Finn!

— O filho da mãe não quer saber de andar!

— Ande logo, homem, ou entraremos numa fria!

Finn tentou mais uma, duas, três vezes. Nada. Krysty apontou para o leste.

— Estou ouvindo um barulho, Ryan! Gente se aproximando!

Na quarta tentativa, como por milagre, o motor funcionou. Os pneus enormes começaram a rodar, espirrando lama e água por todos os lados.

— Pé na tábua. Finn!

Eles estavam no meio do lago, quando os homens apareceram na margem.

— São cinco. Não, seis! — exclamou Hennings, levantando sua Heckler & Koch.

— Não atire ainda — ordenou Ryan. — Esses coitados não devem ser de nada!

— Mas eles estão armados! — respondeu o negro. — Me deixe pelo menos dar um susto nesses

filhos da mãe!

E, dizendo isso, apertou o gatilho. Não tinha intenção de matar ninguém e as balas passaram longe do alvo.

Finnegan olhou para trás e deu os parabéns ao amigo.

— É isso aí, rapaz! Ensine uma lição a esses fodidos!

Ryan observou os nativos. Pareciam nervosos, após os disparos de Hennings. Menos um. O fulano permanecia de pé, segurando um longo rifle nas mãos.

Havia algo de estranho no rosto daquele homem barbudo, um ar de segurança e desafio que o diferenciava dos outros.

Então, ele atirou.

Ryan virou-se para Hennings, sentindo o gosto amargo do perigo na boca.

— Abaixese, Henn!

O negro olhou para ele, o sorriso de triunfo ainda em seus lábios.

— Não tem perigo, Ryan. Eu...

Um momento depois, as balas entravam em cheio em seu peito.

Ele soltou um grito, mais de surpresa do que de dor ou medo.

— Naãao! — gritou Finnegan, quase perdendo o controle do carro.

— Mantenha as duas mãos na direção! — ordenou J.B., amparando o companheiro ferido.

Pouco depois, eles chegavam à outra margem, os pneus enormes jogando lama e água por todos os lados. Finnegan parou o carro atrás de umas árvores e virou-se para o amigo.

— Foi grave?

Tanto ele quanto Hennings haviam viajado com o Negociante muitas vezes. Ambos já tinham visto centenas de mortes. Ambos sabiam que, mais dia ou menos dia, aquele seria o fim de todos.

O negro jazia no banco de trás, o sangue esguichando dos buracos de seu peito ..

Seus olhos procuravam Finnegan, fazendo força para focalizar o rosto gordo e vermelho de seu melhor amigo.

— Estou aqui, Henn — disse Finnegan, debruçando-se sobre ele.

— Está... ficando escuro, Finn.

— É. Acho que vai chover daqui a pouco.

— Finn...

— O que foi, cara?

— Cuide-se, amigo.

Os olhos de Hennings continuavam abertos, mas já não podiam ver mais nada.

Quando as primeiras gotas de chuva começaram a cair, Finnegan abaixou a cabeça e chorou.

Durante quase duas horas, a tempestade caiu com tanta força, que foi impossível continuar andando. Havia uma lona manchada dentro do buggy, e eles trataram de se cobrir com ela. Mesmo assim, a chuva foi tão violenta, que atravessou o tecido grosso, deixando-os encharcados.

Foi a pior tempestade que Ryan Cawdor vira em toda a sua vida.

Não era apenas a água que caía sem parar. O mais impressionante eram os raios e trovões contínuos, que faziam um ruído capaz de estourar qualquer tímpano.

Num determinado momento, J.B. pôs a cabeça para fora da lona, tomando o cuidado de tirar seus óculos antes, para ver se via algum sinal de que a tempestade estava passando. Pôs a cabeça de volta segundos depois, piscando e tossindo.

— Não consigo respirar. Eu quase me afoguei, em terra firme. Esse é o problema.

Não tem ar lá fora. Só água.

Durante aquelas duas horas, Finnegan mal abriu a boca. Ficou o tempo todo sentado ao lado do corpo do amigo, a cabeça enterrada nas mãos, ignorando as tentativas dos outros para consolá-lo.

Ryan ficou preocupado, achando que seus atacantes pudessem estar preparando alguma emboscada. De qualquer modo, enquanto a chuva continuasse a cair, eles estariam a salvo.

Agora, porém, ela começava a se acalmar, os jatos forte de água sendo substituídos por alguns pingos. No céu, o sol já começava a brilhar.

— O que faremos agora, J.B.?

— Vamos dar o fora daqui o mais rápido possível.

— A pé ou de buggy?

— De buggy. Ele é barulhento como o diabo, mas topa qualquer parada.

Ryan concordou.

A morte súbita de Hennings o deixara muito abalado, fazendo-o questionar sua atuação como líder do bando. Antes de partir para sempre, o Negociante havia lhe passado o comando do grupo. E o que ele tinha feito até agora? Nada, além de organizar uma expedição maluca e fazer seus companheiros participarem dela.

Então, em poucos dias, três membros do grupo original de oito haviam desaparecido. A morena Okie, uma das melhores atiradoras da equipe. Hunaker, a moça de cabelos verdes e de preferências sexuais estranhas.

E agora Hennings.

Ele atirou a lona para o lado e respirou fundo.

— É isso aí, pessoal. Vamos dar o fora daqui.

— E Henn? — perguntou Finnegan.

Se Finn não estivesse lá, Ryan teria jogado o corpo no rio e dado o caso por encer-rado.

— Vamos enterrá-lo, amigo.

Eles cavaram um buraco perto das árvores, com uma pá encontrada no interior do buggy.

Finnegan tomou o corpo do amigo nos braços e o depositou na cova improvisada.

Depois, colocou o fuzil HK 54 A em suas mãos ..

Lori começou a entoar um canto triste: "Um dia eu me perdi, mas então me encontrei..."

Todos ficaram ali, olhando para o companheiro morto.

J.B. havia feito um sinal para Ryan, no momento em que Finn colocara a arma na cova. O Negociante sempre dizia que os pertences daqueles que morriam pelo caminho deveriam ser repartidos entre os sobreviventes. Ryan olhou para o armeiro e fez que não com a cabeça. Os tempos agora eram outros. As

coisas haviam mudado. Todos eles tinham armas. Não era necessário levar mais uma.

Além disso, Finn ficaria magoado se alguém tentasse impedi-lo.

" ... era cega, mas agora posso ver... "

Doc começou a cantar, junto com a garota. Nenhum dos outros membros do grupo tinha ouvido aquela música antes.

Ryan virou-se para Finn: — Quer dizer algumas palavras, amigo?

Ele enxugou uma lágrima.

— Eu não conheço palavras bonitas, Ryan. Prefiro que outra pessoa faça isso no meu lugar.

Foi o próprio Ryan que se encarregou de fazê-lo. Era o seu dever, já que Finnegan havia recusado. O encarregado do discurso era sempre o melhor amigo do falecido.

Na falta desse, o líder do grupo.

Era assim que as coisas funcionavam — Caros companheiros. Aqui está Hennings, em sua última morada. Hennings...

Chi, acho que não sei qual é o primeiro nome dele. Você sabe, Finn?

— Arnold — murmurou o gorducho.

— Arnold? Tem certeza?

— Tenho.

Uns pingos de chuva continuavam a cair e Ryan enxugou o rosto molhado.

— Henn era um amigo e tanto. Um homem em quem se podia confiar. Agora, ele se foi e vamos sentir sua falta. Descanse em paz, companheiro. Hoje, todos nós morremos um pouco com você.

Lori voltou a cantar sua canção triste, enquanto Finn, com ar solene, jogava pás de terra sobre a cova aberta.

Meia hora depois, com o buraco completamente tapado, o grupo de Ryan se afastou, deixando Hennings dormindo seu sono eterno, em meio às árvores.

Embora o buggy estivesse equipado com faróis potentes, Ryan achou que seria arriscado dirigir à noite. Assim que o sol se pôs, ele mandou que Finn estacionasse perto de uns carvalhos. Havia um cesto de comida no carro, suficiente para sustentá-

los por mais algum tempo. Embora a noite promettesse ser úmida, eles decidiram não acender nenhuma fogueira. Aquilo iria chamar muita atenção.

Krysty sentou-se ao lado de Lori.

— Bonita aquela música que você cantou. Onde foi que aprendeu?

A garota ficou vermelha e abaixou a cabeça.

— Aprendi no depósito onde morava. Quint sempre cantava, quando matava alguém. De tanto ouvi-lo, acabei decorando a letra toda.

Sozinho em sua cama, a mais ou menos vinte quilômetros do local onde Ryan e seus amigos passavam a noite, o Barão do Tormento tinha um sono agitado. O aparelho que usava nas pernas jazia no chão, perto da cama.

O gigante negro, que vinha tendo muitos pesadelos nos últimos tempos, dormia sozinho. Após ter estrangulado duas de suas companheiras durante o sono, havia decidido pôr um fim naquelas mortes gratuitas.

Ele se virava de um lado para outro, o rosto tenso e preocupado, e não parava de murmurar uma frase: "Os estranhos estão chegando... Os estranhos estão chegando... "

Enquanto os companheiros dormiam, Krysty e Ryan vigiavam o acampamento im-provisado. O dia já começava a amanhecer. — Devemos acordá-los, amor? — ela perguntou.

— Daqui apouco. Vamos deixar que eles durmam mais meia hora.

Os pássaros, nos galhos das árvores, saudavam o novo dia que chegava.

Os dois amantes ficaram ali, abraçados, esperando o momento de chamarem os amigos. Ryan sentia-se triste e deprimido. Sem Hennings, o grupo nunca mais seria o mesmo.

Após alguma discussão, eles concordaram que a melhor coisa a fazer era deixar o buggy escondido atrás de uma árvore, pronto para qualquer emergência.

J.B. sugeriu que eles se dividissem em grupos, para melhor explorar a região.

Ryan, porém, foi contra a ideia — Henn se foi e a nossa força de defesa está baixa. Não que Doc e as garotas não saibam se cuidar. Mas os profissionais somos nós.

A promessa de um dia bonito desapareceu como que por encanto. Nuvens escuras taparam o sol, e eles se perguntavam se outra tempestade daquelas iria cair.

Como sempre, Ryan foi na frente, dedo no gatilho, olhos e ouvidos atentos a qualquer ruído estranho. Krysty o seguiu, a vinte passos de distância. Os seguintes eram Doc e Lori, cada vez mais unidos. Finn vinha atrás deles e J.B. protegia o grupo todo, a alguns metros de distância.

A temperatura vinha subindo, a umidade tornando a caminhada penosa.

Um mosquito mutante pousou no pulso de Ryan, pronto para picá-lo.

— Filho da puta! — ele berrou, dando-lhe um safanão e manchando a mão de sangue.

Um pouco mais adiante, algo lhe chamou a atenção. Fez um sinal para que todos se aproximassem.

— Acho que estamos chegando perto de alguma cidade, pessoal. Estão vendo aquela guarita, mais adiante?

Chegando mais perto, porém, Ryan foi o primeiro a perceber que aquilo não era guarita coisa nenhuma.

— É uma cabine telefônica — explicou Doc. — Fazia muito tempo que eu não via uma dessas.

Agora, o céu já estava carregado de nuvens pretas, os raios que caíam emprestando-lhe uma estranha coloração avermelhada.

Mais adiante havia um lago, cercado por prédios altos, que continuavam em pé.

Ao que parecia, uma cidade inteira havia escapado da destruição de 2001. Ryan Cawdor nunca vira nada igual.

— Ei! — alertou Finnegan. — Vi alguma coisa se movendo dentro da cabine!

— Afaste-se, Finn — ordenou Ryan — Não podemos nos arriscar e...

Ele parou de falar quando viu a criatura que assustara seu amigo.

— Um rato fodido! — exclamou Lori.

Aquela era a primeira vez que alguém ouvia a garota dizer um palavrão.

Na Terra da Morte existiam vários tipos de mutantes. Mas nenhum dos membros do grupo de Ryan jamais havia visto um rato como aquele. Era enorme, peludo e roía o fio do telefone, enquanto encarava os invasores humanos com seus olhos vermelhos e ferozes.

— Albino — explicou Krysty. — Eu tive um ratinho de estimação chamado Blanche, parecido com esse. Olhos vermelhos e pelo branco. Não há pigmentação.

Finnegan sacou sua Beretta 9 mm.

— Não — disse Ryan. — Não faça isso.

— E por que não? Que utilidade pode nos ter essa coisa horrorosa?

— Precisamos economizar munição. Nunca se sabe o que poderemos encontrar pela frente.

Durante aquela breve conversa, o rato fugiu.

Quanto mais se aproximavam da cidade, mais podiam sentir cheiro de comida.

Finnegan começou a se animar.

Logo depois, eles viram uma placa, um retângulo verde, fincado no chão.

— Lafayette — leu Krysty. — Será que esse é o nome da cidade?

Dez mutantes surgiram de trás de um canteiro de azáleas. De súbito e em silêncio.

Num segundo, a estrada estava vazia. No seguinte, as coisas já não eram bem assim.

Os nativos assustados olhavam para os intrusos, como se eles fossem seres vindos do espaço.

Ryan observou-os por alguns instantes, tentando adivinhar que tipo de mutação eles teriam, decidindo-se se deveria ou não liquidá-los com uma rajada de balas. O diabo era que poderia haver centenas deles na próxima curva.

A primeira coisa que chamou sua atenção foi o corpo desproporcional das criaturas. Deviam ter, no máximo, 1,30 metro de altura, e nenhum deles, inclusive a única mulher, pesava menos que cento e vinte quilos. Tinham pele negra, narizes achatados e lábios grossos. Os cabelos eram curtos e crespos e iam desde o preto até o branco, passando por tons de vermelho e amarelo. Os olhos eram arregalados e os rostos marcados por cicatrizes.

Nenhum deles tinha unhas.

Não portavam armas de fogo, apenas flechas presas à cintura. Usavam shorts e sandálias de borracha, feitas com restos de pneus.

Por alguns segundos, ninguém nos dois lados se moveu. Então, Finnegan abriu fogo.

Imediatamente, todos os outros começaram a atirar.

Os estranhos mutantes não tiveram tempo sequer de piscar. Rajadas de balas os derrubavam no chão, mandando miolos e pedaços de carne para todos os lados.

Curiosamente, nenhum deles soltou qualquer grito de dor. Agora, ouvia-se apenas o gemido fraco dos agonizantes.

Ryan, ainda surpreso com a atitude repentina do gordo Finnegan, virou-se para ele e disse, com voz séria: — Repita isso de novo, rapaz, e eu mesmo me encarrego de meter uma bala na sua cabeça oca.

Finn abaixou os olhos, um pouco envergonhado.

— Sinto muito, Ryan. Você sabe que eu não sou um homem paciente. Ainda mais agora, que Henn...

— Sei o que está sentindo, cara. Mas nunca mais faça isso. Agora, vamos tratar de dar o fora daqui.

Lori soltou um grito pavoroso. Todos sabiam que os mutantes estavam liquidados e acabados. Literalmente. Porém, a garota ficara observando os cadáveres com uma fascinação mórbida e agora apontava para eles, com os olhos arregalados de pavor.

Três dos corpos haviam se levantado e cambaleavam em sua direção.

— Pelos três Kennedy! — exclamou Doc, dando um passo para trás, mal podendo acreditar no espetáculo fantasmagórico que se apresentava à sua frente.

Ryan sabia que os grudentos eram criaturas extremamente difíceis de serem liquidadas, mas aquilo era uma outra história. Três... agora um outro também se levantava... quatro mutantes haviam morrido e voltado à vida. Um deles tinha os intestinos pendurados para fora, enrolados perto de seus pés, e ele tropeçou e quase caiu. Não teve dúvidas. Apanhou suas tripas, colocou-as debaixo do braço e continuou a andar.

Um segundo tinha a cabeça arreventada. Fora Ryan que atirara nele. Os outros dois haviam sido atingidos no peito e no abdômen.

— Não é possível! — murmurou J.B., balançando a cabeça. Eles estão mortos!

— Então por que não ficam deitados no chão, como qualquer morto que se preze?

Um dos mortos-vivos atirou uma flecha, que caiu perto dos pés de Krysty. Ela de-senterrou-a do chão e cheirou a ponta besuntada de óleo.

— Isto aqui é veneno, Ryan! Era o que nos faltava!

Os quatro ressuscitados vinham se aproximando, cambaleantes como bêbados saídos de um bar, à meia-noite. Seus ferimentos, embora profundos, não sangravam como deveriam.

— Fogo! — berrou Ryan, apertando o gatilho de seu fuzil automático G-12, rajadas de balas mandando os quatro nanicos pelos ares. Atirou de novo, para ter certeza de que eles não iriam mais se levantar.

Após o barulho ensurdecedor, o silêncio foi intenso. Os corpos jaziam no solo pantanoso, arreventados pela ferocidade das balas. — Vamos tomar cuidado — avisou Ryan. — Pode ser que haja centenas iguais a esses por aí.

Doc Tanner começou a examinar os corpos mutilados. Estava intrigado com aquele estranho fenômeno.

— Vamos dar o fora daqui! — ordenou Ryan — Não quero dar de cara com outro bando de fantasmas!

— Você acha melhor voltarmos ao buggy? — perguntou J.B.

Levantando-se, suas mãos sujas de sangue, o velho interrompeu a conversa.

— Espantoso, meu caro sr. Cawdor. Realmente espantoso.

— O que é espantoso, Doc?

— Essas pobres criaturas, deformadas pelos efeitos causados pelas bombas de nêutron, desenvolveram uma sistema circulatório duplo. Dois corações, dois pares de pulmão, quatro rins... É por isso que são tão difíceis de serem liquidados.

Krysty franziu a testa.

— Zumbis! Isso significa que os mortos-vivos realmente existem!

Ryan olhou para, ela, surpreso.

— Que mortos-vivos, que nada. Esses filhos da mãe não passavam de simples mutantes. Você sabe como essa raça é desgraçada.

Um segundo depois, ele desejou engolir suas próprias palavras. Se arrependimento matasse...

Acariciou os cabelos de Krysty.

— Sinto muito, querida. Acho que falei uma bobagem.

— Ei! — exclamou Finn, recarregando sua arma. — Ouçam!

Todos ouviram. Era um uivo triste, quase um lamento, vindo de longe. Lobos.

Aquele lugar devia estar infestado deles.

— Vamos dar o fora daqui — ordenou Ryan.

Eles andaram o dia todo. Uma outra tempestade apanhou-os bem no meio do caminho, mas, dessa vez, ninguém quis parar. Não havia tempo a perder.

Ryan, Krysty, Finn e J.B. não tiveram problemas durante o longo percurso. Treinados e em forma, topavam qualquer desafio. A jovem Lori, mesmo com suas botas de salto alto, deu conta do recado.

O problema foi Doc Tanner.

No fim do dia, o velho estava a ponto de desmontar. Sua respiração era irregular e um suor frio escorria por seu corpo todo. Num determinado momento, sentindo que não aguentava mais, deixou-se cair no chão e enterrou a cabeça entre as mãos.

— Eu lhes imploro, caros companheiros. Sigam seu caminho e me deixem aqui. Não quero ser um peso inútil para vocês.

Ryan, porém, não estava para aquele tipo de conversa.

— Deixe de falar asneiras, Doc, Se você estivesse ferido, eu seria o primeiro a abandoná-lo. Mas não é esse o caso. Você vai conosco, seja lá para onde formos.

— Eu estou tão cansado, sr. Cawdor. ..

— Então vamos fazer uma parada. Meia hora de descanso para todos!

Lori Quint sentou-se no chão, ao lado do velho, e encostou a cabeça em seu ombro.

— Se você fosse ficar aqui, Doc, eu ficaria com você.

Ryan e Krysty se entreolharam. Ao que parecia, eles iriam deixar de ser o único casal do grupo.

A caminhada prosseguiu.

Doc, de braço dado com Lori, parecia um pouco mais animado. Estavam andando havia dez minutos, quando ouviram um cachorro latir. Mais adiante, Krysty conseguiu captar som de vozes ao longe.

Estariam chegando perto de alguma cidade?

Ryan e seus amigos foram em frente, olhos e ouvidos atentos a qualquer perigo, quando então algo os fez parar.

Ali, a poucos metros, estava um homem magro, de longas barbas brancas, que parecia ter surgido do nada. Levantou as duas mãos, para mostrar que estava desarmado.

— Bem-vindos à cidade de Moudongue, mes enfants. Vocês parecem estar muito cansados. Aqui poderão descansar e estarão seguros. Venham comigo.

Ele se virou e começou a andar. Ryan e seus amigos o seguiram. Realmente, não havia mais nada que eles pudessem fazer.

9

— Se esses filhos da puta quisessem nos matar, já teríamos virado defuntos há muito tempo!

— Finn tem razão — comentou J.B. — Por que será que eles nos trouxeram para cá?

Ryan Cawdor balançou a cabeça.

— Bem que eu gostaria de saber. Aliás, só sei de uma coisa: há algo por aqui que não está me cheirando bem.

— Também acho — concordou Krysty. — Meus pressentimentos não são nada bons.

— Se vocês me permitem expressar minha modesta opinião, tenho a impressão de que estamos mais seguros aqui do que em meio àquela terra pantanosa, infestada de mortos-vivos e lobos.

Lori olhou para o velho com olhos cheios de adoração.

— Doc tem razão. Ele sabe o que diz.

Ryan franziu a testa.

— Ainda não sabemos com quem estamos lidando. Por isso, olho vivo, pessoal.

Minutos depois, o velho de barbas brancas, que havia se apresentado como Ti Jean, entrou na cabana, seguido por três mulheres usando vestidos sujos e velhos.

Traziam pratos de comida, garfos e facas.

— Vocês estão famintos. Espero que gostem do jantar. Mais tarde, gostaria que participassem da nossa festa. Hoje é Mardi, dia de grandes comemorações.

Ryan olhou para a comida, um pouco desconfiado. Tentou adivinhar se alguém havia colocado veneno ali.

— Você vai comer conosco, Ti Jean?

— Não. Tenho que fazer outra coisa agora. Mas fiquem à vontade: Podem comer e beber o quanto quiserem. Até mais, mes amis.

Os pratos pareciam apetitosos. Ryan enterrou o nariz em todos eles. Não sentiu nenhum cheiro estranho.

— Vamos lá, pessoal. Hora da boia Se esta merda aqui estiver envenenada, azar nosso.

Não estava.

Na verdade, o peixe assado, o arroz, os legumes frescos e a salada eram as melhores coisas que eles tinham provado nos últimos tempos. Ryan achou a cerveja sem gosto, mas o vinho era excelente.

— O velho disse que hoje é Mardi — comentou ele. — Terça-feira gorda. Acho que esses caras são os tais de Cajuns quem Doc nos falou.

Estavam acabando de comer um pão de milho fresquinho, quando Ti Jean voltou à cabana, sorrindo como um pai satisfeito ao ver que os filhos tinham comido bem.

Era evidente que havia bebido. O cheiro de cerveja que vinha dele podia ser sentido a quilômetros.

— Que bom que apreciaram a nossa comida, mes copains. Agora, gostaria que participassem da nossa festa de Mardi. Ela é mais antiga do que as bombas que transformaram o mundo. Vocês disseram que tiveram problemas com os mutantes do pântano, não é? Fiquem tranquilos. Eles não virão até aqui.

Enquanto duas mulheres recolhiam os pratos e os talheres sujos, Ti Jean ia falando mais um pouco a respeito daquele lugar: — Lafayette é a cidade mais próxima. É lá que mora o Barão do Tormento, dono absoluto de toda esta região. Todos nós lhe devemos obediência. Até os mutantes, que nós chamamos de les morts-vivants.

— Os mortos-vivos — traduziu Doc Tanner.

— Podemos controlá-los e usá-los como escravos — continuou o velho. — Mas, de qualquer modo, precisamos tomar cuidado. Eles são traiçoeiros como o diabo. De vez em quando, roubam os nossos bebês.

— Para pedir resgate? — perguntou Ryan.

O velho respondeu, sorrindo: — Non, non. Eles pegam as crianças para. comer.

10

Ryan Cawdor era um homem esperto e intuitivo. E, apesar do ótimo tratamento que vinha recebendo naquela vila, sentia que as coisas não lhe eram tão favoráveis quanto pareciam. Alguma coisa lhe dizia para não confiar totalmente em Ti Jean. Havia algo naquele velho, talvez seu jeito cínico de rir, que não lhe agradava.

O pior de tudo era que ele não conseguia entender uma só palavra do que os habitantes da vila falavam. Doc Tanner sabia um pouco francês, mas aquele pessoal parecia falar em dialeto.

Aparentemente, tudo estava bem.

Aparentemente.

Ryan e seu grupo deixaram a cabana e foram dar uma olhada na tal festa que acontecia na única rua da vila: Antes, porém, tomaram o cuidado de examinar suas armas. Embora os nativos só levassem uma facão preso à cintura, todo o cuidado era pouco.

A animação era contagiante. O povo cantava e dançava ao som de um acordeão, tocado por um homem imenso, a camisa molhada de suor, sua boca aberta sem dentes revelando uma língua de enormes proporções.

Doc abraçou Lori e os dois começaram a rodopiar, as juntas do velho fazendo barulho, a garota sorrindo para ele, amor e carinho estampados em seus olhos.

Finnegan encarava abertamente uma garota magra, que devia ter no máximo treze anos. Ela se aproximou dele e cochichou qualquer coisa em seu ouvido.

O gorducho virou-se para Ryan: — Posso dançar com a menina?

— Pode, mas fique de olhos bem abertos. A gente nunca sabe o que pode acontecer.

J.B. Dix aceitou um copo de cerveja que lhe ofereceram e ficou observando a festa. Momentos depois, uma mulher imensa, pesando uns duzentos quilos, aproximou-se dele e bateu em seu ombro.

— Dansez, mon petit?

E, sem esperar a resposta, tomou sua mão e quase o arrastou para a pista de dança improvisada.

Krysty virou-se para Ryan: — Vamos dançar, querido?

Ele deu um sorriso irônico.

— Vamos. Se eu ficar aqui parado, vou acabar tendo o mesmo destino de J.B.

Os dois iam se abraçar, quando uma voz vinda de trás soou, firme e forte: — Ora, ora, o mundo é mesmo pequeno. Vejam só quem está aqui... Ryan Cawdor, da cidade de Front Royal, no Estado de Virgínia.

Naquele momento, ele sentiu que o sangue fugia de seu rosto.

Um dia, havia muitos anos, uma prostituta num bordel perto de Denver tinha lhe dado um chute na virilha, na tentativa de roubá-lo. Ryan quebrara o braço da vagabunda para ensinar-lhe uma lição, mas a lembrança da dor horrível que sentira o acompanhara durante muito tempo. Era como se o choque não permitisse que o ar entrasse por suas narinas.

Agora, a sensação era bem parecida.

— O que foi que disse? — perguntou Krysty, virando-se para a pessoa que falara aquilo.

— Eu disse que este mundo é muito pequeno, mocinha. Jamais pensei que fosse encontrar o filho caçula do grande Barão Cawdor por estas bandas.

O homem que falava aquilo parecia ter uns trezentos anos, mas devia estar entre os setenta e os noventa. Não era muito alto, tinha os ombros curvados e vestia-se com trapos sujos.

Seus olhos brilhavam como estrelas.

Ryan olhou para ele. Havia algo de familiar naquele rosto enrugado.

— Não está me reconhecendo, Ryan Cawdor?

A música alta fazia com que ninguém mais por ali ouvisse a conversa. O pessoal todo só estava interessado em se divertir.

Num canto, Finn dançava com a garota, feliz da vida. No outro, J.B. quase sufoca-do no abraço da gigante. Todos pareciam alegres e entusiasmados.

Menos Ryan. Para ele, o mundo tinha acabado de cair em sua cabeça.

O Negociante era uma das únicas pessoas que sabiam um pouco a respeito de sua vida. Um pouquinho, apenas.

E agora...

Por um momento, pensou em pular no pescoço daquele velho decrépito e acabar com sua raça. Desistiu rapidamente da ideia. Aquilo iria despertar a ira dos habitantes de Moudongue.

Não havia como escapar. Era o passado que voltava, para assombrá-lo.

— Conheço você, mas não me lembro de onde. Como se chama?

O velho piscou os olhos.

— Bochco. Harry Bochco.

Então, Ryan se lembrou.

O velho ,havia sido empregado de seu pai.

O velho continuou a falar. Por causa da música alta, apenas Ryan e Krysty o escutavam.

— Front Royal era a maior cidade, a mais forte e a mais rica de todo o Estado da Virgínia. As bombas caíram sobre ela, mas a terra era boa que só vendo. Fértil. Plantava-se uma bala e nascia um fuzil automático. O Barão Cawdor era o dono de tudo.

O homem de bom coração, o velho barão...

Em volta deles, alheios ao que se passava, os casais continuavam a dançar.

Ryan fechou o olho e sentiu na boca o gosto amargo das velhas feridas.

— Sua casa era uma verdadeira fortaleza, nas montanhas. Ryan, nosso querido Lord Cawdor, era o caçula dos três filhos.

O homem fez uma pausa, depois continuou: — O mais velho era Morgan. Rapaz valente e esforçado. Mas o do meio, Harvey, não valia meio balde de merda. Nunca vi tanta maldade num só coração.

A música parou e uma garota pálida, cheia de espinhas no rosto, começou a recitar uns versos. Todos fizeram silêncio para ouvi-la.

O ontem já passou.

O amanhã-é outra história.

Ninguém sabe dizer Quando chegará o dia da vitória.

Krysty, porém, não estava interessada em versos de qualidade duvidosa. Queria ouvir o resto da história e pediu para que o velho continuasse a falar.

Ele obedeceu.

— Um dia, quando Ryan tinha uns quatorze anos, seu irmão Morgan tomou um trem e foi se encontrar com um homem que vendia armas, numa cidade distante.

Mas os grudentos explodiram o veículo e não sobrou ninguém para contar a história.

O velho fez outra pausa.

— Pelo menos, foi o que disseram. Que os únicos culpados tinham sido os grudentos. Só que, pouco depois, foram descobertas marcas de botas perto do local da explosão.

— Marcas de botas? — repetiu Krysty.

O velho começou a cantarolar em voz baixa: Eu viajei muito, E muitas coisas já senti.

Mas bota no pé de um grudento, Foi coisa que eu nunca vi.

— Foi Harvey. Nunca pude provar, mas sempre soube disso. Então, o miserável começou a envenenar a mente do pai. O barão passou a achar que Ryan tinha algo a ver com a morte de Morgan. E enquanto isso, Harvey preparava sua armadilha.

Ryan apertou a mão de Krysty. Não estava preparado para aquela súbita volta ao passado. Percebeu vagamente que a garota pálida de espinhas no rosto recitava outros versos: Eu o perdi em meio a chuvas Nunca mais o encontrei.

Minha vida hoje é triste Porque não tenho quem tanto amei.

O velho estava recostado a uma mesa, que servia de bar. Apanhou um copo e bebeu um gole de cerveja. Limpou a boca com a palma da mão e continuou: — Então, no momento certo, Harvey e seus seguranças resolveram agir. Ryan tinha quatorze anos.

— Quinze, Bochco. Foi na véspera do meu décimo quinto aniversário. Eram dez da noite. Eles vieram pelo corredor que levava ao meu quarto...

A casa do Barão Cawdor era a maior construção de toda a Virgínia. Pertencera ao governador do Estado, antes da guerra nuclear de 2001. O velho barão mandara re-formá-la e transformara-a numa

verdadeira fortaleza. Afinal, dinheiro não era problema.

Cawdor tinha tudo o que se podia imaginar. Gasolina. Comida. Uma frota de carros e tanques. Armas. Centenas de seguranças.

Harvey havia tentado dopar a irmão. caçula, mas um empregado leal chamado Kenny Morse o avisara para não comer nem beber nada naquele dia.

Assim, ao entrar na quarto de Ryan, protegido por quatro seguranças, seu irmão a encontrara desperto e alerta.

E com uma pistola nas mãos. como estivesse sob suspeita, ele não tinha acesso.

às armas pesadas da fortaleza. Mas o fiel Morse conseguira roubar aquela pistola e a ensinara a atirar.

A pequena arma tinha seis balas.

As duas primeiras mataram os dois primeiros seguranças. Uma entrara no peito, outra na garganta dos infelizes. Morse havia sido um bom professor. E Ryan, um excelente aluno.

O terceiro guarda levava duas balas, a primeira atingindo seu braço, a segunda o cérebro.

O último deles, vendo que o negócio estava ficando preto, ainda tentou fugir pela porta aberta. Não foi bem-sucedido. Ryan atirou duas vezes e ele caiu no chão, em cima dos companheiros. — Você já gastou seis balas, irmão! — gritou Harvey — Eu já recarreguei — mentira Ryan. O fiel Kenny Morse só havia conseguido roubar um carregador simples.

Naquele momento, o garoto de quase quinze anos percebeu que sua vida estava por um fio. Não dava para escapar dali. Seu quarto ficava no terceiro andar e pular pela janela seria suicídio. Olhou para o irmão e decidiu o que fazer. Se tinha que morrer nas mãos daquele nojento, morreria como um verdadeiro homem, Jogou sua pistola em cima da cama e apanhou o facão que trazia preso ao cinto.

— Quero ver se você é tão. macho quanta diz, Harvey. Venha! Venha me pegar!

Seu irmão. mais velha soltou uma gargalhada. Acabar com aquele pivete seria a coisa mais fácil da mundo. Jogou sua arma na chão e tirou a adaga da cinto.

Harvey Cawdor podia ser mais forte e mais alto que Ryan, mas não. tinha a mesma agilidade e determinação. Tornou pelo ódio. e pela revolta, a garoto enfiou-lhe a faca no braço, fazendo com que a irmão. saltasse um urro de choque e de dor.

Poderia tê-lo matado, em questão de segundos. Então, sua vida teria sido completamente diferente. Mas um outro segurança que fazia patrulha no andar de baixo ouvira o barulho dos tiros e chegou correndo, em tempo de separar os dois inimigos.

Ryan não teve dúvidas. A briga era entre ele e seu irmão. Que se fodessem os que quisessem interferir. Livrar-se do intruso foi fácil. Enterrou a faca dentro de seu peito e empurrou o corpo para o lado. Tudo rápido e sem enrolações. Mas a interrupção havia dado a Harvey a chance de que ele precisava.

Desde então, aquela lembrança nunca mais havia deixado a mente de Ryan. Às vezes, ele ainda achava que tinha os dois olhos, tão nítida era a imagem do facão nas mãos de seu irmão, movendo-se em direção ao seu rosto.

Atacando.

Ryan Cawdor viu tudo. Viu a ponta da lâmina sendo enterrada em seu olho esquerdo, viu o líquido esbranquiçado que escorrera por seu rosto.

Sentindo uma dor terrível, não percebendo ainda o estrago que a faca havia feito, ele deu dois passos para trás, levando as mãos ao ferimento. Harvey atacou de novo, mirando o olho direto, errando o alvo por questão de milímetros. O aço afiado não cegou dessa vez, mas lhe fez um corte profundo, que chegou até o canto da boca. O

sangue jorrou aos borbotões, encharcando seu pescoço e camisa.

Em agonia e desespero, Ryan estendeu o braço e acertou-lhe um soco, sentindo o nariz de seu irmão

esmagar-se como uma maçã podre. Então, saiu correndo e desceu as escadas, mal aguentando a dor. Na verdade, ele nunca ficou sabendo como conseguiu escapar da fortaleza em Front Royal, naquela noite tenebrosa. Talvez algum empregado o tivesse ajudado. Uma das portas estava aberta. Fazia um frio terrível e ele caiu no chão. No momento seguinte, sem saber como, já estava de pé. Alguém estivera lá para ajudá-lo?

Então ele correria e continuaria correndo. Escondia-se e lutava.

Os anos se passaram, e um dia, conheceu o Negociante. Uma nova fase de sua vida havia começado. O passado ficara para trás. Era como se uma porta tivesse se fechado e nunca mais fosse se abrir.

Só que, ao que parecia, a porta não estava tão bem fechada assim.

O velho Bochco continuou a falar: — Depois da sua fuga, houve uma terrível perseguição aos empregados acusados de ajudá-lo. O pobre Kenny Morse e vários outros foram condenados à morte.

Ryan abaixou a cabeça.

— Eu nunca soube disso.

— O gramado do grande jardim ficou ensopado de sangue. Harvey não estava para brincadeiras.

— E meu pai?

— Seu irmão lhe contou que você não só tinha mandado matar Morgan, como também havia tentado dar cabo da vida dele. O barão acreditou em tudo aquilo e amaldiçoou o momento em que você nasceu. Seu nome, meu caro Ryan, nunca mais foi pronunciado naquela casa.

O velho fez uma pausa, depois continuou: — Acho que você não ficou sabendo a respeito da nova Lady Cawdor.

— O quê?

— É isso aí, amigo. Seu pai se casou com uma puta, mas foi Harvey quem fez a festa. A garota tinha dezoito anos. Rechonchuda como uma galinha bem alimentada.

Cabelos longos, da cor de palha. Acho que o velho ficou meio biruta, com tudo o que havia acontecido.

— Ouvi dizer que ele morreu. Foi obra de Harvey?

— Não. Obra da sua própria esposa. Lady Rachei Cawdor. A puta o amarrou na cama. Jogos de amor, ela justificou. Então, sufocou-o com um travesseiro, até matá-

lo. Sem dúvida, seu irmão foi o mandante do crime. A puta era burra demais para ter uma ideia daquelas.

Ryan molhou seus lábios secos. Krysty deitou a cabeça em seu ombro, procurando consolá-lo.

O velho continuou: — Depois disso, Harvey e a vagabunda assumiram a condição de amantes. No ano seguinte, ela deu à luz um bastardo, que recebeu o nome de Jabez Pendregon Cawdor.

— E agora? — perguntou Krysty — É o irmão de Ryan quem dirige Front Royal? Ele é o novo barão?

— É, senhorita. Desde então, a cidade nunca mais foi a mesma. Vólte para lá, Ryan, e reclame o que é seu de direito!

— Não. Nunca mais quero ver Harvey. Ele que...

Ryan parou de falar, ao perceber que Doc Tanner e Lori Quint se aproximavam.

— Estou um pouco cansado — disse o velho. — Lori e eu já vamos para a cama.

Vendo a expressão de espanto no rosto do amigo, ele acrescentou: — Nós vamos para a cama juntos, Ryan. A dança pode ter me — cansado um pouco, mas isso não quer dizer que eu esteja totalmente impotente. Boa noite. Boa noite, Krysty.

— Boa noite, Doc.

O velho já estava se afastando, quando Ryan o chamou de volta.

— Doc...

— O que foi?

— Você ouviu a conversa a respeito do meu irmão?

Doc Tanner abriu-se num largo sorriso.

— Ouvi, sim. Só que eu sabia de tudo, desde o começo. Boa noite, meu amigo.

12

Mephisto, o chefe dos seguranças do Barão do Tormento, abriu a porta com muito cuidado e pôs a cabeça para dentro. Uma vela amarela, feita de gordura de cadáver, iluminava o quarto, enchendo o ar com o odor pungente de âmbar.

O segurança sabia que era preciso ter muita cautela ao se aproximar do barão à noite. Seu antecessor tivera o pescoço esmagado só porque violara essa regra.

— Senhor — ele chamou da porta. Se seu chefe tivesse outro ataque de fúria, ele teria tempo de fugir. — Acorde...

O barão já estava acordado.

— Apesar do ar-condicionado ligado, ouvi os seus passos no corredor, Mephisto.

Como pode ver, meus ouvidos são excelentes: Mas entre, não fique aí parado, feito uma estátua.

Alguma novidade?

Mephisto deu dois passos à frente.

— Recebi notícias de Moudongue.

O barão sentou-se na cama e se espreguiçou.

— Mandadas pelo nosso amigo Bochco, não é? O velho está sempre disposto a cola-borar... Pois bem, que notícias são essas?

— Sete estranhos vindos do nada acabaram de chegar. Um deles já foi morto. Os outros seis, quatro homens e duas mulheres, foram levados o a Moudongue.

— E ainda estão lá?

— Oui.

O barão tentou se levantar. Sem a ajuda do aparelho, foi impossível.

— Mas quem são eles, Mephisto? O que querem? Serão esses os estranhos que a bruxa cega viu?

Bem, seja lá como for, não vamos ficar aqui parados. Escolha os seus melhores homens e mande-os atrás deles. Se possível, quero-os vivos. Principalmente as mulheres. Entendeu bem, Mephisto? — O barão deu um sorriso irônico. -

Quero as mulheres vivinhas da silva!

O segurança fez que sim com a cabeça e saiu do quarto. Fechou a porta, recostou-se nela por um momento e respirou fundo várias vezes, para se acalmar. Falar com o Barão do Tormento sempre o deixava nervoso.

Foi só depois que chamou seus homens, para caçar os estranhos que haviam chegado.

13

Ryan e Krysty se ajeitaram num canto da cabana.

Enrolado num cobertor, J.B. Dix dormia ali perto, a pistola Steyer AUGH 5.6 mm firme em sua mão.

Doc e Lori dormiam abraçados, encostados numa parede.

Finnegan não se encontrava em canto nenhum.

No fim da festa, a mãe da garota que dançava com ele aparecera e acabara com a alegria de ambos.

Porém, nem tudo estava perdido para o gordo Finn. A gigante que havia se engraçado com J.B. se cansara de sua falta de entusiasmo e tentara jogar seu charme para cima do gorducho. Ninguém ouviu o que ela murmurou no ouvido dele, mas foi a primeira vez que Ryan e o armeiro o viram ficar vermelho.

Quando a música parou de tocar, Ti Jean os acompanhara à cabana. Porém, Finn e a gigante haviam desaparecido.

O Cajum sorriu.

— Acho que finalmente Marie encontrou um homem que aguente o seu peso!

Krysty acordou no meio da noite e olhou para o lado. Ryan tinha um sono tranquilo. Inclinou-se sobre ele e beijou-lhe a boca.

Ryan abriu o olho e sorriu.

— Que jeito de ser acordado...

Eles se amaram entre sussurros e gemidos, beijos e carícias, atingindo juntos o clímax, fazendo força para controlar seus gritos, a fim de não acordar os outros companheiros.

— Eu te amo — ela murmurou depois. — Por Gaia, eu te amo de todo o coração, Ryan Cawdor.

— Eu também te amo, Krysty.

Apesar de tudo, aquelas palavras não saíam fáceis da boca de Ryan, Amor e carinho não costumavam fazer parte do seu dia a dia.

— Você não precisa falar nada, querido. Eu posso sentir seu amor. E para mim, isso já é mais que suficiente.

Ryan acordou de novo, às quatro da manhã. A visão do corpo nu de Krysty foi o bastante para excitá-lo novamente, então foi a vez dele de acordá-la.

Centenas de mulheres já haviam passado por sua vida, mas nenhuma delas chegava perto da garota ruiva que, com O controle impressionante de todos os seus músculos, O levava à beira da loucura.

Depois da segunda vez, os dois se levantaram e foram até a janela, por onde entrava uma brisa suave.

Ficaram ali juntos, por alguns instantes. Ela sentiu um arrepio e ele pôs o braço em sua cintura, puxando-a para mais perto de si.

— Está com frio, querida?

— Não. Não é isso. Acho que ouvi barulho de motor.

— De carro?

— Não sei. É um ruído muito distante. Talvez seja minha imaginação.

Ele sorriu.

— Você é uma mulher sonhando que é uma águia, ou uma águia sonhando que é uma mulher?

— Ora, Ryan, não me amole e... Olhe! Ali, à direita!

Se ambos não estivessem tão perto da janela, jamais teriam visto aquele movimento. Era um homem agachado, tentando esconder-se atrás de uma árvore. Não estava sozinho. Havia mais dois ou três ali em volta. E pareciam estar armados.

— Merda! — exclamou Ryan — Eu bem que desconfiava que Ti Jean era um filho da puta! .

— Bem, pode ser que... — Ela fez uma pausa. — Não. Você tem razão. É claro que isso significa problemas.

— Não se esqueça do barulho dos motores que você ouviu.

— É mesmo.

— Eu deveria ter percebido que havia algo de errado em toda essa história. Festas, comida e bebida à vontade, gente simpática... Grandes fodidos, isso é o que eles são!

— Vamos nos vestir, Ryan. O negócio vai ficar preto para o nosso lado.

Momentos depois, já prontos, eles foram acordar os outros.

J.B. foi o primeiro a levantar.

— O quê? Problemas?

— E dos grandes. Homens armados estão se aproximando. Krysty ouviu barulho de motores ao longe.

Lori acordou, trêmula e assustada.

— O que aconteceu?

— Problemas, garota. Trate de se levantar logo.

Ryan sabia, por experiências anteriores, que Doc Tanner não acordava com facilidade. O velho tinha um sono pesado dos diabos. Foi preciso sacudi-lo durante algum tempo, até que ele se dignasse a abrir os olhos.

— O que foi, pessoal?

— Vimos homens armados se aproximando da cabana — respondeu Krysty. — E ouvi barulho de motores ao longe.

J.B. Dix examinou sua arma.

— Finn ainda está com aquela puta gigante. Alguém viu para onde eles foram?

— Eu os vi entrando na cabana ao lado — respondeu Lori. Os dois pareciam muito apaixonados.

Dentro de poucos minutos, todos já estavam prontos e de armas na mão.

Ryan foi até a janela, onde estava J.B.

— Alguma novidade?

— Não. A única coisa é que eu acho que ouvi um barulho vindo do rio.

Ele abriu a porta da cabana com cuidado e olhou para fora. Não viu nada que pudesse chamar sua atenção.

— Bem, pessoal, de qualquer modo, chegou a hora de cairmos fora daqui. Não podemos enfrentar esta cidade toda. Esses Cajuns filhos da mãe fariam picadinho de nós em pouco tempo.

— Vamos chamar Finn?

— Claro. Leve Lori e Doc com você. Eu e Krysty vamos ver o que os imbecis estão fazendo junto ao rio. Nos encontraremos naquele lugar onde Ti Jean apareceu, tá legal?

J.B. Dix fez que sim com a cabeça. Ia sair da cabana, quando se lembrou de perguntar: — O que eu faço com a puta gigante?

— Meta uma bala na cabeça dela, ora essa.

13

Ryan e Krysty foram andando pelo pântano, sem fazer barulho. Mais adiante, al-guém havia acendido uma fogueira. Do lugar onde estavam, podiam avistar a claridade e sentir o cheiro de madeira queimando.

Continuaram a andar. Agora, conseguiam até ouvir o som de vozes cantando Uma estranha canção.

De repente, Ryan parou.

— Que foi? — perguntou Krysty.

— Não gosto disso.

— Você não gosta de quê?

— Desta merda de lugar. Do calor. Da umidade. Da lama. Desta vila, que não para de cantar e dançar. Este pântano me dá nos nervos, Krysty.

— Também não gostei daqui. Por que não voltamos à máquina de transporte e ten-tamos outro lugar mais interessante?

— Não. O Negociante sempre dizia que um homem de verdade nunca dá as costas ao perigo. Agora, vamos ver o que esses Cajuns filhos da mãe estão aprontando desta vez.

Eles já se encontravam a cinquenta passos da fogueira e podiam ver algumas pessoas a seu redor.

— Olhe — sussurrou Krysty, apontando para a direita. Havia alguém ali, recostado a uma árvore. Era um homem de barbas longas, roupas rasgadas e carregava uma arma esquisita na mão, como aquela que...

— Foi esse filho da puta quem matou Henn — murmurou Ryan.

A vingança fora sempre um dos pratos mais saborosos que Ryan já havia provado na vida. Porém, vivera o suficiente para saber que ela também era um prazer perigoso. Aquele homem matara Hennings e seria uma grande alegria despachá-lo para o além. Mas só se pudesse fazê-lo de uma maneira segura.

Ryan estudou o barbudo com cuidado. Com certeza, ele estava ali de guarda. Além da arma que segurava na mão, havia. um facão preso à cintura. Mais adiante, a fogueira ardia, a brisa levando o cheiro de especiarias estranhas até eles.

Krysty olhou para o amante, a luz da fogueira iluminando-lhe os traços marcantes, a boca entreaberta, o olho atento. Era um rosto em total concentração. O mesmo rosto que, uma hora atrás, contorcia-se de prazer durante o ato de amor.

O nome do Cajum era Henri de La Tour. Recostado na árvore, esperava o dia amanhecer O barão se interessara pelos estranhos. Não seria difícil pegá-los. Depois da farra da noite anterior, eles deviam estar muito cansados.

O barbudo levantou a cabeça, ao sentir uma picada perto do ouvido.

— Merde! — ele reclamou.

Mesmo para uma pessoa que havia passado a vida toda nos pântanos, os insetos eram uma tortura. Havia uma garota em Moudongue chamada Jenny, cuja pele exa-lava um odor irresistível aos mosquitos que infestavam a área. Pobre menina. Tentara obter ajuda dos sacerdotes do Vudu, pediria socorro à Mãe Meia-Noite e não conseguira nada. Acabara ficando louca e enterrara um punhal em seu coração. E agora, aquele mosquito picava seu ouvido. Maldito fosse!

Foi aí então que o Cajum percebeu que estava chovendo. Podia sentir a água escorrendo pelo colarinho de sua camisa. Água quente.

— Chaud? — ele se perguntou, intrigado.

Que estranho fenômeno da natureza estaria provocando uma chuva quente?

Sentiu seus lábios se moverem e ouviu o sussurro fraco de sua própria voz. Mas tudo aquilo estava acontecendo a quilômetros de distância.

Acontecendo a outra pessoa.

Levou novamente a mão para o local onde o inseto havia picado e percebeu que ela ficara molhada de água. De água vermelha.

Aí ele compreendeu tudo. Quis gritar para os amigos mais adiante, mas nada saiu de sua garganta.

O último pensamento de Henri de La Tour foi que ele havia perdido o controle de seus intestinos.

Ryan Cawdor sorriu, satisfeito. — Você já foi vingado, Henn.

Ryan e seus amigos já tinham visto, em vilas pobres, no deserto, cerimônias e sacrifícios que visavam trazer fertilidade e chuvas à terra seca e castigada.

Porém, o que acontecia ali adiante era algo bem diferente.

O ar cheirava a medo. Seguido por Krysty, ele foi se aproximando da fogueira, com todo o cuidado possível.

Avistou dezoito pessoas ali em volta: quatorze homens e quatro mulheres. Todos nus da cintura para cima, o suor escorrendo de suas peles.

Amarrado em cima do que parecia ser um altar, ao lado da fogueira, havia um enorme porco.

Krysty arregalou os olhos, impressionada.

— Eles vão matar o pobre animal?

— Acho que sim. Você não imagina como há gente maluca por estas bandas. Um dia, durante uma viagem com o Negociante, chegamos a uma vila onde os nativos estavam prontos para cortar a garganta de uma garotinha.

— E o que vocês fizeram?

— Perguntamos como é que eles tinham coragem de matar uma criança. Os idiotas responderam que aquilo não era uma criança, e sim um bode. Um bode sem chifres.

Nunca me esqueci daquilo.

— E o que foi que vocês fizeram?

— Matamos os filhos da puta e salvamos a garota.

— Você vai fazer o mesmo com esses Cajuns?

— Não. Vamos deixá-los com suas manias estranhas. Agora, acho melhor sairmos daqui e encontrarmos com os outros.

Eles viraram as costas e se afastaram dali rapidamente. Tinham dado alguns passos, quando ouviram os berros desesperados do animal sacrificado. Continuaram seu caminho sem olhar para trás.

Meia hora depois, o grupo já estava reunido. Doc, Lori, J.B. e Finnegan os esperavam no local combinado. Porém, havia mais uma pessoa com eles. A gigante Marie.

Recostada numa árvore, enrolada num cobertor, ela parecia olhar para o nada.

— Os filhos da mãe estão matando um porco em volta da fogueira — avisou Ryan.

— Um porco?

— É. Pelo menos é melhor do que um bode sem chifres. Por que vocês trouxeram a mulher?

— J.B. queria matá-la, enquanto nós ainda estávamos nos fodendo! — reclamou Finn, revoltado — Não é um absurdo?

— Mas a troco de que vocês a trouxeram?

— Porque ela sabe de tudo a respeito do Barão do Tormento. É provável que possa nos ajudar.

A mulher parecia demonstrar pouco interesse na discussão a seu respeito. Abaixou-se para apanhar uma frutinha silvestre no chão e começou a mastigar com vontade.

Ryan olhou para ela. Assim que os Cajuns descobrirem que haviam fugido, o cerco iria apertar. É, talvez a gigante pudesse mesmo ser útil.

Virou-se para Finn: — Mande a sua amiguinha nos mostrar um jeito de sairmos daqui. E depressa!

— Vamos mantê-la viva?

— Vamos. Até o momento em que ela puder nos ser útil.

Enquanto seguiam por uma trilha estreita, Finnegan tentava conversar com a mulher. Depois, passava as novidades a Ryan.

— Ela disse que daqui a uma hora chegaremos à cidade de Lowel ton, governada por um lobo da neve. Não sei o que isso significa. Seu inglês é ruim como o diabo.

Eles continuaram a andar, dedos no gatilho, olhos e ouvidos atentos a qualquer movimento suspeito.

— Ela também disse que essa tal cidade é a única que o Barão do Tormento não governa. Parece que os prédios que existem ali foram construídos antes da guerra.

— Peça para ela falar alguma coisa a respeito do barão — ordenou Ryan.

— Ela disse que o cara manda nos mortos e nos vivos e que seu poder é infinito.

Parece que é alto pra burro e tem um... — Finn caiu na risada — um pau que chega até o joelho.

— Que tipo de poder ele tem? Armas? Seguranças?

— Do jeito como ela fala, o cara não precisa de nada disso. Ele mesmo é o poder e ninguém consegue matá-lo.

J.B. deu um sorriso irônico.

— Ponha o filho da mãe na frente da minha Steyer e vamos ver se ele morre ou não.

A gigante ouviu aquilo e murmurou qualquer coisa. — O que foi que essa puta disse?

— Que o barão seria capaz de te comer em questão de minutos — respondeu Finn, de olhos arregalados.

Eles continuaram seu caminho. Ryan estava intrigado. Quem seria esse misterioso Barão do Tormento, de poderes legendários? Também havia a cidade de Lowel ton, dirigida por um lobo branco.

— Um lobo branco? — ele perguntou a si mesmo.

Ryan pretendia soltar a gordona Cajum.

Se tivesse sentido que a gigante pudesse ameaçar o grupo de qualquer modo, teria sido o primeiro a meter-lhe uma bala na cabeça.

Só que ela não era uma ameaça. Havia lhes mostrado o caminho para Lowel ton e eles já estavam quase chegando à cidade. Não importava que contasse a Ti Jean e aos outros Cajuns. Era pouco provável que eles fossem segui-los até lá.

Então, por que não deixá-la ir?

Olhou para a mulher, que coçava o rosto gordo com a mão esquerda. A direita continuava parada, debaixo do cobertor. Aquilo deixou Ryan intrigado. Mesmo quando ela tropeçara algumas vezes, durante o caminho, usara a esquerda para se apoiar em alguma árvore.

Finn fez um gesto em sua direção. — O que você resolveu, Ryan?

— Pode mandá-la de volta a Moudongue. Não creio que ela possa nos criar problemas.

Ele se aproximou da gordona e apontou para os pântanos. — Volte para a sua casa, Marie. Muito obrigado por tudo.

Ryan, porém, não estava disposto a perder tempo com sentimentalismos.

— Ande logo com essa despedida, Finn! Despache a mulher e pronto!

— Já estou indo.

O gorducho inclinou-se para lhe dar o último beijo. Nesse momento, a mão direita da mulher começou a se mover.

— Merdal — gritou Ryan. Mas antes que a palavra fosse pronunciada, seu G-12 cuspiu fogo, as três balas entrando em cheio no corpo gigante da Cajum. O cobertor voou longe, revelando sua nudez. O sangue começou a jorrar das feridas e ela caiu no chão, como um saco de batatas.

— Filho da putal — a gorda ainda teve tempo de gritar.

Finnegan olhou para Ryan, revoltado. — Mas você disse que ela podia ir!

— Olhe para a mão dela, Finn.

A gigante ainda vivia. Isso é, se alguém podia chamar espasmos e tremores de vida. Finnegan ajoelhou-se no chão e fez o que Ryan mandava. Balançou a cabeça, ao ver a navalha afiada entre seus dedos.

— Miserável! Essa puta ia me matar, depois de tudo que fizemos!

— Vamos embora — ordenou Ryan. — Já perdemos muito tempo.

Os seis continuaram andando em direção à cidade de Lowel ton. Aquele lugar parecia ser muito interessante.

— Más notícias, Barão. Harry Bochco mandou avisar que os estranhos fugiram.

O Barão do Tormento não acreditou em seus ouvidos.

— O quê? Como foi que aqueles Cajuns idiotas deixaram que eles escapassem?

Mephisto percebeu que estava suando um pouco mais do que o habitual.

— Eles... estavam muito ocupados, matando um porco.

— Um porco?

— Exatamente, senhor.

O barão começou a espumar de raiva.

— Era só o que faltava! Enquanto aqueles burros perdem tempo com cerimônias ridículas, os prisioneiros escapam bem debaixo dos seus narizes!

— Eles mataram um homem, senhor.

— Quem?

— De La Tour. Aquele de barba comprida.

— Não foi ele quem atirou no negro do buggy, outro dia?

— Foi.

— Vingança?

— Talvez. Posso perguntar isso a eles, quando pegá-los.

— E eles vão lhe contar, Mephisto?

O segurança ignorou a ironia.

— Vão, senhor. Aliás, De La Tour não foi a única vítima desses carneiros. Eles também fizeram picadinho de uma mulher.

— Quem?

— Marie Laveaux.

O barão franziu a testa.

— Marie? A gorda? Eu me lembro dela... Uma mulher adorável. Fomos para a cama e, no fim, ela chorou dizendo que queria mais. Não era como essas putas de boceta apertada que ficam o tempo todo gritando e reclamando que eu estou arrebetando os seus corpos. Não. Ela... Bem, chega de devaneios. Como foi que a coitada morreu?

— Levou três balas na barriga. A queima-roupa, ao que parece.

O barão ficou quieto por alguns instantes. Quando voltou a falar, sua voz era de meter medo: —
Agarre esses nojentos, Mephisto. Mas ouça bem. Se falhar de novo, nem queira saber o que vai lhe acontecer!

O chefe dos seguranças engoliu em seco.

— Sim, senhor.

E tratou de dar o fora dali bem depressa.

Eram dez horas da manhã.

Eles estavam chegando aos arredores da cidade, quando deram de cara com um cartaz enorme, protegido por uma capa de plástico, fincado no chão.

— Olhem! — exclamou J.B. Dix, entusiasmado. — Um mapa da cidade, feito antes da guerra!

Os outros se aproximaram rapidamente. Doc começou a ler em voz alta: — Bem-vindos a Lowel ton. Você vai gostar de nossa cidade. Almoce e jante em nossos restaurantes, faça compras no moderno shopping center e hospede-se em nossos hotéis.

Abaixo, vinha um mapa detalhado do lugar, com todas as suas atrações. O Holliday Inn ficava a um quilômetro da flechinha vermelha, que dizia: "Você está aqui".

Ryan Cawdor sorriu.

— Pela primeira vez, em muitos anos, eu sei onde estou.

— Para onde vamos agora? — perguntou Lori.

— Procurar abrigo num desses prédios — respondeu Doc, — As bombas de nêutron mataram as pessoas, mas deixaram as Construções intatas. Não é impressionante?

Era impressionante, sim. Havia um século, a cidade inteira tinha sido bombardeada. Os habitantes desapareceram como que por encanto. Famílias inteiras foram destruídas. Os submarinos soviéticos na costa permaneceram imóveis e receberam o sinal de que, daquela vez, o negócio não era treino. Nem alarme falso. Muito menos um simples teste.

E as pessoas morreram e as casas ficaram.

Apenas nos pântanos houvera alguns sobreviventes. A maioria de seus descendentes era mutantes. Durante muito tempo, eles evitaram as cidades, temendo a contaminação. Hoje em dia, Lowel ton é uma cápsula gigante do tempo, congelada desde aquele terrível dia de janeiro, havia tanto tempo.

Ryan, fascinado, queria examinar cada casa e prédio por onde passavam. J.B. Dix o alertara para a necessidade de procurar comida e abrigo.

— O tal do Barão do Tormento vai mandar os homens dele atrás de nós, Ryan.

— É verdade.

— Vamos deixar para olhar os prédios mais tarde.

— Tem razão.

Lá pelo meio-dia, eles chegaram a uma rua cheia de lojas. Ryan mal acreditava no que via. Ali, em frente a seu olho, estava uma pequena cidade de um país outrora conhecido por Estados Unidos da América. A única coisa que faltava era seus habitantes.

A maioria das lojas tinha seus nomes escritos na porta. Algumas vendiam produtos conhecidos, outras anunciavam coisas de que ninguém jamais ouvira falar.

Havia um cartaz que dizia: "A Soja Feliz — Casa de Produtos Naturais". O que seria soja? Alguma coisa para se beber ou comer? A loja ao lado anunciava armas de todos os tipos, em até três pagamentos sem juros. O que significava juros? Bem, não importava. As prateleiras estavam completamente vazias.

— Os Cajuns já devem ter passado por aqui — comentou J.B.

— Ei! — exclamou Krysty. — Acho que estou ouvindo alguma coisa!

— O quê? — perguntou Ryan, — Uma coisa esquisita... Uma espécie de assobio, se não me engano. Ele para e continua. Para e continua. Parece um sinal!

— De onde ele vem?

Ela apontou para a frente.

— Acho que dali. É difícil dizer com certeza, por causa de todos esses prédios. Não estou acostumada com eles. Nem em Harmony, na minha cidade, as coisas eram assim.

Doc Tanner franziu a testa.

— Eu duvido muito, Srta. Wroth, que haja outros lugares como este em todos os Estados Unidos da América. Na Terra da Morte, quero dizer.

Ryan ordenou que eles se afastassem logo dali.

Seguiram pela rua ensolarada, armas prontas para o ataque, nervos doloridos de tanta tensão.

Um dia, aquilo tinha sido um lugar alegre e barulhento, repleto de mulheres e crianças passeando e fazendo compras. Porém, o riso e a alegria havia muito já não mais existiam.

Passaram por uma sorveteria, uma butique e mais dezenas de lojas. Todas elas vazias. Três gerações de saqueadores já tinham se encarregado de esvaziá-las.

Foi só dez minutos depois que eles avistaram aquilo. Escrito cor tinta branca, num muro escuro, com letras garrafais, havia a seguinte frase: "Esta terra é nossa. Fora os mortos-vivos e os amigos do Barão".

A tinta refletia a luz do sol, fazendo Ryan piscar.

— Olhem! — exclamou Krysty, apontando para outro muro, ali em frente.

Eles atravessaram a rua para examiná-la.

— "Mais dez passos e você está morto" — J.B. leu em voz alta.

Ryan tocou o muro e olhou para seu dedo.

Havia ficado manchado de tinta branca.

16

— Pelo visto — comentou J.B. Dix — esse tal de Barão do Tormento não só não controla Lowel ton, como também não é muito querido por aqui.

— Aquela Cajum gordona disse que o manda-chuva da cidade é um lobo branco.

Ou lobo da neve. Não sei o que ela quis dizer com isso, mas, em todo caso, é melhor ficarmos de olhos bem abertos: — Vai ver que a gigante era meio maluca — brincou Finnegan. — Para querer me matar, depois de tudo que eu fiz no corpo dela, só sendo maluca mesmo.

Krysty virou-se para Ryan: — O que vamos fazer agora, amor?

Uma mistura de gato e cachorro passou por eles e foi se esconder num bueiro.

— Poderíamos atravessar o pântano e tentar voltar à máquina de transporte. O diabo é que aqueles Cajuns filhos da mãe devem estar por lá, à nossa procura.

— Também não podemos ficar aqui, parados — comentou J.B. — Do jeito como estamos vulneráveis, qualquer homem com uma boa arma na mão poderia fazer picadinho de nós, antes mesmo que nos déssemos conta do fato.

— Tive uma ideia — sugeriu Ryan. — Sabe aquele hotel chamado Hol iday Inn, por onde passamos agora há pouco? É para lá mesmo que nós vamos. Me parece o lugar ideal para nos escondermos e descansarmos.

Eles foram andando até lá com passos rápidos. Do outro lado da rua havia uma frase escrita num muro, a tinta desbotada, depois de tantos anos.

Ryan leu em voz alta: "Deus te quer".

Embaixo, um engraçadinho acrescentara: "Então ele que venha até aqui me pegar".

Muito espirituoso, o pessoal do século vinte.

Foi aí então que Krysty ouviu o primeiro som.

Era um barulho estridente e metálico, que parecia vir de muito longe. Tinha um ritmo cadenciado, primeiro duas batidas rápidas, então uma devagar. Duas rápidas, uma devagar.

Ryan pensou em entrar numa daquelas lojas e preparar uma emboscada para seja lá quem estivesse se aproximando. Porém, não era preciso ser nenhum gênio para compreender que seus atacantes levavam grande vantagem, por conhecerem melhor o local.

Agora, o barulho ficava cada vez mais forte.

— Se não me engano, esse ruído está sendo feito por mais de uma pessoa — comentou Krysty. — O que vamos fazer agora?

— Sair daqui rapidinho. Vamos, pessoal. Quero chegar ao Hol iday Inn o quanto antes!

Doc Tanner enxugou o suor da testa com a palma da mão.

— Estou cansado. Parece que a minha resistência já não é mais a mesma... Você disse que estamos indo ao Holliday Inn, para descansarmos, meu caro amigo Ryan?

— Disse sim, Doc.

— Então vamos torcer para que a surpresa que nos espera não nos pegue tão de surpresa.

— É claro — respondeu Ryan, sem ter entendido o que o velho quisera dizer com aquilo.

O grande toldo branco na frente do hotel, que se iluminava para receber as cele-bridades que passavam pela cidade, havia mudado de cor. Hoje era marrom e estava todo furado.

Quando Ryan e seus amigos deixaram a rua cheia de lojas, o som metálico já tinha desaparecido. Num determinado momento, Krysty jurara ter ouvido alguém dando urna gargalhada, mas podia estar enganada.

Ryan foi na frente, seguido por Krysty, Finn, Doc e Lori. J.B. Dix, vinte passos atrás, fazia a cobertura do grupo, certificando-se de que ninguém os seguia.

O Hol iday Inn, uma construção imponente em estilo colonial americano, ficava no meio de uma praça, cercada por chafarizes e canteiros de flores. Havia mais de cem anos, aquele lugar devia ter sido o paraíso. Hoje, não passava de um pedaço de terra seca e empoeirada, cheio de azáleas murchas e fontes secas.

Os seis ficaram ali em frente durante alguns instantes, admirando a construção.

Foi aí que Finn olhou para o chão e exclamou: — Olhem! Marcas de pneus!

Ryan praguejou mentalmente por ter sido tão descuidado. Ficara tão encantado com aquele hotel bem preservado que ignorara a segurança básica do grupo.

Finnegan tinha razão. Havia marcas de pneus de buggy na rua empoeirada. Ao que parecia, o carro fizera uma curva ali em frente e voltara ao lugar de onde viera.

— Vai ver que os homens do barão não se atrevem a passar daqui — sugeriu Krysty.

— Pode ser — respondeu Ryan. — É provável que ele não tenha gente suficiente para invadir a cidade e lutar contra o tal lobo branco.

Um raio cortou o céu, fazendo um ruído estrondoso.

— Vai cair um toró daqueles — comentou Finn.

Doc franziu a testa.

— Ah... As chuvas de verão... Passei umas férias aqui, em... Que ano foi mesmo?

Minha cabeça às vezes me prega cada peça! Só sei que já estive aqui com Emily. Era esse mesmo o nome dela? Emily?

Apenas uma vez, desde que conhecera o velho, Ryan Cawdor o ouvira mencionar aquele nome. A tal Emily era mais uma peça mal colocada no quebra-cabeça misterioso que era a vida de Doc Tanner.

— Continue — pediu Lori. — Por favor...

— Chovia muito... Nunca vi nuvens tão pretas no céu como naquele dia de agosto.

Será que era agosto mesmo? Emily chorou no meu ombro e perdeu seu lencinho. Era cor-de-rosa, todo rendado. Ela não era religiosa, mas nós chegamos a rezar juntos...

Sua voz ia ficando cada vez mais baixa, como sempre acontecia durante seus devaneios.

Ryan o incentivou a continuar: — E depois, Doc? O que aconteceu?

— Depois, Emily e eu... Será que era ela mesmo que estava comigo? Bem, daí nós dois... — Ele franziu a testa. — Engraçado, acabei de me lembrar de um verso de Oliver Makin: "O pássaro que voa acima das nuvens conhece apenas o sol..." Xi, acho que me esqueci do resto. O que é que vinha mesmo depois?

Lori apertou sua mão.

— Não se preocupe, querido. Você acaba se lembrando.

Ryan olhou para o céu. As nuvens haviam ficado ainda mais escuras.

— Vamos entrar, pessoal. O toró que vai cair daqui a pouco não vai ser brincadeira.

No estacionamento ao lado do hotel havia várias carcaças de carros antigos. Mais adiante, eles avistaram um buraco enorme, cheio de ladrilhos azuis.

— Uma piscina — explicou Krysty. — Vi uma foto num livro. Antes da guerra, as pessoas enchiam esse buraco de água e se refrescavam durante o verão. Já pensou que gostoso?

Os seis, de armas na mão, aproximaram-se da porta de entrada.

Estava aberta. Foram dar num hal grande, onde ainda havia alguma mobília.

— Isto aqui é um saguão — explicou Doc. -. Pelos três Kennedy! Este lugar me traz uma porção de recordações!

— Que recordações? — perguntou Ryan.

O velho não respondeu e jogou-se num sofá puído. Estava exausto.

Ryan respirou fundo e sentiu o cheiro de poeira e madeira. Fechou o olho e molhou os lábios secos, curtindo o sentimento de estar dentro de uma coisa morta havia mais de um século. Já havia experimentado aquela sensação antes, quando, numa viagem ao lado do Negociante, descobrira uma passagem secreta e entrara num depósito trancado a sete chaves, desde antes do grande inverno.

Abriu o olho e virou-se para os amigos: — Vamos fazer uma inspeção, pessoal. J.B., Finn, Lori e Doc, vocês vão por aqui e vejam se encontram algo de interessante. Krysty e eu seguimos por essa outra dire-

ção. Nos encontramos aqui dentro de meia hora, está bem?

Depois que os quatro se foram, ele abraçou a namorada. Seus cabelos ruivos pareciam mais brilhantes do que nunca.

— Ouviu algum som, querida? Sentiu alguma coisa?

Ela sorriu.

— Apenas um grande amor por você.

— Você acha que há alguém vivo aqui dentro?

— Não posso garantir, mas tenho a impressão de que não. Este lugar cheira a mofo, Ryan. Duvido que alguém tenha entrado aqui nos últimos cem anos.

Ele se aproximou de uma escrivaninha, cheia de papéis espalhados e canetas es-touradas. No centro, havia uma máquina de escrever quebrada e um livro.

— Registro de hóspedes — anunciou Ryan, abrindo-o. Só que não conseguiu ler nada. As páginas estavam quase todas comidas.

Eles deixaram o saguão e entraram na primeira sala que encontraram pela frente.

Era o grande salão de jantar. E não estava vazio. Ali, sentado a uma mesa, havia um esqueleto. E outros, mais adiante.

Ryan deu um assobio.

— Esses coitados deviam estar jantando, na hora em que a guerra começou.

Krysty aproximou-se de uma das mesas e apanhou o menu. O plástico que o envolvia havia protegido as páginas da ação do tempo.

— Hum... acho que vou querer camarão à grega com arroz, batata frita e legumes.

E você?

Ryan chegou. perto dela.

— Você preferir um carpaccio de entrada, uma salada completa e... ei, o que será que é presunto? E azeitonas? Há mais uma coisa estranha aqui. Filé de linguado.

Será que tem alguma relação com língua?

Krysty fez uma careta.

— Ao que parece, esse pessoal do século vinte tinha um gosto muito esquisito!

— Vamos dar uma olhada na cozinha. Pode ser que haja algo de interessante ali dentro.

Não havia. Para grande decepção de ambos, a única coisa que conseguiram encontrar foram armários vazios e geladeiras quebradas.

— Também o que esperávamos? — perguntou Ryan. — Um banquete pronto para ser devorado?

Lori e Doc entraram num dos quartos. A cortina estava aberta e o sol batia em cheio na cama, iluminando um esqueleto deitado.

— Por que esses mortos não cheiram? — perguntou a garota. Quint costumava congelar os coitados que morriam no depósito. Só que às vezes ele esquecia, e os cadáveres ficavam com um cheiro horrível.

Doc a abraçou.

— Quando uma pessoa morre, minha querida, a carne vai apodrecendo lentamente, até desaparecer. Então, só ficam os ossos, e eles não cheiram.

— Aposto que Lowel ton deve ter fedido como um gambá, durante várias semanas -
acrescentou Finnegan, tapando o nariz.

— Vou examinar outro quarto — disse J.B., dedo firme no gatilho de sua Uzi.

Entrou na suíte toda pintada de rosa. Ao centro, havia uma cama de casal, coberta por uma colcha da cor das paredes. Entrou no banheiro e viu seu reflexo se aproximar-de um espelho grande preso aos ladrilhos. Olhando em volta para certificar-se de que seus companheiros não o haviam seguido, o armeiro ajeitou o chapéu e piscou para si próprio.

A banheira, a privada e a pia também eram cor-de-rosa. Ele abriu a torneira, mas nada aconteceu.

— Ei, J.B.! aqui!

Rápido e ágil como um gato, ele atravessou o corredor. Finnegan, Doc e Lori estavam na porta de um quarto idêntico.

— O que foi?

— Dê uma olhada nisso!

J.B. Dix entrou e não pôde deixar de rir. Ali, em cima da cama, havia dois esqueletos entrelaçados.

— Eles que foram felizes! — exclamou Finnegan. — Estavam se fodendo na hora em que as bombas caíram. Que jeito gostoso de morrer!

Ryan e Krysty também encontraram corpos em quase todos os quartos do Hol iday Inn. Eles estavam em toda a parte. Nas camas, nas banheiras, nas privadas. A guerra nuclear pegara as pessoas de surpresa.

— Este lugar está infestado de gente morta — comentou Krysty.

— Ao que parece, os únicos vivos por aqui somos nós.

Meia hora depois, os seis se encontravam no saguão.

Estavam impressionados com o que haviam visto. Lori tinha chorado e Doc Tanner mostrava sinais preocupantes de uma volta ao seu estado habitual de loucura. Os olhos pareciam que iam estourar de tão esbugalhados e ele não parava de murmurar: — Oh, horror! Oh, horror! Os criminosos estão chegando...

Ryan tratou de acalmar os ânimos: — Vamos nos sentar, pessoal. Estamos exaustos e precisamos descansar. Finnegan, vá até o bar e arranje alguma coisa para bebermos. Não temos comida, mas ao que parece, bebida é o que não falta.

Finn fez o que lhe foi mandado e voltou ao saguão com várias garrafas e copos. O vinho ainda estava razoável, mesmo após ter ficado na prateleira por tanto tempo.

Porém, o que fez mais sucesso foi um licor importado de um país chamado Itália, que encantou o paladar de todos.

— Agora chega, pessoal — disse Ryan, escondendo a garrafa. — Desse jeito, vamos ficar bêbados e aí o inimigo não vai ter o mínimo trabalho em fazer picadinho de nós.

Eles ficaram ali sentados, conversando mais algum tempo, sem terem a mínima ideia de que alguém os observava do outro lado da rua.

Alguém de olhos vermelhos como o fogo e cabelos brancos com a neve.

O Barão do Tormento fechou a cortina e certificou-se de que a porta do quarto estava bem fechada. Respirou fundo, abriu seu armário e apanhou uma caixa escondida lá no fundo. Ali dentro, havia um vidrinho cheio de um pó esbranquiçado, que valia mais do que toda a riqueza do mundo.

O pó era uma droga, uma mistura de cocaína, heroína e outras ervas, que ele mandava vir de um país outrora conhecido por Colômbia, e que agora não tinha nome algum.

Havia chegado a hora. O barão apanhou o vidro, despejou o conteúdo na mão aberta e levou-as às narinas. Fechou os olhos, inalou profundamente e esperou.

Em toda a Terra da Morte, não havia um só homem com conhecimento suficiente de farmacologia para explicar o mecanismo do funcionamento da droga. Mas o importante era que ela funcionava e ponto final.

O pó começou a fazer efeito. O barão sentiu seu corpo estremecer, como se estivesse tendo uma convulsão. Tentou fechar os olhos, mas a força do espasmo os mantinha bem abertos, as pupilas rolando de um lado para outro.

Depois do primeiro momento, a droga agia de maneira diferente. A sensação de bem-estar que se seguia era tão grande, que a pessoa pensava estar no paraíso. O

efeito do pó durava de três a cinco minutos, dependendo de sua pureza e da força do usuário. O Barão do Tormento podia se dar ao luxo de comprar o que houvesse de melhor, mas seu corpo gigante absorvia a droga rápido demais para seu gosto. A sensação de prazer raramente passava a três minutos.

Mas que três minutos maravilhosos eram aqueles!

Uma viagem imaginária através do tempo e do espaço, que levava à sua mente cenas de desolação, horror e violência.

Caiu na gargalhada duas vezes, fazendo com que os guardas do lado de fora do quarto tremessem e se entrelhassem, apavorados.

Quando o barão estava sob o efeito da droga, seu humor era mais imprevisível do que nunca.

Ele tinha uma razão especial para cheirar o pó. Nos últimos trinta segundos da viagem, algo de estranho lhe acontecia.

Como o sétimo filho de uma sétima filha, o homem sempre tivera um certo dom de prever o futuro. A droga aumentava esse poder de premonição.

A verdade era que, desde as mortes do pássaro agourento e de Mãe Meia-Noite, ele não tinha sossego.

Os estranhos vinham chegando. Mas que estranhos? Mercenários contratados por alguém de longe?

Agora, o efeito do pó chegava ao fim. Um tremor ainda mais intenso invadiu-lhe o corpo e seus olhos esbugalhados adquiriram uma estranha expressão. O suor come-

çou a escorrer por seu rosto e ele sentiu que estava tendo uma ereção. A droga sempre o deixava excitado.

Alguém vinha se aproximando por trás. Podia até ouvir os passos do inimigo cami-nhando em sua direção...

A visão, como esperava, estava prestes a ser alcançada. A verdade sobre os estranhos seria finalmente revelada.

O barão sentia-se exausto. E molhado também. A experiência era tão assustadora, que ele teve vontade de ajoelhar-se e vomitar.

Mas então poderia ser pego por... por seja quem estivesse atrás dele.

E a tal pessoa vinha chegando.

Os seguranças do lado de fora do quarto ouviram seus gemidos, que logo depois se transformaram em gritos; cruéis e medonhos.

— O caolho vai me matar! O caolho vai me matar!

19

Após um exame mais detalhado das dependências do hotel, Ryan chegou à conclusão de que o pichador de paredes estivera por lá nos últimos tempos. A tinta já havia secado, mas dava para perceber que a frase fora escrita havia pouco tempo.

A mensagem, pintada no muro em frente à piscina, era simples e clara: "Se você entrar no nosso território, considere-se um defunto".

Agora, mais do que nunca, ele sentia que deveria tomar cuidado. Era a segurança de seus companheiros que estava em jogo. As coisas ficavam ainda mais difíceis quando não se conhecia o inimigo.

— Precisamos nos organizar, pessoal. Como somos seis, vamos formar três grupos de dois. Doc, eu sei que você gostaria de ficar com Lori, mas os três únicos profissionais aqui são J.B., Finnegan e eu. Por isso, prefiro que você fique com Finn, J.B. com Lori e Krysty comigo.

O velho tirou o chapéu e fez uma reverência.

— Como quiser, Sr. Cawdor.

Krysty perguntou se alguém queria mais licor. Ninguém aceitou.

— O que eu queria mesmo era comida — reclamou Finn. — Meu estômago já está roncando.

— Amanhã, você e as garotas podem percorrer a cidade, para ver se conseguem achar algo de interessante. Para falar a verdade, também estou faminto!

O gordo sorriu e passou a língua pelos lábios .

— Deixe comigo, Ryan. Farejar comida é comigo mesmo.

Exceto pelos ruídos que vinham do pântano, a noite foi tranquila e silenciosa.

Os primeiros a ficarem de guarda foram Ryan e Krysty, Quando Lori e J.B. os substituíram, eles entraram num quarto de casal onde não havia esqueletos e deitaram-se na cama.

Sabendo que algo de urgente poderia acontecer a qualquer momento, tiraram um mínimo de roupa. Ryan ficou de camisa e guardou a pistola SIG-Sauer P-226 9 mm debaixo do travesseiro. O G-12 foi jogado no chão, ao lado das calças.

Krysty tirou as botas de cowboy que adquirira no depósito do velho Quint, havia poucos dias. Abriu o macacão e puxou a calcinha até a altura dos joelhos.

Eles se abraçaram e abandonaram-se à paixão que consumia seus corpos. Krysty deu um suspiro, ao senti-lo entrar dentro dela, seus olhos abertos, olhando direta-mente no rosto do amante. Sob a luz da lua, aquele nariz aquilino e os ossos estreitos de seu rosto faziam com que ele parecesse um pássaro feroz, dominando-a com sua força e poder.

Era um pensamento muito excitante.

Eles acordaram no meio da noite com o barulho de um trovão. Depois, voltaram a dormir, abraçados.

Acordaram novamente às sete da manhã, junto com os outros.

Às sete e quinze, todos já estavam vestidos.

Finn, como sempre, não parava de reclamar: — Estou com uma fome dos diabos! Será que não há comida nesta terra?

— Dê um pulo até a cidade e veja se encontra algo de interessante. — Ryan virou-se para as garotas: — Vocês querem ir juntos?

— Queremos — ambas responderam em coro.

— Então podem ir. E não se esqueçam de tomar muito cuidado — Ele olhou para o relógio. — São sete e meia. Estejam de volta às onze. Se tiverem algum problema, disparem três vezes para o alto e nós

iremos correndo.

Um pouco antes de deixar o hotel ao lado de Lori e Finnegan, Krysty voltou ao quarto onde passara a noite, para arrumar a cama.

Ryan foi atrás dela.

— Que bobagem, amor! — disse ele, sorrindo. — O hóspede deste quarto não vai reclamar da bagunça que fizemos. E sabe por quê? Porque ele Já morreu há muito tempo!

— Eu sei, querido. Acontece que Mãe Sonja educou muito bem sua filha.

Ela estava quase terminando, quando viu um pedaço de papel debaixo da cama.

Ajoelhou-se para apanhá-lo e caiu na risada.

— Ei, do que você está rindo? — perguntou Ryan, curioso.

Krysty lhe mostrou. O papel era uma espécie de cartão amarelado pelo tempo, onde se lia: "Pode acreditar. Nós varremos até mesmo aqui embaixo".

Depois que Finnegan e as garotas saíram, cada um tratou de cuidar da própria vida.

Doc foi para a biblioteca do hotel, de onde saiu com um livro nas mãos. Encontrou Ryan no saguão, bebericando um licor.

— Veja o que eu encontrei, meu caro amigo. Um livro sobre Lowell ton. Que cidade interessante ela deve ter sido, antes do grande inverno! Ah, se naquele tempo eu soubesse das coisas que sei hoje...

Por um momento, Ryan sentiu que havia uma chance de descobrir algo a respeito do estranho passado daquele homem chamado Dr. Theophilus Tanner.

— Que coisas são essas, Doc?

O velho balançou a cabeça.

— Não, meu caro amigo. Um dia, quem sabe. Hoje não.

— Mas quando, então? Você conhece meu passado. Por que não posso conhecer o seu?

Doc deu uma tossida, para limpar a garganta ..

— Porque se eu lhe contasse, caro Ryan, você não iria acreditar.

— Eu acredito, Doc! Juro que vou acreditar em tudo que você disser!

O velho passou a mão pelos cabelos grisalhos ralos e ficou quieto por alguns minutos. Quando abriu a boca novamente, já havia esquecido qual era o assunto da conversa.

— Do que falávamos mesmo, sr. Cawdor?

Ryan deu um suspiro. Ao que parecia, a hora da verdade sobre Doc Tanner ainda não havia chegado. A manhã foi se passando.

O velho Doc, cansado, acomodou-se num dos sofás do saguão e dormiu o sono dos anjos.

J.B. foi fazer uma inspeção completa no hotel e voltou desanimado, dizendo que não havia encontrado nada de muito interessante.

— Só esqueletos e poeira. Armas e comida, que é bom, neça.

Ryan, sem muito o que fazer, debruçou-se a uma janela e ficou ali, pensativo, tentando imaginar que tipo de lugar teria sido aquele, antes da guerra. Desejou ter vivido naquela época, onde tudo era bonito e não havia medo, fome, guerras, nem mutantes.

Será que não havia mesmo?

Ryan olhou para o céu e reparou que ele estava cheio de nuvens escuras. Era provável que caísse mais um toró dali a pouco. Um dia, lera num livro que, antes da guerra, a temperatura era sempre a mesma, durante várias semanas. No verão, os dias eram claros e ensolarados. No inverno, frios e úmidos. Aquilo era difícil de se imaginar. Desde sua infância, na fortaleza de seu pai em Front Royal, na Virgínia, ele se acostumara a ver o tempo mudar de forma brusca, o frio cortante transformando-se em calor insuportável em questão de minutos.

Às vezes, num piscar de olhos, um céu sem nuvens se transformava numa massa escura, e violentas tempestades desabavam, inundando rios, canais e cidades.

Em certos lugares da Terra da Morte, os ventos e as chuvas de ácido reduziam uma pessoa a ossos em alguns segundos. Era comum nevar em pleno verão, num lugar outrora conhecido por Arizona, e fazer um calor insuportável em Dakota do Norte, numa noite de inverno.

Um raio cortou o céu e Ryan Cawdor deu um suspiro. Desejou novamente ter vivido no próspero século vinte, tempo de fartura, progresso e felicidade.

Como o calor estivesse de matar, ele abriu a janela. E foi aí que ouviu barulho ao longe. Motores de buggies, com certeza.

Sentiu um arrepio na espinha. Krysty, Lori e Finnegan estavam nas ruas, expostos a qualquer perigo.

Chamou J.B. e Doc: — Ei, pessoal! Venham até aqui!

O armeiro aproximou-se correndo.

— O que foi, Ryan? Tiros?

— Não. Barulho de motor. Escute.

— E ao que parece, eles não estão longe!

Doc chegou perto dos amigos com passos lentos, a pistola Le Mat do século dezenove firme em suas mãos.

Sr. Cawdor, se não me engano, meus ouvidos captaram...

— Barulho de motor, Doc. É isso aí.

— O que vamos fazer? — perguntou o armeiro, tenso. — Ficar aqui ou sair para a rua?

A resposta de Ryan foi imediata: — Vamos ficar. Se sairmos, eles vão fazer picadinho de nós em questão de minutos.

— Nesse caso, não seria melhor procurarmos um lugar mais seguro para nós escondermos?

Era uma decisão difícil.

Julgando-se pelo barulho dos motores, havia pelo menos cinco buggies nas proximidades. Aquilo significava trinta ou quarenta homens, talvez até mais. Não importava se eles eram Cajuns ou seguranças do Barão do Tormento. Uma briga nas ruas teria apenas um final. Porém, se ficassem escondidos no hotel, Ryan e seus amigos ainda tinham uma chance.

Foi aí então que eles ouviram o barulho de tiros. J.B. e Ryan se entreolharam.

— Se os filhos da puta os viram, os três já devem estar mortos a uma hora dessas.

A melhor coisa que temos a fazer é ficarmos aqui dentro e esperar.

— Também acho.

Doc Tanner, porém, parecia ter outra opinião: — As garotas! O gordo Finnegan! Pelos três Kennedy, cavalheiros! Como podem ficar parados e permitirem que eles sejam massacrados?

J.B. Dix respirou fundo.

— Não temos alternativa, Doc.

— É isso aí, amigo. Não pense que eu não me importo com Lori ou com Finn. E

você sabe o quanto eu gosto de Krysty Wroth. Mas neste mundo onde vivemos, existe apenas uma certeza. Banque o galante e você está fodido.

— Mas eles podem ter morrido!

— Se nós formos até lá, seremos os próximos.

O tiroteio continuou por mais dois minutos e meio.

Então, ouviu-se novamente o barulho de motor e gritos ao longe.

— Vamos procurar um lugar onde possamos nos esconder — sugeriu Ryan. — É provável que eles venham para cá.

— Você acha... que os três foram mortos?

— Pode ser que sim, pode ser que não. Agora, tudo que temos a fazer é ficar aqui e esperar. Se os filhos da mãe não aparecerem dentro de uma hora, é sinal de que foram embora.

Ryan escolheu o canil. Parecia ser o esconderijo ideal. Além de ligado ao hotel, ele dava acesso à

floresta, permitindo uma fuga, em caso de emergência.

Os três foram para lá, olhos e ouvidos atentos, preparados para qualquer emergência.

Não se ouviam mais tiros, nem gritos. O silêncio parecia ter voltado à cidade.

Ryan, J.B. e Doc continuaram ali, esperando por alguma novidade.

Meia hora depois, os insetos zumbiam em seus ouvidos. As nuvens já tinham desaparecido, deixando no céu uma fina névoa alaranjada.

— Ryan? Vamos ver o que houve?

— Ainda não, Doc, Fique quieto e espere. Nós iremos no momento certo.

O tempo foi se passando.

Ryan tentou tirar Krysty Wroth da cabeça, mas não conseguiu. Não dava para esquecer seu rosto, seu corpo, seus cabelos. Nunca houvera mulher igual a ela. A única que amara em toda a sua vida.

E agora, era quase certo que estivesse morta. Pobrezinha! Os seguranças do Barão do Tormento não deviam ter tido dificuldade em fazer picadinho dos três em questão de segundos.

A não ser que...

— A não ser. que eles tenham sido levados como prisioneiros — ele murmurou para si mesmo.

Aquilo não deixava de ser uma esperança. No momento, a melhor que tinha.

Ryan Cawdor olhou para o relógio. Sete minutos para o meio-dia. Mais um pouco e eles deixariam o hotel, para ver o que tinha acontecido nas ruas da cidade.

E para enterrar seus mortos.

Estavam se preparando para sair, quando ouviram um ruído atrás deles.

Ryan virou-se rapidamente, o dedo pronto para apertar o gatilho de seu Heckler & Koch.

— Não atire, cara! Sou eu!

— Finn?

O gordo foi se aproximando com passos lentos. Parecia desanimado.

— Sou eu, amigo. — Ele deu um suspiro desanimado. — Infelizmente, sou só eu.

Finnegan era um dos homens mais valentes que já havia aparecido por aquelas bandas. Passara mais tempo em brigas e em lutas do que dormindo, na cama. Ryan confiava nele cegamente.

Agora, os quatro estavam no saguão, onde o gordo enxugava uma garrafa de vinho. Limpou a boca com a palma da mão, manchada de sangue.

— Que fazer o favor de desembuchar, cara?

— Claro, Ryan. — Ele deu um suspiro. — Ouvimos os fodidos chegando. Krysty foi a primeira a escutar. O problema é que havia um bando deles. Uns quarenta, ou mais.

Seguranças do Barão do Tormento. Nós três nos escondemos atrás do muro de uma casa.

Finn tomou mais um pouco da bebida. Doc fez menção de abrir a boca para dizer alguma coisa, mas acabou desistindo. Limitou-se a pegar a garrafa do amigo e beber um gole. Ofereceu a Ryan, que recusou. J.B. aceitou, bochechou com o vinho e cuspiu num canto.

— Krysty ficou a meu lado e Lori, atrás de nós. — Ele olhou para Doc, — Tentei proteger a menina da melhor maneira possível.

— Que armas eles usavam? — perguntou J.B.

— Fuzis de assalto M-16 e carabinas. Acho que vi uma pistola Browning na mão de um dos caras. — Finn deu um suspiro desanimado. — Havia metralhadoras nos buggies. Das boas, aliás. Um idiota metido a besta dava as ordens. Mandei um monte de balas pra cima dele. Errei o alvo, mas o filho da puta teve que se jogar na lama, para escapar.

— Continue.

— Não tenho muita coisa para contar. Eles eram muitos. Devo ter matado uns oito ou nove. De qualquer modo, não dava para lutar contra tanta gente. Os fodidos nos encurralaram e levaram as garotas. Não pude impedir. — Finn abaixou a voz. — Juro que não pude...

Ryan hesitou, antes de fazer a pergunta: — Elas... foram mortas?

— Pelo menos, não na minha frente. Os caras jogaram as duas no buggy e arrancaram dali.

O gordo parou de falar. Era evidente que estava exausto.

— Ryan?

— O que foi, Finn?

— Eu fiz o que foi possível para salvar as garotas...

— Sei disso, cara. Jamais duvidaria de você.

Ele tomou mais um gole de vinho e ficou ali, quieto, os olhos perdidos em algum ponto distante.

Ryan tentou adivinhar o que os homens do barão iriam fazer.

Era provável que voltassem à cidade para apanhá-los.

Nem por um momento ele pensou em fugir. Poderia voltar à máquina de transporte, fechar a porta e ir parar do outro lado da Terra da Morte. Aí, então, o Barão do Tormento e seus homens seriam parte de um passado longínquo, que nunca mais iria voltar.

Só que ele não poderia fazer isso. Enquanto houvesse uma chance, por menor que fosse, de salvar sua Krysty, ele ficaria e enfrentaria a tudo e a todos.

Os três homens passaram algum tempo ali, no saguão, cada um ocupado com seus próprios pensamentos.

A voz do estranho vinda da porta fez com que eles dessem um pulo de susto.

— Vocês estão contra o barão?

Ryan se encarregou de responder: — Bem, fodendo com ele nós não estamos.

— Então vamos conversar.

No saguão mal iluminado, os cabelos brancos do recém-chegado adquiriram uma tonalidade toda especial.

Mephisto, o todo-poderoso segurança do barão, estava louco da vida com o que havia acontecido. Sua melhor roupa estava arruinada. Maldita hora em que aquele gordão filho da puta havia atirado, fazendo-o cair no meio da lama!

O Barão do Tormento não costumava se importar com o bem estar e a segurança de seus homens. Mas ter nove deles assassinados e mais outros tantos feridos numa só manhã era um pouco demais.

Bem, nem tudo estava perdido. Ainda havia algo de bom naquela história toda.

Conseguira fazer duas prisioneiras. E ambas eram jovens e atraentes. Ah, como o barão iria ficar contente... Quando o efeito dos calmantes passasse e as garotas acordassem, o chefe teria muito com o que se divertir.

Tudo graças aos Cajuns. Os filhos da mãe podiam não ser lá uma raça muito inteligente, mas pelo menos eram úteis. Se não fossem eles, ninguém ficaria sabendo que os seis estranhos haviam seguido para Lowel ton.

Agora, Mephisto esperava que seu chefe chegasse ao porão, para inspecionar as prisioneiras.

Havia duas mesas ali, com a madeira manchada de sangue. Ser interrogado pelo barão não era uma experiência muito agradável.

A loira estava amarrada a uma das mesas. Um prato e tanto. Era alta, de cabelos da cor do trigo, e vestia uma saia curta, que deixava quase toda a coxa à mostra. As botas de salto alto chegavam-lhe aos joelhos.

— Deliciosa — murmurou o segurança.

Porém, a outra moça era ainda mais deslumbrante.

Um pouco mais baixa que a loira, seu corpo perfeito era de tirar o fôlego.

Mephisto olhou para a porta, decidindo-se se usava uma das duas para seu próprio prazer. Achou melhor não. Era arriscado demais. Se o chefe entrasse ali, naquele momento, e o pegasse literalmente com as calças na mão, ele estaria perdido.

Olhou novamente para a ruiva. Que cinturinha, que seios...

Mas eram os cabelos que deixavam qualquer um de boca aberta. Eles eram mais brilhantes do que o fogo, mais vermelhos do que o crepúsculo no fim de uma tarde gloriosa. Mephisto não resistiu e estendeu a mão para tocá-los.

— Meu bom Deus!

Deu um salto para trás, os olhos arregalados de pânico, o rosto branco de terror, morrendo de medo que alguém tivesse ouvido o nome cristão sair de sua boca. Naquele caso, poderia se considerar um homem morto.

Olhou em volta. Felizmente, não havia mais ninguém por ali. Voltou a concentrar sua atenção naquilo que o deixara tão assustado. Os cabelos da garota. Havia se movido, quando ele os tocara.

Era como se tivessem respondido ao seu toque.

Mephisto voltou a olhar em volta, benzeu-se e murmurou baixinho: — Meu bom Deus...

Aqueles estranhos não eram mercenários comuns. Muito menos um bando de pistoleiros vagabundos, que cortariam uma garganta por um punhado de dólares ou uma puta gostosa.

Então quem eram eles?

Alguém abriu a porta do porão e entrou.

Mephisto ouviu o barulho do aparelho de metal do barão e virou-se para recebê-lo.

— Elas acordaram, Mephisto?

— Ainda não.

— Descobriu alguma novidade?

— Não. As roupas e as botas parecem ser de boa qualidade.

— Armas?

— A loira tinha uma pistola PPK. Coisa de nada.

— E a ruiva?

— Uma Heckler & Koch novinha em folha. A garota deve ser boa de tiro.

O barão franziu a testa.

— Quem serão eles, Mephisto? De onde vieram? Terão sido mandados pelo lobo da neve? E onde estarão os outros?

— Provavelmente escondidos em algum lugar de Lowel ton, senhor.

Tormento pôs a mão na coxa de Lori Quint. Ela se mexeu, mas não acordou.

— Não estou gostando nada dessa história, Mephisto. Desde que aquela incompetente da Mãe Meia-Noite falhou no ritual do pássaro, minha vida virou um inferno...

O segurança hesitou por alguns instantes, antes de perguntar: — Devo ficar aqui enquanto...

— Enquanto eu converso com essas duas uvas? Não. Pode ir. Eu o chamo, assim que acabar.

Mephisto pediu licença e saiu rapidamente dali.

Krysty estava voltando a si. Havia muito, sua mãe lhe ensinara a controlar-se: era só se manter imóvel, respirando normalmente e de olhos fechados. O importante era deixar todo mundo pensando que ainda estivesse dormindo.

Não fora difícil constatar, desde o momento em que ouvira o barulho dos buggies, que os três haviam entrado numa fria. Os inimigos conseguiram agarrá-la sem problemas e agora ali estava deitada numa mesa, com as mãos e os pés amarrados, seu corpo em forma de cruz. Continuou imóvel, tentando descobrir que lugar era aquele.

Ouviu barulho de passos e sentiu um cheiro estranho. Almíscar, suor e sabonete.

Abriu ligeiramente os olhos e viu um gigante negro debruçado sobre Lori, numa mesa a poucos metros.

O homem usava um aparelho de metal nas pernas. Seria aleijado? Suas roupas eram de boa qualidade e os cabelos estavam impecavelmente cortados. Fechou os olhos de novo, tentando imaginar se aquele filho da mãe era o famoso Barão do Tormento.

Estava num porão. Todos os seus sentidos lhe diziam aquilo. Além disso, o lugar não tinha janelas.

Respirou fundo e sentiu um outro cheiro, muito conhecido. Cheiro de medo. Aliás, aquelas paredes pareciam impregnadas dele. Havia sangue nelas, também.

Krysty Wroth sentiu seu coração disparar.

No exato momento em que Krysty voltava a si, Ryan Cawdor, J.B. Dix, Doc Tanner e Finnegan olharam para a estranha criatura que surgira à sua frente.

— Precisamos conversar.

Ryan, assim como os outros, tinha uma arma apontada para o recém-chegado.

Este, porém, não-esboçou nenhum sinal de medo.

O fulano era a figura mais esquisita que qualquer um deles já havia visto. E em figuras esquisitas, todos eles eram mestres.

Devia ter uns dezoito ou dezenove anos. Bem baixo. Um metro e quarenta, no máximo. E musculoso. Muito musculoso. Ryan conhecia um homem bom de lutá só de olhar para ele. E algo lhe dizia que, apesar da pouca altura, o rapaz era osso duro de roer.

Porém, o que mais chamava a atenção era seu rosto.

A pele era branca como o leite; os olhos, vermelhos como dois rubis, e os cabelos, uma cascata branca que lhe caíam pelos ombros.

— Você é o lobo da neve — afirmou Ryan.

— Isso é uma pergunta?

— Não.

— É isso aí, cara. É assim que as pessoas-me chamam.

— É você quem picha as paredes? O manda-chuva de Lowel ton?

— Em pessoa.

— E você é inimigo do Barão do Tormento? — perguntou Doc Tanner.

O rapaz esboçou um sorriso.

— Se ele estivesse se afogando, eu faria xixi na cabeça dele. Isso responde à sua pergunta?

— Por que você está aqui? Como se chama?

— Meu nome é Jak Lauren. E vim para cá porque aqueles filhos da puta pegaram as duas moças.

— Sou Ryan Cawdor, Jak. Esse é J.B. Dix, Finnegan e Doc Tanner.

O rapaz fez um sinal com a cabeça para cada um deles.

— De onde você veio, Ryan?

A resposta foi um dedo que apontou para o norte.

— E para onde vai?

O mesmo dedo apontou para o sul.

O rapaz sorriu.

— Quer ajuda?

Ryan olhou para os outros. Eles fizeram que sim com a cabeça.

— Queremos. Vamos conversar?

— Claro.

Lori acordou e começou a se debater. Percebeu na hora que aquilo era inútil. Havia um gigante medonho debruçado sobre ela, com a mão entre suas pernas.

Antes que pudesse abrir a boca, notou que Krysty, na mesa ao lado, lhe dizia alguma coisa.

— Tente não abrir a boca, Lori, — N... Não vou abrir — ela respondeu, sentindo a cabeça rodar. — Estava tonta como o diabo.

O Barão do Tormento virou-se para Krysty, sua voz calma e serena: — Fale qualquer coisa de novo, sua puta, e eu arranco a sua língua fora.

Ela fechou os olhos de novo, usando todo seu autocontrole para manter a respiração e não entrar em pânico. Talvez Finnegan tivesse conseguido escapar e Ryan desse um jeito de salvá-las.

Não custava sonhar.

Krysty engoliu em seco ao perceber que nunca, em toda a sua vida, havia se sentido tão assustada e desprotegida.

Ryan e seus amigos ficaram ouvindo as histórias do rapaz a respeito do Barão do Tormento. O gigante negro controlava toda a região, menos a pequena cidade de Lowel ton. Ali, o manda-chuva era Lauren, que comandava um grupo de quarenta pessoas.

— Homens, em sua maioria — ele explicou. — Possuímos muitas armas. O barão sabe que temos condições de enfrentá-lo. Talvez ele até nos vencesse, mas sofreria muitas perdas. Seu exército ficaria desfalcado.

Ryan estava fascinado com os planos que o rapaz tinha para aquela região, quando o pulso de ferro do barão fosse esmagado de uma vez por todas.

— Lafayette tem uma biblioteca muito grande, cheia de livros interessantes do século vinte. Eles me deram várias ideias. Quero construir moinhos. Podemos obter eletri-cidade com o vento. É só tentar...

— Claro — interrompeu-o Doc. — O que você está dizendo, meu jovem, é muito viável. Porém, só poderá ser feito se vocês tiverem paz.

Jak Lauren balançou a cabeça.

— É isso aí. O problema é que não podemos vencer Tormento. A menos que alguém nos ajude.

— Alguém quem? — perguntou J.B.

— Vocês. Nós os ajudamos a salvar as garotas e você nos ajudam a derrubar o gigante.

— E daí você constrói os moinhos de vento?

— Entre outras coisas. Quero drenar o pântano, Trazer de volta boa terra para o plantio. Dar uma vida decente aos meus amigos.

Ryan olhou para aquele rapaz de menos de vinte anos e de ideias brilhantes, e não demorou dois segundos para se decidir.

— Negócio feito. Você nos ajuda a resgatar as moças e nós o ajudamos a liquidar o barão.

Os dois se deram as mãos.

— Menino? — chamou Finnegan.

— Sim?

— É você mesmo o manda-chuva daqui?

— É claro que sim.

— Mas como uma criança como você consegue ser boa de arma?

— Fique sabendo, gorducho, que eu já matei mais seguranças do que qualquer pessoa por essas bandas.

Quando o Barão do Tormento abriu o zíper de suas calças e mostrou o enorme pênis, soltou um grito horrível. Só um.

O gigante levantou a mão e deu-lhe uma bofetada violenta, o barulho lembrando o estampido de um trovão. O rosto da garota ficou vermelho e um fio de sangue começou a escorrer de seu nariz.

— Cale o bico, puta. — Ele falava com voz calma, sem mostrar sinais de raiva. — Ou então vou foder a sua boca, até meu pau encostar no seu intestino.

Krysty começou a flexionar seus músculos, sabendo que teria capacidade de romper as cordas que a prendiam e até enfrentar o barão.

Esse, porém, deu um passo para trás e voltou a subir o zíper.

— Mais tarde. Agora, o que interessa são perguntas e respostas. Depois, o prazer.

Lori continuava a soluçar baixinho.

Jak Lauren não aceitou o licor que Finnegan lhe ofereceu.

— Vamos conversar com minha gangue. Precisamos traçar um plano de ação o mais rápido possível. Não temos muito tempo. O filho da puta do Tormento não brinca em serviço, quando o assunto é mulher.

Ryan se levantou, o inseparável G-12 firme em suas mãos.

O rapaz olhou para a arma.

— Um fuzil e tanto. Se eu tivesse uns dez iguais a esse, nem iria precisar da sua ajuda.

Uma pergunta veio à cabeça de Ryan.

— Jak? Você sabe de onde viemos?

— Sei. Daquele lugar secreto, perto do pântano. Havia umas histórias que os velhos costumavam nos contar, de que um dia, um grupo de pessoa iria surgir de lá para nos ajudar. Só podem ser vocês.

— Mais uma pergunta, Jak.

— O que foi?

— Quantos anos você tem?

— Quatorze e meio.

O barão continuava a olhar para as duas moças amarradas na mesa. A tentação era grande, mas o dever vinha em primeiro lugar.

Krysty o encarou, seus olhos brilhando de raiva.

— Eu tenho o poder da Terra, seu aleijado, E juro que, se me tocar, eu o matarei!

— Como ousa me desafiar, puta?

O barão, vermelho de ódio, não conseguiu disfarçar o choque. E também, Krysty percebeu com um sorriso de satisfação, não pôde esconder um certo ar de medo.

Olhou para ela com os olhos brilhando de ódio.

— Eu é que vou matá-la, sua ruiva fodida. Mas primeiro, você vai me contar tudo!

— Contar o quê?

Ele deu uma risada estridente, que ecoou pelos quatro cantos da sala.

— O que eu quero, imbecil.

Krysty tinha um certo poder de premonição, E não foi difícil constatar que seu algoz também fazia parte do grupo dos videntes. Tentou adivinhar se esse dom era forte ou não.

— Você não passa de um aleijado, seu barãozinho de merda. Sei que morre de medo do lobo da neve e agora está com medo de nós. .

— Não. Eu tenho você e a loira. Logo, terei os outros quatro.

Então Finn havia escapado. Aquilo já era uma pequena vitória.

— Perca as esperanças, Tormento. Nós é que vamos destruí-lo.

— Isso é o que veremos, puta. Isso é o que veremos!

O barão deixou o porão e bateu a porta com força atrás de si.

Doc Tanner fechou os olhos e cruzou os braços. Parecia em transe.

— Meu Deus... — foi tudo que falou.

— O que aconteceu, Doc? — perguntou Finnegan, preocupado.

O velho sorriu, mostrando os dentes brancos como marfim, e não respondeu. Continuou ali, parado, balançando o corpo de uma maneira estranha.

Jak Lauren virou-se para Ryan: — O que deu nele?

Foi o próprio Doc quem respondeu: — Nada, meu jovem. Estou apenas me lembrando de certas coisas que... — Ele-balançou a cabeça. — Oh, querida Emily! Como foi que ela... Meu Deus! Quanta desgraça!

Ryan, J.B. e Finnegan desviaram o olhar, embaraçados com o pranto convulsivo do velho. Jak Lauren, confuso, não entendia nada.

Eles estavam no quartel-general do lobo da neve, um antigo cinema bem no centro de Lowell.

Doc Tanner tirou um lenço do bolso, enxugou os olhos e tentou recompor-se.

Olhou para os outros.

— Perdão, cavalheiros. É incrível, mas mesmo depois de tanto tempo, as lembranças ainda estão vivas na minha cabeça...

— Que lembranças, Doc?

— As tardes passadas no cinema da minha cidade. A escuridão, o beijo escondido, o riso, as lágrimas, as pipocas... E a mágica. Acima de tudo, a mágica...

Ryan franziu a testa.

— Que coisa estranha, Doc. Nunca houve cinema na Terra da Morte.

— Bem — interrompeu-o Jak Lauren. — O tempo está passando e há vidas em perigo.

É melhor nos apressarmos.

Eles foram até uma outra sala, onde havia uma placa na parede. Finnegan leu em voz alta: — Este cinema foi inaugurado em 24 de setembro de 1989, pelo Senador John J.

McLaglen.

Mais abaixo, havia uma placa menor, onde se lia: "É proibido fumar".

Ryan olhou em volta. A sala estava cheia de soldados fortemente armados. Ficou surpreso com a variedade de rifles, fuzis e pistolas que eles possuíam.

Eram homens, em sua maioria, com idades variando entre quinze e trinta anos.

Não parecia haver mutantes no grupo.

Jak Lauren levantou a mão, pedindo silêncio.

— Esses caras são nossos amigos. As duas garotas que estavam com eles foram pegas pelo barão. Vamos tentar libertá-las e eles nos ajudarão a acabar com aquele aleijado para sempre.

Ouviu-se um murmúrio entre os presentes. Uma mulher com o rosto coberto de cicatrizes foi a única a se manifestar abertamente: — Nós não precisamos deles, Jak.

Por que esses quatro nos seriam de alguma ajuda?

Foi o próprio Ryan quem respondeu: — É verdade, madame, Vocês não precisam da gente. Com tanto homem aqui, em pouco tempo o exército de Lauren vai triplicar!

Todos os outros começaram a rir. A mulher, visivelmente aborrecida, cuspiu no chão.

Jak Lauren virou-se para ela: — Já está decidido, Zee. Nós vamos agir juntos. E depressa, de preferência. Tivemos muita sorte em encontrar esses quatro mercenários. Tenho certeza de que eles vão nos ajudar.

Finnegan não gostou muito daquilo.

— Não somos mercenários, fedelho. Vamos para onde bem entendermos e mata-mos quem achamos que deve ser morto. Você precisa muito mais de nós do que nós de você!

Jak Lauren tirou uma navalha do bolso e aproximou-se de seu oponente.

— Não me chame de fedelho, gorducho.

— Não me chame de gorducho, fedelho. Se eu quiser, parto a sua cara em dois, antes mesmo que você se dê conta do que aconteceu.

O lobo da neve deu um sorriso irônico.

— Então por que não tenta, gorducho?

Ryan percebeu que o negócio estava ficando feio. Se aqueles filhos da mãe comessem a brigar, tudo estaria perdido. Tratou de acalmar os ânimos: — Vamos parar, vocês dois. Por acaso já esqueceram que estamos do mesmo lado?

O lobo da neve olhou para Ryan.

— É, você tem razão.

A faca desapareceu de sua mão, tão depressa quanto havia aparecido. Apesar de ter observado o rapaz atentamente, Ryan não conseguiu descobrir onde fora que o garoto a havia enfiado.

— Vamos começar a traçar nossos planos? — sugeriu J.B. Dix, que estivera calado até então.

— Claro — respondeu Jak Lauren. — Tormento é esperto como o diabo. Mas antes de qualquer coisa, quero lhes mostrar algo. Algo muito raro, aliás. De antes do grande inverno.

— Comida? — perguntou Finnegan, omitindo o "fedelho" dessa vez.

— Isso é o que não falta por aqui. Enquanto vocês matam a fome, podemos traçar os planos para libertarmos os três prisioneiros.

Ryan franziu a testa. — Três?

— É. Ontem à noite, aquele filho da puta do Mephisto conseguiu pôr as mãos no meu pai.

— Pois então façamos o possível para libertarmos os três, amigo.

23

Cinco minutos depois de o Barão do Tormento ter batido a porta, dois de seus capangas apareceram no porão. Ambos eram pequenos e atarracados, carregavam fuzis de assalto M-16 e deviam ter uns vinte e poucos anos. Quando abriram a boca para falar, Krysty notou que tinham um certo sotaque francês. Era provável que fossem Cajuns.

— Vamos foder a loira ou a ruiva, Neal? — perguntou um deles.

— A loira.

— Por quê?

— Ela me parece mais frágil. E por isso, mais apetitosa.

Neal levantou a saia de Lori e pôs a mão entre as suas pernas.

— Hum... Que delícia. Vai ser uma trepada e tanto!

Krysty tentou defender a garota: — Se você não parar com isso, seu verme imundo, vou contar tudo ao barão!

— Ele não vai se importar — respondeu o outro. — Meu patrão não é um homem egoísta. Aliás, acho que vou foder a sua boca. Que tal?

— Faça isso e eu arranco seu saco com os dentes!

— E eu estouro os seus miolos!

Por um momento, ela pensou em cooperar. Em ficar ali, parada, e desligar-se da realidade. Podia fazer isso. Aliás, já havia feito coisa parecida na cidade de Mocsin, quando prisioneira do terrível Kurt Strasser.

Mas o problema era Lori.

A garota, apesar de já ter sido casada, era de uma ingenuidade de causar pena.

Aqueles dois capangas iriam fazer o diabo com ela. Não. Não poderia permitir aquilo.

Tinha que fazer alguma coisa.

As cordas que prendiam seus pulsos e tornozelos eram tão grossas e apertadas que haviam deixado seus braços e pernas dormentes. Fora fácil controlar a dor, mas ela sentia medo de ficar em desvantagem numa luta.

— Mãe Terra, me ajude, me ajude, me ajude — ela sussurrou baixinho.

Neal passou a língua pelos lábios secos.

— Vai ser uma trepada e tanto, Alain. A puta é mesmo uma beleza!

— É isso aí, cara.

— Eu vou primeiro.

— Tudo bem. Prefiro mesmo uma boceta molhada.

Os dois caíram na risada.

Krysty respirou fundo e lembrou-se de um fato acontecido havia muito tempo, em sua cidade. Devia ter uns quinze ou dezesseis anos e o corpo cheio de energia. Carl Lanning era seu melhor amigo. Um dia, ele brincara com seus poderes e a desafiara a levantar uma barra de ferro de cem quilos jogada no celeiro. Ela não se fizera de rogada. Fora até lá, usara de toda a sua concentração e a tal barra subira aos ares, leve como uma pluma.

Seu tio Tyas McNann ficara sabendo daquilo e, como castigo, a deixara trancada no quarto por uma tarde inteira, para que ela aprendesse a não abusar de seus dons.

— Só use-os quando realmente precisar, garota — o velho Tyas lhe havia dito.

Agora, observando aqueles dois monstros prontos para abusarem da pobre Lori, ela disse baixinho:

— Agora eu preciso, tio.

Ambos estavam de costas para ela, suas armas no chão.

— Gaia, me ajude...

A energia começou a fluir através de seu corpo com tanta intensidade, que ela pensou que fosse explodir.

A corda que prendia seu pulso direito arrebentou. A outra, um segundo depois.

Krysty se sentou, as juntas fazendo barulho, e flexionou os dois braços. A corda em volta dos tornozelos se partiu naquele instante.

Os dois capangas olharam para ela, os olhos esbugalhados de tanto espanto.

— Mas o que...

Neal não teve tempo de terminar a frase, porque Krysty já pulava em cima dele e acertava-lhe a boca com um pontapé.

O rapaz caiu no chão. O poder da garota era impressionante.

Mais dois ou três chutes na cara do soldado e ele já podia se considerar carne morta.

O outro, Alain, ainda não conseguia acreditar no que via. Suas calças estavam abaixadas, revelando um pênis de proporções reduzidas. Fossem seus reflexos um pouco mais rápidos, houvera um momento em que poderia ter apanhado sua arma e atirado em Krysty. Porém, ele parecia mais preocupado em esconder o sexo e bolar um jeito de sair logo dali.

Abriu a boca e começou a pedir por misericórdia: — Madame, por favor...

Contudo, Krysty não estava para brincadeira. Voou para cima do homem com uma fúria animal, derrubando-o no chão. Ele ainda tentou se defender, mas foi como lutar contra um ciclone. A mulher à sua frente parecia ter a força de mil demônios.

Lori, de olhos arregalados, observou Krysty chutar o rosto do monstro que iria es-tuprá-la, até que ele se transformasse numa massa ensanguentada.

Momentos depois, ela arrebentava as cordas que prendiam a amiga à mesa.

— C... Como foi que você conseguiu fazer isso, Krysty?

— Não importa. O que vale é que esses dois nojentos estão fora do caminho.

— Será que você consegue abrir a porta?

Krysty sentou-se na mesa, sentindo uma tontura já muito conhecida. Sempre ficava tonta e sonolenta, depois de usar seus poderes. Era o preço que tinha a pagar por eles.

— Acho que não, Lori. Estou tão cansada...

A seus pés, jaziam os dois gorilas desfigurados. O chão estava sujo de sangue. Ela começou a soluçar baixinho.

Lori a abraçou.

— Não fique assim, amiga. Os monstros estão mortos. Juro que não vou abrir a boca. Mesmo que o gigante me mate. Por favor, não chore...

Dez minutos depois, Krysty Wroth ainda estava louca da vida consigo mesma. Por que não esperara por uma chance melhor? Poderia ter economizado seus poderes para acabar com o próprio barão. Agora, precisava inventar uma boa história para explicar a morte dos dois capangas. Maldição. Sua força só voltaria dali a algumas horas.

Ouviu barulho lá fora. Alguém vinha se aproximando. Ela segurou firme a mão de Lori, tentando parar de tremer.

A luz vinda do projetor iluminou a tela do cinema. Jak Lauren, sentado entre Ryan e J.B., explicou: — Esse filme só dura dez minutos. Foi o único pedaço que sobrou. Costumamos assisti-lo em ocasiões muito especiais como esta. Sabe de uma coisa? Ele nos dá coragem. É bom saber como era a vida antes do grande inverno.

Embora estivesse desesperado para libertar as garotas, Ryan sabia que era bobagem apressar as coisas e agir como um mutante sem cabeça. O barão era um osso duro de roer. Somente um plano muito bom seria capaz de vencê-lo.

Doc Tanner, na fileira de trás, estava entusiasmado com um livrinho do ano de 1984, onde havia uma lista com os filmes mais famosos do século vinte. Nomes que não diziam nada a Ryan e aos outros haviam feito os olhos do velho brilharem de entusiasmo.

— E o Vento Levou! — ele exclamara. — Produção de 1939, que transformou Clark Gable no galã de toda uma geração! O Poderoso Chefão, com Marlon Brando, que recusou o Oscar de melhor ator!

Quando Ryan lhe perguntara que diabo era Oscar, Doc não soubera responder.

A sessão começou. O som era fraco, mas não importava. Ryan e os outros estavam maravilhados. A emoção de estar no cinema era enorme.

A tela foi invadida por um bando de índios, cavalos e pistoleiros. Doc arregalou os olhos, animado.

— Rastro de Ódio! — exclamou ele: feliz da vida. — Esse que acabou de aparecer é John Wayne. Um ator e tanto! Ah! E a mocinha é Natalie Wood! Uma morenona, não é? O diretor do filme é John Ford e...

— Cale a boca, Doc — reclamou Finn. — Quero assistir ao filme em paz!

Na tela, John Wayne e seus amigos iam acabando com os apaches que encontravam pela frente.

Ryan, sentado na pontinha da poltrona, estava maravilhado.

Dez minutos depois, a sala voltou a ficar escura.

— Só sobrou esse pedaço — explicou Jak Lauren. — O resto do filme foi queimado.

Mas eu não me canso de vê-lo. Aquele grandão de chapéu me dá uma coragem incrível. É só assistir às suas aventuras e eu fico morrendo de vontade de liquidar o ba-rão.

As luzes se acenderam, fazendo com que todos piscassem.

— Chegou a hora de traçarmos os nossos planos, pessoal. Aquele filho da mãe do Barão do Tormento não perde por esperar.

O Barão do Tormento abriu a porta do porão e pôs a cabeça para dentro. Soltou uma risada estridente.

— Muito bem! Muito bem mesmo!

Por um instante, Krysty tentou adivinhar se poderia lutar contra ele. Deu um suspiro desanimado. Fraca como estava, não tinha forças ele vencer nem um gatinho.

— Estou impressionado, garotas. Realmente impressionado.

Dentro da sala, apenas uma mosca mutante zumbindo por sobre os cadáveres quebrava o silêncio.

A voz do barão ecoou pelos quatro cantos do porão: — Quem diria... Neal e Alain, dois dos meus melhores homens... Acredita numa coisa dessas, meu caro Mephisto?

— É impressionante... Será que eles estão mortos mesmo?

— É claro que sim, seu imbecil. Será possível que não consegue sentir o cheiro da morte? Ei, putas, eles morreram, não é?

— Entre e descubra por si mesmo, aleijado — respondeu Krysty.

Ele entrou seguido por Mephisto. Os dois carregavam fuzis de assalto M-16. Havia pedras preciosas incrustadas na arma do barão. O cúmulo do mau gosto, pensou Krysty.

— Como foi que elas acabaram com eles? — perguntou o segurança.

Tormento balançou a cabeça.

— Não importa. Isso foi coisa da ruiva. Ela tem poderes secretos. Os filhos da puta se descuidaram e acabaram morrendo. Fim da história.

Ele encarou Krysty por um longo instante.

Ela tentou provocá-lo: — Vá foder um tubarão morto!

— Não banque a engraçadinha, garota. Pelo que vejo, você já esgotou todos-os seus poderes!

Então o gigante era mesmo um vidente. Krysty bem que havia desconfiado. De qualquer modo, ele não conseguia penetrar em sua mente e adivinhar seus pensamentos.

Ela ficou ali, parada, olhando para ele sem dizer nada.

— Acho que deveríamos descobrir onde os outros se meteram — sugeriu Mephisto. -

Daqui a pouco já começa a escurecer e aí poderá ser tarde demais.

Tormento deu um suspiro.

— Que nada, meu caro. Se eles têm alguma ligação com o lobo da neve, a uma hora dessas devem estar reunidos naquele pulgueiro que eles chamam de cinema.

Krysty sentiu que suas forças estavam voltando. Olhou para o lado .. A pobre Lori tremia da cabeça aos pés.

Tormento bateu palmas.

— Agora, chega de conversa mole, pessoal. Venham comigo, garotas, e eu vou lhes mostrar o que acontece com quem ousa desafiar o Barão do Tormento, dono absoluto de Lafayette, senhor dos vivos e dos mortos.

— Barão de merda, é isso que você é, seu aleijado!

— Cale a boca, puta ruiva! Vamos, sigam-me!

Do outro lado de fora, havia dez homens armados esperando para conduzi-las pelos corredores estreitos do porão.

O barão seguiu atrás deles, sua cabeça abaixada para não bater nos canos de aquecimento pendurados

no teto.

Com as mãos nos bolsos, Krysty ia cantarolando baixinho. para espantar o medo que sentia.

Jak Lauren, Ryan Cawdor, Finnegan, J.B. Dix, Doc Tanner e mais cinco seguidores do lobo da neve passaram duas horas sentados em volta de uma mesa, traçando um plano de ação. Não pararam nem quando uma moça entrou na sala e serviu deliciosos sanduíches e sucos gelados.

Finnegan devorou dois, pediu mais um e foi só quando terminou que perguntou qual era o recheio.

A moça, que tinha o rosto coberto por cicatrizes, sorriu.

— Adivinhe.

— Carne de cavalo, talvez.

— Não. De jacaré. O bicho foi morto de manhã, de modo que o sanduíche não poderia estar mais fresco.

Se ela esperava alguma reação de nojo do gorducho, ficou desapontada. Finnegan caiu na risada e começou a comer o quarto.

— Outro dia, eu quase virei almoço de um desses filhos da mãe. É um prazer saber que hoje os papéis se inverteram.

— Muitos papéis vão se inverter dentro de pouco tempo, amigo. — Jak Lauren deu um sorriso. — Aquele barãozinho de merda não perde por esperar.

Ryan franziu a testa.

— Agora chega de conversa mole e vamos voltar ao trabalho. Já falamos muito, mas até agora, nada de planos concretos. Com que armas você pode contar, Jak?

O lobo de neve começou a andar de um lado para outro.

— Hum... Deixe-me ver. Temos uma porção de fuzis de assalto, submetralhadoras, pistolas, granadas...

— Não se esqueça do gás-geleia — lembrou um careca de bigode.

— Gás-geleia? — perguntou J.B. — O que é isso?

Foi o próprio Jak quem respondeu: — No ano passado, meu pai e eu descobrimos um caminho escondido entre uns arbustos, a alguns quilômetros daqui. Encontramos algumas armas, estragadas pela lama e pela água. Mas na parte de trás havia tambores cheios de gás.

— Quantos? E de que tamanho?

— Uns vinte, mais ou menos. E todos bem grandes. Abri um deles e vi aquela coisa grudenta lá dentro. Joguei um pedaço de madeira para ver o que acontecia e ela pegou fogo na hora. Não sei bem qual é a sua utilidade, mas pode ser que ele nos sirva para alguma coisa.

J.B. Dix franziu a testa.

— Geleia que pega fogo... Você tem alguma ideia do que seja isso, Ryan?

Mas foi Doc quem respondeu: — Eu tenho, sr. Dix.

— O que é?

— Napalm.

Krysty e Lori, cercadas de guardas por todos os lados, foram andando pelo verdadeiro labirinto de corredores escuros e passagens secretas que era o porão do quartel-general do Barão do Tormento, Estavam cansadas e famintas.

Dez minutos depois, chegaram a urna cela imunda, guardada por dois brutamontes.

Tormento deu um sorriso irônico.

— Agora vocês vão se encontrar com um velho amigo, garotas. O pai do seu líder.

— Nosso líder? — repetiu Lori, assustada. Será que haviam pegado o pai de Ryan?

— Jak Lauren, sua puta. O lobo da neve. Conseguimos pôr as mãos no papaizinho dele. Seguranças, tragam o prisioneiro!

Os brutamontes abriram a cela e empurraram um homem algemado para fora.

— O Pai Lauren — anunciou o barão. — Vocês já se conheciam, não é?

O prisioneiro, que devia ter a idade de Doc, ignorou seu algoz e continuou a olhar para o chão.

Krysty estava intrigada. Era como se Tormento realmente acreditasse que eles se conheciam. Ela sabia que o líder de Lowel ton, um tal de lobo da neve, era o pior inimigo do barão. Se ele se chamava Jak Lauren, então aquele homem era seu pai.

Tormento virou-se para as duas garotas: — Agora, suas putas, observem o que acontece com aqueles que ousam me desafiar. Mephisto, pode começar!

Ryan olhou para Jak Lauren.

— Então está decidido. Atacaremos ao anoitecer. Agora, é só você escolher dez dos seus melhores homens.

O rapaz ficou pensativo.

Por um momento, Ryan conseguiu vislumbrar a criança de quatorze anos que vivia dentro do corpo do matador treinado.

— Não são todos que sabem manejar bem urna arma, Ryan. Cada um tem uma habilidade diferente. Alguns sabem ler e escrever, outros são especialistas em energia, carros, terra e plantação. O importante é que todos desempenhem bem sua função.

— E qual é a sua função, rapaz? — perguntou Doc Tanner. Você é especialista em quê?

O lobo da neve não hesitou em responder: — Em mandar pessoas para o além.

Lori mantivera os olhos fechados o tempo todo. Krysty, a seu lado, havia observado Mephisto torturar o velho Lauren até a morte, determinada a não mostrar nenhum sinal de fraqueza.

Agora, o corpo do coitado jazia no chão de concreto, em meio a uma poça de sangue.

Ela olhou para o barão, seu rosto uma máscara de ódio.

— Nunca vou me esquecer disso, aleijado. Mas você e esse seu puxa-saco nojento vão ter o troco. Juro por Gaia.

Os dois caíram na risada.

— Já está tudo decidido — anunciou Jak Lauren. — Acabei de convocar meus melhores atiradores.

Ryan sorriu.

— Nosso plano vai funcionar. Amanhã mesmo, você já vai poder começar a construir os seus moinhos de vento.

— E se não funcionar, meu caro amigo, é melhor tratarmos de cavar os nossos túmulos.

Jak Lauren não estava muito satisfeito com a ideia que Ryan havia acabado de ter. Parecia nervoso e gesticulava sem parar.

— Mas por que você quer fazer isso? Não há a mínima necessidade.

Ryan balançou a cabeça.

— Quero estudar a fortaleza do barão antes do ataque, Jak. Doc e Finn ficam aqui, com você., Não se preocupe. São apenas sete horas. J.B. e eu voltaremos logo.

A noite estava muito agradável. Armados até os dentes e levando lanternas nas mãos, Ryan e J.B. saíram do quartel-general de Jak Lauren. O lobo da neve havia lhes mostrado um mapa, indicando os lugares por onde deviam ou não passar.

— Evitem essas zonas, que costumam estar repletas de seguranças — ele explicara.

Os dois haviam escutado atentamente.

— Tratem de voltar logo. Não gosto de atrasos.

Ryan sorria, ainda incapaz de acreditar que o líder daquela gangue tivesse apenas quatorze anos.

Eles passaram por ruas desertas e atalhos escuros. Uma ou duas vezes, ouviram ruídos vindos de trás de arbustos. Animais mutantes, com certeza.

Foi só após uma longa caminhada que eles avistaram o quartel general do Barão do Tormento. Era uma construção de três andares, cercada por seguranças.

Ryan franziu a testa.

— Eu poderia liquidar todos esses gorilas com algumas rajadas do meu G-12. O diabo é que, assim que abirmos fogo, o pessoal lá dentro vai saber o que está acontecendo. Além disso... Ei, o que é aquilo?

— Aquilo o quê?

— Ali!

J.B. Dix olhou para o que Ryan apontava. E não pôde reprimir um grito de raiva.

— Merda!

Amarrado a um poste, bem em frente ao prédio, havia um corpo nu.

— Será homem ou mulher?

Ryan apanhou o binóculo que trazia consigo e o levou aos olhos. Seu coração batia com tanta força, que parecia que ia explodir em seu peito.

— É um homem. E, ao que parece, foi espancado até a morte. Maldito barão!

— Deixe-me dar uma olhada.

— J.B. Dix levou o binóculo aos olhos.

— Será que o infeliz é o pai de Jak?

— É, pode ser.

— Então vamos embora. Precisamos lhe contar o que vimos.

Ryan Cawdor e J.B. Dix estavam quase chegando ao velho cinema, quando ouviram barulho de passos. Não hesitaram um segundo sequer. Jogaram-se atrás de um arbusto e ficaram ali, escondidos, dedos no gatilho, prontos para a ação.

Seis soldados cheirando a maconha passaram por ele. Homens do barão, com certeza. Foi só quando desapareceram de vista, que Ryan e o armeiro puderam relaxar.

— Eu poderia ter liquidado todos eles — comentou J.B., tirando o dedo do gatilho de sua míni-Uzi.

— Os outros poderiam ouvir e iriam pensar que estávamos começando a atacar.

Esse tal de Tormento pode ser o pior filho da puta do mundo, mas não é bobo. Ele sabe que iremos atrás das garotas. Não há por que avisá-lo de que já estamos prontos.

O armeiro fez que sim com a cabeça.

— É, acho que tem razão. Vamos indo.

— Espere um pouco.

— O que foi? Encontrou outro cadáver?

— Não. Dê só uma olhada nisso.

— Uma alça de metal fincada no chão! Será que ela tem alguma utilidade?

— Não tenho a mínima ideia Bem que Doc poderia estar aqui conosco. O velho sabe de coisas a respeito do passado que nós nem desconfiamos.

— Pode ser que haja um pequeno depósito aí embaixo.

O armeiro tentou levantar a alça sem, sucesso.

— Este troço está emperrado.

— Vamos tentar juntos. Quanto eu contar até três, faça toda a força que puder. Um, dois, três!

Só foi depois de muito tempo e esforço, que eles conseguiram levantar uma pedra enorme, que escondia um túnel escuro.

— É inacreditável! — exclamou J.B. — Nunca vi nada parecido!

Ryan acendeu a lanterna e iluminou o buraco. Ali . embaixo encontrava-se um dos únicos lugares totalmente seguros em toda a Terra da Morte: — Vamos descer — disse Ryan. — Estou louco para ver o que há aí dentro.

No fim do túnel havia uma porta, com um aviso pregado com fita adesiva: "Casa de Donald e Peggy. Se você não trouxe cerveja, não pode entrar".

J.B. e Ryan não tinham cerveja alguma, mas entraram do mesmo jeito. Foram dar numa sala pequena com pouca mobília. Mais adiante, via-se uma cozinha e um banheiro.

Ryan encontrou os dois corpos imediatamente.

Ao contrário dos cadáveres lá de cima, aqueles dois não haviam se transformado em esqueletos. A não ser pela cor amarelada da pele, os dois ali deitados no chão pareciam estar dormindo.

A mulher, com seus longos cabelos pretos, tinha as mãos cruzadas sobre o peito.

Usava um vestido-azul, manchado e sujo. O homem a seu lado jazia em meio a uma poça de sangue coagulado.

Havia uma porção de mantimentos em latas. J.B. Dix abriu a torneira do filtro e a água começou a cair. Ryan olhou em volta e viu um videocassete em cima de uma mesa. Apertou um botão e uma luzinha vermelha se acendeu. A impressão que se tinha era de que uma criatura que havia hibernado durante um século finalmente voltava à vida.

— Olhe, J.B.! Ainda funciona!

Aquilo não era surpresa. Em vários depósitos onde estivera com o Negociante ele havia encontrado aparelhos eletrônicos em perfeito estado. Apertou outro botão e uma imagem distorcida apareceu na tela.

— Deixe que eu arrumo — disse o armeiro, mexendo num painel de controle.

Segundos depois, o homem que jazia morto no chão aparecia na tela do videocassete Parecia ter uns quarenta e poucos anos, era rechonchudo e usava bigode.

— Inacreditável! — exclamou Ryan.

O homem na tela sorriu, revelando dentes muitos brancos.

— Alô, pessoal do futuro. Meu nome é Donald Haggard e eu sou engenheiro aqui em Lowel ton, subúrbio da cidade de Lafayette, no Estado da Louisiana. Acabei de sair do almoço de Natal, para lhes contar um pouco do que anda acontecendo por aqui. Hoje é 25 de dezembro de 2000 e a família está toda reunida.

Enquanto Ryan e J.B. ficavam ali, de boca aberta, ouvindo a mensagem do defunto, Don Haggard

falava sobre a situação política da época. Havia tensão entre o Ocidente e o Oriente, problemas na Líbia, na África do Sul, nas Filipinas, Cuba, em algumas cidades da Inglaterra e em Israel.

— Parece que o mundo todo está só esperando que alguém aperte o primeiro botão.

Ele falou qualquer coisa a respeito de sua esposa Peggy, que trabalhava na venda de telefones, e de seus quatro filhos: Paul, John, George e Ringo.

— Acho que, por aí, dá para perceber que tipo de música Peggy e eu gostamos, não é?

Ryan e J.B. se entreolharam, sem entender nada.

— Vou apertar o Fast Forward — disse o armeiro. — Infelizmente, não vamos ter tempo para assistir tudo.

— Pronto. Pare aí.

Donald Haggard voltou à tela. Parecia menos sorridente do que no dia do Natal.

— Hoje é 15 de janeiro de 2001. O governo diz que não devemos nos preocupar.

Pois sim! Filhos da mãe, isso é o que eles são. O negócio está preto. Qualquer um percebe isso.

Ainda bem que construí este abrigo antiaéreo. Pelos menos, Peggy e eu estamos a salvo. O diabo são as crianças. Elas estão passando as férias com os avós na Califórnia e eu estou muito preocupado.

Ryan apertou o Fast Forward de novo. Não havia tempo a perder.

Don voltou a aparecer na tela. Só que dessa vez, havia desespero em seu rosto.

— Hoje é vinte e quatro de janeiro. — Ele olhou para o Rolex de ouro que trazia no pulso. — Meu relógio parou, mas deve ser quase meio-dia. Peggy está péssima. Não para de vomitar. Eu também não me sinto nada bem. O que tínhamos acontecido. Os botões foram apertados. A Califórnia não existe mais. Paul, John, George e Ringo, meus filhos queridos, desapareceram como uma nuvem de fumaça.

O Fast Forward foi apertado de novo e a fita avançou mais um pouco.

— Já não sei que dia é hoje. Minha Peggy acabou de morrer. E pelo jeito como estão as coisas, não vou demorar para lhe fazer companhia. Tenho vomitado tanto, que não consigo mais me manter limpo. Perdi toda a minha dignidade. Meu Deus, acho que vou vomitar de novo...

Foi a última coisa que ele disse. A tela voltou a ficar branca.

J.B. apertou o Fast Forward, mas Don Haggard nunca mais voltou a aparecer.

— Você vai levar a fita, Ryan?

— Não. Seria como violar um túmulo.

Eles desligaram o videocassete, fecharam a porta e deixaram aquele estranho lugar.

Um ventinho havia começado a soprar, amenizando o calor infernal que fizera durante o dia todo.

Ryan Cawdor e J.B. Dix voltaram ao velho cinema, onde Jak Lauren e sua gangue os esperavam.

Ryan estava impressionado com o poder que o lobo da neve tinha sobre seu pequeno exército. Ele dera um grito, pedindo silêncio, e fora exatamente aquilo que ob-tivera. Cada membro do grupo sabia qual era seu papel no ataque daquela noite.

As armas já haviam sido lubrificadas e carregadas. Dois mecânicos verificavam o motor dos buggies, para que nada saísse de errado.

Os tambores de napalm, enrolados em cobertores, já tinham sido colocados no banco traseiro de um dos carros.

Tudo parecia estar sob controle.

Às onze horas da noite, Jak Lauren, Ryan Cawdor e seus homens partiram para o ataque.

O Barão do Tormento não voltara a dar o ar de sua graça no porão. As duas garotas continuavam presas ali, no escuro, cansadas e famintas.

Krysty procurava levantar o ânimo da pobre Lori, dizendo-lhe que Ryan, Doc e os outros iriam dar um jeito de libertá-las.

Perto das onze horas, ambas caíram no sono.

O buggy dirigido por uma mulher alta de cabelos pretos avançou pelas ruas desertas. Ela era a melhor motorista do exército do lobo da neve, e o sucesso ou o fracasso da primeira parte da missão dependia de sua habilidade e de seu autocontrole.

Um pouco mais atrás, ia outro carro, com Jak Lauren ao volante. Ryan estava a seu lado. No banco traseiro iam Doc, Finn e J.B.

A hora da decisão havia chegado.

Krysty Wroth sonhou que estava dentro de um vagão, cercado por homens e mulheres usando roupas antigas e fora de moda. De repente, um carro com quatro homens e uma criança surgiu do nada. De uma maneira ou de outra, mesmo sabendo que não havia nenhum inimigo por perto, Krysty tinha certeza de que uma batalha estava para acontecer. Uma batalha sangrenta contra uma força superior.

Os dois carros pararam a uma certa distância do quartel-general do Barão do Tormento.

Ryan ouviu barulho de vozes, risadas, um grito agudo e mais risadas.

Leah, a motorista morena, desligou o motor. Jak Lauren pulou do buggy e aproximou-se dela. Seus cabelos estavam presos num rabo-de-cavalo.

Está pronta, Leah?

— Prontíssima, Jak.

— Ótimo. Quando o buggy tiver ganhado bastante velocidade, você pula para fora.

Bem entendido?

— Fique tranquilo. Não vou desapontá-lo. — Ela olhou para Ryan. — Não vou desapontar nenhum de vocês.

A moça desbrecou o buggy. Conforme o combinado, quatro homens pularam para fora e começaram a empurrar o veículo.

Era agora ou nunca.

Ryan encostou a mão no ombro de Jak.

— Eu e os meus homens vamos entrar por trás. Nos encontramos lá dentro. Boa sorte, cara.

— Boa sorte, amigo.

E eles se foram.

Seguiram por um atalho que os levou à entrada dos fundos do prédio, onde ficava o estacionamento e

a piscina vazia.

Só foi tarde demais que os soldados do Barão do Tormento avistaram o buggy.

Ryan ouviu uma rajada de balas e viu o carro dirigido por Leah voando como uma flecha, em direção ao portal principal.

— Agora! Pule, garota! — ele murmurou baixinho.

Então, tudo aconteceu mais ou menos conforme o previsto. O que não estava nos planos era a morte de Leah.

A moça deveria pular. Em vez disso, continuou firme ao volante, para ter certeza de que o plano não iria falhar. Havia prometido a Lauren e aos outros que não os de-sapontaria. E não pretendia faltar com a palavra.

Ryan viu quando o buggy chocou-se contra o portão, fazendo um barulho ensurdecedor. O corpo de Leah voou pelos ares, seus braços e pernas lembrando uma bo-neca desconjuntada. Bateu na parede e caiu no chão, onde permaneceu, imóvel.

Merda! — gritou Ryan. — Ela não devia...

O impacto da batida inundou toda a área com o napalm. Segundos depois, a frente do hotel estava em chamas.

Jak Lauren e seus homens começaram o ataque.

Krysty acordou, assustada. Havia ouvido barulho de explosão. E gritos. Muitos gritos.

Olhou para a amiga, que ainda dormia.

— Lori! Ei, Lori, acorde! Eles chegaram para nos salvar!

A noite se transformou em dia. Em menos de um minuto, a parte da frente do quartel-general do Barão do Tormento estava em chamas.

Os guardas viravam tochas humanas num piscar de olhos, seus gritos de dor abafados pelo barulho do fogo.

Centenas de pássaros nas árvores ali em volta levantaram voo, à procura de um lugar mais seguro. Ryan viu uma ave branca de pescoço comprido e asas enormes voar majestosamente por sobre o prédio em chamas.

— Agora — ele disse aos outros -, vamos entrar por trás.

O Barão do Tormento dormia tranquilamente, seus braços enlaçando a cintura fina de uma garota Cajum. O corpo da fulana estava coberto por arranhões e mordidas, como sempre ficava depois de uma noite ao lado daquele homem insaciável. Depois de ter feito todas as coisas horripilantes que ele exigira, ela caíra no sono, satisfeita por ter cumprido o dever.

Mephisto entrou voando no quarto, suas roupas amassadas, o fuzil na mão.

Levanta-se, barão! Eles estão aqui! Fuja, depressa!

— Quem está aqui? O caolho?

— Não sei! Só tenho certeza de uma coisa. Há uma verdadeira guerra lá fora!

O Barão do Tormento jogou a garota no chão, colocou seu aparelho de metal e apanhou o revólver debaixo do travesseiro.

Mephisto, excitado, continuava a falar: — O prédio está em chamas! Muitos homens já morreram! O negócio está preto!

— Há muita gente lá fora?

O segurança balançou a cabeça, seu fuzil de assalto M-16 firme em suas mãos.

— Acho que sim. Se não me engano, o responsável por tudo isso é o lobo da neve.

— E o caolho?

— Quem?

O Barão do Tormento o agarrou pelo colarinho.

— Você ouviu, seu imprestável! Quero saber se há algum caolho lá fora! É ele que eu devo temer!

— S... Se há, eu não vi, Barão. O tempo está correndo! É melhor darmos o fora daqui enquanto é tempo!

— Vamos fugir pelo rio. Prepare as canoas e não se esqueça de pegar aquelas duas putas no porão!

— Tarde demais! — Mephisto estava quase histérico. — Você não percebe que... Tudo acabou, Barão. Nós perdemos!

Krysty esperava o desenrolar dos acontecimentos. Sabia que o quartel-general estava sendo atacado por Ryan e que o Barão do Tormento ou qualquer um de seus homens logo apareceria para apanhá-la. Aquele seria o momento ideal para usar seus poderes. Lori, a seu lado, assobiava baixinho para espantar o medo.

Uns dez guardas voaram para dentro de um buggy, prontos para darem o fora daquele inferno. Ryan abriu fogo contra eles, pondo fim em seus planos.

— Será que estamos ganhando? — perguntou Finn, animado.

— Com certeza Leah não poderia ter se saído melhor. Quando tudo isso estiver acabado, vou pedir a Jak que erga uma estátua em homenagem a ela. Nunca vi garota tão eficiente!

Um segurança alto e forte, segurando uma mala, tentou escapar por uma das janelas.

— Deixe o filho da mãe comigo! — exclamou J.B., levantando seu fuzil e metendo uma bala no pescoço do homem.

O corpo do infeliz levantou voo — Rato abandonando o navio — comentou Doc.

A porta do fundo estava destrancada. À esquerda, ainda ouvia-se barulho de tiros.

Ryan e os outros sentiram o cheiro da fumaça entrando-lhe pelas narinas. A velocidade com que o fogo se alastrava era impressionante.

— Agora, tudo o que temos a fazer é pegarmos as garotas e darmos o fora daqui.

Jak disse que é provável que elas estejam no porão. Vamos lá, pessoal!

Lá na frente, Jak Lauren enxugava as lágrimas. Ver o corpo de seu pai ferido daquele jeito e amarrado num poste havia criado um mundo de ódio e dor dentro dele.

Passara seus quatorze anos de vida convivendo lado a lado com a morte. Mas saber que o velho fora liquidado, bem agora que a vitória estava tão a seu alcance, era algo muito amargo.

Porém, os momentos de fraqueza foram breves. Logo, seu autocontrole férreo retomou e ele voltou a comandar o massacre. Até aquele momento, havia perdido três de seus homens. O barão, mais de trinta.

Uma garota magra de cabelos loiros saiu correndo do prédio, metade de seu corpo em chamas. Provavelmente, uma das putas de Tormento. Aquelas coitadas não me-reciam sofrer mais. Já padeciam muito na cama, aguentando aquele monstro dentro delas. Jak Lauren levantou seu revólver Magnum. 357 e meteu uma bala no meio de seus olhos.

Por um momento, o lobo da neve pensou em desamarrar o corpo do poste. Depois, mudou de ideia. Não tinha tempo a perder. O que havia sido seu pai não estava mais ali. Não importava o que acontecesse com seus restos.

Krysty sorriu, quando Ryan entrou no porão chutando a porta, o fuzil G-12 em sua mão, pronto para mandar para o além qualquer um que aparecesse por ali.

Oi, amor.

— Oi. Você está bem?

— Não estaria, se você tivesse demorado mais um pouco. Esse tal de Tormento é um filho da puta. E o segurança-chefe não fica atrás.

Doc Tanner correu para abraçar Lori.

J.B. cortou as cordas que prendia as duas.

— Estamos ganhando? — perguntou Krysty.

— Acho que sim.

— Vocês já pegaram o barão e Mephisto?

— Ainda não. Mas é provável que Lauren já tenha dado cabo deles.

Naquele momento, Mephisto entrou no porão, com dois homens ao lado, Os três portavam fuzis de assalto M-16.

— Vocês vão morrer, seus filhos da puta!

Era como se o segurança-chefe estivesse possuído pelas forças do mal, um brilho estranho emanando de seus olhos esbugalhados. As roupas estavam sujas e manchadas de sangue, mas o fuzil parecia pronto a ser usado a qualquer instante.

— O Barão do Tormento está pronto para deixar a cidade ele anunciou. — E eu e os meus bons amigos aqui vamos com ele. Vocês, seus filhos da mãe, conseguiram fazer numa noite o que aquele incompetente do lobo da neve não fez em muitos anos.

Mas não tem importância. Nós vamos nos estabelecer em outro lugar. E vocês vão para o inferno. Ryan fervia de ódio. Aquele nojento o havia pegado de surpresa. Maldição! Como pudera ser tão descuidado?

Krysty forçou um sorriso.

— Por que você não nos leva até o barão? Ele gosta muito de mim. E da minha amiga também. Pode ser que o homem fique bravo, se você não fizer isso.

Mephisto balançou a cabeça.

— Sinto muito, puta. vocês todos vão morrer. Aqui e agora. Com três fuzis de assalto M-16 apontados para suas cabeças, Ryan e J.B. não ousavam fazer qualquer movimento.

Doc Tanner estava um pouco mais para o lado, com os ombros caídos. Ninguém parecia lhe dar muita atenção. Não passava de um velho indefeso, esperando a morte.

De repente, o velho indefeso esperando a morte tinha uma arma na mão direita e apertava o gatilho.

Era sua pistola Le Mat do século dezenove, que todos julgavam peça de museu.

Além das balas, a arma também atirou uma nuvem de fumaça escura, que se espalhou pela sala.

Aproveitando a confusão, Ryan sacou seu fuzil G-12 e abriu fogo contra o inimigo.

Um segundo depois, o armeiro disparava sua Uzi.

Quando a fumaça se dispersou, Mephisto e os outros dois haviam desaparecido, como num passe de mágica. Então, Ryan avistou um par de botas se mexendo, na virada do corredor.

Correu até lá e viu que os três homens jaziam no chão, em meio a uma poça de sangue. O velho Doc, com suas mãos trêmulas e mente perturbada, havia conseguido liquidá-los.

Um deles pedia ajuda, o sangue escorrendo de sua boca. Fora atingido no nariz, agora transformado numa massa disforme.

Doc Tanner aproximou-se de Ryan e sorriu, ao ver que havia sido bem-sucedido.

— Que Deus me perdoe, Sr. Cawdor. Mas, para falar a verdade, fazia tempo que não me sentia tão feliz!

Os outros foram se juntar a eles.

Lori abraçou o velho.

— Você é o meu herói!

Agora, os dois soldados davam seus últimos suspiros. Mephisto, porém, apesar dos ferimentos no rosto e no ventre, ainda estava consciente.

O fogo já se alastrava pelos quatro cantos do prédio e o calor começava a ficar insuportável. Era provável que Jak Lauren e sua gangue já tivessem acabado com quase todos os soldados do barão.

Mephisto piscou os olhos, o sangue jorrando das feridas.

— Vô... Vocês não vão conseguir pegar Tormento, seus filhos da puta. Ele é muito esperto e a uma hora dessas já deve estar longe.

Krysty olhou para aquele homem agonizante. Um ódio intenso invadiu-lhe a alma e ela cuspiu em seu

rosto.

— Agora é a minha vez — disse Lori, imitando o gesto da amiga. — Que sua alma arda no inferno, seu monstro sem coração!

Ryan olhou em volta, preocupado.

— Se não dermos o fora daqui rapidinho, pessoal, vamos virar carne assada. Quero ver como Lauren e os seus se saíram. Depois, vou atrás do barão.

— Passo ir com você? — perguntou Krysty.

— Não. Quero pegar aquele fodido sozinho. É uma questão de honra.

O quartel-general do Barão do Tormento havia se transformado num inferno. Os homens de Jak corriam por toda a parte, perseguindo e matando todos os seguranças que encontrassem pela frente.

Alguns, porém, conseguiram escapar e foram procurar abrigo nos pântanos.

Ao ver Ryan e os outros surgindo por entre as chamas, Jak correu até eles e contou-lhes sobre o sucesso da missão.

J.B. Dix franziu a testa.

— Se alguns homens conseguiram fugir, então o sucesso não foi tão grande assim.

— Bobagem. Agora que o barão se foi, os Cajuns darão um jeito neles. Os Cajuns ou os mortos-vivos. Bem, agora eu vou fazer a coisa mais importante de toda a minha vida. Agarrar aquele filho da puta e fazê-lo pagar por toda as atrocidades que cometeu!

Ryan balançou a cabeça.

— Não, Jak. Ele é meu.

O garoto apontou para o poste, onde o corpo de seu pai ardia em chamas.

— Não depois daquilo. Quem vai pegá-lo sou eu. E ponto final.

J.B. Dix interrompeu a discussão: — Ei, vocês dois! O tempo está correndo.

Ryan olhou bem dentro dos olhos do lobo da neve. Brilhavam de tanto ódio. O rapaz estava irreduzível.

Ao que parecia, só havia uma solução.

— Vamos os dois juntos. Quem conseguir encontrá-lo primeiro, que comece a atirar.

Vinte minutos depois do início do ataque, o quartel-general do Barão do Tormento já havia sido devorado pelas chamas.

— O filho da mãe deve ter fugido pelo lago que fica atrás do prédio — explicou Jak Lauren. — Sei que há alguns barcos ali, para casos de emergência.

Eles correram até lá, tomando cuidado para não tropeçar nos corpos pelo caminho.

A lua cheia brilhava no céu, seus raios de prata iluminando o lago pantanoso. Mais adiante, Ryan avistou um pedaço de terra, onde havia uma construção estranha.

— Ei! O que é aquilo?

— O Templo onde Tormento faz as suas bruxarias. Segundo ele, é ali que os mortos ressuscitam.

— E os vivos morrem.

Ryan olhou em volta. Não parecia haver sinal de vida naquele pântano. Porém, a densa vegetação seria capaz de esconder um batalhão inteiro.

Jak Lauren franziu a testa.

— O imbecil pode ser esperto, mas as suas pernas são fracas como o diabo. Se não bobearmos, conseguiremos pegá-lo.

Eles entraram num barco e o lobo da neve começou a remar. — Olho vivo, Ryan.

Nessas águas mora um jacaré mutante de meter medo. Se ele vier atrás de nós, estaremos fritos.

— Pode deixar que eu cuido do bichinho. É só o filho da mãe dar o ar da graça e eu descarrego o meu G-12 na cabeça dele.

Cinco minutos depois, os dois chegaram à ilha, sem incidentes.

— Vai ser duro encontrarmos o barão — comentou Ryan, descendo do barco. — Ele conhece o território melhor que ninguém e sabe onde se esconder.

Mal ele terminou de falar, a desgraça aconteceu: Num momento, ele estava de pé, olhando em volta.

No momento seguinte, caía no chão, derrubado por alguma força invisível.

Três mortos-vivos o haviam atacado. Dois homens e uma mulher. Como os outros que encontrara quando chegara à Louisiana, aqueles eram baixos, atarracados e tinham o rosto coberto por cicatrizes. Eram figuras assustadoras e tinham facões nas mãos pegajosas.

Ryan estendeu o braço para apanhar seu fuzil G-12, mas a mulher mutante o chutou longe e avançou em cima dele, tentando acertá-lo. Os dois rolaram no chão, numa luta de vida e morte.

De repente, a morta-viva tombou de lado, o sangue esguichando de seu pescoço.

Jak Lauren sempre fora muito hábil com as facas.

Ryan se levantou imediatamente.

— Obrigado, amigo. Fico lhe devendo uma.

— Ainda é cedo para agradecer, Ryan. Temos mais dois pela frente!

O segundo mutante veio correndo em sua direção, o facão firme em sua mão.

Achando que não teria tempo para sacar sua SIG-Sauer P-226, Ryan abaixou-se e jogou um punhado de lama nos olhos do monstro. Este soltou um grunhido de ódio e levou as mãos ao rosto. Foi fácil acabar com ele. Ryan tirou a faca que trazia junto à bota e cortou a cabeça do mutante, num só golpe.

Fora melhor assim. Se tivesse atirado, o barulho dos disparos teria alertado o ba-rão de que eles estavam por perto.

Olhou para o lado, pronto para ajudar Jak Lauren. Não foi preciso. O lobo da neve havia acabado de enterrar seu facão no pescoço do terceiro mutante. O morto caiu no chão, o sangue esguichando na ferida.

Para ter certeza de que ele não se levantara de novo, Jak cortou-lhe a cabeça.

Olhou para Ryan e sorriu, satisfeito.

— Fácil como atirar num segurança. Agora, é só acharmos Tormento.

— Pode ser que ele tenha ouvido o barulho.

— Não tem problema. O imbecil não pode sair daqui. Com aquelas pernas fracas, duvido que consiga ir para algum lugar. Eu o pegarei.

Ryan limpou o sangue e a lama das mãos em sua camisa.

— Ou eu.

— Tudo bem, cara. Um de nós vai pegá-lo. E é isso que interessa.

O barão quase os despistou. Apesar de seu tamanho descomunal, deu um jeito de se esconder atrás de uns arbustos.

Ryan porém, conseguiu vê-lo e alertou o companheiro: — Ali, Jak!

Os dois se esconderam atrás de um tronco caído de árvore e começaram a atirar.

O barão revidou, duas balas voando por suas cabeças.

Ryan tentou adivinhar que arma era aquela. Se J.B. estivesse ali, ele não só identificaria o modelo, como também diria o ano e o local da fabricação. Ryan, porém, só sabia que se tratava de uma arma grande. Um revólver, talvez. E aquilo significava seis balas.

Mais dois tiros, que arrancaram lascas do tronco de madeira. De repente, uma voz calma e sem pressa soou de trás dos arbustos: — Vamos conversar, lobo da neve?

— Eu vou matá-lo, seu filho da puta!

— Vamos conversar, caolho?

— Eu vou matá-lo, Barão!

Mais um tiro que passou longe.

Ryan virou-se para o amigo: — Ele já atirou cinco vezes. Falta só uma bala. Vai ser fácil pegá-lo.

A voz por trás do arbusto soou de novo; — Eu posso lhes dar muito dinheiro. Muito dinheiro mesmo!

— Prefiro dar um chute no seu traseiro! — respondeu Jak, mandando mais uma rajada de balas em direção ao inimigo.

— Caolho?

— O que é, Barão?

— Eu posso lhe dar tudo.

Ryan deu uma risada.

— Já me ofereceram muitas coisas na vida, Barão. Mas nunca tudo. O que eu iria fazer com tudo?

— Essa é a sua última palavra? Qual é o seu nome?

— Ryan Cawdor. E essa é mesmo minha última palavra. Você está perdido, cara. Sei que só tem uma bala. Mais cedo ou mais tarde, nós o pegaremos.

— É isso aí. Só sobrou um tiro. Um tiro para mim mesmo. Gostaria de ter levado vo-cês comigo. Au revoir, mes amis.

E o barão atirou.

— Cuidado — cochichou Ryan -, o filho da mãe deve estar blefando.

Não estava.

Ouviram-se um grito medonho e o barão surgiu de trás dos arbustos, as duas mãos segurando o rosto ensanguentado.

Ryan não demorou a compreender o que havia acontecido. Tormento devia ter colocado a arma na boca e puxado o gatilho, na tentativa de estourar os miolos. Daquele modo, escaparia das mãos do lobo da neve e de seus seguidores. Porém, seu plano falhara. O cano fora mal colocado e a bala acabara saindo logo abaixo do olho direito.

Ele caiu no chão, urrando de dor.

Ryan se aproximou, pronto para matar o homem ferido.

Jak Lauren, porém, o impediu.

— Aperte esse gatilho e eu acabo com a sua raça!

— O que você pretende fazer, Jak?

— Duas coisas. Você já vai ver.

Com a maior calma do mundo, o lobo da neve desabotoou a parte da frente de sua calça e urinou no rosto do barão, o líquido amarelo espirrando nos olhos e na boca do moribundo, fazendo-o tossir e engasgar.

— Isto aqui é pelo que você fez com meu pai, seu fodido. Agora, o resto é por todos os inocentes que morreram na sua mão.

Ele desamarrou uma corda que trazia presa à cintura.

— Me ajude aqui, Ryan. Já vou te contar o que tenho em mente.

A corda foi amarrada na cintura do gigante, a outra ponta presa na popa do barco.

Jak e Ryan começaram a remar, arrastando o corpo para dentro da água.

— Será que vai dar certo? — perguntou Ryan, O lobo da neve apanhou seu remo e bateu com ele na água lamacenta.

— Ei, por que você fez isso?

— Você já vai ver.

De repente, Ryan viu um tronco imenso de árvore numa das margens ganhar vida e mergulhar.

— É agora; amigo. Prepare-se para ver um espetáculo inesquecível.

Momentos depois, o jacaré mutante se aproximava do barco.

— É o bicho mais descomunal que eu já vi! — exclamou Ryan, impressionado.

Agora, a besta nadava lado a lado com o corpo. Saiu da água por um momento, seus olhos assustadores encarando o rosto arruinado do barão. Então, a mandíbula se abriu, mostrando uma fileira de dentes afiados.

E se fechou.

Ryan nunca se esqueceu do barulho de carne e ossos sendo devorados, arrancados de um corpo com vida.

No momento em que chegaram à outra margem, onde os outros os esperavam, o fim da corda era apenas um nó ensanguentado.

Nada mais havia sobrado.

30

— Não, Branquela.

Aquele era o apelido que Ryan havia dado ao lobo da neve.

— Por favor!

— Não. Seu lugar é aqui, ao lado do seu povo. Nós o ajudamos a liquidar o barão.

Agora, o resto é com você.

— Eu vou junto.

— Não vai coisa nenhuma. E os moinhos de vento? E as plantações para que a sua gente tivesse o que comer?

Jak Lauren, o lobo da neve, estava irredutível.

Três dias haviam se passado desde a batalha sangrenta do quartel-general do Ba-rão do Tormento. Os mortos já tinham sido enterrados e os soldados que conseguiram escapar, perseguidos como animais e executados.

Os Cajuns haviam estado em Lowel ton e constatado que os rumores eram verdadeiros.

Felizmente, os dias de horror e escravidão tinham chegado ao fim.

A paz voltara aos pântanos da Louisiana.

Agora que já estava tudo acertado, Ryan e seu grupo preparavam-se para partir.

O que ninguém imaginava era que o lobo da neve fosse insistir tanto para ir junto.

Ele havia lavado seus cabelos, o branco fazendo contraste com o vermelho intenso de seus olhos.

— Eu já lhe disse um dia, Ryan. A única coisa que sei fazer é matar. E ninguém mais precisa ser morto nesta terra. Meu povo não precisa mais de mim.

Os outros, sentados nas poltronas empoeiradas do velho cinema, olhavam para o rapaz.

Doc e Lori estavam de mãos dadas, a cabeça da garota encostada no ombro do velho.

J.B. brincava com seu chapéu e Finnegan palitava os dentes, depois de ter repetido duas vezes um delicioso guisado.

Krysty, ao lado de Ryan, ainda não havia se manifestado.

— Mas eles precisam de você, Branquela!

— Não, Sou eu que... preciso de você, Ryan.

Não havia dúvida de que o rapaz era um grande lutador. Um pouco genioso, sem dúvida, mas certamente seria uma ótima aquisição para o grupo. Após a morte de Henn, era como se houvesse uma vaga disponível.

— Eu ainda não sei...

Jak Lauren balançou a cabeça, seus cabelos cobrindo-lhe o rosto.

— Meu trabalho já está feito, Ryan. Meu povo viverá nesta terra para sempre. A sombra foi afastada. Como um vento forte, vocês nos ajudaram a expulsar o verme.

Ryan ainda estava indeciso. Afinal, o lobo da neve não passava de uma criança de quatorze anos.

O garoto esboçou um sorriso.

— Sabe de uma coisa, Ryan? Se você não me levar junto, vai ver como ficará difícil achar o caminho de volta para aquela tal máquina de transporte!

J .B, Dix franziu a testa.

— Isso é uma ameaça, Branquela?

— Uma promessa, digamos assim.

Doc Tanner começou a rir. Aquele garoto era mesmo corajoso como o diabo.

Os outros também caíram na risada, Então, foi decidido.

EPÍLOGO

As despedidas foram breves.

Eles atravessaram a cidade e começaram a longa caminhada em direção ao esconderijo.

Chegaram lá no fim da tarde, quando o sol começava a se pôr.

Tudo estava exatamente como eles tinham deixado.

Seguiram pelo longo corredor e foram dar na antecâmara, cheia de luzes e máquinas.

O lobo da neve arregalou os olhos.

— Que lugar estranho!

— Agora, nós vamos entrar na máquina — explicou Ryan. — Você só precisa fechar os olhos.

Quando acordar, estaremos em outro lugar.

— Que lugar?

— Ninguém sabe.

Momentos depois, estavam todos prontos para a partida. Ryan fechou a porta e sentou-se junto aos outros.

— Aqui vamos nós.

Jak Lauren começou a cantarolar baixinho: Eu estava perdido e me encontrei, Não enxergava, agora eu vejo.

De repente, tudo começou a girar.

O último pensamento de Ryan, antes que a escuridão caísse sobre ele, foi o de que, dessa vez, talvez eles fossem parar num lugar um pouco menos quente.

ILHA DA MAGIA

JAMES AXLER



NOVA CULTURAL

CRATER LAKE

© 1987 by Worldwide Library

Originalmente publicado, em 1987,
pela Worldwide Library, Canadá.

A marca GOLD EAGLE, consistente nas palavras
GOLD EAGLE e no colofão representando
uma águia, é marca registrada na Harlequin
Enterprises BV, Toronto, Canadá.

ILHA DA MAGIA

© 1989 para a língua portuguesa

EDITORA NOVA CULTURAL LTDA.

Todos os direitos reservados, inclusive o direito de
reprodução total ou parcial, sob qualquer forma.

Tradução: Vera C. P. Limongi

Nova Cultural: Av. Brig. Faria Lima, 2000 — 3º andar
Caixa Postal 2372 — CEP 01452 — São Paulo — Brasil

Esta obra foi composta na Editora Nova Cultural Ltda.

Eu, um estranho assustado, num mundo que não ajudei a criar.

A. E. HOUSMAN

1

Jak Lauren olhou em volta.

Sentiu uma pontada aguda na cabeça, que o fez gemer e fechar os olhos cor-de-rosa. Torceu os dedos, enterrando as unhas nas palmas das mãos. Ao mover-se, as aplicações de metal costuradas em sua roupa brilharam.

"Eu era cego, mas agora enxergo... "

A troco de que a frase daquele velho hino voltara à sua cabeça numa hora dessas?

Abriu os olhos de novo, piscando por causa da claridade. Olhou para cima. Havia luzes coloridas no teto. De repente, algo de muito estranho chamou-lhe a atenção.

As paredes daquele lugar estavam pintadas de rosa. O que havia acontecido? Havia um minuto, elas eram azuis. Azuis, como o céu. Tinha certeza.

A dor de cabeça agora era insuportável.

Jak Lauren sentia-se muito pior do que naquele dia, quatro anos atrás, quando co-memorara seu décimo aniversário. Seu pai passara o dia todo vasculhando os porões das casas abandonadas da cidade de Lowel ton, perto de Lafayette, onde outrora existira o Estado de Louisiana, e encontrara uma garrafa cheia de um líquido branco que se chamava tequila. Aquilo fora seu presente. A bebida era gostosa e o jovem Jak esvaziara a garrafa inteira. O dia seguinte havia sido o pior de sua vida.

Porém, a dor de cabeça e o enjoo de estômago daquela época não se compara-vam ao que ele sentia agora. Era como se alguém tivesse aberto seu crânio e sugado com um canudinho tudo o que houvesse lá dentro.

— Como está se sentindo, Branquela?

Jak Lauren recostou-se numa parede e gemeu de novo. Pensou que fosse vomitar e abaixou a cabeça. Os cabelos brancos cobriram-lhe a testa. Respirou fundo várias vezes, tentando se controlar. Não queria demonstrar nenhum sinal de fraqueza na frente de seus seis novos amigos.

"Amigos não!", ele disse a si mesmo. "Amigos costumam trair uns aos outros.

Companheiros é uma denominação mais apropriada... "

— Estou sentindo uma coisa esquisita...

— É frio — explicou um de seus companheiros.

Ele nunca sentira aquilo na vida. Só conhecia o calor quase insuportável de sua terra natal. Será que estava mesmo em outro lugar? Será que aquela tal máquina de transporte realmente funcionava?

— Tente relaxar, Jak. A gente se sente mal como o diabo, mas acaba melhorando.

— A primeira vez sempre é a pior — declarou uma voz feminina.

Ele levantou a cabeça lentamente e olhou para a moça que havia falado aquilo. Era Lori, a linda loira de cabelos compridos, que devia ter pelo menos vinte centímetros a mais que ele. Ela usava um vestido vermelho colado ao corpo, que revelava as coxas longas e bem-feitas. Nos pés, botas de saltos altíssimos, que entretanto não a impe-diam de correr. Ao contrário, ela se movia com a graça de uma gazela. Como de costume, trazia a pistola Walther PPK calibre 22 presa ao cinto.

Ao lado da moça, com o braço em seu ombro, estava o mais velho do grupo, o Dr.

Theophilus Tanner. Devia ter uns setenta anos, era alto e grisalho e ainda havia lama da Louisiana em seus sapatos. A camisa azul e o paletó manchado que usava pareciam relíquias, algo tirado de um livro velho, de muito antes do holocausto. O lenço da cor da camisa e o chapéu jaziam no chão, a seu lado.

— Sente-se melhor, meu caro jovem?

— Um pouco, Doc,.

O velho apanhou a bengala que estava em seu colo. Era toda de marfim, com uma cabeça de leão de prata no topo. Jak sabia, porque Finnegan havia lhe contado, que a tal bengala escondia uma espada muito bem afiada. Além dela, Doc também andava com uma pistola velha, de marca Le Mat.

Finnegan piscou para Jak. O gorducho estava pálido e gotas de suor escorriam de sua testa.

— Viagenzinha sem-vergonha, né?

O rapaz esboçou um sorriso. Gostava das roupas de Finn, embora lembrassem o uniforme dos seguranças do Barão do Tormento: calça azul-marinho, malha grossa e botas pretas. Uma das coisas que Jak Lauren mais sabia fazer era matar. Seu pai sempre lhe dissera que tirar a vida de uma pessoa era um ofício como outro qualquer. E, como tal, poderia ser aprendido.

Jak aprendera muito bem.

Preso ao cinto, o gordo Finn trazia um facão de açougueiro. No coldre junto ao quadril, ia a pistola Beretta modelo 92, de 9 mm. Nas mãos, ele segurava firme a inseparável submetralhadora Heckler & Koch com um silenciador. Jak conhecia armas e havia reconhecido aquela como sendo uma versão mais moderna da H&K

54A2, do fim dos anos noventa do século passado.

O rapaz tentou se levantar.

O homem a seu lado, porém, o impediu.

— Dê mais um tempo.

J.B. Dix, o armeiro, nunca usava cinco palavras, quando podia usar quatro.

Ele era o homem mais calmo e quieto que Jak Lauren já tinha encontrado. Alto, magro, de óculos redondos e rosto encovado, devia ter uns quarenta e poucos anos e usava um chapéu enterrado na cabeça. Era o mais observador do grupo. Além da míni-Uzi, trazia uma pistola Steyer AUGH de 5.6 mm, no coldre junto ao quadril.

Jak desconfiava de que o armeiro também trazia facas e outras armas escondidas debaixo da roupa.

— Pensei que fosse morrer, na minha primeira viagem.

O comentário havia sido feito por Krysty Wroth.

Aquela mulher deixara o rapaz apavorado. E excitado também. Tinha um corpo perfeito, que alimentava suas fantasias, lindos olhos verdes e os cabelos ruivos mais bonitos e brilhantes que alguém já vira. Era estranho, mas ele podia quase jurar que aquela cascata vermelha que lhe cobria as costas tinha vida própria, os cachos balançando suavemente, mesmo quando não havia nenhum vento.

Krysty tinha também o dom da premonição, Podia sentir o que iria acontecer. Não que fosse adivinha, mas conseguia prever qualquer problema que estivesse para acontecer. Também possuía uma visão e uma audição invejáveis. Tudo aquilo adicionado ao fato de que, às vezes, ela conseguia reunir a força de cem homens, já era o suficiente para botar medo em qualquer cristão.

Ali estava ela, sentada no chão, usando um macacão cáqui e botas de cano alto, sorrindo para ele. No coldre junto ao cinto, ia urna pistola Heckler & Koch P7A-13, de 9 mm.

— Nunca vou esquecer a minha primeira viagem! — falou Krysty. — Pensei que fosse explodir de tanta dor de cabeça!

Jak retribuiu-lhe o sorriso e tentou levantar-se pela segunda vez.

— Não se esforce muito — ordenou o sexto e último membro do grupo, o líder Ryan Cawdor.

Desde a primeira vez que o vira naquele hotel de Lowel ton, ele sentira que Ryan Cawdor era um homem em quem se podia confiar. Um líder nato, com certeza.

Recostado à parede, com as pernas cruzadas, ele não parecia tão abatido quanto os outros. Era o mais alto do grupo, tinha ombros largos e quadris estreitos. Os cabelos eram pretos e armados. Em volta do pescoço, usava um lenço branco de seda.

Finnegan dissera uma vez que havia bolas de chumbo costuradas nas duas pontas da echarpe, transformando-a assim numa arma excelente.

O rosto era firme, cortado por uma enorme cicatriz que ia do olho direito até o canto da boca. O olho esquerdo havia muito fora perdido, a cavidade inútil escondida por um tampão de couro. Finn dissera que o próprio irmão de Ryan tinha sido responsável pelos ferimentos. Porém, Jak não acreditava nele. O gorducho era meio exagerado e nem sempre dizia a verdade, Ryan usava camisa e calça marrons. Nas mãos, trazia um fuzil automático Heckler & Koch G-12 com silenciador. Preso a uma das botas, havia um facão de açougueiro, parecido com o de Finnegan. No coldre, junto ao cinto, ia uma pistola SIG-Sauer modelo P-226, de 9 mm. Jak já havia lido sobre aquela arma. Media 19,6 centímetros, pesava 723 gramas e disparava quinze vezes. Sauer era o sobrenome de J.P.

Sauer e SIG eram as iniciais de Schweizerische Industrie-Gesellschaft.

Uma arma muito mais bonita do que seu revólver Magnum. 357, sem dúvida nenhuma.

Jak Lauren cruzou os braços para se proteger do frio.

— Mas que tempo filho da puta!

Ryan se levantou, ágil como um gato.

— É, está gelado mesmo.

— Talvez a gente encontre agasalhos neste depósito — sugeriu Krysty, esfregando as mãos para se aquecer.

— Para falar a verdade, eu prefiro o frio àquele calor horrível da Louisiana — comentou o velho Doc.

Onde será que estamos? — perguntou o rapaz, afastando os cabelos brancos da testa.

— Estamos aqui — respondeu Ryan Cawdor.

— Nós estamos sempre aqui — acrescentou Lori, olhando em volta para certificar-se de que todos haviam entendido sua brincadeira.

Assim que o pessoal se levantou, Ryan abriu a porta da máquina de transporte.

Era só agora que eles iriam ver para onde o destino os levara dessa vez.

2

Ryan e seus amigos foram dar numa sala pequena, as paredes brancas, já meio amareladas pelo tempo. Todas as antecâmaras por onde o grupo tinha passado eram limpas e bem conservadas, onde não havia traço sequer da presença humana.

Só que agora as coisas eram bem diferentes. Aquela sala parecia ter sido desocupada havia trinta segundos. Pelo menos, foi a impressão que Ryan teve.

Instintivamente, ele levou o dedo ao gatilho, pronto para mandar para o inferno o primeiro engraçadinho que aparecesse pela frente. Seus companheiros imitaram-lhe o gesto. A tensão no ar era palpável.

— Está sentindo cheiro de alguma coisa, Krysty? Ela se concentrou por um momento.

— Só de mofo.

Havia um jornal aberto em cima de uma mesa, ao lado de uma lata vazia de Coca-cola e um prato com restos de comida. Do jeito como o garfo e a faca tinham sido deixados, era como se a pessoa tivesse interrompido sua refeição um minuto atrás.

Pregado na porta da máquina de transporte, um cartaz trazia a mesma mensagem de sempre: "Entrada Expressamente Proibida"

Ryan apontou para um armário, encostado a uma parede. — Será que tem alguma coisa de interessante aí dentro?

— Deixe que eu vejo — Jak Lauren ofereceu-se.

O albino encostou um dedo na porta, para ver se não dava choque. Como não deu, abriu-a com as duas mãos.

Estava cheio de papéis.

Havia seis prateleiras à esquerda e cinco à direita, todas elas repletas de laudas de cores e tamanhos diferentes.

Só que estava tudo em branco...

Ryan ficou desapontado. Viajara por toda a Terra da Morte, esperando encontrar informações sobre o mundo de antes da grande destruição. Já lera livros e vira filmes, mas aquilo não havia sido suficiente. Sonhava encontrar alguma chave para o passado, algum jeito de entender que tipo de loucura havia atacado os habitantes da Terra, um século atrás. Como um vírus terrível, a insanidade destruíra o planeta de modo irreversível. A população fora quase toda dizimada. A ciência estava perdida para sempre. Ryan, porém, não lamentava esse último fato. Pelo que pudera descobrir a respeito da vida antes do ano 2001, chegara à conclusão de que os cientistas eram tão culpados pelo holocausto quanto os políticos ambiciosos.

Agora, a única coisa que ele podia fazer era levar um pouco de paz e esperança aos lugares por onde passava. Não era muito, mas pelo menos ajudava.

— Vamos dar uma olhada nesse jornal — sugeriu Krysty, tirando a lata de Coca-cola ali de cima.

Ryan debruçou-se sobre a mesa e examinou as páginas amareladas pelo tempo.

— Gazeta de Ginsburg Falls — ele leu em voz alta.

A data era de 19 de janeiro de 2001.

— Véspera do holocausto — anunciou Doc Tanner.

— Ao que parece, estamos no Oregon — continuou Ryan. — Ei, J.B., onde fica isso?

— Entre os Estados da Califórnia e Washington, se não me engano — respondeu o armeiro.

— Gozado. Nunca estive neste Estado com o Negociante.

— Nem eu.

Os dois homens eram amigos havia mais de dez anos. Tinham trabalhado juntos para o Negociante, que, com sua frota de tanques e caminhões, percorria quase toda a Terra da Morte, comprando barato e vendendo caro. Seus funcionários levavam uma vida de riscos. Às vezes, encontrava-se pela frente alguém que queria pagar um preço menor que o estabelecido. Às vezes, encontrava-se alguém que não queria pagar preço algum. Era por isso que os tanques e caminhões tinham de ser muito bem protegidos. Era por isso que se via tanta morte, quando se andava com o Negociante.

— Vamos tomar cuidado com esse jornal — avisou Krysty. As páginas estão a ponto de se desintegrarem.

Todos deram um passo para trás, exceto Doc Tanner, que parecia hipnotizado pela gazeta de antes do grande inverno.

— O que será que preocupava os bons habitantes de Ginsburg Falls, um dia antes de a grande maioria ir ao encontro do criador? Será que eles previam o que iria acontecer?

— Parece que não — respondeu Krysty. — Olhe essa manchete: "Prefeito inaugura mais uma escola". Pelo jeito, o pessoal daqui nem imaginava a desgraça que estava para se abater sobre as suas cabeças.

— Deixe-me ver as outras notícias — pediu Ryan. — Hum... Casamentos, batizados, velórios... É, acho que ninguém esperava por uma guerra nuclear. Pobre gente!

— Não se esqueça de que essa é uma gazeta de uma cidadezinha do interior, meu caro Sr. Cawdor — lembrou Doc Tanner. — Com certeza, os grandes jornais como o Times ou o Post trouxeram informações a respeito da tensão internacional durante meses a fio... Os habitantes do rural Oregon não deviam estar preocupados com tudo isso. E ainda havia Cuba... Deus do céu, o que era Cuba mesmo? Uma ilha governada por um homem barbudo, que fumava charuto... Eu me lembro que...

O velho deu uma risada estridente e parou de falar. Momentos depois, seus olhos estavam cheios de lágrimas. Lori o abraçou. Apesar de ter melhorado muito, desde o dia em que Ryan o encontrara na cidade de Mocsin, na Terra da Morte, o velho Doc Tanner ainda tinha frequentes ataques de loucura.

— Bem... Vamos sair daqui e tentar descobrir onde viemos parar — disse J.B.

— Será que isto aqui é um depósito, como aquele onde eu morava com Quint? - perguntou Lori.

— É o que vamos ver agora.

Ryan abriu a porta da sala e encostou-se na parede, pronto para se defender do que quer que fosse. O Negociante sempre dizia que nada de mau acontece àqueles que estão preparados .

Descuide-se por um momento e você vira presunto...

Respirou fundo, para ver se sentia algum cheiro. Porém, a única coisa que sentiu foi um frio miserável.

Olhou para Krysty. — O que você acha?

A garota franziu a testa.

— Tenho a impressão de que não há ninguém por aqui.

Ryan deu um passo à frente e entrou na sala. A não ser por alguns papéis espalhados pelo chão, tudo parecia normal. Como as outras ante-salas por onde havia passado, aquela também tinha computadores e luzes piscando por todos os cantos.

J.B. Dix deu um suspiro desanimado.

— É uma pena não podermos controlar essa droga. Seria tão bom se pudéssemos voltar...

— Voltar? Mas voltar para onde?

— Para o tanque, onde ficaram os nossos amigos. Cohn, Howak, O'Hara, Lint, Hoo-ley, Loz, Cathy...

Onde será que eles estão agora? Estarão mortos ou vivos?

Ryan balançou a cabeça.

— Na verdade, poucas semanas se passaram desde que nós os deixamos. Para mim, é como se fizesse anos... De qualquer modo, eles podem ter deixado a Terra da Escuridão e fixado residência em algum

outro lugar.

Doc Tanner parecia ter voltado a seu estado normal.

— Nós não podemos voltar, Sr. Dix. Eu já lhe disse isso. Não conhecemos os códigos. Podemos passar anos tentando, sem nunca voltarmos ao mesmo lugar. E provavelmente iríamos acabar parando numa máquina quebrada, e eu juro que não sei o que isso significaria.

— Se nós chegássemos a uma câmara que não existisse mais, você acha que nós também deixaríamos de existir? — perguntou Krysty.

O velho limitou-se a balançar os ombros e não respondeu.

— Alguém deve saber como funcionam esses tais códigos — comentou Finnegan. — É só irmos perguntando e, um dia, teremos a resposta.

Doc, porém, não parecia acreditar muito naquilo. — Duvido, meu caro gorducho.

— Não há manuais que ensinem como mexer nos controles? — perguntou Lori.

— Infelizmente, não, minha criança. Aliás, eu acho que ninguém mais vai conseguir usar essas máquinas de modo correto.

— Ei! — exclamou Finn, apontando para um objeto em cima de uma mesa. — O que é isso? Parece um rádio! Será que vamos poder entrar em contato com o pessoal do tanque?

— Claro que não — respondeu o armeiro. — Eles estão muito longe daqui.

— Bem, não custa tentar...

O gorducho apertou uma porção de botões, um dos quais ligou a geringonça, fazendo um barulhão. O ruído da estática chegava a ser ensurdecedor.

— Arrume logo essa droga! — berrou Ryan. — Tente sintonizar em alguma estação!

Finnegan mexeu em vários botões, até que uma voz clara e sonora começou a soar.

Todos ali em volta fizeram silêncio para ouvi-la: "Alô, amigos. Se quiserem saber um pouco mais a respeito da tecnologia do ano 2000, prestem atenção nessa mensagem. Nós, os cientistas do norte de Ginnsburg Fal s...".

A voz começou a ficar mais fraca: "... temos a honra de apresentar..."

O aparelho ficou mudo, apesar dos esforços de Finnegan para consertá-lo.

— Essa porcaria estava parada há cem anos — comentou J.B.

— Deve ter queimado.

— Que merda! — berrou o gorducho. — Mais dois minutos e poderíamos obter informações importantes a respeito dessas máquinas!

Ryan franziu a testa, pensativo. Será que ainda havia alguém por aquelas bandas que soubesse mexer corretamente naquelas máquinas? Ou será que aquela voz pertencia a alguém que já tinha morrido?

A alavanca que abria a porta da frente estava emperrada e Ryan teve de usar de toda a sua força para levantá-la. Ouviu-se o barulho de máquinas, provavelmente escondidas dentro das paredes da sala.

Assim que a porta começou a abrir, Ryan virou-se para os amigos, a fim de recomendar que tomassem cuidado. Porém, com o canto do olho, conseguiu enxergar alguém no corredor estreito ali em frente.

Alguém de pé...

Alguém...

Ryan virou-se de novo. Um homenzinho engraçado o encarava. Havia uma arma enorme e estranha em sua mão.

Tudo aconteceu muito depressa.

O barulho de um tiro, que o deixou meio surdo.

Um grito, medonho e assustador.

E um golpe forte, que o derrubou ao chão.

A escuridão da noite caiu sobre ele.

3

— Você está melhor, querido?

Aquelas foram as primeiras palavras que Ryan Cawdor ouviu, ao voltar do abismo escuro da inconsciência.

Pôs a mão na cabeça, que parecia que ia explodir de tanta dor. Seus dedos ficaram úmidos de sangue. Respirou fundo, abriu o olho e olhou em volta.

Ainda se encontrava na sala dos computadores. Reparou que a porta havia sido fechada novamente.

Krysty, ajoelhada a seu lado, repetiu a pergunta: — Está melhor, amor?

— Estou. Quem me acertou?

— Havia um mutante lá fora. Você o viu?

— Vi. Era um homenzinho de cara gozada, com uma arma enorme.

— Aquilo mais parecia um canhão. Se o miserável tivesse atirado, você já estaria no Além há muito tempo. Felizmente, ele não atirou, — Mas eu ouvi...

— Fui eu — anunciou Lori, um pouco assustada.

— Você matou o cara?

Krysty sorriu.

— A pobrezinha está assustada porque a bala que acertou o mutante não pegou você por um triz.

— De qualquer modo, você salvou a minha vida, Lori. Obrigado. Mas posso saber quem foi que me derrubou?

— Sinto muito, Ryan. Eu não tive escolha.

— Jak?

— Eu mesmo.

Ryan não conseguia acreditar que um raquítico daqueles o tivesse derrubado daquele jeito.

— Posso saber o que você fez?

— Chutei você.

Ele balançou a cabeça e sorriu. Aquilo não podia ser verdade.

— Foi isso mesmo que aconteceu, amor — afirmou Krysty. — Nem eu imaginava que Jak fosse tão rápido. Vou para cima de você e te passou uma rasteira, tirando-o da linha de fogo do mutante. Sua cabeça foi a primeira coisa a bater no chão.

Finnegan sorriu.

— Esse Branquela é mesmo um demônio!

Ryan se levantou, fazendo força para controlar a tontura.

— Obrigado, Jak. Obrigado, Lori. Vocês sabem se há mais mutantes por aí?

— Depois que Lori despachou aquele para o Além, fomos dar uma olhada no corredor — respondeu J.B. — Parecia deserto. O teto está bem estragado. Em alguns lugares, ele até já despencou.

— Quero dar uma olhada.

Dessa vez, Ryan tomou mais cuidado. Abriu a porta, olhou para os dois lados e só quando constatou que não havia ninguém por ali é que fez sinal para que os amigos o acompanhassem.

— Está vendo isso? — Krysty mostrou, apontando as marcas de arrombamento do lado de fora da porta de metal. — Alguém deve ter tentado entrar aqui.

— Mutantes como esse? — perguntou Ryan, olhando para o corpo do homenzinho morto.

Lori o acertara, ou porque era muito sortuda, ou porque tinha uma ótima pontaria.

Considerando-se, porém, que a bala passara raspando por sua cabeça, Ryan preferiu não saber qual

das duas hipóteses era a verdadeira.

O mutante não devia ter mais do que uns trinta anos. O rosto era achatado, a pele esburacada, e a boca aberta revelava dentes longos e tortos. As mãos ainda segura-vam uma arma estranha, de fabricação caseira.

— Eta arminha sem-vergonha! — brincou Finn.

— Ela seria capaz até de furar uma barriga grande como a sua — respondeu Ryan, chutando-a longe.

Ainda havia uma outra arma presa ao cinto do mutante morto.

Era um objeto estranho e pontudo, que media alguns centímetros.

J.B. ajoelhou-se para examiná-lo.

— Muito interessante.

— O que é muito interessante, meu caro amigo Sr. Dix?

— Esse negócio aqui. Acho que é uma lança.

Doc Tanner pareceu não acreditar muito naquilo.

— Está brincando comigo, não está?

— Não.

— Mas para que iria servir uma lança desse tamanho? Só se fosse para caçar os habitantes da Terra de Lil iput.

— Onde fica Lil iput? — perguntou Finn, intrigado.

Sua pergunta, porém, foi ignorada.

J.B. Dix tirou a arma do cinto do cadáver. Ele tinha razão. Era mesmo uma lança, que se desdobrava em várias partes, até ficar com mais de um metro de comprimento.

Jak Lauren deu um assobio.

— Uau! Posso ficar com ela, Ryan?

— Claro. Por que não? Estou louco para ver onde viemos parar.

A avalanche podia ter acontecido a qualquer hora. Talvez no mês passado, talvez na época em que as bombas nucleares caíram por sobre os Estados Unidos da Amé-

rica. Blocos de concreto, pedra e terra bloqueavam o corredor, deixando apenas um buraco pequeno como passagem.

Ryan olhou para Krysty.

— Está ouvindo alguma coisa?

Ela se concentrou durante alguns instantes.

— Acho que sim. Passos ao longe... ou barulho de motor. Não posso dizer com certeza. Esse entulho todo atrapalha a minha audição.

Jak ajoelhou-se no chão e examinou o buraco.

— Acho que podemos passar para o outro lado. Espaço aqui é o que não falta.

Podia não faltar espaço para uma pessoa normal. Mas faltava para Finnegan. O gorducho quase ficou entalado no buraco e só conseguiu passar para o outro lado a custa de muito esforço. Ao terminar a travessia, ele suava em bicas, apesar do frio.

Ryan e seus amigos continuaram a andar pelo corredor. Mesmo ali dentro, soprava um vento gelado que penetrava até os ossos.

Naquele momento, eles começaram a sentir saudades do calor que fazia na terra pantanosa da Louisiana.

— Você acha melhor voltarmos à máquina de transporte e procurar outro lugar? - perguntou Krysty.

— Não — respondeu Ryan. — Quero ver onde viemos parar dessa vez. Apesar do frio e dos mutantes, poderemos encontrar coisas interessantes por aqui.

— É isso mesmo, meu caro sr. Cawdor — comentou Doc, mostrando os dentes muito brancos. — Vamos continuar levando nosso estandarte nas mãos e gritar "Excalibur!"

a todos que encontrarmos pela frente!

Havia ocasiões em que Ryan achava que o velho nunca iria recuperar o juízo totalmente.

Todos estavam alerta.

J.B. Dix ia na frente, seguido de perto por Finnegan. Doc e Lori andavam juntos, escoltados por Jak Lauren e Krysty. Ryan vinha por último, protegendo o grupo todo.

J.B. fez sinal para que todos parassem e ajoelhou-se no chão, o dedo firme no gatilho de sua míni-Uzi.

— O que foi? — berrou Ryan lá de trás.

— Pensei ter visto alguém ali adiante — ele respondeu. — Mas pode ter sido impressão minha.

Eles continuaram a andar. Passaram por muitas salas, todas elas abertas. Não havia nem sombra de mobília ali dentro.

Mais para a frente, porém, encontraram uma porta fechada. Era muito maior que as outras e, ali pregado, havia um cartaz que dizia: "Depósito de Alimentos".

— Parece que vamos encontrar coisas interessantes aí dentro comentou J.B. — Vamos entrar?

— Entrar como? — Ryan encostou a mão na porta. — Olhe, ela é toda de metal. E pelo que estou vendo, não há nem sinal de maçaneta.

— Pode não haver maçaneta, mas há esse painel de controle aqui ao lado.

Ryan olhou para a caixa cheia de botões que J.B. apontava.

— Como vamos saber qual desses botões abre a porta?

— Simples. É só apertar todos eles e ver no que dá.

— Será que vale a pena? — Ryan ficou pensativo por alguns instantes. — Ei, pessoal, vamos fazer urna votação. Quem acha que devemos entrar nessa sala, que levante a mão.

Finnegan foi o primeiro a levantar. Quando se tratava de entrar num depósito de comida, o negócio era com ele mesmo! Os outros também levantaram.

— Tudo bem. Vamos lá.

— Deixe que eu aperto os botões — ofereceu-se J.B. — Cruzem os dedos, amigos.

Ele apertou o primeiro... Nada! Apertou o segundo... A porta nem se mexeu... Um minuto depois, já tinha apertado todos, sem sucesso.

— Tente apertar dois de cada vez, meu caro Sr. Dix — sugeriu Doc Tanner.

Dito e feito. Foi só tocar no primeiro e no segundo de uma só vez e a porta de metal começou a se abrir.

— Tomara que tenha um banquete esperando a gente aí dentro! — exclamou Finnegan, esperançoso. O gorducho ficou desapontado.

A sala não estava tão vazia quanto alguns depósitos que Ryan e J.B. tinha encontrado durante as viagens com o Negociante, mas de qualquer modo havia pouca coisa dentro daquelas quatro paredes.

— Merda! — reclamou Ryan. — Este lugar já está começando a me irritar.

— Ei! — exclamou Finnegan. — Olhem só! Tem água e comida em lata naquele canto!

Pela primeira vez desde que chegara ali, Ryan se deu conta da fome e da sede que sentia. Sua garganta não podia estar mais seca — e parecia haver um buraco em seu estômago.

Abriu uma garrafa de água e bebeu um gole, no próprio gargalo. — Hum... Que delícia! Podem tomar, pessoal. A água está fresquinha.

Finnegan, porém, preferiu ir direto à comida. Pegou a primeira lata que viu pela frente, abriu e jogou o conteúdo no chão. — Credo! Isto aqui parece merda!

Ryan sorriu.

— E deve ter o mesmo gosto.

— Que raio de droga é essa?

Foi J.B. quem respondeu: — Aspargos, Finn. O cheiro forte vem do ferro, usado como conservante.

— Isso aí pode ter o nome que for, cara. Mas que parece pau de mutante, parece.

O conteúdo das outras latas tinha melhor aspecto e eles começaram a comer.

Ryan só se sentiu satisfeito depois de devorar três latas de feijão com carne de porco.

Krysty preferiu um risoto de frango. Lori, Doc e J.B. tomaram uma sopa de legumes, e Jak Lauren só comeu frutas. Finnegan gostou tanto de um macarrão com molho, que comeu sozinho cinco latas inteiras.

— Ainda tem espaço na minha barriga para mais outras cinco — ele comentou, lam-bendo os beiços.

Doc Tanner olhou com desdém para aquele monte de latas. — Ah, que saudade do tempo da comida de verdade! A arte culinária acabou nos anos cinquenta, quando essa droga de comida enlatada foi inventada! Nunca vou me esquecer dos banquetes de Emily.. Que peru delicioso ela fazia! Nós nos reuníamos em volta da mesa e... — O velho parou de falar e piscou os olhos. — Ei, do que eu estava falando mesmo?

Eles terminaram o banquete com um pudim de chocolate com creme de dar água na boca.

Jak Lauren bocejou ruidosamente.

— Fazia tempo que eu não comia tão bem assim. Agora, estou morrendo de sono.

— Boa ideia — concordou Ryan, olhando para seu relógio. São sete da noite. Vamos dormir aqui e partir pela manhã. Todo o mundo concorda? — Ninguém falou nada. - Ótimo. Pelo menos, vocês não discordam.

Foi só aí que Ryan percebeu o quanto se sentia cansado. Sua cabeça ainda doía e o simples pensamento de se deitar e dormir um pouco já era reconfortante.

— Olhem! — exclamou Finnegan, abrindo um armário. — Tem uns cobertores aqui dentro!

— Ainda bem — comentou Jak Lauren. — Meu traseiro já estava começando a congelar.

Cada um pegou um cobertor e tratou de improvisar uma cama.

A sala parecia segura e, pelo menos por aquela noite, eles não teriam muito com o que se preocupar.

Pelo menos, era o que esperavam.

Ryan Cawdor acordou imediatamente, seu corpo tenso. Então relaxou ao perceber a causa do seu despertar. Os dedos de Krysty, leves como uma brisa de primavera, tocavam a parte interna de suas coxas e subiam para o pênis, deixando-o ereto.

— Puta insaciável... e ninfomaníaca... — ele sussurrou, gemendo de prazer.

— Não repita isso nem por brincadeira, amor. Senão, arranco isto aqui fora! — Ela apertou o pênis para enfatizar sua ameaça, mas só conseguiu deixá-lo ainda mais ereto.

Ryan debruçou-se sobre ela e acariciou-lhe os seios com as duas mãos. Krysty fechou os olhos e sorriu.

— Hum... como isso é gostoso... Não pare, querido...

— Não vou parar, amorzinho. Agora, se você pretende arrancar meu pau, quem é que vai te proporcionar esses momentos de prazer?

A resposta veio rápida: — Doc Tanner. Pela cara de satisfeita de Lori, não é difícil constatar que ele deve ser bom de cama.

— Mas ele, é muito velho! — protestou Ryan, revoltado.

— E o que há de mau nisso? Não se esqueça de que os mais velhos têm mais experiência...

Eles riram e se abraçaram com força, o desejo explodindo em seus corpos.

Sentindo que Krysty estava pronta para recebê-lo, Ryan levantou os quadris, de modo que ela pudesse guiá-lo para dentro de seu corpo. Gemeu ao penetrá-la, os braços dela em volta de seu pescoço, as pernas abraçando suas costas, aumentando assim o prazer do ato de amor. Eles se amaram entre beijos, carícias e sussurros, movendo-se num ritmo louco, até que houve uma explosão magnífica, que a ambos tirou o fôlego.

Depois, ficaram abraçados por um longo tempo, sussurrando palavras de carinho um para o outro, até que o cansaço os venceu e eles caíram num sono profundo.

Ryan acordou e olhou para o relógio: cinco da manhã.

Espreguiçou-se e sentiu o corpo dolorido, consequência do esforço físico durante o ato de amor com Krysty Wroth. A garota era incomparável. De longe, a melhor amante que ele já tivera. Qualquer homem daria tudo para passar uma noite a seu lado.

Acariciou-lhe os cabelos, de leve.

— Krysty, acorde...

Ela abriu os olhos lentamente.

— Que horas são?

— Cinco.

— Você já vai acordar os outros?

— Vou. Precisamos encontrar os caras que mandaram aquela mensagem pelo rádio.

— Será que aquilo não é uma armadilha?

Ryan se levantou, vestiu-se e examinou suas armas, como por instinto.

— Pode ser. Mas se existe realmente alguém por aí que saiba como essas máquinas funcionam...

— Você quer voltar para a sua casa — ela disse em voz baixa, a fim de não acordar os amigos.

— Minha casa? Mas onde...

Ela também se levantou e vestiu seu macacão.

— Não tente me enganar, querido. Você sabe muito bem onde fica o seu lar.

— Está se referindo a Front Royal? É, acho que tem razão. Nossa casa é sempre o lugar onde

nascemos e crescemos.

— Você disse que pouco ligava para aquela cidade.

— Disse, mas estava enganado. Para falar a verdade, gostaria de voltar à fortaleza dos Cawdor, algum dia.

Krysty calçou as botas e bateu o pé esquerdo no chão.

— Hum... Minha perna está formigando. Você falou que gostaria de voltar a Front Royal? Não se incomoda de encontrar de novo seu irmão?

Ryan encostou a mão no tampão de couro que cobria seu olho esquerdo.

— Nem um pouco. Aliás, estou louco para ter uma conversa com ele. É que existem umas contas que precisam ser acertadas entre nós...

Finnegan acordou logo depois.

— Bom dia, pessoal. Estou morrendo de fome. O que vamos ter para o café da manhã?

— Comida enlatada de novo — respondeu Ryan. — Sei que feijão com carne de porco não é a refeição mais apropriada para se começar o dia, mas é exatamente isso que eu pretendo comer.

Dez minutos depois, eles se deliciavam com a comida enlatada do século XX.

— Nada má! — comentou Jak Lauren, tomando uma sopa de legumes. — O pessoal de Lowel ton iria adorar isto aqui!

Assim que terminaram de comer, eles arrumaram suas coisas, cada um levando algumas latas e garrafas de água na mochila. Depois, deixaram aquela sala e continuaram a seguir pelo corredor longo e estreito.

Ryan ia na frente, abrindo caminho. Doc e Lori vinham em segundo lugar, a garota tremendo de frio, apoiada no braço do velho. Nos ombros dela, como uma capa im-permeável, ia um pedaço de plástico que cobria as latas de comida. J.B. e Krysty estavam atrás deles, seguidos por Jak Lauren e Finnegan, que mastigava um caramelo.

Krysty havia brincado com ele, dizendo que aquilo parecia uma cola, e ele respondera: — Desde que o gosto seja bom, pode ser o que for!

Doc cantava em voz baixa, sua voz sonora ecoando naquele corredor estreito.

Ryan nunca ouvira aquela canção antes: "Vento do oeste que sopra, Chuva fina que cai sobre o povo. Tragam de volta meu grande amor, Para que eu possa abraçá-la de novo".

Quando o velho parou de cantar, aquele estranho lugar pareceu ainda mais vazio.

Um pouco mais adiante, eles encontraram uma outra sala, com a porta entreaberta.

Ryan fez sinal para que todos parassem e pôs a cabeça para dentro. Abriu-se num largo sorriso. O que viu ali era melhor do que a encomenda.

— Estamos com sorte, pessoal! Pelo jeito, ninguém mais vai passar frio!

A sala mais parecia uma loja de casacos e mantôs, Ali dentro, havia agasalhos suficientes para abrigar um batalhão.

— Viva! — berrou Finnegan. — já estou começando a gostar deste lugar!

Lori e Krysty tiraram seus casacos velhos e começaram a experimentar tudo o que viam pela frente.

Doc Tanner sorriu ao observá-las.

— Elas parecem duas moças numa loja em liquidação.

— O que é liquidação? — perguntou J.B. Dix, intrigado.

O velho franziu a testa.

— Xi. .. Acho que esqueci.

Ryan estava satisfeito com seu velho mantô com gola de pele, mas todos os outros quiseram mudar o visual.

Finn e J.B. escolheram casacos cinzentos idênticos, com golas pretas.

Lori apanhou um mantô branco de pele e parecia contente com sua nova aquisição.

ção, até que Doc sussurrou qualquer coisa em seu ouvido. Desapontada, ela tirou o casaco e escolheu outro, um pouco mais discreto.

O próprio Doc também sucumbiu à vaidade e deixou de lado seu sobretudo manchado, substituindo-o por um novinho em folha.

Krysty, depois de experimentar a sala inteira, acabou se decidindo por um mantô preto, que era o mais bonito de todos.

Jak Lauren escolheu um casaco e foi sentar-se num canto da sala.

— Ei, Branqueia, o que você está fazendo aí? — perguntou Finn.

— Cortando as mangas desta droga com a minha faca, gorducho. Elas são muito grandes para mim.

Eles deixaram aquela sala e continuaram a seguir pelo longo corredor. Por enquanto, nem sinal de mutantes.

Mais adiante, encontraram outra porta fechada.

J.B. Dix esfregou as mãos, entusiasmado.

— Já achamos comida e roupas. Agora, só falta encontrarmos armas. Que bom seria se essa sala estivesse cheia de submetralhadoras, pistolas e granadas prontinhas para serem usadas!

Aquele era um discurso longo demais para o taciturno J.B. Dix. Porém, quando o assunto era armas, ele se transformava num outro homem. Até seu rosto sério ga-nhava uma nova vida.

— Não estou vendo painel de controle por aqui — comentou Ryan. — como vamos fazer para abrir essa geringonça?

— Olhe aqui! — mostrou Krysty, apontando para marcas de arrombamento na porta.

— Alguém tentou entrar aqui e não conseguiu.

— Vamos explodir essa droga — disse J.B., decidido. — Mal posso esperar para ver o que tem aí dentro.

Ryan olhou em volta.

— Será que é seguro, J.B.?

— Claro. Meu material é de primeira e assegura uma explosão sem riscos.

Jak Lauren observou, fascinado, o armeiro tirar umas bolinhas de plástico explosivo do chapéu e colocá-las na fechadura da porta. O albino bem que desconfiava que aquele homem tinha armas escondidas pelo corpo inteiro.

— Afastem-se, pessoal! Vai explodir em quinze segundos! Todos obedeceram e se jogaram no chão. Ryan mandou que Jak mantivesse a boca aberta, a fim de amenizar os efeitos da explosão. Ele e Krysty ficaram encolhidos, de olhos fechados, ouvindo a contagem regressiva de J.B.

O barulho foi muito menor do que todos esperavam.

Assim que a poeira assentou, o armeiro levantou-se para verificar o efeito de sua obra. Sorriu, satisfeito. A explosão havia destruído a fechadura inteira. Foi só dar um empurrão e a porta se abriu.

— Vamos lá, pessoal! — ele gritou, entusiasmado. — Deve haver um monte de armas aí dentro!

Os sete entraram correndo na sala e olharam em volta. Estava vazia, exceto por cinco caixotes de madeira encostados num canto.

— Devem estar cheios de coisas interessantes! — exclamou o armeiro, entusiasmado.

Ryan virou-se para Krysty e cochichou: — A última vez que J.B. ficou tão excitado assim foi há dois anos, quando encontramos uma pilha de manuais e revistas sobre armas num depósito perto de Bil ings.

O armeiro apanhou um martelo jogado no chão e começou a levantar os pregos, com as mãos trêmulas. Mal podia esperar para ver o que havia ali dentro.

Porém, O sorriso de satisfação desapareceu de seus lábios ao abrir a primeira caixa. Correu para abrir a segunda, a terceira e a quarta. Ao abrir a quinta, havia tanto desapontamento e frustração em seu rosto, que Ryan não pôde deixar de rir.

Nas cinco caixas, cobertas por um plástico, havia exatamente a mesma coisa: milhares de zíperes de

plástico pretos... inúteis!

5

Ryan franziu a testa, considerando todas as opções que tinha. Chegou à conclusão de que uma era pior que a outra.

Eles haviam chegado a uma encruzilhada e escolhido o lado direito. Alguns metros depois, o corredor acabava numa parede branca, onde não havia nem sinal de saída. Voltaram e seguiram pelo lado esquerdo. Andaram mais cinco minutos e deram de cara com uma montanha de entulho, provocada por um grande terremoto.

Eles não podiam sair dali. Ryan não estava gostando nada daquilo. Por um momento, pensou em voltar à máquina de transporte e tentar encontrar um outro lugar, mais seguro e menos complicado. Acabou mudando de ideia. Se houvesse alguém, naquela terra conhecida como Oregon, que soubesse o segredo daquelas máquinas, valeria a pena ficar e enfrentar todo o tipo de dificuldade.

— Temos água e comida suficientes para uma semana — lembrou J.B. — Para uns dez dias, até. Pelo menos de fome e sede nós não vamos morrer.

— Ainda bem — comentou Finnegan, cuspiendo no chão. — Eu poderia morrer de tudo nessa vida. Menos de fome.

Jak Lauren se ajoelhou, olhando fixo para onde a saliva do gorducho tinha caído.

Todos olharam para ele, intrigados, até que Ryan percebeu o que tinha chamado sua atenção.

— Olhem! Pegadas! Aqueles mutantes devem ter estado por aqui. Isso quer dizer que existe alguma passagem por entre esse lixo todo.

— Tem razão! — exclamou Jak. Ele apontou para o cano enorme, meio escondido pela sujeira. — Isto aqui deve ser um túnel!

Ryan ajoelhou-se para examiná-lo melhor.

— É, parece um túnel mesmo. Só que é bem estreito. Ei, Jak, veja se você consegue entrar aí.

Ele não precisou repetir a ordem. Mal tinha acabado de falar, o albino já desaparecia dentro do túnel.

Voltou momentos depois, seus olhos vermelhos brilhando como dois rubis.

— Vai dar para atravessarmos. — Ele olhou para Finnegan. Só que, para certas pessoas, a travessia vai ser um pouco difícil.

Ryan ficou pensativo por alguns instantes, como se estivesse tomando uma decisão.

— O que você acha, J.B.?

O armeiro não demorou um segundo para responder: — Acho que devemos tentar.

— Então já está resolvido. Vamos lá, pessoal. Nossa aventura vai começar.

Aquele foi o início de uma das piores experiências da vida de Ryan Cawdor. O túnel era estreito, não chegava a ter um metro e vinte de altura e, ainda por cima, era escuro e empoeirado. Na maior parte do tempo, os sete tiveram de se arrastar.

Jak ia na frente, seu corpo leve e pequeno deslizando na escuridão. Lori vinha em segundo lugar, seguida por Finnegan. Doc Tanner vinha em quarto, seu chapéu e a bengala debaixo do braço.

J.B. Dix, Krysty e Ryan eram os últimos.

Os únicos sons que se ouviam eram os de corpos se arrastando, acrescentados de um ou outro gemido de dor.

Tinha sido combinado que, de quatro em quatro minutos, Jak pararia e todos ficariam em silêncio, de modo que Krysty pudesse ouvir algum barulho estranho.

Na terceira parada, Lori Quint começou a mostrar sinais de pânico. Suava em bicas e implorava a Doc para levá-la de volta.

— Acontece, minha cara, que chegamos a um lugar onde não existe mais retorno.

Mas fique calma. Nada de mau vai nos acontecer.

— É que eu... detesto o escuro, meu amor.

— Fale baixo, Lori — avisou Ryan. — Pode haver mutantes por aqui e eu não quero que ninguém nos ouça.

— Ei, Branqueia! — chamou J.B. — Verifique se não há nenhum fio pelo caminho. Se pisarmos em algum explosivo, ou coisa parecida, estaremos fritos.

— Havia túneis como este no Vietnã — comentou Doc. — Ah, que guerra horrível foi .aquela...

— Onde fica esse tal de Vietnã? — perguntou Jak.

O velho franziu a testa .

— Bem longe daqui, meu filho. Mas muitos americanos morreram por lá. Pobres soldados. Perderam a vida numa guerra que não tinha nada a ver com eles.

A aventura prosseguia. Num determinado ponto, o túnel ficou tão estreito, que Finnegan quase entalou.

— Você devia fazer um regime, gorducho — aconselhou Jak Lauren. — Suas banhas ainda vão meter a gente numa fria.

Dez minutos depois, eles chegavam ao fim do túnel.

Olhem! — berrou Jak Lauren. — Viemos dar num lago!

— Ainda bem — resmungou Finnegan. — Não aguentava mais ficar me arrastando como uma minhoca!

— Não vai ser difícil chegarmos à outra margem — comentou Krysty.

— É verdade — concordou Ryan. — Vamos... Ei, o que houve, Lori?

A garota tremia como se estivesse tendo uma convulsão. Quando falou, seus dentes batiam uns nos outros, de modo que era impossível entendê-la.

Doc a abraçou e olhou para os outros membros do grupo, vendo sua própria preocupação refletida nos olhos de todos.

Foi Finnegan quem quebrou o silêncio: — Ela não sabe nadar. Não é isso, Lori?

A garota começou a chorar e enterrou o rosto no ombro de Doc. A pergunta de Finn já estava mais que respondida.

— Eu posso levá-la — Jak ofereceu-se. — Sei nadar muito bem. Mas acho melhor irmos logo, antes que anoiteça. — O albino encostou a mão no ombro da garota. — Venha, Lori.

Ela se esquivou daquele toque e se agarrou à beirada do túnel, os olhos arregalados de pavor. Ryan percebeu na hora que a parada iria ser muito dura.

— Lori — ele chamou, com voz calma.

— Não! Não! Não! Não! Não! — ela repetia sem parar, balançando a cabeça.

— Tudo bem, garota. Fique tranquila Ninguém vai obrigá-la a nada.

Lori Quint olhou para Doc, procurando apoio. Ryan sentiu que aquele era o momento.

Levantou o braço e lhe deu uma violenta bofetada. Aquela era a única coisa a ser feita. A garota estava num tal estado de pânico, que não hesitaria em atirar no primeiro que tentasse forçá-la a fazer a travessia. Melhor deixá-la desacordada, para evitar maiores problemas.

Doc Tanner a segurou nos braços, antes que ela caísse no chão. — Seu covarde! - ele berrou. — Você não podia ter feito isso!

— Ryan não tinha outra saída — disse J.B. Dix, tentando acalmar os ânimos. — Se nós a forçássemos, alguém acabaria morrendo. Se a deixássemos aqui, a pobrezinha ia acabar se matando.

O velho balançou a cabeça.

— Bem, isso é verdade. Só que você não precisava ter batido com tanta força, Ryan. Lori é muito

fraca.

— Paciência. Quando chegarmos ao outro lado, ela já vai estar recuperando a consciência. Agora vamos. Não temos mais tempo a perder. Jak e Finn, vocês dois levem a garota. Doc, vá com eles. Krysty, J.B. e eu iremos em seguida.

Finnegan foi o primeiro a se jogar na água.

— Está gelada! — ele berrou. — Ei, Branquela, venha logo e traga a garota!

O albino pulou na água com a garota nos braços.

Ryan virou-se para os amigos.

— Agora é a nossa vez, pessoal. Vamos lá.

Os três mergulharam e foram nadando rumo ao desconhecido.

6

Eles chegaram ao outro lado sem grandes problemas.

— Terra firme, até que enfim! — exclamou Finnegan, deitando Lori Quint na grama lamacenta. A garota começava a recuperar a consciência. — Não aguentava mais essa água gelada.

Doc Tanner ajoelhou-se diante dela.

— Lori? Você está bem, querida?

— Que lugar será este? — perguntou Jak, olhando em volta.

Ryan não chegou a responder. No momento em que ia abrir a boca um grupo de mutantes surgiu de trás de uma árvore e avançou em cima do grupo.

Ninguém teve tempo de sacar suas armas. Pegos de surpresa, Ryan e seus amigos compreenderam que teriam de usar as mãos e a cabeça para se defenderem.

Os mutantes eram homens pequenos, de um metro e trinta de altura, no máximo.

Tinham olhos e boca grandes e apenas um furo no lugar do nariz. Nenhum deles estava armado.

Ryan, porém, não demorou a perceber que a parada não iria ser nada fácil. Apesar de pequenos, os mutantes eram excelentes lutadores.

Um deles avançou em cima dele, tentando lhe dar um chute no meio das pernas.

Não acertou no que queria, mas conseguiu que Ryan perdesse o equilíbrio e caísse no chão. O homenzinho pulou em cima dele, tentando atingir-lhe o olho bom. Ambos engalfinharam-se num duelo mortal.

Mais adiante, os outros travavam a mesma batalha.

Ryan percebeu vagamente que Krysty lutava com dois mutantes ao mesmo tempo, seus cabelos ruivos balançando freneticamente ao vento. Quis poder ajudá-la, mas para isso precisava primeiro se livrar do idiota que estava em cima dele.

Alguns socos e safanões não foram suficientes para acabar com o homenzinho. Ele tinha uma força descomunal, e só foi na hora em que Ryan conseguiu golpeá-lona garganta que a luta terminou.

O mutante rolou no chão, tossindo feito um louco e fazendo força para respirar.

Um tiro no meio da testa pôs um fim em sua agonia e espalhou sangue e miolos por todos os cantos.

Ryan guardou a arma e correu para ajudar Krysty. Chegou tarde. A garota já tinha dado cabo da vida de seus dois atacantes.

— Foi meu tio Tyas quem me ensinou a lutar — ela disse, vitoriosa. — Se estou viva agora, é graças a ele.

Jak Lauren espetou o último mutante com sua lança e foi se juntar aos outros.

A grama lamacenta estava manchada de sangue.

— Será que vai aparecer mais algum por aqui?

Ryan olhou para os corpos sem vida no chão.

— Pode ser. Por isso, olho vivo, pessoal. Esses nos pegaram de surpresa, mas não podemos permitir que uma coisa dessas volte a ocorrer. Agora, vamos sair daqui, antes que aconteça mais alguma desgraça.

— Quantos você matou, Branquela?

O albino respondeu, cheio de orgulho: — Seis.

Ryan arregalou os olhos.

— Como foi que você conseguiu fazer isso sozinho?

— Bem, eu sempre disse que matar era minha especialidade... Mas para falar a verdade, isto aqui me ajudou muito!

Ele mostrou a lança dobrável, que tirara do cinto do primeiro mutante que tinha aparecido. Estava manchada de sangue.

— Você é dos bons, cara — elogiou Finnegan. — Agora entendo por que aquele fodido do Barão do Tormento tinha tanto medo de você.

Lori se aproximou de Ryan. Ainda havia um pouco de sangue congelado na boca da garota.

— Eu compreendo por que você me bateu, Ryan. Sinto muito por ter lhe causado problemas. De qualquer modo, não gostei muito da experiência.

— Sou eu que lhe peço desculpas, Lori. — Ele olhou para Doc, a fim de ter certeza de que o velho compreendera sua atitude. Mas não havia outro jeito.

— É verdade, meu caro sr. Cawdor. Você fez o que devia ser feito.

Finnegan não se cansava de elogiar a habilidade de Jak. — Você é o máximo, Branquela!

— Não foi difícil, gorducho. Eles vieram um de cada vez e tudo do que eu tive de fazer foi enterrar a lança no peito dos seis infelizes. Se tivessem vindo todos ao mesmo tempo, a uma hora dessas eu já teria ido para o bebeléu.

Ryan olhou para o céu.

— Pelo jeito, vai cair um toró dos diabos daqui a pouco. Vamos andando, pessoal.

Você está bem, Lori?

A garota ainda parecia assustada, mas fez que sim com a cabeça.

— Estou, Ryan.

— Ótimo. Agora vamos andando. Não temos tempo a perder.

Ryan olhou para os companheiros.

— Alguém tem um fósforo?

— Para quê? — perguntou Jak.

— Para acender uma fogueira. Do jeito como está frio, daqui a pouco acabaremos congelando.

— Eu tenho uma caixa — respondeu o albino. — Aqui está ela. Além dos fósforos, ele também tirou um saquinho do bolso, cheio de pó branco.

— O que é isso? — perguntou Krysty, tomando-lhe o pacote da mão.

— Me devolva isso, Krysty!

— Calma, garoto — interveio Ryan, farejando problemas.

— Me devolva isso, Krysty! — ele repetiu, um tanto nervoso.

A garota abriu o saquinho e enterrou o nariz ali dentro.

— Era o que eu desconfiava. Cocaína.

— Oba! — exclamou Lori. — Posso experimentar? Eu adoro cocaína. Quint tinha bastante lá no depósito. E maconha também. Só que eu preferia cocaína.

— Isto é um veneno — alertou Krysty. — Acaba com a vida de uma pessoa, antes que ela se dê conta

disso.

— Quint, meu marido, dizia que era muito bom e vivia me oferecendo.

— Claro — sussurrou Finnegan. — Velho do jeito que ele era, só mesmo uma mulher dopada para aguentá-lo.

— Devolva o meu pó — repetiu Jak. — Eu sei como usá-lo, — Me passe o saquinho — pediu Ryan. Krysty obedeceu.

Eles estavam sentados numa clareira, descansando um pouco. As nuvens no céu começavam a se dispersar.

— Você quis vir conosco, Branquela, Se quiser continuar do nosso lado, vai ter de viver de acordo com as nossas regras. Aqui no nosso grupo, as drogas não são permitidas de maneira alguma.

Ele ainda tentou argumentar: — Mas eu posso...

-... Lidar com ela? Já ouvi muita gente dizer isso e virar defunto no mês seguinte.

A droga é traiçoeira como o diabo, garoto. Mexe com a cabeça e com os reflexos. E eu não quero alguém dopado atrás de mim, quando os mutantes voltarem para nos atacar. Quero alguém bem alerta!

— E o que você pretende fazer agora? Jogar fora meu pó?

— Não. Você mesmo vai fazer isso. Esse, e todo o resto que tiver aí escondido.

— Não tenho mais nada.

— Então trate de jogá-lo fora logo.

O albino apanhou o saquinho e despejou um pouco de pó em sua mão.

— Vai ser um desperdício, Ryan, Paguei uma fortuna por isto.

— Não quero saber.

Jak Lauren se levantou e abriu o saquinho, o pó branco explodindo como uma pequena nuvem na frente dele, o vento dispersando-a quase que imediatamente.

— Satisfeito, Ryan?

O caolho fez que sim com a cabeça. Começou a cair uma garoa fina.

J.R. olhou para o céu.

— Acho que vai passar logo. De qualquer forma, não vai demorar para anoitecer.

— Você tem ideia de onde estamos? — perguntou Ryan.

O armeiro sempre levava uma bússola, para determinar a posição onde o grupo se encontrava. Também tinha uma memória fotográfica, que o fazia lembrar-se de todos os mapas que já vira na vida.

— Acho que estamos mesmo no Oregon. Se não me engano, no sul do Estado. Está vendo aquelas árvores mais adiante? — Ele apontou para uns pinheiros, na colina. -

Antigamente, aquilo era uma grande floresta. Mais ao norte, havia um lugar muito famoso, um lago grande e profundo bem no meio de um vulcão. Chamava-se lago Crater. Deve estar seco, hoje em dia.

— Precisamos arranjar um lugar para passarmos a noite — disse Ryan, — Não podemos ficar aqui ao ar livre, neste frio. — Ele se levantou. — Chega de descanso, pessoal.

Vamos andando. Se não encontrarmos logo um abrigo, estaremos fritos.

A caminhada prosseguiu. O solo não era dos melhores e, de vez em quando, alguém do grupo escorregava ou tropeçava em alguma pedra solta. Doc Tanner foi o que encontrou mais dificuldade, tendo passado quase que o tempo todo apoiado no braço de Lori.

— Antigamente, as pessoas pagavam verdadeiras fortunas para excursionar por estas bandas — ele comentou. Eu, por minha vez, pagaria a mesma fortuna para ficar refestelado na minha casa.

Eles continuaram seu caminho, subiram e descenderam colinas, parando de vez em quando para descansar.

Uma raposa se aproximou do grupo, sem mostrar sinais de medo. Geralmente, aquilo significava a ausência de seres humanos na região. Uma águia cortou o céu, o sol poente refletindo em seu bico.

Um pouco depois, eles chegaram a um vale de rara beleza.

— Nunca vi flores tão bonitas em toda a minha vida! — exclamou Krysty, encantada.

— Que lugar maravilhoso!

Jak, que ia na frente, pulou para o lado e deu um grito de susto, ao ver a cobra que havia surgido bem debaixo de Seus pés.

— Não deve ser venenosa — comentou Finnegan, rindo. Aposto que ela não faz mal a uma mosca.

— De qualquer modo, prefiro não arriscar — respondeu o garoto.

Após meia hora de caminhada, eles avistaram uma construção de janelas quebradas e telhado meio caído. De qualquer forma, era um lugar razoável para se passar a noite.

— É um velho posto de gasolina! — exclamou J.B. Dix, apontando para as bombas que mais pareciam sentinelas-robôs, defendendo a propriedade dos intrusos.

— Ao que parece, as bombas atômicas não fizeram muitos estragos por aqui — comentou Ryan.

— É que esta região não sofreu bombardeios tão pesados — explicou Doc Tanner. -

Não havia razão para desperdiçar mísseis numa terra pouco habitada.

J.B. Dix tirou do bolso um aparelho que media a radiação do ar. — Tudo em ordem, pessoal. O ponteiro nem se mexeu.

— Vamos passar a noite ali? — perguntou Krysty, apontando para a construção.

— Vamos. Isto é, se não houver mutantes nem outras pragas do gênero por perto: Eles se aproximaram do posto, com cuidado.

Ryan, Finnegan e J.B. cercaram a construção. Foi só no momento em que se certificaram de que não havia ninguém ali dentro, que resolveram entrar.

Animais ou humanos tinham depenado o lugar. O chão estava cheio de folhas secas e havia uma caixa registradora aberta e vazia num dos cantos.

Finnegan apontou para uma porta fechada.

— Posso abrir?

— Pode — respondeu Ryan. — Mas abra devagar. Krysty e Jak, vocês dois fiquem aqui vigiando. Qualquer problema, é só gritar.

Eles foram dar num corredor estreito, com uma porta de cada lado, onde haviam sido pintadas, em letras azuis, as palavras: "Cavalheiros" e "Damas".

Finn abriu as duas portas.

— Você devia ter batido — comentou J.B., rindo. — Podia ter alguém no banheiro das mulheres.

O gorducho balançou a cabeça.

— Se ainda houvesse algum infeliz aí dentro, o coitado seria o pior caso de intestino solto desde o início deste mundo.

Não havia ninguém nos banheiros.

Nem no posto todo.

— Que pena que está vazio — comentou J.B.

Ryan sorriu.

— O que você esperava, amigo? Um Cadillac com o tanque cheio de gasolina, pronto para ser usado?

O armeiro mandou-o à merda.

— Estou com frio — disse Lori. — Nós vamos ficar aqui?

— Vamos — respondeu Ryan. — Ei, pessoal, precisamos acender uma fogueira.

— É pra já! — Jak Lauren tirou uma caixa de fósforo do bolso. — Mas, pelo que estou vendo, temos pouca madeira para queimar.

Lori apontou para um calendário pendurado na parede. O tempo tinha desbotado sua cor, porém ainda dava para ver que marcava o mês de janeiro do ano de 2001.

A folhinha mostrava uma linda mansão da época vitoriana. Embaixo, estava escrito: "Cortesia das

Ferramentas Xanthus Power, as melhores que seu dinheiro pode comprar".

— Acho que isso pode alimentar a nossa fogueira. — A garota olhou para Doc Tanner.

— O que você acha, querido?

O velho não respondeu. Havia lágrimas em seus olhos e ele soluçava baixinho.

Ryan se aproximou.

— Ei, Doc, o que foi? Aconteceu alguma coisa?

Ele fez força para se controlar. Limpou a garganta, enxugou os olhos e, quando falou, sua voz soou firme: — Não ligue para mim, meu caro sr. Cawdor. Sou um velho sentimental que chora à toa... É que quando vi essa casa, me lembrei dos momentos maravilhosos que passei ao lado da minha querida Emily...

— Quem é Emily, Doc?

Enquanto esperava que o velho lhe respondesse, Ryan ficou observando a casa da foto. Nem em livros antigos vira algo parecido. Desejou poder um dia morar num lugar daqueles. Só que aquilo era um sonho. Não havia mansões daquelas em toda a Terra da Morte. Nem em lugar nenhum do planeta.

Ele repetiu a pergunta: — Quem é Emily, Doc?

Doc Tanner deu um suspiro triste.

— Uma mulher de rara beleza, meu amigo. Um dia vou lhe contar tudo. Mas não hoje. Como eu disse, a casa dessa foto me trouxe lembranças... Acho que ainda posso ouvir os gritos alegres das crianças, abrindo os presentes em volta da árvore de Natal... E as noites frias, então. Nunca vou esquecer. Emily e eu ficávamos em frente à lareira, conversando e tomando vinho...

O velho começou a soluçar de novo. Lori aproximou-se dele e o abraçou.

Ryan Cawdor desviou o olhar, embaraçado. Estava intrigado com as coisas que Doc tinha dito. Do jeito como o homem falava, era como se ele tivesse vivido antes do grande inverno.

Mas qualquer pessoa em sã consciência sabia que aquilo era algo completamente impossível.

Apesar de todos os esforços, não foi fácil acender a fogueira. Os poucos galhos de árvores que eles conseguiram apanhar estavam úmidos e não foram de grande utilidade. O calendário, apesar dos protestos de Doc Tanner, também foi usado para alimentar as chamas, sem muito sucesso.

— A caixa registradora! — Jak lembrou. — Como não pensamos nisso antes?

Apesar de pesada, o albino levantou-a sem grande esforço.

— Ei! — exclamou Lori. — O que é aquilo?

— Aquilo o quê? — perguntou Ryan.

Ela apontou para um envelope no chão.

— Aquela coisa ali adiante. Estava embaixo da caixa registradora.

Ryan foi até lá e abriu o tal envelope. Sorriu e entregou-o a Jak, — que tinha acabado de jogar a caixa registradora no fogo.

— Tome, Branqueia. É todo seu.

— Mas fui eu que vi! — reclamou Lori.

— Tudo bem, a gente pode dividir. — O albino despejou o conteúdo do envelope no chão. — Ei! O que é isso?

— Pedacos de papel-respondeu Lori. — Olhe! Tem uma foto e uns números marcados em cada um!

— Dinheiro velho... — Jak Lauren deu um suspiro desanimado. — Tinha um monte de notas como essas em Lowel ton. Dólares; não é?

— É isso mesmo, meu filho — concordou Doc Tanner. — Deve haver uns mil aí dentro.

Ao que parece, alguém por aqui devia estar enganando o pessoal do imposto de renda.

— Agora, isso não vale meio balde de merda — comentou Finnegan.

— Errado, gorducho — Jak Lauren sorriu. — Observe isso.

O albino levou todas as notas para fora e atirou-as na fogueira. As chamas subiram na hora.

— Viu como existe uma utilidade para tudo nesta vida?

8

Ryan acordou no meio da noite e percebeu que a fogueira estava se apagando. Levantou-se, atirou mais uns galhos secos no fogo e ficou observando-os queimar. Ao longe, um animal uivou. Algum tipo de lobo da montanha, provavelmente.

Ia voltar a dormir, quando ouviu um barulho nas proximidades. Finnegan, que fazia a patrulha noturna, deu a volta no posto e encontrou Ryan acordado.

Aproximou-se dele.

— Tem um urso enorme rondando a gente. Nunca vi, um bicho daquele tamanho.

— Quer que eu o ajude a dar um fim nele?

— Não precisa. Se o filho da mãe tentar bancar o engraçadinho, eu meto umas balas na barriga dele e acabo com a sua alegria.

— Tudo bem, Finn. Mas tome cuidado.

— Pode deixar. Boa noite, Ryan.

— Boa noite, Finn.

Eles acordaram ao amanhecer e encontraram a relva branca de orvalho. O topo das montanhas à sua volta estava coberto de neve.

— Para onde vamos agora? — perguntou Doc Tanner, esfregando uma mão na outra, para esquentar-se.

— Para o norte — respondeu Ryan, vestindo seu casaco.

As nuvens escuras da véspera já se haviam dispersado e o céu estava claro e limpo. O grupo deixou o posto de gasolina e partiu para mais um dia de aventura.

Lori ia na frente, andando com passos rápidos, seus cabelos loiros balançando ao vento. Ryan e J.B. Dix a seguiam de perto, escoltados por Jak Lauren e Krysty. Finn ia por último, protegendo o grupo.

Ao fazer uma curva, a garota parou e apontou para a frente.

— Olhem! Depressa!

Todos correram para ver o que ela apontava. Ali, mais adiante, havia um pequeno povoado, com algumas dezenas de casas espalhadas por cinco ou seis ruas.

— Não pensei que ainda existissem vilas como essa, por estas bandas — comentou J.B.

— Pode ser que o lugar seja novo — disse Ryan. — Espero que o manda-chuva vá com a nossa cara. Senão, estaremos fritos.

Havia uma placa na entrada da vila que dizia: "Ginnsburg Fal s. População: 5.000. Altitude: 1.650 metros".

Embaixo, em letras azuis e douradas, escrita com caligrafia caprichada, seguia a frase: "Ande na linha e não terá problemas".

— Não estou gostando muito disso — comentou Doc Tanner. — Só falta encontrarmos outro paspalhão pela frente, como aquele infeliz do Barão do Tormento.

— Pode ser que o lugar esteja deserto... — sugeriu Ryan.

— Como também pode ser que não esteja — acrescentou Jak Lauren.

— Vocês estão dispostos a verificar?

Todos estavam.

Eles pararam a alguns metros da primeira casa.

J.B. Dix olhou em volta.

— Hum... Acho que nunca vi uma vila tão limpa quanto esta.

— É verdade — concordou Ryan. — A gente costuma sentir o fedor da maioria das cidades a quilômetros de distância.

— Ei! — exclamou Krysty. — Estou ouvindo barulho! Alguém vem se aproximando.

Vamos tomar cuidado!

O vento soprava com força em direção à vila, de modo que era difícil ouvir qualquer coisa vinda daquela direção. Momentos depois, porém, eles viram um carro se aproximar. Era uma espécie de jipe, pintado de azul, com quatro homens dentro. Todos armados.

— Calma, pessoal — disse Ryan. — Não vamos nos precipitar. Qualquer passo em falso e a população inteira se volta contra nós. De qualquer modo, olho vivo.

— Fuzis Winchester. .. — sussurrou J.B. Dix. — Modelo M-2, calibre 30. Esses filhos da mãe são sofisticados!

O jipe parou a cem metros do grupo. Três homens saltaram, suas armas brilhando ao sol. O quarto ficou no carro, manejando uma metralhadora. Ryan reconheceu-a na hora. Era uma M-60E2, modelo 7.62. Coisa muito fina.

O Negociante passara a vida dizendo que cada estranho que você encontra pelo caminho é um inimigo e deve ser eliminado, antes que ele o elimine. Ryan não concordava inteiramente com esse princípio. Havia muita gente boa e honesta na Terra da Morte e não tinha cabimento ficar despachando para o Além o primeiro infeliz que aparecesse pela frente.

Ainda assim, Ryan se perguntava se deveria ter dado cabo da vida daqueles quatro, assim que eles tinham surgido. Não soube responder.

Os homens só podiam ser seguranças. Aquela raça era inconfundível. Vestiam um macacão azul-marinho, botas pretas e boné. Os olhos estavam protegidos por óculos escuros.

— Seguranças... — sussurrou Finnegan, levando o dedo ao gatilho de sua submetralhadora HK 54 A2.

— Calma, Finn! — ordenou Ryan, — Não faça nenhum movimento.

O homem do meio deu um passo à frente.

— Vocês são de outro mundo?

A voz não era agressiva, nem amigável.

Era uma pergunta difícil de ser respondida. O que aquele filho da mãe queria dizer com aquilo?

— De outro mundo? — repetiu Ryan.

— Isso mesmo. Quero saber se vocês vieram de longe.

— Viemos.

— De onde?

— De lugares diferentes.

O sujeito apontou para as armas que os sete carregavam.

— Vocês estão equipados para enfrentar um batalhão. São mercenários ou negociantes?

— Nenhum dos dois. Somos amigos e só estamos de passagem.

— Para onde vão?

— Ainda não sabemos ao certo.

— Vocês querem conhecer a vila de Ginnsburg Falls?

Ryan já estava ficando irritado com todo aquele interrogatório.

— Isso é um convite?

— Não. É uma ordem.

— Nós temos escolha? — perguntou Finnegan.

— Claro que têm. Ou vocês nos acompanham, ou vamos matá-los agora mesmo.

— Grande escolha... — sussurrou o gorducho. — Grande escolha...

9

Os sete foram andando, de mãos ao alto. O jipe os seguia em baixa velocidade.

— A vila é bem grande — cochichou Ryan.

Doc Tanner balançou a cabeça.

— É verdade. Ela me faz lembrar uma cidadezinha que eu conheci antes da guerra.

Ryan deu um suspiro desanimado. Pobre velho. Havia começado a delirar de novo.

Como alguém poderia ter vivido antes do grande inverno?

Ao chegarem perto de umas cabanas, o motorista, aparentemente o líder, ordenou que eles parassem.

— Podem abaixar as mãos, forasteiros.

Os sete abaixaram.

Ryan virou-se para ele.

— Isso vai demorar, amigo? Meus homens e eu estamos cansados e famintos.

— Ninguém passa por esta cidade sem antes fazer uma visitinha ao prefeito Maricas. .

— A quem? — perguntou Ryan, pensando não ter ouvido direito.

— Ao prefeito Maricas. E nada de risinhos, por favor. Aqui, as pessoas são proibidas de achar graça no nome dos outros. Acredite em mim. Se bobear, um forasteiro perde a vida antes que se dê conta do que aconteceu. Vocês vão conhecer o prefeito Theodore Maricas, antes de serem levados aos seus aposentos. Mas primeiro vou anotar os seus nomes. Cabo!

O mais alto dos seguranças pulou do jipe e fez uma reverência estranha na frente do outro.

— Às ordens, comandante.

— Tome nota dos nomes.

— Sim senhor.

O cabo tirou um pedaço de papel e um lápis do bolso.

Dirigiu-se a Ryan.

— Você é o líder do grupo, não é? Pois então diga aos seus amigos que se mantenham na linha, para que não venham a ter problemas futuros.

Ele deu um suspiro desanimado.

— Pode deixar, xará. Viemos em paz e não queremos confusão. Como eu já disse, somos amigos.

Qual é o seu nome?

— Ryan Cawdor.

— Local de nascimento?

Ele ficou pensativo por alguns instantes.

— Front Royal.

— Não conheço. Deve ser longe paca.

O armeiro foi o próximo a ser interrogado.

— Nome?

— J.B. Dix.

O cabo anotou no seu papel.

— Pelo jeito, outro forasteiro. O que querem dizer as letras?

— Que letras?

— Do seu nome, seu burro!

Ryan sentiu vontade de rir. Conhecia o armeiro havia mais de dez anos e só agora percebia que não

sabia qual era o seu prenome. Era J.B. e pronto.

— Meu primeiro nome é John.

— E o que quer dizer o B?

— Barrymore. Sou John Barrymore Dix.

— John Barrymore! — repetiu Ryan. — Quem diria!

— Sua mãe devia ser amante de Téspis — comentou Doc Tanner.

J.B. ficou revoltado.

— Cuidado com a língua! Você está ofendendo minha mãe! Ela não tinha amante nenhum!

— Não, meu caro amigo. Você não entendeu. Téspis foi o fundador da tragédia grega. Há muitos anos,

existiu um ator chamado John Barrymore..

O armeiro ficou um pouco sem graça.

— Ah, eu não sabia.

— É isso mesmo. Um ator muito famoso, aliás. E talentoso.

— Seu nome, velho? — perguntou o cabo.

— Dr. Theophilus Tanner, médico e cidadão do mundo livre.

— Forasteiro?

— Sim senhor.

— Nasceu onde?

— Em South Strafford, no bonito estado de Vermont, no ano de...

Ele parou de falar e começou a tossir. Olhou em volta. Felizmente, Ryan era o úni-co que o ouvia. O cabo não parecia interessado em saber a idade de ninguém ..

E você, gorducho? Como se chama?

— Thomas O'Flaherty Fingal Finnegan. Finn, para os íntimos.

— Nasceu onde?

— Em Windy City, uma vila de que ninguém nunca ouviu falar.

O cabo ia anotando tudo em seu bloquinho.

— E você, menino? Que engraçado... Seus cabelos são completamente brancos! E os seus olhos cor-de-rosa são de meter medo. Como se chama, filho?

Jak Lauren.

— Nasceu onde?

— Em Lowel ton.

O cabo engoliu em seco e escreveu a informação.

J.B. Dix levantou a mão.

— Você não perguntou onde eu nasci.

— Ah, é mesmo. Pode dizer.

— Cripple Creek, no centro da Terra da Morte.

Enquanto o sujeito escrevia, Ryan observava os outros seguranças. Os filhos da mãe pareciam alerta e prontos para a ação. Não iria ser fácil acabar com eles.

— Bem.. — disse o segurança-chefe. — Isso é tudo. Agora vamos...

— E nós? — interrompeu-o Krysty Wroth.

— Vocês o quê?

— O cabo não anotou os nossos nomes. Eu sou...

— Cale a boca!

A voz do segurança era ríspida e agressiva.

Ryan percebeu que Krysty ficou louca da vida e encostou a mão em seu braço, para tranquilizá-la. Mesmo assim, ela deu um passo à frente e olhou bem dentro dos olhos do sujeito.

— Não fale desse jeito comigo!

O comandante a ignorou.

— Forasteiro Cawdor, diga à moça que aqui, em Ginnsburg Falls, são só os homens que contam.

— Não entendi — disse Ryan.

O homem sorriu.

— Aqui nesta cidade, as mulheres só servem para ser empregadas. Ou putas. Essas duas são putas?

— Não — ele se apressou em responder. — Elas... são nossas empregadas. Podemos ir agora?

— Podem. O cabo vai mostrar as suas acomodações. Não saiam de lá até segunda ordem.

Eles foram levados a uma casa de tijolos aparentes, onde havia uma placa branca na frente, com o seguintes dizeres: "Pensão dos Forasteiros. Sejam bem-vindos a Ginnsburg Falls. É só andar na linha e vocês não terão problemas".

Como não havia nenhum outro forasteiro na cidade, eles puderam ficar mais à vontade.

Doc e Lori, Ryan e Krysty ficaram em quartos com camas de casal, enquanto os outros dividiram um dormitório grande que dava para a rua Maricas.

Um velho, provavelmente o zelador, parecia eufórico em ter sete visitantes de uma vez só. Usava um macacão verde e botas pretas novinhas. Seus cabelos grisalhos estavam bem penteados e ele cheirava a água de colônia.

— Bem-vindos a Ginnsburg Falls, rapazes — ele disse aos homens, ignorando Lori e Krysty. — Vocês tiveram sorte em chegar hoje. É que vamos ter um espetáculo hoje à noite.

— Espetáculo?

— Um apedrejamento, senhor.

— Apedrejamento? Mas que raio é isso?

— Um apedrejamento, meu amigo, é exatamente o que o nome diz. Aqueles que desrespeitam a lei desta vila têm de pagar um preço. Ande na linha e não terá problemas.

— Mas quem vai ser apedrejado? — perguntou Krysty. — E por quê?

O zelador a ignorou.

— Ontem à noite, um homem e uma mulher foram pegos juntos na cama. Acontece que os dois eram solteiros e o sexo aqui na vila só é permitido depois do casamento.

Por causa disso, eles vão ser apedrejados até a morte. A população mal pode esperar pelo espetáculo.

— Estou achando esta vila uma merda! — exclamou Finnegan, depois que o zelador serviu-lhes uma sopa de legumes e pão de milho fresquinho. — A única coisa que presta é a comida!

O velho fizera uma cara de espanto ao ver Lori e Krysty ao lado dos outros, murmurara alguma coisa a respeito do mundo estar perdido e se afastara.

— É verdade — concordou J.B. — Também não estou gostando nada daqui. Esse pessoal é muito esquisito.

Doc Tanner tomou lima colherada de sopa e olhou para Ryan.

— Este lugar parece ter parte com o diabo, sr. Cawdor.

— Como assim, Doc?

— Apedrejamentos. Mulheres que só servem para ser putas. Guardas e seguranças bem-vestidos. Armas brilhando. Isto aqui está me parecendo uma versão do século XX de algum sonho fascista do Meio-Oeste.

— E eu não gosto dessa história de andar na linha — comentou Jak Lauren. — Quem eles pensam que são?

Finn repetiu a sopa de legumes.

— Sabe o que aquele zelador me disse? Que qualquer pessoa que for pega jogando um cigarro ou qualquer coisa do gênero no chão vai para a prisão na hora! Nunca estive num lugar desses. Quando

vamos embora?

— Assim que pudermos. Mas, enquanto isso, é melhor entrarmos no jogo deles. Vamos andar na linha, para não termos problemas. Qualquer erro da nossa parte pode nos custar a vida. Ele olhou para Lori e Krysty. — Vocês duas precisam tomar cuidado com o que falam. Se alguém as ofender, finjam que não ouviram. Pelo amor de Deus, não se metam em encrencas!

10

A noite começava a cair quando dois seguranças entraram na pensão dos forasteiros.

— Os cinco homens estão convocados para o apedrejamento — anunciou um deles.

— Isso é um convite ou uma ordem? — perguntou Ryan.

— Um pouco de cada — respondeu o sujeito.

Ryan e os outros acompanharam os dois guardas, deixando Lori e Krysty na pensão.

A rua Maricas estava lotada.

— Quanta gente! — exclamou Doc.

— Repare que só há homens — comentou Ryan. — As mulheres da vila não devem sair de casa. .

Os habitantes de Ginsburg Falls andavam com passos rápidos, a fim de se aquecerem. Iam todos de cabeça baixa e tinham um ar compenetrado no rosto. Alguns levantaram os olhos e encararam os estranhos, mas ninguém disse nada.

Bem na frente deles, um garoto de uns nove anos que havia acabado de comer um doce guardou o papel no bolso, para jogá-lo no lixo de sua casa. Porém, o vento forte fez com que ele voasse e caísse no chão.

— Jasper! — seu pai exclamou, a voz carregada de raiva.

— Eu sinto muito...

O pai levantou a mão e deu-lhe uma violenta bofetada. O barulho do tapa fez eco, mas apenas poucas cabeças se viraram. O garoto levou a mão à boca, que ficou suja de sangue.

— Apanhe o papel! — ordenou o homem. — E nunca mais faça isso!

Jasper obedeceu na hora.

Ryan e os outros quatro observaram a cena em silêncio. Foi aí, então, que o pai percebeu que eles haviam visto tudo.

— Ei, pessoal. Sinto muito. Por favor, não nos denuncie... Minha mulher está muito Doente...

— Não vamos denunciar — respondeu Ryan. — Fique tranquilo.

— Obrigado, amigo.

O homem pegou o braço do filho e desapareceu em meio à multidão.

— Quanto mais depressa sairmos deste lugar horrível, melhor! — comentou Finnegan.

— É verdade — concordou Doc. — Essa história de um denunciar o outro me parece coisa de nazista.

— O que é nazista? — perguntou Jak Lauren.

— É uma coisa tão ruim quanto o próprio demônio.

Eles continuaram a andar pela calçada cheia de gente.

— Olhe! — exclamou J.B., apontando para uma placa. — Rua Hans Maricas. Já passamos pela avenida Mary Maricas e pela praça John Maricas. Pelo visto, essa merda de família domina a cidade toda.

— Quando vamos dar o fora daqui? — perguntou Finnegan.

— Se tudo der certo, amanhã.

As luzes dos postes de rua se acenderam. Doc Tanner olhou em volta, maravilhado.

— Pensei que nunca mais fosse ver uma iluminação bonita como essa.

Eles continuaram a andar.

Minutos depois, passavam pela Escola Municipal Harold Maricas para Crianças e Adolescentes.

A alguns passos atrás do grupo, iam os dois seguranças armados até os dentes.

Dois velhos fumando cachimbo passaram por eles. Ryan reconheceu o cheiro do fumo na hora. Olhou para J.B. e percebeu que o armeiro também tinha reconhecido.

— Maconha... — comentou ele. — Onde será que os caras conseguiram? Na plantação de ervas do prefeito Maricas?

— Cuidado com a língua! — avisou Ryan. — Esses caras aí atrás podem te ouvir.

Momentos depois, eles chegavam à praça principal.

— Deus do céu! — exclamou Finn. — Quanta gente!

— Ao que parece, a população toda veio assistir ao espetáculo — comentou J.B.

Ryan olhou em volta. Aquela multidão toda era formada apenas por homens e meninos. Aquilo significava que algo de errado estava acontecendo. Algo de muito errado.

— Doc? — ele chamou, reparando que os nativos haviam se afastado dos cinco, como se eles estivessem contaminados por alguma Doença contagiosa.

— O que foi, Sr. Cawdor?

— Você é um homem de ciência, não é?

— Era, meu filho... Era...

— Pelo visto, a cidade toda está aqui, nesta praça. Certo?

— Certo. Duvido que esta vila tenha espaço para abrigar mais gente.

Finnegan, que ouvia a conversa, resolveu se manifestar: — Ei! Esperem um minuto! Acho que já entendi aonde você quer chegar, Ryan. Se todo o mundo que mora nesta merda de lugar está aqui, e só tem marmanjos no pe-daço...

— Deve haver pouquíssimas mulheres na cidade! — completou J.B.

Aquele era um mau sinal.

Momentos depois, a multidão se afastava para dar passagem a quatro seguranças, que subiram no palco montado no meio da praça. Um deles empurrava uma cadeira de rodas.

— Olhem... — cochichou Jak Lauren. — O prefeito deve ser aleijado.

Foi só aí que Ryan avistou o sujeito. Era franzino e insignificante e usava um terno bege. Nos pés, sapatos de couro preto, da mais fina qualidade.

— Para mim, ele parece um monte de titica de galinha — comentou Finn. — Como é que um homenzinho desses consegue meter medo em tanta gente?

— Silêncio para o prefeito Theodore Sissy! — exclamou um dos seguranças.

Ele nem precisava ter falado aquilo. Ao ver seu líder, a população toda caíra no mais profundo silêncio.

O prefeito apanhou um microfone e falou, sua voz fraca e trêmula, como a de uma criança: — Que venham os condenados!

O silêncio foi quebrado por uma estrondosa salva de palmas.

Cinco brutamontes, incluindo o comandante do jipe, escoltaram duas pessoas até o palco.

— Acendam as luzes! — berrou o aleijado.

A praça se iluminou imediatamente, a claridade fazendo os cabelos de Jak Lauren parecerem ainda mais brancos.

O prefeito continuou a falar: — Aqui estão Jolyon Nanscomb e a puta. Pegos em flagrante no meio de um ato obscuro. Acredito que a puta o tenha seduzido, como Eva fez com Adão, com sua boceta cheia de mel. De qualquer modo, ambos vão pagar.

A mulher era bonita, seus cabelos castanhos chegando até a cintura. Tinha um corpo escultural. Usava um robe curto, que deixava à mostra as belas pernas. O homem, gordo e calvo, vestia um robe parecido. Ambos estavam descalços e tinham as mãos amarradas.

— Até eu seria capaz de perder a cabeça por uma dona dessas — comentou Finnegan, baixinho.

— Cale a boca — disse J.B. — Esse pessoal aqui é capaz de ler até pensamentos. Foi só aí que Ryan reparou nas quatro pilhas de pedras, arrumadas perto do palco. Engoliu em seco ao perceber para que elas iriam servir.

— Aproximem-se, forasteiros! — ordenou o homenzinho na cadeira de rodas. Um dos seguranças lhe entregou um papel e ele leu em voz alta: — Cawdor, Dix, Finnegan, Lauren e Tanner. Venham até aqui!

Conscientes de que toda a multidão os observava, os cinco se aproximaram do palco. Ryan reparou que a mulher o encarava abertamente. O homem, porém, mantinha a cabeça baixa.

— Bem-vindos a Ginnsburg Falls, forasteiros!

O homenzinho tinha uma cara rosada, que lembrava uma pintura que Ryan um dia vira num livro velho.

— Parece um anjinho querubim — cochichou Doc Tanner.

Aquela era a palavra que Ryan queria: querubim! Mas com olhos que irradiavam maldade.

— Esta noite, ilustres visitantes, vocês terão a honra de participar do nosso ritual.

— O que o filho da mãe quis dizer com isso? — cochichou Finnegan.

— Cale a boca! — respondeu Ryan. O aleijado continuou a falar: — Jolyon Nanscomb e a puta serão punidos com a morte. E vocês cinco foram os escolhidos para conduzir o apedrejamento.

Ryan percebeu que, apesar do frio, seu rosto estava ensopado de suor.

— Estão prontos para começar, forasteiros? O povo está impaciente.

Ele deu uma tossida para limpar a garganta.

— Estamos.

— Então comecem!

Ryan deu um passo. Qualquer movimento em falso, ele e seus amigos virariam presuntos. Ficou imóvel por alguns segundos, pensando no que fazer.

— Andem logo, forasteiros! — berrou o prefeito. — Ou então, irão fazer companhia ao tolo e à puta!

Ryan Cawdor se abaixou e apanhou uma pedra.

Um espetáculo horrendo ia começar.

11

Os outros quatro imitaram Ryan e ficaram esperando.

— Agora! — gritou o prefeito.

— Vamos acabar logo com isso — sussurrou Doc Tanner, surpreendendo a todos ao iniciar a chacina.

— Tentem acertar logo a cabeça dos infelizes, assim eles não sofrem muito.

Cada pedra jogada era motivo para aplausos e gritos de "viva". Com o canto do olho, Ryan reparou que os dedos do prefeito estavam dentro de suas calças, massa-geando o pênis ereto. Sentiu uma vontade incrível de vomitar e precisou usar de toda sua força de vontade para se controlar.

Cinco minutos depois, os rostos dos dois condenados eram uma massa ensanguentada. Momentos depois, os dois caíram no chão, sob uma estrondosa salva de palmas. Justiça fora feita.

— Parabéns, forasteiros! — cumprimentou o aleijado, quando a multidão se acalmou.

— Vocês vão se dar muito bem aqui, em Ginnsburg Falls.

— Vocês mataram os infelizes?

Ryan fez que sim com a cabeça.

— Não tínhamos escolha, querida. Era questão de matar ou morrer. Se não cooperássemos, quem iria virar presunto seríamos nós. Os dois iam morrer de qualquer jeito.

— Não havia nada que vocês pudessem fazer? Por que não tentaram conversar com o prefeito?

— Com o velho Maricas? Aquele homem é o demônio em pessoa!

Os sete estavam reunidos na pensão. Os cinco homens relutavam em falar a respeito da chacina, mas Lori e Krysty não paravam de fazer perguntas. Ambas haviam ficado revoltadas com aquela história macabra.

— Vocês não podiam ter feito uma coisa dessas! — exclamou Lori, — Nós estávamos preocupados com a nossa segurança — explicou Doc Tanner, seu rosto abatido mostrando sinais de cansaço.

— Ainda bem que os coitados morreram logo — comentou Jak Lauren.

— E o que aconteceu depois? — perguntou Lori.

— Nada. Eles nos trouxeram de volta para cá. Os outros voltaram às suas casas, excitados e contentes como se tivessem visto um grande show. — Ryan balançou a cabeça. — Estou me sentindo sujo. Já acabei com a vida de muita gente, mas nunca fiz nada contra pessoas inocentes. Meu Deus, que barra horrível...

Krysty deitou a cabeça em seu ombro.

— O pior de tudo foi ouvir os gritos de alegria dos espectadores. Filhos da puta!

Malditos sejam todos eles! Estou tão cansado... Acho que vou para a cama. Não sei se conseguirei dormir, mas pelo menos quero descansar um pouco.

Porém, o dia ainda não tinha terminado.

Sem bater na porta, o segurança-chefe entrou na pensão. Fez uma cara de espanto ao ver Krysty e Lori sentadas na cama, junto com os outros.

— Forasteiro Cawdor! Empregadas não dormem, nem comem com os homens. Só putas. Você disse...

— É verdade. Elas não são putas.

— Então as duas devem ir embora.

— O quê?

— Isso mesmo que você ouviu. Amanhã de manhã, elas serão transferidas para outro lugar. Só não irão embora agora porque as mulheres são proibidas de sair na rua à noite. Bem, vim lhes trazer uma carta do prefeito Maricas. Aqui está ela. Boa noite, forasteiros. E não se esqueçam. Andem na linha e não

terão problemas.

Assim que a segurança saiu, Ryan Cawdor abriu o envelope. A carta, escrita com boa caligrafia, era clara e objetiva.

Ele leu em voz alta: — "Caros forasteiros. Parabéns pelo trabalho. O tolo e a puta receberam o castigo merecido. Todos vocês, com exceção de Jak Lauren, terão permissão para continuar na cidade. O menino é um mutante e deverá ser sacrificado."

Finnegan deu um suspiro desanimado.

— Bem-vindos a Ginnsburg Falls — ele disse. — A cidade mais fodida do oeste.

12

Jak Lauren fugiu às três da manhã. Eles passaram horas conversando e decidiram que aquilo era o melhor a ser feito. As garotas haviam sugerido que todos dessem no pé, mas Ryan fora contra a ideia — Se tentarmos escapar, a cidade toda vai nos caçar pelas montanhas — explicou ele.

Antes de ir, o albino pediu: — Veja se vocês dão um jeito de prender os seguranças aqui, de modo que eles não venham atrás de mim.

— Deixe conosco, Branquela.

— Pretendo seguir para o norte. Vou me esconder em algum lugar, a uns vinte quilômetros daqui. Se houver alguma encruzilhada, eu deixo um sinal indicando a direção que tomei.

— Certo. Estou de olho num dos jipes usados pelos seguranças. Se conseguirmos roubar um, teremos muitas chances de escapar.

— Boa sorte, pessoal.

— Boa sorte, meu filho.

Assim que o velho zelador caíra no sono, o albino tinha pulado a janela, desaparecendo em meio à escuridão de Oregon.

A sorte estava lançada.

O prefeito Maricas chegou cedo à pensão.

— Bom dia, forasteiros — ele foi logo dizendo, com sua vozinha esganiçada. A cadeira de rodas era empurrada por um dos seguranças, — Estou muito aborrecido com a fuga do seu amigo, o forasteiro Lauren.

Ryan teve ímpetos de esganar aquele homenzinho odioso. Porém, sabia muito bem que tinha de se controlar. Atrás da cadeira e do segurança havia mais dois brutamontes, armados até os dentes. Qualquer gesto impensado e todos eles virariam defuntos.

— Ninguém tem nada a me dizer? — perguntou a voz esganiçada. — O gato comeu a língua de vocês?

Ryan balançou a cabeça.

— Jak Lauren não era nosso amigo, prefeito Maricas. Ele se juntou a nós, horas antes de chegarmos à sua cidade. Achemos que ele podia ser um mutante, mas o deixamos vir conosco, até que tivéssemos certeza.

— O que teria feito, caro forasteiro, se as suas suspeitas fossem confirmadas?

— Eu mesmo me encarregaria de matá-lo.

— Ou o traria até aqui, para ser julgado e executado.

— Sem dúvida.

— Agora, preciso decidir o que fazer com as duas moças. Você disse que elas não eram putas. Tem certeza disso?

— Certeza absoluta.

— E se eu decidir que elas são e pronto?

Ryan não hesitou em responder: — O que decidir está decidido, prefeito.

— Boas falas, forasteiro. Boas falas. Você e os outros vão se dar bem aqui em Ginnsburg Falls. Menos o velho. — O aleijado apontou para Doc Tanner. — Ele será removido para a Casa de Repouso Anthony Maricas, para depois ser encaminhado para o Centro de Eutanásia Ronald W. Maricas.

Doc Tanner ficou revoltado.

— Casa de Repouso! Eutanásia! — Ele levantou sua bengala, fazendo os seguranças se alvoroçarem.

— Vou lhe mostrar uma coisa, seu aleijado!

Ryan Cawdor o impediu de fazer uma bobagem, usando o único método que conhecia: aplicando-lhe um soco no estômago. O velho caiu no chão, fazendo força para respirar.

— Trate de manter os seus homens na linha! — ordenou o prefeito, com sua voz esganiçada. — Não quero mais esses atos de rebeldia na minha frente.

— Sim senhor. — Ryan ajudou Doc Tanner a se levantar. Meu amigo vai ficar feliz em conhecer a Casa de Repouso Anthony Maricas.

— Ótimo. Assim é melhor. — O aleijado inclinou-se para a frente. — O mutante de cabelos brancos será perseguido como um animal e destruído. O velho vai para o asilo.

Quanto às duas moças, ainda terei de decidir se são putas ou não.

Ryan fez uma pausa, depois perguntou: — Com todo o respeito, prefeito Maricas, que critérios o senhor vai usar, para decidir que tipo de mulheres elas são?

Ele deu um sorrisinho irônico.

— Não se preocupe, caro forasteiro. Não se preocupe. Tenho meus métodos de avaliação. — Ele fez um sinal para que o segurança o levasse dali. — Até mais, companheiros. Vocês vão gostar muito desta cidade. A vida aqui pode ser magnífica. É só andar na linha. E, acima de tudo, nunca perguntem o que Ginnsburg Falls pode fazer por vocês. Perguntem o que vocês podem fazer por Ginnsburg Falls.

Assim que o aleijado e os seguranças foram embora, Doc Tanner balançou a cabeça tristemente.

— Como esse idiota se atreve a repetir as palavras de John Kennedy...

— Quem foi John Kennedy? — perguntou Finnegan.

— Um dos melhores presidentes que os Estados Unidos da América já tiveram.

Grande homem! Pena que a sua família tenha sido marcada pela tragédia. Ele foi assassinado num lugar chamado Texas, em 1963. Ainda me lembro do dia em que...

— Você se lembra do que, Doc?

— O velho mordeu a língua.

— Não me lembro de nada, caro sr. Cawdor. Não me lembro de nada...

Finnegan olhou em volta, para ver se ninguém mais iria ouvi-lo.

— Sabe o que eu não entendo?

— O que, Finn?

— Por que esta merda de cidade não se chama Maricas Falls...

Todos caíram na risada.

Eles foram dar uma volta e ficaram impressionados com o que viram.

As ruas calçadas brilhavam. Havia um único bordel na cidade toda, onde quase todas as mulheres ficavam confinadas, totalmente à mercê dos desejos e caprichos dos machos.

Ryan reparou que todas as casas eram brancas, com um jardimzinho bem cuidado na frente.

— Não há negros na cidade — comentou Finnegan .

— Só arianos — acrescentou Doc Tanner. — Hitler adoraria este lugar.

Ninguém entendeu o que o velho quis dizer com aquilo. Eles voltaram logo para a pensão.

Ginnsburg Falls estava se revelando um grande pesadelo.

Apesar dos olhares furiosos do zelador, os sete almoçaram juntos. A comida até que era razoável: carne assada, arroz, cenoura e espinafre. De sobremesa, gelatina verde e pudim de chocolate.

— Não estou com o mínimo apetite — disse Ryan, empurrando o prato. .

— Nem eu — acrescentou Krysty.

Finnegan esfregou as mãos.

— Não faz mal. Eu como a parte de vocês.

Um pouco depois do almoço, o zelador voltou a procurá-las. — Acabei de receber ordens do senhor prefeito. Ele quer ver as moças dentro de duas horas, no seu gabinete da rua Arthur Maricas, perto do lago. Ouviram bem? Elas precisam ir. Precisam ir. .. precisam ir... precisam ir.

Quando o homem saiu, Doc Tanner balançou a cabeça. — Depois sou eu que tenho de ir para o asilo...

— E agora? — perguntou Lori.

Krysty olhou para Ryan, — Essa história já foi longe demais, amor. Este lugar me dá vontade de vomitar. Vamos fugir e nos encontrar com Jak.

— À luz do dia? Você ficou maluca, Krysty! A cidade toda está de olho na gente.

Qualquer passo em falso e estaremos perdidos.

— Então, devemos ir ao encontro daquele aleijado?

— Claro! Tentem aguentar o filho da mãe até meia-noite, quando então iremos salvá-las.

— É melhor você aparecer-na hora marcada — avisou Krysty. — Senão, Lori e eu dare-mos no pé sozinhas.

O segurança-chefe apareceu às três em ponto, para levar as garotas ao gabinete do prefeito Maricas.

Ryan tentou puxar conversa com o sujeito: — Me diga uma coisa, xará. O prefeito é popular aqui na cidade?

— Claro! Todos o adoram. A família Maricas tomou conta de Ginnsburg Falls há alguns anos. Antigamente, a cidade era um verdadeiro horror, onde só havia mutantes e um monte de lixo. Os Maricas nos salvaram desse inferno. Hoje em dia, temos muito cuidado com os que vêm de fora. Vocês se saíram bem no apedrejamento e são bem-vindos aqui. Mas o garoto de cabelos brancos será caçado e executado. A menos, é claro, que tenha ido para o . norte... — Ele deu um sorriso irônico. — Se o infeliz foi para lá, então ele vai morrer de qualquer jeito.

— Por quê? — perguntou Doc.

— Porque o lugar é uma praga, velhote. Chuvas de ácido que caem a toda hora.

Mutantes inacreditáveis. Ninguém que foi para lá jamais retomou com vida.

Era exatamente para o norte que Ryan Cawdor pretendia ir. A mensagem do rádio viera de lá.

— Pode deixar — disse Finnegan. — Nós nunca iremos para aquela merda de lugar.

O segurança balançou a cabeça.

— Palavrões não são permitidos aqui em Ginnsburg Falls, gorducho. Se continuar a usar essa linguagem, seu tempo aqui na Terra será abreviado.

Ryan tentou acalmar os ânimos.

— Fique tranquilo, xará. Ele vai tomar mais cuidado com a língua, daqui por diante.

— Acho bom. Andem na linha e não terão problemas. O senhor prefeito quer vê-las amanhã de manhã. Acho que vai convidá-los para participarem do corpo de segurança da cidade. O emprego é ótimo. Meio período, pagamento razoável e refeições gratuitas. Vocês vão gostar.

— E qual será o nosso serviço?

— Impedir que algum habitante tente fugir da cidade. Para falar a verdade, isso é a maior moleza. A última vez que alguém tentou escapar foi no ano passado. Duas putas e dois homens resolveram dar no pé. Foram pegos sem dificuldade. Bom apedrejamento aquele. Um dos homens jogava baseball e conseguiu rebater algumas pedras. — O segurança começou a rir. — Mas não todas, é claro!

O dia custou a passar.

Ryan sugeriu que Doc ficasse na pensão, para evitar que fosse levado ao asilo e ao centro de eutanásia. O velho queria ver Lori a todo custo, mas Ryan conseguiu convencê-lo a mudar de ideia — Fique aqui e não nos crie problemas, por favor.

Finnegan se ofereceu para dar um pulo à rua onde ficava o gabinete do prefeito.

— Vai ser bom fazer uma visita de reconhecimento, à luz do dia — ele explicou.

J.B. Dix ficou na pensão verificando suas armas. Ryan, como Finnegan, também resolveu sair para conhecer melhor a cidade.

Foi andando sem destino pelas ruas, alerta a qualquer perigo. Reparou que não havia cachorros por ali. Nem gatos. Aliás, não havia animais domésticos em Ginnsburg Falls.

De vez em quando, ele via mulheres que o observavam, atrás das cortinas das janelas das casas. Aquela era outra coisa que o intrigava. A população da cidade era predominantemente masculina. Como era possível uma coisa daquelas?

Ryan sentiu um arrepio de horror, ao imaginar o que aqueles carneiros faziam com os bebês do sexo feminino.

Depois de ter percorrido quase toda a cidade, Ryan voltou à pensão. Sentia-se triste e deprimido. A chacina covarde do dia anterior não lhe saía da cabeça. Jurou que o prefeito Maricas iria pagar por sua maldade. Seria só uma questão de tempo.

Como não tivesse nada para fazer, Doc Tanner foi dormir. Os outros três ficaram conversando a respeito dos tempos em que cruzavam a Terra da Morte, ao lado do Negociante.

— Vocês se lembram daquela puta de olhos azuis, que queria seduzir o Negociante?

— perguntou Finnegan, rindo. — Nunca vou esquecer do dia em que ela apareceu no tanque, tirou a roupa na frente de todo o mundo e começou a...

Ryan olhou para o relógio.

— A conversa está muito boa, pessoal, mas não podemos perder mais tempo. São onze em ponto. Chegou a hora de resgatarmos as garotas.

Eles deixaram a pensão sem fazer barulho.

Finnegan, extremamente ágil apesar da gordura, foi na frente, sua submetralhadora HK 54 A2 firme em suas mãos. Doc vinha em segundo, segurando a inseparável pistola Le Mat. Ryan rezou baixinho para que o velho não precisasse usar a arma. O

barulho que ela fazia iria acordar a cidade toda. Daí, os três estariam perdidos.

J.B. seguia atrás de Doc, sua míni Uzi pronta para ser usada a qualquer momento. Ryan era o último; a pistola SIG-Sauer de 9 mm na mão.

As ruas estavam desertas. Ao passarem por uma casa, ouviram o barulho característico de uma mulher chorando. Um homem gritava. Então, veio um som oco, como a palma de mão batendo num rosto. Depois, fez-se silêncio.

Doc Tanner franziu a testa.

— Como eu gostaria de explodir esta cidade toda...

— Você não é o único — disse Finn. — Você não é o único...

Ryan franziu a testa.

— Para falar a verdade, minha única vontade é salvar as garotas e sair daqui. Estou me lixando para os habitantes da cidade. Quero que todos se fodam!

— Olhe! — sussurrou J.B. — Vem vindo um jipe!

Os quatro se esconderam atrás de um muro.

Quando o veículo passou, eles continuaram a andar, olhos e ouvidos atentos a qualquer ruído estranho.

— O gabinete do prefeito Maricas estava iluminado. Ryan avistou os seguranças, antes que eles pudessem vê-los. Havia meia dúzia de brutamontes e um jipe na frente da casa. Conversavam animadamente, como se não esperassem problemas àquela hora.

— Posso atirar nos filhos da puta? — perguntou Finn.

— Calma, homem! O barulho vai acordar a cidade inteira. Vamos ver se há algum jeito de entrarmos por trás.

Eles deram a volta na casa. Felizmente uma das janelas estava aberta. Os quatro pularam para dentro. Foram dar num corredor estreito, cheio de portas abertas dos dois lados.

— Muito cuidado, pessoal — murmurou Ryan. — Alguém pode surgir destas salas a qualquer momento.

Todas elas, porém, estavam vazias e ninguém apareceu. Continuaram a andar e foram dar numa escada, que levava ao andar de cima.

— Olho vivo, pessoal — aconselhou Ryan. — É provável que o aleijado e as garotas estejam por aqui.

Subiram a escada e encontraram um outro corredor, onde só havia uma porta fechada, com uma placa que dizia: "Sala de Recreação do prefeito Theodore J. Maricas".

Ryan colou o ouvido na porta e ouviu barulho lá dentro.

O Negociante sempre mostrava a seus funcionários velhos filmes policiais, em que os mocinhos derrubavam as portas com os ombros e entravam atirando em todas as direções. Só que, naquele momento, aquela não era a melhor tática a ser usada. Eles tinham de tomar cuidado com as garotas. Melhor abrir a porta com calma, como se fossem visitantes. Mas com o dedo firme no gatilho, é claro!

Ryan olhou para Finn, Doc e J.B. Eles fizeram um sinal com a cabeça, mostrando que estavam prontos.

— Agora!

Havia quatro pessoas na sala, cuja única mobília era uma cama grande de casal.

Sentada no chão, o rosto branco como cera, estava Krysty. Pela expressão de seus olhos, Ryan percebeu imediatamente que ela se concentrava para receber os poderes mágicos de Gaia, a Mãe Terra.

Lori Quint, entretanto, encontrava-se em pior situação. Jazia na cama, completamente nua, as pernas escancaradas, satisfazendo o segurança-chefe do prefeito.

Ryan ouviu a respiração pesada de Doc Tanner a seu lado.

A quarta pessoa na sala era o próprio Theodore J. Maricas, sentado em sua cadeira de rodas, olhos fechados, sorriso obscuro nos lábios. O zíper de sua calça estava aberto e ele acariciava o pênis ereto.

Doc Tanner levantou sua pistola Le Mat.

— Não faça isso — pediu Ryan. — O barulho vai chamar muita atenção.

— Mas a minha Lori está sendo violentada!

— Então, venha comigo. Vamos acabar com a raça desse nojento.

O segurança-chefe gemia de prazer e nem se deu conta da presença dos quatro intrusos.

Ryan e Finnegan o arrancaram de cima de Lori e o jogaram no chão.

— Mas o quê...

J.B. Dix fez com que o homem se calasse, mandando uma rajada de balas para cima dele.

Doc correu para Lori e a abraçou.

— Você está bem, meu amor?

Foi só ao ouvir o barulho dos tiros, que o prefeito Maricas abriu os olhos. Deu um grito de espanto ao ver os forasteiros e tratou de guardar rapidamente o pênis dentro da calça.

— Seus idiotas! O que pensam que estão fazendo?

Ninguém lhe respondeu.

Ryan aproximou-se de Krysty.

— Tudo bem, querida?

Ela saiu do transe e olhou em volta.

— Olá, Ryan, Chegou em boa hora. Eu estava me preparando para receber os poderes de Gaia, a fim de acabar com esses filhos da mãe.

O aleijado continuava a gritar: — Vocês vão pagar por isso, seus porcos imundos! Meus homens estarão aqui em poucos segundos!

Finnegan encostou a arma na cabeça do prefeito.

— Cale a boca, vovô.

Quando Lori começou a se vestir, Ryan reparou que havia marcas roxas por todo seu corpo.

— O que aconteceu com a pobrezinha? — ele perguntou a Krysty.

— O brutamontes lhe deu uma surra, porque ela se negava a fazer as barbaridades que ele queria. Só que a coitada acabou tendo de fazer tudo. Eu ia ser a próxima a ser fodida. Era aí que pretendia acabar com o pessoal.

Em sua cadeira de rodas, o homenzinho não parava de se mexer.

— Vocês vão me usar como refém para fugirem?

— Não.

— Afinal, o que vocês têm em mente?

— Já disse para calar a boca, vovô.

Lori já estava quase vestida. Abaixou-se para apanhar sua pistola Walther PPK.22, que o segurança havia arrancado de seu cinto e jogado debaixo da cama.

Aproximou-se lentamente do prefeito.

Percebendo o que ela pretendia fazer, Doc ainda tentou impedi-la.

— Deixe isso comigo, Lori.

— Não! — respondeu a garota.

— Deixe-me ir e eu liberto vocês — implorou o aleijado.

Lori lhe deu um chute no meio das pernas, fazendo-o urrar de dor.

— Seu miserável... Você me obrigou a fazer aquelas coisas horríveis... Mas agora seu momento chegou. Abra a boca.

Maricas não obedeceu.

— Abra a boca, seu filho da puta! — ela repetiu.

Como ele não abrisse, Lori enfiou o cano da pistola a força em sua boca, quebrando-lhe os dois dentes da frente.

— Adeusinho, aleijado — ela disse sorrindo, apertando o gatilho.

O barulho do tiro mal foi ouvido. A cabeça de Maricas voou para trás e seu corpo todo começou a

tremar, como se ele estivesse tendo uma convulsão. Lori chutou a cadeira, que se espatifou contra a parede. O aleijado caiu no chão, seus braços tremendo violentamente. O sangue espirrava da boca e do nariz. Os olhos fitavam o teto.

A garota abraçou Doc.

— Fiz um bom trabalho, não fiz?

— Claro, querida!

— Vamos sair daqui — disse Ryan. — Precisamos pegar aquele jipe que está lá fora, e então este pesadelo todo estará terminado.

Meia hora depois, eles deixavam Ginnsburg Falls, num jipe roubado a duras penas dos seguranças que guardavam a casa do finado Maricas.

Pelo menos, eles haviam livrado a cidade de seu prefeito tirano. O que iria acontecer com os habitantes depois era outra história, que não lhes dizia respeito.

Mais adiante, Ryan avistou Jak Lauren, escondido atrás de uma pedra.

O grupo voltava a ficar completo.

Com J.B. Dix na direção, eles viajaram durante a noite toda rumo ao desconhecido, rezando para encontrar um lugar melhor.

Quis o destino, porém, que suas preces não fossem ouvidas...

14

Os primeiros raios de sol começavam a iluminar o céu, quando eles passaram por uma placa meio tombada, toda perfurada de balas, que dizia: "Estrada 62. Não ul-trapasse".

J.B. Dix achou um mapa no porta-luvas do jipe. Abriu-o com cuidado, para que o papel não se desintegrasse em suas mãos. Pôs-se a estudá-lo com muito interesse.

O jipe deu um solavanco ao passar por um buraco.

— Olha por onde anda, Finn.

— A culpa não é minha! — O gorducho defendeu-se. — É do buraco!

O veículo, após as duas primeiras horas de caminho, havia começado a fazer um barulho esquisito. Agora, saía fumaça escura do capô, um claro sinal de que o motor não iria aguentar por muito tempo. Finnegan amaldiçoou o finado prefeito Maricas.

Por que o filho da mãe não cuidara melhor de sua frota?

— Parece que vamos encontrar uma montanha um pouco mais adiante — anunciou J.B. — O nome dela é Mazana. É um vulcão extinto, com um lago na cratera.

— O lago Crater — acrescentou Doc Tanner, tentando se espreguiçar.

Porém, com Lori deitada em seu colo, ele não teve espaço para esticar as pernas.

— Você sabe alguma coisa a respeito desse lago? — perguntou Ryan, torcendo para que o velho pudesse lhe dar alguma informação útil.

— Alguma coisa apenas, meu caro sr. Cawdor.

— O quê?

Doc Tanner bocejou.

— O Projeto Cerberus, assim como os outros, era super-secreto Infelizmente, nunca tive acesso a ele. Todas as informações eram ultra-sigilosas.

O grupo todo, com exceção do albino, estava acordado.

— O que quer dizer sigilosa? — perguntou Lori.

— Quer dizer algo secreto, confidencial. Como eu disse, não consegui ter acesso a certas informações. O que lembro é que o lago Crater. .. Xi! Acho que esqueci.

Finn pisou fundo no breque e soltou um palavrão: — Merda! Esta estrada filha da mãe está bloqueada!

Ryan, porém, o ignorou.

— Tente se lembrar, Doc, O lago Crater era o quê?

— Era um fenômeno, meu rapaz. — Ele fez uma pausa, como se estivesse perdido em lembranças. — Um verdadeiro fenômeno...

Ryan deu um suspiro desanimado. Ainda não seria dessa vez que iria descobrir o segredo do velho Doc Tanner.

— Quem vai se dignar a tirar o traseiro desse banco e me ajudar a empurrar essas drogas de troncos, que estão impedindo a passagem?

— Vamos lá, pessoal — disse Ryan, descendo do jipe.

Lá fora, o frio era insuportável. Felizmente, havia aquecimento no veículo. Se não houvesse, os sete já teriam virado pinguins, há muito tempo.

Ryan ajeitou seu mantô de lã e olhou em volta. Pedacos de troncos e galhos secos, que pareciam estar ali havia tempo, bloqueavam a estrada. Pelo jeito, os bons habitantes de Ginnsburg Falls não costumavam viajar para o norte com muita frequência.

O vento soprava com tanta força que, por um momento, Ryan foi obrigado a fechar o olho: Quando o abriu novamente, pensou ter visto movimento atrás de uns arbustos, mais adiante. Olhou de novo, mas então não viu mais nada.

Felizmente, eles haviam encontrado casacos no depósito. O frio era tão intenso, que chegava a Doer na pele. Para piorar um pouco as coisas, começou a nevar. Eles tinham de andar depressa. Além do mais, Ryan não esquecia o tal movimento atrás dos arbustos. Podia ter sido impressão, mas, de qualquer modo, era bom tomar cuidado.

— Ei, J.B.! Olho vivo!

— Farejou mutantes, Ryan?

— Não. Mas acho que vi algo ali.

O armeiro balançou a cabeça. Ryan não precisava dizer mais nada. Na Terra da Morte, se você pensa ter visto algo, então já é motivo mais que suficiente para manter os olhos bem abertos. Aquele que espera ter certeza pode acabar debaixo da terra, alimentando as minhocas.

Fazia mais frio ali do que naquela região outrora conhecida por Alasca, onde o grupo estivera havia pouco tempo.

Ryan sentiu que os pelinhos de seu nariz estavam prestes a congelar. Nunca, em toda a sua vida, ele havia encontrado um clima assim. E sabia muito bem que, se o jipe falhasse agora, as chances de sobrevivência seriam mínimas. O pior era que aquela fumacinha escura teimava em continuar saindo do capô...

— Krysty! — ele chamou. — Mantenha o pé no acelerador enquanto removemos os troncos. Se o carro morrer, é provável que não pegue mais.

— E se voltássemos a Ginnsburg Falls? — sugeriu Finn.

— Esqueça. Aqueles sádicos já devem ter escolhido outro prefeito, tão sádico quanto Maricas. E nós seríamos os próximos a ser apedrejados: Agora, pessoal, ao trabalho!

Não foi tão difícil. Os troncos não eram pesados e eles conseguiram limpar a estrada em pouco tempo.

A neve continuava a cair, aumentando ainda mais o frio.

Ryan e os outros estavam a ponto de congelar.

Krysty, no jipe, continuava a pisar no acelerador.

— Para dentro! — exclamou Ryan. — Não podemos ficar nem mais um minuto aqui fora!

Todos obedeceram prontamente. Ele deu mais uma olhada em volta, para certificar-se de que tudo estava em ordem. Então se aproximou do jipe.

Foi aí que se deu o desastre.

Antes que pudesse subir no carro, alguma coisa o atacou por trás, derrubando-o ao chão. Um rosnar feroz entrou em seus ouvidos e ele sentiu o cheiro da criatura que o havia atacado.

Por alguns momentos, Ryan não conseguiu ver o que era. Só sabia que era algo grande, com dentes agudos que lhe mordiam as costas. Um tigre, talvez. Ou qualquer outro monstro saído das sombras da noite.

Homem e besta rolaram no chão.

— Seu filho da mãe fedido! — ele gritou, acertando um soco em seu atacante, que o fez soltar um urro de dor e se afastar alguns metros.

Foi só aí que Ryan viu o que era: um lobo enorme, com olhos vermelhos como dois rubis. Percebendo que não teria tempo de sacar sua pistola, apanhou o facão que trazia junto ao cinto.

— Venha, seu miserável! — ele desafiou, piscando por causa da neve que teimava em cair.

O animal foi se aproximando lentamente, a barriga rastejando no chão.

Ryan deu um passo à frente, observando os olhos do monstro. Seu finado irmão lhe ensinara aquilo, havia muitos e muitos anos, quando ele era apenas uma criança.

As palavras de Morgan ainda ecoavam em seus ouvidos: “Os olhos, meu pequeno... Sempre olhe dentro dos olhos!”

A fera hesitou por alguns instantes, talvez intimidada pelo humano que ousava encará-la. Foi aí então que Ryan viu o sinal, dentro daquele olhar vermelho.

Era agora ou nunca!

Deu um passo à frente e enterrou-lhe o facão no pescoço. O lobo urrou e o sangue começou a jorrar da ferida.

Ryan aproveitou o momento e sacou a pistola P-226 de 9 mm, que lhe era tão familiar e conhecida como seu próprio reflexo no espelho. Uma bala no lugar certo era o bastante para mandar qualquer um ao inferno.

Foi o bastante, até para o lobo mutante.

O projétil entrou bem no meio de seus olhos, o grito de dor e frustração da fera ecoando pelas árvores. A neve ficou manchada de vermelho.

Krysty desceu do jipe assustada.

— Você está bem, Ryan? Queríamos ajudar, mas está tão escuro aqui fora, que fica-mos com medo de acertar você e não o monstro!

Ele respirou fundo.

— Tudo bem, querida. Vamos tratar de dar o fora daqui depressa, antes que outro igual a esse resolva aparecer.

O jipe seguiu seu caminho. Qualquer um que entendesse um pouco de mecânica perceberia que a vida do motor estava chegando ao fim. O barulho ficava mais forte e cada minuto que passava, e o cheiro de queimado tornou-se insuportável. Em pouco tempo eles estariam parados.

Nesse caso, só lhes restariam duas opções: voltar ao depósito e tentar outro lugar, ou seguir em frente e enfrentar aquele deserto de pedras e neve.

Os sete começaram a pensar no que fazer. As perspectivas não eram muito animadoras.

— Parece que o céu está mais claro lá para a frente — comentou Finnegan.

— Este jipe tem pouco tempo de duração — acrescentou J.B. Dix, limpando os óculos. — Duvido que ele aguente voltar para a vila.

Ryan balançou a cabeça.

— Acho que a melhor coisa que temos a fazer é seguirmos o nosso caminho.

Jak Lauren deu um espirro. Estava começando a ficar resfriado.

— Aquela mensagem do rádio veio do norte, não veio? Então, acho que é para lá mesmo que devemos ir.

Krysty, porém, não concordava com ele .

— Quanto mais longe formos, mais difícil será para voltar ao depósito.

Doc Tanner tossiu, para limpar a garganta.

— Nós estamos sendo jogados de um lado para outro da Terra da Morte, como crianças perdidas, como participantes de algum jogo celestial, cujas regras não conhecemos...

— O que você quer dizer com isso, Doc?

— Na minha modesta opinião, meu caro e às vezes agressivo Sr. Cawdor, deveríamos seguir em frente para tentar aumentar nossos conhecimentos. Mesmo que isso fosse tão difícil quanto entrar no Vaticano e cumprimentar o papa.

— Quem é o papa? — perguntou Finnegan.

Ninguém lhe respondeu.

— Você está sé referindo à mensagem, Doc?

— Exatamente. Como já disse, acho que deveríamos seguir em frente e lutar contra a nossa própria ignorância.

— Mas não sabemos para onde estamos indo! — reclamou J.B. — Nem rádio nós temos!

O velho sorriu.

— Ah, Sr. Dix, é aí que se engana. Lori, querida, mostre ao simpático cavalheiro o que você encontrou embaixo do banco desta banheira caindo aos pedaços.

Lori, toda orgulhosa, mostrou uma caixa preta de plástico que escondia debaixo do casaco.

Finn deu um assobio.

— Uau! Um rádio! Quando foi que você o encontrou, Lori?

— Assim que entrei no carro.

— Será que funciona? — perguntou Jak, — Claro que sim, meu filho. — O velho virou-se para Finnegan. — Foi você que fez aquele velho rádio do depósito funcionar, não foi?

— Fui, Doc.

— Será que pode dar um jeito nesse aqui também?

— Claro. Ei, J.B., você pode ficar na direção, enquanto eu ponho essa joça para funcionar?

O armeiro pegou a direção e começou a praguejar contra o motor do jipe.

— Por que aquele fodido do Maricas não comprava carros mais novos?

Finn apertou vários botões, sem sucesso.

— Vai ver que não está funcionando — disse Krysty.

— Pode ser — concordou Ryan, — Mas isso não quer dizer...

— Ei! — berrou o gorducho. — Acho que estou ouvindo um som!

Ele mexeu num outro botão e todos puderam escutar a mesma voz de antes, que dizia: "Falamos do norte de Ginnburg Falls, para todo o Oregon. Aqueles que de-sejarem ter mais informações a respeito deste estranho mundo em que vivemos, procurem-nos. Falamos do norte de..."

A transmissão foi interrompida.

Doc Tanner bateu palmas, entusiasmado.

— Estamos no caminho certo!

J.B. Dix deu um suspiro desanimado.

— Podemos estar no caminho certo, Doc, Só que pegamos o carro errado. Duvido que esta droga ande mais um quilômetro.

O armeiro não podia estar mais certo.

Cinco minutos depois, quando as primeiras luzes da manhã começavam a iluminar o céu, o motor engasgou e parou, para nunca mais pegar.

Todos desceram do jipe.

15

Doc Tanner não se cansava de admirar a paisagem à sua volta.

— Que lugar lindo! Antes da guerra, isto aqui deve ter sido um verdadeiro paraíso...

Pelos cálculos de Ryan, eles tinham andado três quilômetros, após ter abandonado o jipe quebrado e inútil ao lado da estrada.

Havia parado de nevar e o vento já não soprava com tanta força, mas o frio ainda era cortante. O sol brilhava no céu sem nuvens. Ali, o ar era puro e fresco, sem o cheiro de enxofre característico das outras partes da Terra da Morte.

De repente, eles avistaram o que Doc Tanner reconheceu imediatamente como sendo o lago Crater, do qual havia falado: uma bacia de pedras rodeando um grande lago, com as águas mais cristalinas que qualquer um deles já vira na vida.

Os sete sentaram-se no chão para descansar. A simples visão daquela cena tranquila já era reconfortante.

— Maravilhoso! — comentou o velho, dando um suspiro. Que lugar lindo deve ter sido a Terra, antes que as bombas caíssem sobre ela.

Krysty balançou a cabeça, concordando com ele.

— Quando eu era pequena, passava horas folheando livros velhos, vendo fotogra-fias de lugares que os antigos chamavam de paraíso: Para mim, agora, o paraíso é isso.

Era raro encontrar um lugar de ar puro, sem nenhuma evidência de mutações cau-sadas pela radiação, em toda a Terra da Morte. Os sete amigos estavam encantados.

Havia flores, plantas e árvores por todos os cantos. Ryan não entendia muito de vegetação, mas reconheceu alguns pinheiros, abetos e cicutas em volta da enorme cratera do vulcão.

Raposas e marmotas passavam pelo grupo, sem lhes dar a mínima atenção. Tanta indiferença só poderia significar a ausência de caçadores na região. Os galhos das árvores estavam cheios de pássaros exóticos, de plumagem colorida.

Por um momento, Ryan pensou ter chegado a Terra de Shangrilá. Não tardaria, porém, a descobrir o quanto estava enganado.

Krysty deitou a cabeça em seu ombro.

— Será que o mundo antes do grande inverno era assim bonito, meu amor?

Foi Doc Tanner quem respondeu: — Posso lhe jurar que sim, minha cara criança. É claro que havia grandes cidades, onde o trânsito infernal e a poluição deixavam qualquer cristão maluco! Mas também existiam milhões de hectares de florestas de rara beleza.

Eles ficaram em silêncio por alguns instantes, perdidos em seus próprios pensamentos.

Krysty apertou a mão de Ryan com carinho.

— Por que precisamos partir, amor?

— O quê?

Os dois falavam baixo, para que ninguém os ouvisse.

— Por que temos de pular de um lado para outro o tempo todo, Ryan? Por que não fincamos raízes em algum lugar? Aqui, por exemplo?

Ryan respirou fundo, tentando encontrar as palavras certas para responder àquela pergunta: — Eu... eu não sei, Krysty.

— O ar aqui é tão puro... parece néctar. Néctar puro! — Ela olhou em volta. — Esse vale é tão lindo... Água fresca, ar limpo... Nós poderíamos construir uma casa linda aqui...

— Nós? Nós quem, Krysty?.

— Você... Eu... — Ela hesitou por alguns instantes. — Todos nós! Já reparou como nos damos bem? Seria tão bom se ficássemos morando aqui... Poderíamos construir uma casa, cultivar a terra, constituir família...

Finalmente, haviam sido postas para fora as palavras que ambos tinham tanta vontade de dizer, desde aquele dia em que o destino os colocara frente a frente, pela primeira vez. Palavras que nenhum deles dissera antes, nem sussurrara durante o ato de amor.

— Um dia, Krysty... — Ryan respondeu, finalmente.

— Um dia, amor?

— Sim, um dia... Mas não agora!

Eles resolveram acampar numa clareira e acenderam uma fogueira, usando os galhos secos que haviam caído no chão. De vez em quando, uma ou outra corça se aproximava, sem o mínimo sinal de medo.

Os sete combinaram que, assim que amanhecesse, iriam se dividir em dois grupos para explorar a região.

— Precisamos tomar muito cuidado — alertou Ryan.

Na hora de dormir, J.B. Dix perguntou quem seria o primeiro a vigiar o acampamento.

"Não importa onde você esteja", o Negociante não se cansava de repetir. "Se não há ninguém vigiando o seu sono, você corre o risco de não acordar mais."

— Será que vamos precisar montar guarda, mesmo neste paraíso? — perguntou Finnegan, bocejando.

Ryan ficou pensativo por alguns instantes. Sabia muito bem que até o paraíso poderia abrigar serpentes venenosas. Porém, a tentação de sucumbir à beleza e à tranquilidade daquele lugar era grande demais.

— Vamos dormir, pessoal. Duvido que apareça alguém aqui, para nos aborrecer.

— Oba! — exclamou o gorducho. — Acho que pela primeira vez na vida, vou ter uma noite inteira de sono!

Ryan acordou uma vez, com o barulho do fogo consumindo os galhos secos. Olhou para cima. A lua brilhava no céu, iluminando-o com seus raios de prata. Ele ajeitou seu casaco e voltou a se deitar.

As palavras de Krysty não lhe saíam da cabeça: "Poderíamos construir uma casa, constituir família"...

Era o que ele mais queria na vida. Passar o resto de seus dias ao lado daquela ruiva maravilhosa, cheia de poderes secretos.

Só que... não agora. No momento certo.

Como Ryan gostaria que aquele momento chegasse logo!

O sonho de paz durou pouco.

Quando eles acordaram, já eram prisioneiros...

Jak Lauren foi o primeiro a abrir os olhos, seu sono interrompido pelo barulho de botas sobre as pedras. Piscou várias vezes, olhou em volta e percebeu que ainda era noite. A única luz vinha da lua de prata, que brilhava no céu. O fogo havia se apaga-do.

— Parece que temos companhia — ele disse a Ryan, deitado a seu lado.

Ryan acordou imediatamente e percebeu na hora o que acontecia, — Quatorze homens... — sussurrou para si mesmo.

Devia haver muitos outros, atrás das árvores.

Lori foi a próxima a acordar. Levou a mão à boca, para reprimir um grito de susto ao ver os estranhos que os cercavam.

J.B. Dix e Jak Lauren, como Ryan, limitaram-se a abrir os olhos e ficaram quietos, para não se arriscarem a levar um tiro nas fuças. A primeira coisa em que o armeiro reparou foi nos fuzis de assalto, que os soldados apontavam para eles. Armas ultra-modernas, nunca antes vistas em toda a Terra da Morte.

Krysty, agora também acordada, olhou com calma para o inimigo silencioso. Seus cabelos ruivos caíam-lhe sobre o rosto e ela os afastou com a mão. O que a deixava nervosa era o fato de não poder ver a cara do inimigo, nem mesmo determinar seu sexo.

Os quatorze usavam reluzentes uniformes pretos e botas de plástico. Os rostos estavam cobertos por capacetes, com visares que escondiam totalmente os olhos.

Finnegan roncava como um porco e Jak tratou de sacudi-la. O gordocho abriu os olhos, assustado.

— Ei? O que aconteceu?

Ninguém disse nada.

Ao ver os estranhos, ele engoliu em seco.

O Dr. Theophilus Tanner só acordou quando Lori o chamou.

— Ainda é cedo, Emily — ele respondeu. — Hoje é domingo e a missa só começa ao meio-dia.

O velho abriu os olhos e viu o círculo silencioso à sua volta. Não conseguiu reprimir um grito: — Pelos três Kennedy! Estamos sendo atacados!

Um dos recém-chegados, o que tinha uma cruz alaranjada pintada no capacete, deu um passo à frente e finalmente abriu a boca. Sua voz era monótona, desprovida de qualquer tipo de emoção. Cada palavra era medida e pesada, antes de ser dita.

Era como se uma máquina, e não um homem, estivesse falando: — Venham conosco. Se reagirem, seremos obrigados a usar nossa força máxima.

Finnegan olhou para Ryan.

— Força máxima? Esses filhos da mãe estão querendo dizer o que eu estou pensando?

— Exatamente. Vamos fazer o que eles mandarem.

Para grande surpresa de Ryan, os soldados os deixaram apanhar suas armas.

— O que você está achando dessa história? — ele sussurrou a Krysty, assim que o grupo começou a andar.

— Na minha opinião, esses caras são robôs.

Ryan balançou a cabeça. Já havia lido sobre máquinas humanas antes, mas sabia que ninguém na Terra da Morte tinha capacidade para construí-las.

— Talvez eles sejam mutantes disfarçados. Será que são grudentos?

— Acho que não. Grudentos não falam.

A figura com a cruz alaranjada no capacete virou-se para eles.

— Não conversem sem permissão.

O silêncio voltou a reinar por aquelas bandas.

Perto do lago, o solo ia ficando cada vez mais escorregadio. Ryan e seus amigos tropeçaram várias vezes, mas os estranhos mantiveram seu passo firme.

Finalmente, eles chegaram à margem, onde havia cinco barcos infláveis à sua espera.

Ryan olhou em volta. Nem sinal de soldados por ali... Muito estranho. Aquilo significava que o dono daquele lugar devia ter uma enorme confiança em seu controle sobre a área. Ryan tentou imaginar que tipo de barão poderia comandar um local daqueles.

Os barcos possuíam motores pequenos e compactos, mas altamente potentes e silenciosos. Tirando o barulho da água que batia nos cascos, eles não podiam ouvir mais nada.

Qualquer outra pessoa teria se beliscado para ver se não estava sonhando. Ryan, porém, estava acostumado com acontecimentos bizarros.

Ele acreditava em si mesmo e em seus reflexos. Por mais estranha que aquela situação pudesse parecer, deveria haver alguma explicação plausível. Por enquanto, a única coisa que poderia fazer era ficar de olho bem aberto e aprender o máximo possível. Pelo menos até aquele momento, ninguém havia recebido ameaças explícitas.

O fato de terem tido permissão para levar suas armas era um bom sinal.

Assim que chegaram ao outro lado da margem, os soldados desembarcaram e ficaram esperando que os prisioneiros os seguissem. Seus movimentos eram estranhos e duros, e Ryan começou a desconfiar de que eles não eram seres humanos.

Seria possível?

Uma nuvem escura tapou a lua, fazendo com que aquele cenário ficasse ainda mais assustador.

Um dos soldados tirou o barco da água e Ryan notou que ele tinha rodas por baixo, para que também pudesse ser usado em terra firme.

— Sigam-nos — ordenou o de capacete com a cruz alaranjada.

Ryan fez que sim com a cabeça.

— Certo, amigo. — Depois, virou-se para os outros. — Fomos pegos por esses mutantes filhos da puta. Agora, não temos condições de tomar nenhuma atitude. Façam o que eles mandarem e mantenham os olhos e os ouvidos bem abertos.

— É a segunda vez que vocês são pegos falando — soou a voz desprovida de emoções. — A terceira os levará à morte.

Ryan e seus amigos perceberam que não tinham escolha. Era obedecer ou virar presunto.

Um dos soldados deu um passo à frente e abriu uma pedra. Foi só depois que Ryan percebeu que não se tratava de pedra coisa nenhuma, e sim de uma porta ca-muflada. Aquilo tudo era tão inacreditável, que mais parecia um sonho.

Eles foram dar num corredor longo e estreito, sem porta nem janelas.

De repente, Doc Tanner ficou trêmulo, como se estivesse tendo uma convulsão.

— *Lasciate ogni speranza voi che entrate...* — ele sussurrou, enquanto Lori tentava acalmá-lo.

Ryan não conhecia aquela língua. Seria um dialeto dos mutantes?

— Ei, Doc? — ele cochichou. — O que foi que você falou? Os soldados estavam um pouco afastados, de modo que eles puderam conversar com um pouco mais de liberdade.

— Eu disse que aquele que entra num lugar desses, deve perder toda a esperança.

— Muito engraçado, Doc — sussurrou Finn.

— Não caçoe, meu companheiro gorducho. Não caçoe. Seu conhecimento a respeito do passado é muito pequeno. Esses soldados me fazem lembrar uma raça miserável que existiu no século XX. Gente muito pior do que todos os barões da Terra da Morte. Eles conduziam os pobres prisioneiros através de

corredores como este. Meu Deus, quantos gritos, quanto sangue, quanto horror. ..

Ryan franziu a testa, desanimado. Doc Tanner estava voltando a delirar. Será que o velho não iria sarar nunca? Enquanto andavam, o pobre homem falava nomes. Uma porção deles. Palavras estranhas, em outra língua. Ryan nunca tinha ouvido aquilo antes.

— Beken... Treblinka... Mauthausen... Ravensbruck... Vught... Solibor. .. Dachau...

Theresenstadt... Auschwitz...

Havia algo de feio e desagradável naqueles homens, embora, ninguém conseguisse explicar a razão.

— Campos de concentração e extermínio. Nazistas nojentos!

Um dos soldados se aproximou do grupo e Lori fez sinal para que Doc parasse de falar.

Um pouco depois, eles chegaram a uma porta que lembrava um elevador.

— Isto aqui deve ser um depósito — cochichou Ryan.

Krysty balançou a cabeça.

— Seja lá o que for, estou detestando este lugar. Posso sentir vibrações negativas e cheiro de morte por todos os cantos. Precisamos tomar cuidado.

Eles entraram no elevador, grande o suficiente para levar um verdadeiro batalhão.

Preso a uma parede, havia um cartaz escrito com letras vermelhas: "Bem-vindos à Ilha da Magia".

Finalmente, eles sabiam onde estavam.

O elevador começou a se mover a uma velocidade assustadora. Dentro daquelas paredes de aço, era impossível adivinhar o quanto eles haviam descido, mas Ryan contou oitenta e cinco segundos, antes que a máquina parasse. Era provável que eles estivessem abaixo da superfície do lago Crater.

Mais uma vez, Ryan se perguntou em que diabo de depósito haviam ido parar dessa vez.

A porta se abriu e o grupo foi recepcionado por mais uma dúzia de soldados idênticos. Todos tinham a mesma altura e o mesmo peso e Ryan tentou imaginar se eles eram mesmo seres humanos.

— Dirijam-se aos quartos cinco, seis, sete, oito, nove, dez e onze. Dispam-se, li-vrem-se de suas armas, tomem um banho vistam roupas limpas e esperem por novas ordens.

A falta de emoção naquela voz era de assustar. Como a ideia de deixar as armas de lado. Muitos deles, principalmente Jak Lauren e J.B. Dix, traziam facas, pistolas e até plásticos explosivos escondidos nos casacos.

— Por que não podemos manter nossas próprias roupas? — perguntou o armeiro, dirigindo-se ao que parecia ser o líder dos soldados.

Ninguém se dignou a abrir a boca. Ele insistiu: — Eu perguntei...

— Pergunta recusada respondeu a voz desprovida de emoções.

Como se apenas um cérebro controlasse todos os soldados, eles levantaram as armas e as apontaram contra o grupo.

Ryan tentou consertar as coisas, depressa.

— Tá legal, pessoal! A gente vai obedecer. O que devemos fazer depois de tomar banho e trocar de roupa?

O soldado demorou a responder e Ryan imaginou ter ouvido um barulho esquisito dentro do capacete. A cada minuto que passava, tinha mais certeza de que aquelas criaturas estranhas não passavam de máquinas. Máquinas treinadas para matar.

— Esperem novas ordens — veio a resposta, no mesmo tom de voz monótono.

Não havia jeito senão obedecer.

A caminho de seu quarto, Ryan reparou que havia câmeras de vídeo espalhadas por todo o corredor. Era evidente que eles estavam sendo vigiados, minuto por minuto.

Bufando de raiva, Ryan colocou todas as armas em cima de uma mesa: o fuzil H&K G-12, a pistola SIG-Sauer, o facão; a adaga e até as granadas e os detonado-res escondidos no casaco.

— O ocultamento de qualquer arma será considerado traição ao Complexo da Ilha da Magia para o

Avanço Científico e a pessoa responsável pagará com a própria vida.

Pelos cliques no começo e no fim da mensagem, Ryan percebeu que aquilo não passava de uma gravação. Começou a se despir e pôs toda a roupa em cima de um banco, com exceção da echarpe branca. Tentando agir da forma mais natural possível, ele deixou seu lenço de estimação sobre uma pilha de cobertores azuis.

Uma voz voltou a soar do nada: — Entre no sanitário, que é completamente privado. Após ter tomado seu banho, faça o favor de passar pela máquina de raio X, ao lado da porta. Um aviso importante: não tente esconder nada na boca, axilas, ouvido, vagina ou ânus.

Ryan sentiu vontade de mandar aquela voz irritante à merda, mas resolveu se controlar.

Abriu a porta e foi dar num banheiro bonito, com pias de mármore. Torceu para que aquele lugar fosse mesmo privado. A ideia de ter alguém observando-o fazer suas necessidades não era nem um pouco agradável.

Respirou fundo para tomar coragem e abriu o chuveiro. E se em vez de água caís-se ácido puro ou alguma outra desgraça do gênero?

"Não", ele disse a si mesmo. "Se esses filhos da mãe quisessem nos matar, já o teriam feito antes."

As preocupações de Ryan foram infundadas. O que caiu do chuveiro foi mesmo água morna e ele tomou um dos melhores banhos de toda a sua vida. Havia até sabonetes e óleos-perfumados à sua disposição.

Ao sair do chuveiro, Ryan encontrou duas toalhas felpudas em cima da mesa onde havia colocado as armas. As roupas tinham sumido.

Mas a echarpe branca continuava em cima da pilha de cobertores. Ele sorriu, satisfeito. Ao que parecia, o barão que comandava aquele depósito ultrassofisticado não era tão infalível assim..

— O que aconteceu às nossas roupas e armas? — perguntou o revoltado Finnegan ao líder dos soldados.

— Seus pertences estão guardados na entrada principal. Vocês terão tudo de volta se... quando deixarem o complexo.

Krysty olhou para Ryan e ambos franziram a testa. Nenhum dos dois tinha gostado muito daquela resposta.

— Quando vamos conhecer as pessoas que comandam essa instituição? — perguntou Doc Tanner, seus cabelos grisalhos molhados fazendo-o parecer um bode.

— Breve, senhor. Muito breve.

Os sete, vestidos com macacões brancos, foram conduzidos através de um longo corredor cheio de câmeras no teto. Ryan havia posto sua echarpe dentro do macacão, de modo que ela não aparecesse.

Eles andaram por uns dez minutos, até chegarem a uma enorme porta de aço.

O líder dos soldados parou.

— Podem entrar, visitantes. Sigam em paz. — Houve uma pausa. — E tenham um bom dia.

Nenhum dos soldados os seguiu.

Ryan abriu a porta e eles entraram num mundo completamente diferente, onde o concreto e o cinza não tinham vez. Ali, havia carpete no chão, quadros nas paredes e luz suave vinda de lindos abajures.

A voz que soou era completamente diferente da fala artificial dos guardas mutantes: — Bem-vindos à Ilha da Magia, forasteiros. Se vocês cooperarem com nosso interrogatório, todas as suas perguntas serão respondidas. Agora, queiram dirigir-se à sala dezoito, onde será servido um almoço.

Ryan não gostou da palavra "interrogatório". Já fora interrogado antes e nunca havia gostado da experiência. Aquilo fazia lembrar unhas e dentes arrancados e choques elétricos nos genitais.

— Ainda bem! — exclamou Finnegan. — Eu já estava ficando verde de fome! Tomara que a comida daqui seja boa!

Jak Lauren, porém, não estava muito entusiasmado.

— Isto aqui não está me cheirando bem.

— Pode ser impressão sua — disse Ryan.

Mas Krysty não concordava.

— Não, amor. O garoto tem razão. Não se deixe levar pelas aparências. Sinto que este lugar é muito pior do que possamos imaginar.

— Ei! — exclamou Finn, animado. — A sala dezoito é esta aqui!

A voz continuou a falar: .

Bom apetite, forasteiros. Aqui, na Ilha da Magia, é sempre presente. Entretanto, somos nosso próprio passado. E dentro em breve, seremos o futuro.

Ninguém entendeu nada.

Krysty Wroth fez uma careta, cuspiu a comida e empurrou seu prato.

— Por Gaia! Esta é a pior coisa que eu já comi na vida! Tem gosto de...

Ela fez uma pausa, tentando encontrar uma comparação adequada.

— ... Merda — completou J.B., cruzando os talheres e dando por encerrada sua refeição. — Isto aqui é intragável.

Doc Tanner provou uma colherada da tão discutida substância.

— Engraçado... Acho que já comi isto antes. — Ele lambeu os beiços, como se fosse um provador de vinhos. — Já sei. É igualzinho ao grude que as companhias aéreas costumavam servir. Sem gosto nem tempero.

Finnegan, porém, discordava dos demais: — Para mim, isto aqui está uma delícia! Se não quiserem comer, podem me dar a parte de vocês.

— Eca! — exclamou Lori, cuspiendo a comida. — Que coisa horrível!

Jak Lauren deu um sorriso cínico.

— Acho que já comi coisas piores em Lowel ton.

— E você, Ryan? — perguntou J.B. — Não vai provar essa delícia?

Ele cheirou a comida, tentando descobrir o que era. De uma coisa tinha certeza: não havia nada animal nem vegetal naquele prato. Em quase toda a Terra da Morte, a maior parte dos alimentos eram químicos, coloridos e aromatizados para que ficassem com cheiro de comida normal.

Levou uma colherada à boca e mastigou por alguns instantes. Os outros tinham razão. Aquilo era intragável.

— De qualquer modo, é melhor comermos tudo — avisou ele. — Sabe Deus quando é que vamos ver comida de novo.

— Pelo menos a água é boa — comentou J.B. — Pura e cristalina, como se tivesse sido trazida da fonte agora mesmo.

Uma voz voltou a soar: — Agora que o almoço acabou, chegou a hora das apresentações. Nossos seguran-

ças estão à sua espera do lado de fora, para acompanhá-los.

Finnegan ficou revoltado: — Mas que merda! Eu ainda não estou satisfeito!

Quando eles saíram do refeitório, deram de cara com um bando de soldados armados. Os capacetes ainda estavam no mesmo lugar, com o visor tapando os olhos.

Mais uma vez, Ryan tentou imaginar se eles eram homens, máquinas ou uma mistura de ambos.

— Sigam-me. As apresentações serão feitas agora.

Quem falou aquilo era o mesmo fulano com a cruz alaranjada no capacete, ou outro absolutamente idêntico.

— Será que isto é um depósito? — cochichou Ryan.

— É provável — respondeu Doc. — E deve ser comandado por um barão com poderes inacreditáveis! — Ele fez uma pausa. Tão inacreditáveis quanto os do Super-Homem.

— Quem era o Super-Homem? — perguntou Jak.

— Clark Kent. Morava em Gotham City. Ou será que era em Metrópolis? Me lembro bem dele. Um grande justiceiro. Tinha uma namorada chamada Mirian Lane e...

O soldado o interrompeu: — Entrem nessa sala, caros forasteiros. As apresentações já vão ser feitas.

— "Cada um deve se sentar numa poltrona", soou uma voz vinda de um alto-falante. "Sua Excelência

deverá chegar a qualquer momento. Levantem-se à sua entrada."

Todos os soldados haviam ficado do lado de fora, como se fossem brinquedos su-bitamente descartados.

A sala onde eles se encontravam parecia um teatro, com centenas de poltronas.

Ryan e seus amigos ocupavam toda a fileira da frente.

"Sua Excelência está chegando", anunciou a voz no alto-falante.

— Aí vem o Super-Homem — sussurrou Doc Tanner.

Uma música suave começou a tocar e a porta se abriu.

Ryan fez sinal para que todos se levantassem.

— Sua Excelência, a líder suprema do Complexo da Ilha da Magia para o Avanço Científico!

— Puta que pariu! — murmurou Finnegan, de olhos arregalados.

Por incrível que pudesse parecer, o comandante daquele império era uma mulher, que não devia ter mais de um metro e quarenta de altura. Em compensação, seu peso passava, e muito, dos cem quilos. Usava um avental branco abotoado até o pescoço e óculos enormes, que faziam seus olhos parecerem órbitas azuis e brancas.

Os cabelos eram tão ralos, que a cabeça ficava quase toda à mostra.

Deu uma boa olhada nos sete forasteiros e sentou-se numa poltrona ali em frente.

— Podem sentar-se.

Embora ela aparentasse ter uns cinquenta anos, a voz era fina como a de uma criança.

Ryan e os outros se sentaram, boquiabertos. Ninguém ainda conseguia acreditar num absurdo daqueles.

— Eu sou a Dra. Ethel Tardy — ela anunciou. — A líder deste complexo. Vocês são nossos primeiros hóspedes, em muito tempo. Por que vieram para essas bandas, forasteiros?

-Nós somos um grupo de amigos e temos viajado muito. Estávamos visitando a cidade de Ginnsburg Falls.

— Eu soube que vocês abreviaram a vida de Theodore Maricas.

Ryan não esperava que a mulher já tivesse tomado conhecimento do assassinato daquele carniceiro.

— Certo. Aquilo foi...

A Dra. Ethel Tardy levantou a mão.

— Não se justifique, meu rapaz. O fato de vocês terem mandado aquele velho cretino para o Além não quer dizer nada. Desde sua chegada a este complexo, todos vocês foram examinados de cima a baixo. Os sete são saudáveis, embora um tenha um pequeno tumor maligno que, se não for tratado, poderá resultar em morte dentro de alguns anos.

Doc Tanner levantou a mão.

— Posso fazer uma pergunta, doutora?

— Claro, Dr. Tanner, claro.

Ryan teve de fazer força para reprimir um grito de susto. Mas que diabo estava acontecendo por ali? Como aquela mulher esquisita sabia o nome de Doc?

— Isto tudo tem alguma coisa a ver com o Projeto Cerberus?

— Não exatamente, Dr. Tanner. O Projeto Cerberus era algo bem mais limitado.

Nós somos os descendentes dos iniciadores do Projeto Eurydice, que é muito mais claro e objetivo.

Doc Tanner ficou pálido como um fantasma, agradeceu a resposta e abaixou os olhos. Ryan não se lembrava de tê-lo visto tão preocupado antes.

Nas duas horas seguintes, a Dra. Ethel Tardy, como sua vizinha infantil, fez um resumo do Projeto Eurydice, que era algo tão inacreditável, que os sete ficaram em silêncio, boquiabertos.

Durante os anos noventa, quando a febre da guerra se alastrou pela Terra, um grande número de projetos secretos foram iniciados nos Estados Unidos da América.

Ninguém deu ouvidos aos protestos dos ecologistas e até os parques nacionais acabaram sendo utilizados para aquele propósito. Embora o lago Crater fosse um dos lugares mais bonitos do continente, especialistas chegaram à conclusão de que o lugar era apropriado para coisas bem mais importantes. Escavações foram realizadas e um complexo imenso foi montado e dirigido por cientistas altamente especializados. Segundo a médica, os únicos profissionais que recebiam ajuda do governo eram aqueles envolvidos em pesquisas militares.

Armas maiores.

Armas melhores.

Então veio o ano de 2001 e a civilização, como todos estavam cansados de saber, desapareceu para sempre. Apenas uma pequena fração da população sobreviveu. E entre os sobreviventes estavam os profissionais que dirigiam o Complexo da Ilha da Magia para o Avanço Científico.

— As paredes de aço protegeram os setecentos cientistas que se encontravam aqui dentro — ela continuou. — E o estoque de comida ainda vai durar por mais um ou dois séculos.

Tudo o que os cientistas precisavam fazer era continuar com seu trabalho. Com suas pesquisas.

— E é exatamente isso que temos feito, senhoras e senhores.

Doc Tanner voltou a levantar a mão.

— Mas vocês sabem que a sociedade que criou este complexo desapareceu há muito tempo, não sabem?

— Claro, doutor! Não somos bobos. Sabemos de tudo que se passa à nossa volta.

Nossos antepassados começaram esse trabalho e nós precisamos terminá-lo. Nascemos aqui dentro. A Ilha da Magia é nosso lar e nosso mundo.

Krysty levantou a mão.

— Pode perguntar, senhorita.

— Vocês não costumam sair daqui, de vez em quando?

— Claro que não. A dispersão é uma coisa muito negativa. Ninguém jamais deixou o complexo, exceto na hora da morte.

Doc Tanner levantou a mão pela terceira vez.

— Atualmente, quantos cientistas trabalham na Ilha de Magia?

— Sessenta e um, entre homens e mulheres, caro doutor.

— Sessenta e um? — Jak Lauren estranhou. — Mas a senhora falou em setecentas pessoas!

— Exatamente, rapaz. Havia setecentas pessoas. Agora, o número foi reduzido a menos de um décimo.

Ryan entendeu na hora o que se passava por ali. Conhecia muitas comunidades fechadas e sabia o que acontecia quando os genes não podiam ser rejuvenescidos por sangue novo, vindo de fora: os bebês nasciam com terríveis deformações e problemas mentais.

E o lugar acabava desaparecendo.

Dos setecentos cientistas mais brilhantes de todo o planeta, só haviam restado sessenta e uma pessoas... como a Dra. Ethel Tardy.

De repente, uma pergunta veio à cabeça de Ryan. Porém, ele fez força para morder a língua e ficar quieto. A mulher sabia o nome de Doc Tanner, mas não o dos outros seis. A troco de que ela conhecia Doc?

A Dra. Tardy continuou a falar, com sua vozinha estridente: — Logo após o grande holocausto, alguns seguranças morreram ao tentar deixar o complexo. A radiação acabou com eles em poucos minutos.

Ela também contou que os cientistas precisavam de servos dóceis e submissos, para servi-los.

— Escravos — cochichou Krysty.

Eles pegavam mutantes retardados e lhes davam vozes artificiais, controladas pelo próprio pessoal

do complexo. Também faziam cirurgias no cérebro dos infelizes, para transformá-los em criaturas totalmente obedientes.

— Escravos fodidos — acrescentou Finnegan.

J.B. Dix levantou a mão.

— Hoje em dia, há quantos seguranças aqui dentro?

— Quarenta, caro forasteiro.

A história ficava mais inacreditável a cada minuto que passava. Aquele lugar cheio de cientistas, protegidos dos horrores do mundo havia mais de um século, com uma cambada de escravos-robôs trabalhando para eles, causava arrepios em Ryan. Ele calculou que, em vinte e poucos anos, o lugar inteiro iria acabar desaparecendo.

A médica foi muito franca e aberta com os visitantes, o que os deixou preocupados. Um lugar como aquele continha material suficiente para manter alguém como o Negociante trabalhando pelo resto da vida. Qualquer ladrão daria o braço direito para encontrar um paraíso daqueles. E ali estava a Dra. Tardy contando-lhes todos os segredos e detalhes do complexo. Será que ela faria aquilo, se houvesse algum risco de os sete fugirem? Trancados a centenas de metros abaixo da superfície do lago Crater, as chances de fuga eram mínimas.

— Bem... Era isso que eu tinha a dizer — ela disse por fim, levantando-se. — Pouco a pouco, iremos descobrindo mais coisas a respeito de todos vocês. Menos do Dr. Tanner, é claro.

Porém, antes que a mulher deixasse a sala, Doc levantou a mão.

— Sim, doutor?

— Gostaria de fazer outra pergunta, Dra. Tardy.

— Pois não.

— No seu discurso, que aliás foi muito interessante, a senhora falou bastante a respeito do passado, um pouco sobre o presente e nada do futuro. Por quê?

— Porque o futuro é um cálice que seguramos nas mãos, doutor.

— E o que ele contém?

— Esperança.

— Esperança de quê?

— Esperança de que um dia todo o sofrimento venha a acabar.

Doc Tanner continuou a pressioná-la: — Através da paz? Através do fim das doenças?

— Não. Não é esse o caminho que escolhemos para seguir.

— Então, qual foi o caminho escolhido, doutora? — ele perguntou baixinho, quase como se falasse consigo mesmo.

— Eu não gostaria de entrar nesse assunto agora. Vou terminar nossa conversa por aqui. Até mais, forasteiros.

A Dra. Ethel Tardy deixou a sala, suas banhas balançando enquanto andava.

Era evidente que a pergunta de Doc a havia deixado embaraçada. O que os cientistas faziam ou deixavam de fazer naquele complexo era algo altamente secreto.

Os sete continuaram ali sentados por algum tempo, esperando que alguém aparecesse com novas ordens.

Para lhes dizer aonde deveriam ir.

Para lhes dizer o que deveriam fazer.

Não havia relógios em todo o Complexo da Ilha da Magia para o Avanço Científico que mostrassem a hora real. O que existiam eram circunferências divididas em três partes iguais pintadas de vermelho, amarelo e verde, cada uma subdividida em cinco setores idênticos, que iam de A até E. Ryan e seus amigos logo compreenderam que os cientistas dividiam o dia em três turnos, de oito horas cada um. Ali, ninguém falava em minutos ou segundos, para se referir ao tempo. O pessoal servia a comida no Vermelho C ou usava a piscina no Amarelo B.

O relógio interno de Ryan, entretanto, era infalível. Ele sabia muito bem que, quando a segunda refeição do dia era servida, devia ser uma da tarde nas montanhas do Oregon.

A comida continuava intragável. De qualquer modo, eles se obrigavam a engolir cada garfada. Não podiam se dar ao luxo de ficar fracos ou doentes.

Após tê-los acompanhado às suas acomodações, os soldados robôs os deixaram a sós. O único sinal de que estavam sendo observados eram as câmeras penduradas no teto.

Uma voz no alto-falante havia dito que, com exceção de certas áreas, eles podiam explorar o complexo à vontade. A parte que continha os principais elevadores ficava fora dos limites permitidos.

Ryan, Finn, Jak e J.B. resolveram investigar se havia algum lugar, em seus quartos, onde as câmeras não pudessem segui-las.

Havia, sim.

Muitos, aliás Cantos atrás dos móveis ou das portas. E, surpreendentemente, atrás da porta do banheiro, onde duas ou mais pessoas podiam conversar sem serem vistas.

Era lá que Ryan e os outros confabulavam.

— Não estou gostando nada disto aqui — ele comentou, no mesmo dia. — Aquela gorda baixinha não vai deixar a gente sair daqui. Mantenham os olhos e ouvidos bem abertos. Assim que conseguirmos descobrir o que esse pessoal tem em mente, vamos dar o fora bem depressa.

— Se os soldados mutantes permitirem -lembrou Jak. — Coisa que, aliás, eu duvido um pouco.

À tarde, na hora do D amarelo, eles foram fazer uma verdadeira excursão pelo complexo. Doc foi com Lori, Finnegan com J.B. e Jack, e Ryan com Krysty. Para deixar seus quartos, eles tiveram de ficar em frente a uma das câmeras e pedir para que a porta se abrisse. Após alguns minutos, o pedido foi aprovado.

Os sete não tardaram a descobrir que a promessa de acesso mais ou menos livre não passava de uma grande mentira. Eles podiam passear pelas áreas principais, onde cientistas se encontravam e conversavam. Mas ao tentarem entrar em áreas marcadas com um círculo preto e triângulo amarelo no meio, os soldados os ameaçavam com armas a laser e palavras rudes. Quase todas as portas do complexo apre-sentavam aquele sinal.

Durante o discurso inicial, a Dra. Tardy deixara claro que a Ilha da Magia existia para dar continuidade aos trabalhos de pesquisa iniciados no fim do século XX. Os cientistas trabalhavam como seus pais, avós e bisavós. Cada geração treinava a seguinte, entregando-lhe o bastão.

A Dra. Tardy mencionara um governo secreto, que havia fundado a Ilha da Magia e ainda se encontrava em algum lugar, esperando, reunindo forças, como uma besta ferida que um dia ficaria de pé outra vez. Ela chamara aquele governo de "A Central", pronunciando as palavras com um grande respeito.

Eles passaram horas andando por aqueles corredores longos. Os soldados estavam por toda a parte, observando-os. Ryan tentou puxar conversa com um deles, mas não conseguiu nada. Os coitados

respondiam com monossílabos e mal formavam uma frase inteira.

— Esses coitados têm o Q.I. de um grudento retardado — comentou Finnegan.

A Dra. Tardy dissera que havia sessenta e um descendentes dos cientistas originais dentro do complexo. O que ela não mencionara era que nenhum deles podia ser considerado um ser humano normal.

É claro que não se pareciam com os mutantes que assombravam a Terra da Morte, mas todos eles eram meio esquisitos.

Um gigante de dois metros e meio passou por eles, sem ao menos cumprimentá-

los. Uma moça completamente careca, que estava no corredor, apressou-se em explicar: — Esse é o Dr. Vayr, nosso astro físico mais brilhante. Nunca existiu um homem com um Q.I. mais alto em todo o planeta.

— Não é só o Q.I. que ele tem de alto — resmungou Finnegan.

O ânimo de Jak melhorou quando eles encontraram duas garotas bonitas, de cabelos loiros como o trigo e olhos azuis como o céu do Kansas. Ambas usavam aventais brancos curtos, que deixavam à mostra suas pernas longas e bem-feitas. Atrás delas, vinha um soldado-robô, carregando uma porção de toalhas.

— Vocês são os famosos forasteiros de quem todo mundo está falando? — perguntou a mais alta das duas.

— Seus cabelos são brancos como papel — comentou a outra, estendendo a mão para tocar na cabeça do albino.

— Vocês nunca saem daqui? — ele indagou.

— Como?

— Perguntei se vocês nunca vão dar uma voltinha lá fora.

— Claro que não, estranho — respondeu a primeira.

— Nós trabalhamos. Fazemos pesquisas. Isso é tudo.

— Qual é a especialidade de vocês? — perguntou Krysty.

— Eu sou a Dra. Louel a Hal — respondeu a mais baixa. Trabalho na análise das mo-léculas do ar.

— Eu sou a Dra. Angie Pflug. Sou responsável pelos mísseis a laser de baixa intensidade.

O garoto fez uma reverência.

— Eu sou Jak Lauren e adoro foder porcos.

— As duas moças caíram na risada.

A princípio, Ryan pensou que elas fossem as duas únicas pessoas normais naquele complexo. Depois, percebeu que eram tão estranhas quanto o resto.

Krysty tapou o nariz.

— Por Gaia! Que cheiro horrível!

Ninguém demorou a entender o que havia acontecido. O riso fizera com que as duas garotas perdessem o controle da bexiga e dos intestinos e suas pernas ficaram molhadas com o produto de sua alegria.

Sem outra palavra, ambas seguiram seu caminho, deixando o soldado limpando o chão com as toalhas que trazia especialmente para aquele propósito.

— Esse pessoal é mais louco do que eu imaginei — sussurrou Ryan. — Gigantes, anões e moças bonitas que cagam pelos corredores.

O jantar foi servido às C no Verde. A comida era idêntica à do almoço, só que em menor quantidade. O único que reclamou foi Finnegan: — Esses caras estão ficando pães-duros!

Um pouco antes do D verde, a Dra. Ethel Tardy, acompanhada por um homem de braço direito de plástico, entrou no quarto que eles ocupavam. Vinham protegidos por quatro soldados fortemente armados.

— Que Central esteja conosco — saudou a cientista.

— Oi — respondeu Ryan, sentado em sua cama.

— Vocês viram o que desejavam, visitantes?

— Não tudo, doutora. Fomos proibidos de entrar em várias salas.

Doc Tanner resolveu participar da conversa: — Por que não podemos ter acesso ao Projeto Eurydice? O que há de tão secreto nele, que não podemos saber?

A anã gorducha franziu a testa e seu sorriso desapareceu como por encanto.

— Tomem cuidado, forasteiros. Cooperem conosco, ou então... Ela não terminou a frase. Aliás, nem precisava. A ameaça era tão clara como uma lâmina afiada.

— O que quer de nós, Dra. Tardy? — perguntou Krysty Wroth, tentando consertar as coisas.

— Quero saber mais a respeito de vocês seis, mocinha.

— Nós seis? Mas nós somos sete!

O sorriso voltou aos seus lábios.

— Sei disso. Acontece que já tinha todas as informações a respeito do Dr. Tanner.

Ele é... bem, isso vocês não podem saber. Como eu disse, o que eu quero mesmo é descobrir mais coisas sobre as suas vidas. — Ela apontou para Jak Lauren. — Você, garoto. Venha conosco.

— Para quê? — perguntou Ryan, levantando-se.

Imediatamente, os soldados apontaram-lhe suas armas.

— Nós tomamos as decisões, estranhos. — O sorriso desapareceu novamente. — Mas não se preocupe. Não vamos maltratar ninguém. Só quero fazer exames completos em todos vocês. Coisas de rotina, apenas.

Jak Lauren deu um passo à frente. Parecia pronto para entrar em ação.

— Não estou gostando nada disso — ele comentou, balançando o braço.

— Nem eu — acrescentou J.B.

— Vocês não têm escolha, estranhos. — A médica deu um sorriso cínico. — Ou coope-ram conosco, ou viram presunto. Podem escolher.

A tensão era tanta, que podia até ser sentida no ar. Ryan percebeu que seus seis amigos estavam a ponto de bala, esperando apenas seu sinal para atacar.

Jak Lauren deu mais um passo à frente.

— Sou muito jovem para virar presunto. Eu vou com vocês.

— Cuide-se, garoto — disse Ryan.

— Tirar sangue não dói nada — acrescentou Doc Tanner.

Finnegan fez um sinal de positivo.

— Vá firme, Branquela, Ryan observou o rapaz aproximar-se da Dra. Tardy. De costas, parecia um menino de dez anos de idade, — Decisão sábia, rapaz — comentou a cientista. — Você é muito inteligente. — Ela virou-se para o médico a seu lado. — Vamos indo, Dr. Avian.

O tal Dr. Avian, que até então não havia aberto a boca, colocou o braço falso em volta do ombro do garoto.

Foi aí que se deu a tragédia.

O albino fez uma pirueta no ar, derrubando ao chão o soldado mais próximo. A confusão estava armada.

Os outros três seguranças começaram a atirar, suas armas cuspidando fogo por todos os lados. Ryan e seus companheiros jogaram-se no chão.

A Dra. Tardy começou a gritar: — Parem! Não atirem mais!

Com tanta gente na sala, a gorducha sabia que havia uma boa chance de que "inocentes", como ela, por exemplo, fossem atingidos.

— Larguem as armas e agarrem o albino!

Só que o albino não estava disposto a ser agarrado.

Através dos anos, Ryan Cawdor tinha visto homens e mulheres lutarem com extrema habilidade.

Porém, jamais conhecera alguém como Jak Lauren.

O menino fez outra pirueta e deu uma joelhada no soldado mais próximo. Ouviu-se o barulho de osso se quebrando e o mutante espatifou-se contra uma parede. Seu capacete caiu no chão e Ryan e seus amigos viram, pela primeira vez, o rosto de um dos seguranças.

Que era, aliás, o rosto de um verdadeiro idiota: olhos esbugalhados e uma boca que abria e fechava, como a de um peixe.

A criatura tentou se recompor, sem muito sucesso. Um segundo chute certo quebrou-lhe o nariz e ele caiu no chão, gemendo de dor.

Os outros dois soldados não tiveram melhor sorte. Jak partiu para cima deles, com a fúria de um leão ferido.

A Dra. Tardy, assustada, começou a murmurar alguma coisa num botãozinho na lapela de seu avental. Não era preciso ser muito inteligente para adivinhar que ela chamava reforços.

— Acabe com esses mutantes fodidos, Branquela! — berrou Finnegan, entusiasmado.

E ele acabou mesmo. Um soco no estômago levou um dos coitados ao chão, onde ele caiu de joelhos, uma baba verde escorrendo de seu capacete. Um chute em sua garganta e o infeliz voou pela sala, indo aterrissar aos pés Dra. Tardy. Ela soltou um gritinho e deu um passo para trás.

O terceiro mutante tentou acertar o albino com a coronha do fuzil, mas acabou sendo acertado por ele. Recebeu um chute bem no meio das pernas, que o fez cair no chão, urrando de dor.

Naquele momento, o reforço chegou.

Vinte ou mais soldados idênticos entraram na sala, armados até os dentes. Jak Lauren foi cercado imediatamente.

Ryan franziu a testa. Pobre garoto. Estava com os minutos contados. Uma só palavra daquela anã gorducha...

— Não atirem — ela ordenou aos seguranças.

O Dr. Avian, que assistira ao combate de boca aberta, olhou para o albino de cima a baixo, estudando-o com toda atenção.

— Que g... g... g... garoto interessante, Dra. T... T... T... Tardy.

— Realmente, Dr. Avian. Nunca vi alguém lutar como ele.

Ryan relaxou. Ainda bem. Ao que parecia, Jak não ia ser eliminado Pelo menos agora.

— Você vai ser mandado para o nosso centro de Controle — avisou a Dra. Tardy.

O albino, apesar de ter nocauteado três homens, não parecia nem um pouco cansado. Ao contrário, esbanjava vitalidade.

— Quer dizer que a senhora não vai mandar matá-lo? — perguntou Ryan.

— De jeito nenhum. Precisamos examiná-lo com muita atenção. Um mutante poderoso, esse garoto, Podem ficar descansados. Ninguém vai lhe fazer mal. A não ser, é claro, que ele resolva nos desafiar novamente.

Ryan balançou a cabeça.

— Fique tranquila, doutora. Jak não vai mais se meter em encrencas. Não é, Branquela?

— É isso aí, Ryan. Vou me comportar, de agora em diante prometeu o albino.

Era evidente que o pessoal do complexo estava impressionado com a habilidade do garoto. Pelo visto, aquilo já era o suficiente para mantê-lo vivo por mais algum tempo.

Jak Lauren saiu da sala, acompanhado pelos dois cientistas e pelo bando de soldados mutantes.

A porta se fechou e Ryan e seus amigos ficaram sozinhos. Mais tarde, em sua cama estreita, ele se virava de um lado para outro, sem poder dormir. Ainda podia sentir o cheiro da morte naquele quarto, embora os corpos já tivessem sido removidos e o chão, limpo.

Havia muitas regras que ele não conseguia entender. Muitas peças faltando no ta-buleiro.

— Merda... — Ryan sussurrou para si mesmo.

Ele nem ao menos sabia qual era o nome do jogo.

19

O cartaz na porta dizia: "Sala de Informações".

Para grande surpresa de Ryan, eles haviam sido convidados para visitar Jak, logo após o café da manhã. O garoto estava preso numa espécie de cela fortemente guardada, mas passava bem.

Mais tarde, o grupo resolveu se dividir, para melhor explorar o complexo. Ryan e Krysty tomaram um elevador e foram dar num lugar esquisito, cheio de poeira e sujeira no chão. Pelo visto, os habitantes da Ilha da Magia não frequentavam aquele andar havia muito tempo.

Krysty pôs a mão na cintura.

— Hum... Sala de informações... Será que tem alguma coisa de interessante aí dentro, amor?

— Já estive em muitos depósitos onde havia salas como esta. Ela deve estar cheia de arquivos, latadas de fichas inúteis.

— Em todo o caso, vamos tentar entrar?

— Duvido que a porta esteja aberta.

Ryan girou a maçaneta. A porta se abriu.

Eles entraram e olharam em volta.

— Isto aqui tem cheiro de túmulo — comentou Krysty.

— Aposto que faz um tempão que ninguém entra aqui — acrescentou Ryan, tapando o nariz para evitar um espirro. — Bem que a Dra. Tardy podia mandar seus soldados tirarem o pó desses móveis.

Uma hora e meia depois, tendo examinado centenas de arquivos, Ryan comentou: — É impressionante, amor. Toda a história do mundo, até o ano de 2001, está regis-trada nesses arquivos. Dessa data em diante, não há mais registro nenhum. É como se ninguém jamais tivesse saído desta ilha.

— Foi exatamente isso que aquela cientista anã nos disse. Esse pessoal estranho nunca viu a luz do dia. Sinceramente, querido, não sei como vamos fazer para fugir deste lugar.

— Nem eu.

Krysty apontou para um máquina mais adiante.

— O que será que é aquilo?

— Deve ser um computador. Vamos dar uma olhada.

Eles foram até lá.

— Será que ainda funciona?

Ryan apertou uma tecla. Na mesma hora uma mensagem apareceu na tela.

Para obter informações a respeito de qualquer pessoa, basta digitar seu nome completo.

— Olhe! — exclamou Ryan. — Será que esse computador pode nos dar alguma informação a respeito de Doc Tanner, a quem a Dra. Tardy já conhecia?

— Vamos ver. Você sabe qual é nome inteiro dele?

— Acho que é Theophilus Tanner.

— Então deixe que eu mesma digito.

Krysty fez o trabalho rapidamente.

Dado incompleto, foi a mensagem que apareceu na tela. Tente de novo.

— Droga! Ele deve ter outro nome, que nós não sabemos.

— Tenho mesmo, cara srta. Wroth. Algermon.

Eles se viraram, assustados. Doc Tanner atravessou a sala empoeirada, com passos lentos.

— Doc! Como você sabia que nós estávamos aqui?

— Intuição, meus amigos. Intuição.

— Onde está Lori?

— Descansando no quarto. Ela não estava se sentindo muito bem e resolveu tirar uma soneca. — Ele fez uma pausa. — Vamos, Sr. Cawdor. Continue o que estava fazendo. Agora que já, tem o meu nome completo, as coisas vão ficar bem mais fáceis.

Ryan obedeceu, sem dizer uma palavra. Segundos depois, a tela do computador estava cheia de informações.

Theophilus Algermon Tanner. Formado em medicina pela Universidade de Harvard e em filosofia pela Universidade de Oxford, Inglaterra.

Seguiu-se uma longa lista de títulos e honrarias obtidas.

— Ei, Doc! — Ryan começou a rir. — Como é que você pode ter estudado nessas uni-versidades, se elas foram destruídas em 2001?

Doc Tanner não respondeu. Limitou-se a ficar ali, parado, observando a tela do computador que apresentava mais informações.

Local de nascimento: Strafford, Vermont. Data: 14 de fevereiro de 1868.

Ryan começou a rir de novo.

— Esta tal de Ilha da Magia bem que poderia ter computadores melhores. Este aqui já está pifando! Errou vergonhosamente o ano do seu nascimento.

Krysty apertou a tecla "Dúvida".

14 de fevereiro de 1868.

— Mas não é possível!

Ryan apertou a tecla "Confirmação".

Data confirmada. Em 14 de fevereiro, celebra-se o dia de São Valentino.

1868, nos Estados Unidos da América, foi conhecido como o ano da reconstrução, após a Guerra Civil.

— Foi a guerra pela libertação dos escravos, não foi? — perguntou Krysty.

— Pela libertação dos escravos e por muito mais, Srta. Wroth.

Ryan nem ouvia o que eles diziam. Estava muito entretido com as informações fantásticas a respeito do estranho homem a seu lado. Um homem que tinha duzentos e trinta anos.

Casou-se no dia 17 de junho de 1891 com Emily Louise Chandler, falecida.

O casal teve dois filhos: Rachel e Jolyon, ambos falecidos no ano de 1896.

— Meu Deus... — foi tudo que ele conseguiu dizer.

Ouviu-se um soluço, depois o barulho de passos andando rapidamente.

Ryan e Krysty voltaram a ficar sozinhos na sala. As informações continuaram chegando à tela: Por causa de seu alto Q.I, Tanner foi escolhido para participar do Projeto V.T.

— O que será que é Projeto V.T.? — perguntou Krysty.

Ryan apertou a tecla "Dúvida".

V. T que dizer Viagem no Tempo.

Ryan e Krysty se entreolharam, boquiabertos. Mal podiam acreditar naquele absurdo.

— Acho que vou me beliscar, para ver se não estou sonhando — ela comentou, incrédula.

O computador também informou que a primeira "viagem" de Doc Tanner havia se dado em novembro de 1896.

— Foi o ano em que os filhos dele morreram — lembrou Krysty. — Será que esses dois fatos têm alguma ligação?

— Pode ser.

Novas informações começaram a aparecer na tela: O Dr. Tanner se mostrou aborrecido com suas viagens. Várias tentativas frustradas em voltar à máquina de transporte confirmaram seu desejo de viajar no tempo e re-encontrar sua esposa Emily.

Uma coisa intrigava Ryan.

— Krysty? O que teria acontecido se Doc voltasse ao seu próprio tempo, mas um dia antes de ter partido pela primeira vez?

Ela franziu a testa.

— Sei lá. É aquela velha história de voltar atrás no tempo e matar seu pai, antes do seu nascimento. Você não existiria. Desse modo, não poderia voltar no tempo e matar seu próprio pai.

As informações continuavam a chegar: As constantes tentativas de re-encontrar sua amada Emily acabaram irritando os cientistas responsáveis, e o Dr. Tanner foi trancado numa cela de segurança máxima.

— Os caras prenderam Doc! — exclamou Ryan.

Seus ataques de rebeldia foram ficando cada vez mais constantes e os responsáveis por sua segurança acharam um ótimo meio de se livrar dele. Colocaram-no numa máquina de transporte num depósito de Virginia, em dezembro de 2000, e o mandaram para o futuro.

— Para a cidade de Mocsin, para. ser mais exato — lembrou Ryan. — Foi lá que o encontramos.

A tela do computador voltou a ficar limpa. Não havia mais nenhuma informação a respeito do Dr. Theophilus Tanner.

Krysty e Ryan sentiam-se exaustos.

— Estou tão confusa, amor... Acho que minha cabeça vai estourar de tanta dor.

Ryan a abraçou.

— Já pensou se nós pudéssemos voltar ao passado, um dia antes do início do holocausto, e tentássemos impedir a tragédia?

Krysty forçou um sorriso.

— Mas o que nós iríamos dizer? Que viemos do futuro numa máquina do tempo e que o mundo iria explodir no dia seguinte? Seríamos jogados num hospício na mesma hora!

Eles saíram da sala de informações, de mãos dadas. Doc Tanner estava do lado de fora, à sua espera.

— Vocês já sabem de tudo? — perguntou o velho, seus olhos vermelhos e inchados.

— Sabemos — respondeu Ryan. — Por que você não nos contou?

— Porque vocês não iriam acreditar. — Ele abaixou a cabeça. — Sou um homem muito sozinho, meu caro Ryan. Tenho mais de duzentos anos e minha mulher e meus filhos morreram há muito tempo. De qualquer modo, em seu próprio mundo, eles estão vivos. Ainda tenho uma esperança de que, algum dia...

— Você ainda gostaria de voltar ao passado, Doc? Será que isso é possível?

— Pode ser. Um dia, na máquina de transporte certa... Ele parou de falar.

Mais tarde, naquela mesma noite, entre B e C do vermelho, Doc aproximou-se de Ryan, que estava deitado em sua cama estreita.

— Pretende contar aos outros, Sr. Cawdor?

— Sobre o que eu soube hoje?

— Exatamente.

— Você se importa, se eu contar?

O velho deu de ombros.

— Não. Quero que meus amigos saibam a verdade. Pode lhes contar tudo. Sabe de uma coisa? Estou me sentindo muito mais aliviado. Era duro ter de guardar aquele segredo todo sozinho.

Doc Tanner apertou a mão de Ryan e foi se juntar a Lori.

— Mentiroso!

— É verdade!

— Você é um grande mentiroso, Ryan Cawdor.

— É verdade, Finn.

— Você também não passa de uma grande mentirosa, Krysty. Casal de enroladores, é isso que vocês são! Estão pensando que eu nasci ontem?

Krysty deu um suspiro desanimado.

— Eu disse que ele não ia acreditar.

Ryan tentou pela última vez.

— Doc Tanner tem mais de duzentos anos.

— E eu sou um grudento. Francamente, Ryan e Krysty! Pensei que vocês tivessem mais o que fazer!

Eles tiveram mais sorte com J.B. Dix.

— Mais de duzentos anos?

— É isso aí, J.B.

O armeiro limpou os óculos com a manga de seu casaco e examinou as lentes com cuidado.

— Você está querendo me dizer que ele passou quase a vida toda viajando no tempo?

Enquanto eles conversavam, uma das lâmpadas que iluminava o quarto estourou.

Ao que parecia, o estado de conservação daquele complexo não era dos melhores.

Os cientistas que ali trabalhavam deviam estar muito mais preocupados com o Projeto Eurydice, seja lá o que fosse aquilo.

— Exatamente. Ele nasceu há mais de duzentos anos.

— Espere um pouco, Ryan. Você me disse que Doc viajou pela primeira vez aos trinta anos, certo?

— Certo.

— E devia ter trinta e poucos, quando foi mandado para Mocsin. Então, por que diabo ele parece tão velho?

— Não sei. Vai ver que essas viagens no tempo mudam o metabolismo e envelhe-cem a pessoa.

J.B. Dix ficou pensativo por alguns instantes.

— Será que, algum dia, nós também poderemos usar essas máquinas para viajar no tempo?

Era uma pergunta à qual Ryan não sabia responder.

O próprio Doc se encarregou de contar a Lori. Mais tarde, Ryan perguntou o que ela havia dito.

— Minha Lori é um encanto, Ryan. Ouviu a história toda em silêncio, depois me disse que eu podia ter um milhão de anos, que ela não se importava. Que criatura maravilhosa.

Na manhã seguinte, eles não receberam nenhuma visita da Dra. Tardy, nem de outros cientistas.

J.B. Dix aproveitou para estudar um jeito de escapar da ilha.

— Não vai ser fácil — ele comentou com Ryan. — Mas não é impossível. Se conseguirmos liquidar os soldados que guardam o elevador principal, teremos uma chance.

Após terem jantado, Ryan e Krysty voltaram ao dormitório. A comida continuava intragável e ambos deixaram quase tudo no prato. Felizmente, eles não estavam com fome. Pelo menos, não de comida.

Juntaram as camas e ali caíram, abraçados. Pouco se importavam com as câmeras instaladas por toda a parte. Que fossem para o inferno a Dra. Tardy e os outros cientistas. Se quisessem assistir àquele ato de amor, que assistissem e ficassem morrendo de inveja.

Despiram-se e começaram a se acariciar. Krysty Wroth era um sonho de mulher: bonita, dona de um

corpo perfeito, extremamente meiga. E sabia acariciar um homem como ninguém. Havia muitos anos, Ryan conhecera a dona de um bordel no Missouri, que fazia umas coisas com gelo e um pedaço de barbante que viravam a ca-beça de qualquer cristão, Porém, Krysty ainda conseguia ser muito, muito melhor. Eles se amaram três vezes, depois dormiram abraçados o resto da noite.

Na manhã seguinte, Ryan foi visitar Jak Lauren.

Os corredores eram guardados por soldados-robôs, absolutamente idênticos. Um ou outro tinha uma cruz alaranjada no capacete.

Talvez aqueles mutantes fossem um pouco menos idiotas do que os demais.

Nem a Dra. Tardy nem os outros cientistas haviam aparecido no dormitório, para dizer o que eles deveriam fazer.

— Tratem de dar uma volta pelo complexo e descubram o que puderem — ordenara Ryan.

A cela onde estava o albino ficava no fim de um dos corredores.

Dois soldados armados vigiavam o prisioneiro.

— Posso entrar? — perguntou Ryan, dirigindo-se a eles. Porém, foi a voz vinda de um alto-falante que respondeu: "Permissão concedida, forasteiro".

Os dois robôs se afastaram e Ryan pôde entrar na cela.

O garoto pulou da cama, ao perceber que a porta se abria. Relaxou visivelmente, quando viu que era o amigo.

— Oi, cara.

— Oi, Jak. como vão as coisas?

— Mais ou menos. É um saco ficar aqui, sem ter nada para fazer. O pior de tudo é a comida. Preferia passar a pão e água. Como estão os outros?

— Tudo bem. Sabe de uma coisa? Descobrimos a verdade sobre Doc Tanner. Adivinhe quanto anos ele tem.

— Uns setenta?

— Duzentos e trinta.

— O quê?

— Isso mesmo, rapaz. Duzentos e trinta. Dá para acreditar numa loucura dessas?

Ryan lhe contou a respeito do computador na sala de informações. Não importava que houvesse câmeras e microfones na cela. Todo o mundo naquele complexo já devia estar cansado de saber sobre suas descobertas.

Jak ouviu a história toda em silêncio. Depois, perguntou se a viagem de Doc tinha ligação com a morte de seus dois filhos e se mostrou surpreso com a verdadeira idade do velho. Em nenhum momento questionou a veracidade da história.

— Será que nós também poderemos viajar no tempo, Ryan?

— E por que não? Tudo o que precisamos fazer é achar a máquina certa. E alguém que saiba operá-la de maneira correta.

Eles conversaram por mais meia hora. Jak lhe contou que havia sido visitado por dois cientistas, muito interessados em sua habilidade nas lutas corporais.

Os caras não estão nem aí porque eu matei aqueles mutantes fodidos. O que eles querem saber é como eu consegui essa proeza.

— Eles te examinaram?

— Os filhos da mãe me viraram do avesso, isso sim. Já me fizeram um monte de exames e vão voltar, para fazer mais. Não aguento mais essa merda toda, Ryan.

Você precisa me tirar daqui.

— Claro. Mas no momento certo.

— E quando vai chegar essa droga de momento certo?

— Logo você vai ver. Enquanto isso, tente aguentar firme aqui dentro. É o melhor conselho que posso lhe dar.

Ao deixar a cela do albino, Ryan percebeu o quanto estava odiando o Complexo da Ilha da Magia para o Avanço Científico Lori Quint passou o dia todo na cama, com dor de estômago.

Krysty lhe fez companhia por algum tempo, depois foi dar uma volta pelo complexo. Não encontrou nada de interessante.

J.B. continuou a traçar seus planos de fuga. Porém, quanto mais conhecia o complexo, mais chegava à conclusão de que seria mesmo muito difícil sair dali.

A Dra. Ethel Tardy apareceu por volta do D no Verde. Seu corpo cheio de banhas tremia de indignação.

— Isso é um absurdo! Seu colega, o Dr. Tanner, causou uma desgraça nesta ilha!

— O que aconteceu? — perguntou Ryan.

Lori levantou-se da cama correndo.

— O que foi que aconteceu? Onde está ele agora? Me diga, por favor!

— Um verdadeiro escândalo! Pela primeira vez em setenta anos alguém se embebe-da aqui dentro!

— Doc? Bêbado?

— Exatamente. Tomou uma bebedeira, junto com o pobre Dr. Avian!

— Onde ele está?

— Já foi medicado e está sendo trazido para cá. Que vergonha, forasteiros!

— Eu sinto muito — foi tudo que Ryan pôde dizer.

Finnegan, que passara quase que o dia todo dormindo, abriu os olhos e sorriu.

— Esse Doc é mesmo um grande filho da mãe. Gostaria de ter tomado um porre com ele!

— Não tem graça nenhuma — respondeu a Dra. Tardy. — Aqui é lugar de trabalho e de respeito!

Finnegan engoliu em seco.

— Sim senhora, De repente, eles ouviram alguém cantando no corredor: "Eu a vejo na ponte, Atirando bolas na lua.

E ela disse: Jak, eu nunca... "

A música foi interrompida pelo barulho inconfundível de alguém vomitando.

A Dra. Tardy levou as mãos aos ouvidos.

— Além de bêbado, esse velho também é desafinado! Cambada de vagabundos!

E, dizendo isso, deixou o quarto de cabeça erguida.

Doc Tanner apareceu na porta minutos depois, carregado por dois soldados.

Ryan e Finnegan despacharam os mutantes e deitaram o velho na cama.

— Minhas saudações, amigos. Pax vobiscum. Acho que eu bebi demais, Sr.

Cawdor...

Ryan tirou-lhe os sapatos e desabotoou o colarinho de sua camisa. Sentiu o cheiro de vômito e de álcool. Porém, quando Doc sussurrou, sua voz era clara e firme: — Estou sabendo tudo a respeito do Projeto Eurydice, Ryan, Tudo mesmo.

— E do que se trata?

— Pense no pior pesadelo que você já teve na vida. Ele é cem vezes pior.

21

J.B. Dix e Finnegan resolveram desmontar todas as câmeras de vídeo e microfones instalados no dormitório. Havia tanta coisa quebrada no Complexo da Ilha da Magia para o Avanço Científico, que era pouco provável que algum dos cientistas des-confiasse de sabotagem. Desse modo, Doc Tanner teria a chance de relatar suas descobertas, sem ser ouvido por nenhum bisbilhoteiro.

Ele limpou a garganta e respirou fundo.

— Tudo começou quando eu cruzei com o cientista de braço de plástico, no corredor.

— Avian — comentou Krysty.

— O próprio. Ficamos amigos e tivemos uma conversa de médico para médico. Ele me levou para conhecer seu laboratório. Quase cagou nas calças de medo de que al-guém nos pegasse ali juntos. Daí, tirou uma garrafa de uísque do armário e começamos a beber. Bebida fina, aquela. Como o álcool é proibido aqui dentro, o coitado guarda a garrafa trancada a sete chaves.

Doc parou de falar e correu para o banheiro. Voltou um pouco depois, enxugando a boca com um pedaço de papel.

— Como podem ver, caros amigos, estou ficando velho para esse tipo de loucura...

Juro que vou me tornar um abstêmio. Juro mesmo.

— Conte-nos o que descobriu — pediu Ryan.

— Claro, sr. Cawdor, claro. O Dr. Avian é um homem muito inteligente, mas não sabe guardar segredos. Depois da segunda... ou da terceira dose, não me recordo bem, ele soltou a língua e me contou toda a história da Ilha da Magia. Que, aliás, deveria se chamar Ilha do Diabo. Pois bem, fiquei sabendo de tudo que se passa por aqui. Ao que parece, esse pessoal chegou ao ponto crucial na vida do complexo. Eles passaram os últimos cem anos fazendo pesquisas e mais pesquisas, para realizar o que vai acontecer na semana que vem. E nós, senhoras e senhores, precisamos fazer alguma coisa para detê-los! — Ele fez uma pausa e levou a mão à boca, como se fosse vomitar de novo. Porém, conseguiu se controlar. — Precisamos detê-los de qualquer jeito!

Doc Tanner continuou sua história. Durante um século, os cientistas daquele complexo haviam se devotado ao trabalho com verdadeiro fervor. O fanatismo exagerado era passado de pai para filho, e cada geração nova parecia mais maluca do que a anterior.

A única coisa que importava eram as pesquisas para a Central. E agora, Doc já sabia que raio de pesquisas eram aquelas.

Muito simples: métodos melhores e mais modernos de genocídio total. Meios de varrer os últimos sobreviventes da face da Terra. Como se o grande holocausto de 2001 não tivesse sido suficiente, os cientistas do Complexo da Ilha da Magia para o Avanço Científico queriam mais.

O velho continuou a falar, com voz baixa. Num determinado momento, pediu um copo de água a Finn. Ressaca sempre causava sede, não importava em que século fosse. Depois de esvaziar dois copos, ele prosseguiu seu relato.

Os cientistas, comandados pela Dra. Ethel Tardy, haviam inventado armas nucleares inacreditáveis, que faziam com que as bombas de 2001 parecessem brinquedos de criança.

— Além disso, esses filhos da mãe desenvolveram vírus altamente malignos, capazes de contaminar e matar populações inteiras em poucas semanas. Como cobaias, foram usados centenas de mutantes do próprio complexo. Uma das drogas, criada pela Dra. Tardy, faz com que as pessoas devorem seus próprios corpos. Os coitados começam pelos dedos, chegando até a arrancar os olhos e pedaços do peito e do estômago.

Doc Tanner continuou a recitar a lista de horrores: vírus lançados no ar, capazes de matar populações inteiras em questão de dias. Veneno para ser colocado na água que abastecia toda a Terra da Morte. Armas poderosas, que reduziam seres humanos a pó. Tudo resultado de cem anos de intenso trabalho e de pesquisas sem fim.

Ao terminar, o velho se jogou na cama, exausto.

— Quando é que eles vão começar? — perguntou Lori.

— Na semana que vem. Pelo menos é o que pretendem.

— Mas nós vamos impedi-los, não vamos?

— Claro que sim, mulher da minha vida, luz do meu coração!

Lori sorriu e ficou vermelha.

— Será que esse tal de Dr. Avian estava mesmo falando sério? — perguntou Finn, bocejando.

— Claro, meu caro gorducho. Semana que vem, a Dra. Tardy e seus seguidores vão pôr seus planos macabros em ação. E sabe qual será o resultado dessa brincadeira?

O fim de toda a vida, não só na Terra da Morte, mas em todo o planeta!

— Você está se referindo às pessoas, Doc?

— À vida em geral. Animal e vegetal. Até as bactérias vão desaparecer. A Terra será totalmente destruída. A única coisa que permanecerá intacta será este complexo maldito, que eles chamam de Ilha da Magia.

— Precisamos dar um jeito de impedi-los! — exclamou Krysty.

— Impedi-los como? — J.B. Dix deu um suspiro. — Nós somos sete, contra um verdadeiro batalhão!

— Um batalhão de mutantes paspalhos — lembrou Ryan. Se usarmos a cabeça, ainda poderemos ter uma chance de destruí-los.

Jak Lauren sempre dormiu bem. A noite não o assustava e ele costumava sonhar com seus tempos de infância, vividos nos pântanos úmidos da Louisiana, ao lado do pai tão querido.

Aquele dia, porém, as coisas foram diferentes...

Sonhou que andava por uma estrada empoeirada e cheia de buracos, iluminada pelos fortes raios de sol de uma tarde de verão.

Não havia ninguém, num raio de quilômetros. Ele chamava os nomes de seus amigos, mas ninguém lhe respondia. A estrada estava completamente deserta.

Pouco depois, à sua esquerda, avistou um cemitério cheio de anjos de pedra, cobertos de limo. Não teve dúvidas. Foi correndo para lá.

Os túmulos, cada qual com sua placa de identificação, traziam o nome das pessoas que ali jaziam para sempre.

Jak parou diante de um deles e leu o que estava escrito. Dizia: "Jak Lauren. Morreu em agonia e seu espírito jamais terá paz". O túmulo seguinte dizia a mesma coisa.

E o seguinte também.

E o seguinte...

De repente, ele ouviu um barulho estranho, vindo de trás de uma árvore. E teve a clara impressão de que não estava sozinho.

Começou a andar mais depressa e foi dar na parte velha do cemitério, onde as estátuas caídas no chão e túmulos abertos ofereciam abrigo e proteção a qualquer criatura que quisesse se esconder ali. Aquele era o lugar mais perigoso de todos.

Deixou o cemitério em disparada e continuou seu caminho pela estrada deserta.

Os buracos no chão o faziam tropeçar e Jak caiu várias vezes. Ouviu alguém rindo atrás dele.

Ou será que a risada vinha da frente?

Continuou a correr como um louco, o barulho dos seus passos ecoando em seus ouvidos. Parou um minuto para descansar e tomar fôlego; foi aí que percebeu, apavorado, que os passos continuavam atrás dele. E estavam se aproximando.

Jak se virou e os viu. Eram criaturas altas, vestidas com reluzentes armaduras pretas e máscaras feitas de espelho. Ao olhar para os estranhos, Jak viu sua própria imagem refletida nos capacetes.

Voltou a correr com todas as suas forças. Tinha de dar um jeito de sair daquele lugar horrível, o mais rápido possível!

Um lago surgiu à sua frente e ele se atirou na água, tentando escapar de seus perseguidores. Soltou um urro de dor. A água fervia e seu corpo ficou em carne viva.

Os estranhos se aproximavam cada vez mais. Agora, as máscaras de espelho já haviam desaparecido. Em seu lugar, viam-se apenas os ossos saltados de rostos ca-davéricos.

E suas bocas magras diziam, sem parar: — Morreu em agonia e seu espírito nunca mais terá paz! Morreu em agonia e seu espírito nunca mais terá paz!

Naquele momento, Jak acordou. Olhou em volta. Ainda estava em sua cela de segurança máxima do Complexo da Ilha da Magia para o Avanço Científico.

Era difícil saber quanto tempo o sonho havia durado. Sentou-se na cama e balançou a cabeça com força, para esquecer as imagens que ainda continuavam a assombrá-la. Depois, pediu ao soldado mutante que o vigiava para lhe trazer o café da manhã.

Minutos depois, uma bandeja com algo que lembrava vagamente um chá lhe foi entregue.

Tinha terminado de tomar aquela porcaria, quando ouviu uma voz muito familiar: — Bom dia. Posso visitar meu amigo?

Era Ryan Cawdor.

— Bom dia — respondeu o guardião. — Seu pedido foi aceito. O rapaz pode ser visitado. Porém, mais tarde, ele será levado ao laboratório da Dra. Tardy e todas as visitas serão canceladas para sempre. Jak não gostou muito do que ouviu. Talvez tivesse chegado na hora de cair fora.

Precisava ter uma conversa muito séria com Ryan.

A porta da cela foi aberta e ele entrou.

— Oi, Jak.

— Oi, Ryan.

— Você está bem?

— Estou. Como vão os outros?

— Doc tomou um porre ontem.

— Aqui, neste lugar?

Ryan sorriu, aproximou-se do rapaz e começou a falar em voz baixa: — É isso aí. Aqui mesmo. Ele e o Dr. Avian, aquele do braço de plástico. Não é que o nosso Doc descobriu coisas muito interessantes?

Ele fez um resumo de tudo o que o velho havia descoberto.

— Pois é, Branquela. O negócio está ficando preto. Chegou a hora de acabarmos com essa cambada toda e cair fora daqui.

— Mas, o que vamos fazer?

— Estamos bolando um plano. Talvez possamos usar as próprias armas dos cientistas para explodir esta merda de lugar. Bem, agora é melhor eu ir, senão esses filhos da mãe vão acabar desconfiando de alguma coisa.

Ryan se levantou e falou em voz alta, para que o guardião o ouvisse: — Fico contente em saber que você está bem, Jak.

— Obrigado, Ryan.

— Já vou indo. Os cientistas vão fazer experiências com você hoje à tarde. É provável que nunca mais nos vejamos.

— É verdade, amigo.

— Bem, então já vou indo. Cuide-se, rapaz. Os outros lhe mandaram um abraço.

— Obrigado. Mande um abraço para eles também.

Ambos se deram as mãos, depois Ryan pediu para que o soldado abrisse a porta.

Tudo aconteceu muito depressa. Assim que saiu da cela, Ryan fechou os dois punhos e deu um soco no estômago do mutante, que caiu no chão, de joelhos. Jak apressou-se em apanhar o fuzil a laser que caía das mãos do infeliz.

Ryan arrancou-lhe o capacete e aplicou-lhe mais um golpe. Os olhos, como dos outros mutantes, eram esbugalhados e a boca se abria e fechava sem parar. A criatura não tinha cabelos e faltava-lhe uma das orelhas.

Apesar de tudo, era um rosto de mulher, implorando silenciosamente por misericórdia.

Ryan podia ter muitos defeitos, mas não era desumano, nem vingativo. Mais um soco certo e o sofrimento da moça mutante terminou.

Olhou em volta, para certificar-se de que as câmeras no teto não tinham registrado aquela morte.

— Vamos andando, Jak. Precisamos sair daqui o mais rápido possível.

O garoto estava fascinado com a arma que tinha nas mãos.

— Isto aqui é uma beleza, Ryan!

— É verdade. Mas depois você a examina. Agora vamos dar o fora, antes que apareça alguém.

Era quase B no Amarelo, quando Ryan e Jak conseguiram chegar ao dormitório.

Uma das coisas boas naquele complexo era que os cientistas não costumavam andar pelos corredores. Preferiam ficar trancados dentro dos laboratórios, perto de seus preciosos trabalhos.

Por duas vezes encontraram soldados pelo caminho. Eliminá-los foi uma tarefa fa-cílisma. Mais e mais, Ryan se convenciu de que a segurança no Complexo da Ilha da Magia para o Avanço Científico deixava muito a desejar. Os cientistas deviam estar mais preocupados com suas pesquisas e, além disso, eles nunca haviam recebido ameaças do mundo exterior.

Todos no dormitório estavam mais do que prontos. Doc Tanner já se havia recuperado do excesso do dia anterior e parecia alerta e animado. Eles começaram a combinar os planos de ação. A primeira coisa a fazer era tentar recuperar suas armas, que haviam ficado na entrada da ilha. Depois, era acabar com todo o mundo ali dentro e cair fora.

Em nenhum momento, alguém sugeriu a possibilidade de um eventual fracasso.

Se eles fossem bem-sucedidos, aquilo nem seria lembrado.

Se não fossem, a omissão não iria ter muita importância.

— A que horas vamos começar? — perguntou Krysty, sentada no chão de pernas cruzadas, fazendo exercícios de respiração.

— Agora mesmo. Quem quer ficar com este fuzil a laser que Jak arranhou?

— Eu! — exclamou Finnegan. — Sei que não sou muito inteligente, mas sou bom pra caramba quando o assunto é arma. Pode passar o brinquedo pra cá, Ryan.

O gorducho apanhou o fuzil e jogou-se no chão, fingindo que ia atirar em todo o mundo. Os outros caíram na risada e não perceberam que alguém abria a porta.

— M... m... m... m... minhas suspeitas f... f... f... foram confirmadas — disse o Dr.

Avian, com um sorriso cínico nos lábios.

O cientista estava cercado por quatro mutantes.

Vá com calma, Finnegan — avisou Ryan Cawdor, antes que o gorducho tomasse alguma atitude impensada e acabasse pondo tudo a perder.

Doc Tanner fez uma reverência diante do cientista.

— Pelo que vejo, o senhor já se recuperou do pequeno excesso de ontem, caro doutor.

— N... n... n... nem me lembre daquilo, Dr. Tanner. F... f... f... foi horrível.

— Horrível? Pelos três Kennedy! Mas que insulto! Estou muito ofendido! Acho que vou processá-lo!

Ryan não entendeu patavina do que Doc Tanner quis dizer com aquilo. Obviamente, nem o Dr. Avian. O cientista apontou para os sete.

— V... v... v... Vocês nos traíram!

— E o que pretende fazer agora? — perguntou J.B. Dix, com ar de pouco-caso. — Matar todos nós?

O Dr. Avian ficou confuso, como se ainda não tivesse decidido o que fazer.

O grupo havia formado um semicírculo, cada um esperando um sinal de Ryan para agir.

Só naquele momento o cientista de braço de plástico percebeu que Finnegan segurava um fuzil a laser.

— Ei! Onde f... f... f... foi que vocês... E o menino de cabelos b... br... br. ..

brancos... Como foi que ele fugiu?

Nos combates, há um momento crucial, quando a situação presente dispensa as palavras. Se você reconhece esse momento, pode ter uma chance de sobrevivência.

Ryan Cawdor percebeu que o momento havia chegado .

— Mate o filho da puta — ele disse a Finnegan com voz calma, como se estivesse mandando alguém abrir uma janela.

Não precisou repetir duas vezes. Finn apontou a arma e apertou o gatilho. O fuzil fez um barulho estranho, mas nada saiu dele. O gorducho tentou de novo. Nada. Jogou a arma inútil no chão.

— Mas que merda!

Ryan e os outros já tinham cercado os seguranças. O Dr. Avian jogou-se no chão.

— A ... a... a... Ataquem os forasteiros! — ele berrou aos soldados.

Porém, em vez de obedecerem ao chefe, os quatro mutantes resolveram imitá-lo e também se jogaram no chão.

Acabar com eles foi a coisa mais fácil do mundo. J.B. Dix deu um chute na virilha do que estava mais próximo, depois pulou em cima de seu peito. O barulho de costelas se quebrando foi ouvido na sala inteira.

Jak Lauren se encarregou de dois deles, arrancando-lhes os capacetes e esmagando-lhes as cabeças, com seus pontapés certos. Finnegan descontou a raiva e a frustração que ainda sentia, por causa do fuzil quebrado, no quarto e último soldado.

Ele era tão alto quanto o mutante, só que pesava cinquenta quilos a mais. Levantou o coitado do chão e o jogou contra uma parede. O capacete voou longe e foi com espanto que ele constatou que não se tratava de um coitado e sim, de uma coitada.

Era uma mulher de lindos olhos azuis e nariz arrebitado. Uma verdadeira beleza...

se não fosse pela boca, que lhe faltava. De qualquer maneira, não importava. Homem ou mulher, o inimigo tinha de ser destruído. Finnegan pulou em cima dela e partiu seu pescoço em dois.

— Quatro mutantes liquidados — comentou J.B., examinando as armas que eles traziam. — Foi mais fácil do que eu esperava. — T... t... t... todos os seguranças estão mortos — cochichou o Dr. Avian, no pequeno transmissor preso à lapela do casaco.

— E você será o próximo! — exclamou Ryan.

— Vocês teriam coragem de matar um homem da ciência? I... i... i ... isso é um absurdo!

— Mate o filho da mãe! — disse Doc, seu rosto frio como o granito.

— Mas nós somos colegas! — protestou Avian, acenando a mão falsa.

Doc Tanner deu um sorrisinho.

— Cínico! Eu preferia ser colega de um grudento retardado! Um cientista devia trabalhar apenas pela paz e pela vida. Por coisas positivas. Você e os seus amigos estão trabalhando para o poder da escuridão, para o caos. Não, Dr. Avian. Você deve ser esmagado como uma minhoca nojenta. Mate-o, Ryan! E depressa, para que possamos continuar com o nosso trabalho.

Ryan Cawdor nunca vira o velho tão bravo antes. Ele parecia até mais alto, seus olhos brilhando de ódio.

— Pode deixar que eu faço o serviço — Finn se ofereceu. Posso, Ryan?

— Vá em frente, amigo.

Matar o cientista foi tarefa simples para o experiente Finnegan. Alguns socos foram suficientes para derrubá-lo e fazer com que o braço falso se soltasse do resto do corpo. J.B. Dix parecia desanimado.

— Más notícias, pessoal. Acabei de constatar que essas armas estão todas quebradas. Não servem para mais nada.

— E agora? — perguntou Jak. — Como vamos fazer para sair daqui?

— Precisamos dar um jeito de recuperar as nossas próprias armas — respondeu Ryan. — E nossas roupas também.

— E se tivermos problemas pela frente? — perguntou Krysty, olhando para o corpo do cientista morto.

— Acabamos com quatro, sem dificuldade. Podemos acabar com o resto.

Os corredores encontravam-se vazios, quando eles deixaram o dormitório. Agora que estavam mesmo empenhados em destruir aquele complexo, não havia razão para esconder seus atos. As câmeras instaladas no teto que fossem para o inferno! A única coisa que interessava no momento era agir depressa.

— Acho que os filhos da mãe esconderam as nossas coisas nesse corredor — comentou J.B., estudando o mapa que ele mesmo havia feito.

Atrás dele iam Ryan, Krysty, Finnegan, Jak, Doc e Lori. Cada um segurava uma arma roubada dos soldados mutantes. Nenhuma delas funcionava, mas pelo menos uma pessoa armada impunha mais respeito.

Chegaram ao depósito do complexo, onde as armas e roupas do grupo haviam sido guardadas. A porta era sólida, porém acabou cedendo depois de uma série de chutes do gordo Finnegan.

Jak Lauren ficou de guarda no corredor, enquanto os outros procuravam suas coisas nos armários e prateleiras.

Minha submetralhadora querida! — exclamou Finn, beijando a arma. — Pensei que nunca mais fosse voltar a vê-la!

Doc Tanner começou a dançar com sua espada. J.B. Dix, Krysty e Lori davam gritos de alegria, cada vez que encontravam seus pertences.

Ryan Cawdor levantou a mão, pedindo silêncio.

— Tivemos muita sorte até agora, amigos. Ao que parece, esse pessoal está ocupado demais para prestar atenção na gente. De qualquer jeito, ainda há uma possibilidade de que eles estejam nos preparando alguma armadilha. Por isso, olho vivo! E

de agora em diante, podem atirar em qualquer pessoa ou coisa que encontrarem pela frente.

— A coisa mais importante que temos a fazer é acharmos explosivos capazes de mandar este complexo à merda — lembrou o armeiro. — Não vai ser fácil, mas precisamos tentar.

— É isso aí — concordou Ryan. — Vamos combinar o seguinte: eu vou na frente, Krysty em segundo, depois Jak, Doc e Lori. J.B. e Finn, vocês dois fiquem por último, vigiando o grupo. De agora em diante, não há como voltar atrás. É tudo ou nada. E

não se esqueçam: Qualquer hesitação de nossa parte pode pôr tudo a perder.

Eles deixaram a sala e seguiram pelo longo corredor. Nas mãos, cada um levava sua arma favorita, pronta para ser usada. Como Doc havia comentado, não tinha perigo de alguém acertar um amigo, por acidente.

Não existiam amigos ali.

Pouco depois, eles avistaram dois soldados de capacete, andando em sua direção.

— Deixe que eu cuido deles! — exclamou Ryan, apertando o gatilho de seu fuzil automático H&K duas vezes.

Os mutantes caíram no chão, o sangue espirrando nas paredes do corredor.

— Bom trabalho — cumprimentou Jak, olhando para os dois cadáveres furados.

— Obrigado, amigo.

Assim que eles continuaram a andar, o alto-falante instalado no teto ganhou vida: "O que aconteceu? Respondam! Respondam!"

Em algum lugar atrás deles, uma sirene começou a tocar. As luzes do teto pisca-ram e, mais adiante, uma porta se fechou.

— Mas que merda! — exclamou Finn.

— Vamos dar o fora daqui — disse Ryan.

Segundos depois, a sirene parou. Eles deram graças a Deus e continuaram a cami-nhar com passos rápidos.

De súbito, avistaram as duas moças bonitas que tinham conhecido no dia da chegada ao complexo: as doutoras Louel a Hal e Angie Pflaug. Um soldado mutante vinha atrás delas, carregando toalhas limpas.

— Que a Central esteja com vocês — saudou a Dra. Pflaug, piscando para Jak.

A Dra. Hal, porém, notou que havia algo de errado por ali. — Ei! O rapaz de cabelos brancos ia ser usado como cobaia no C do Amarelo! Por que ele está com vocês?

E a troco de que estão usando essas roupas?

Ryan Cawdor tinha o instinto de um verdadeiro matador. Mas, assim mesmo, hesitou em atirar naquelas duas garotas mentalmente retardadas, que não passavam de meras vítimas dos dirigentes daquele complexo.

— Acabe com eles! — ordenou a Dra. Pflaug ao segurança que carregava as toalhas.

— Deixe as filhas da mãe comigo — pediu Jak.

— Elas são todas suas, Branquela.

Ryan observou o garoto de quatorze anos apertar o gatilho da pistola. O barulho dos tiros foi ensurdecedor.

A primeira bala furou o capacete do soldado, fazendo com que plástico e miolos voassem para todos os lados.

Sem entender muito bem o que estava acontecendo, as duas moças começaram a rir. Antes que o chão ficasse sujo, Jak atirou de novo. Uma das balas atingiu o pesco-

ço da Dra. Angie Pflaug. A outra entrou em cheio na boca aberta e risonha da Dra.

Louel a Hal.

— Começamos bem — comentou Doc Tanner, em voz baixa.

A sirene voltou a tocar.

Parou por alguns segundos, depois recomeçou.

Ryan estava começando a achar que aquilo não passava de um sonho biruta. Ele e seus amigos encontravam-se num complexo sob as águas do lago Crater, no lugar onde outrora existira o bonito

Estado de Oregon. Já tinham matado soldados às dúzias e estavam começando a liquidar os cientistas.

E não havia jeito de voltar atrás.

Apenas um soldado vigiava a entrada principal. Estava de costas para Ryan e seus amigos, um fuzil a laser preso ao ombro. Perto dele, havia um enorme cartaz que dizia: "Complexo da Ilha da Magia para o Avanço Científico. Entrada ou saída absolutamente proibidas, sem a devida licença".

— Esse filho da puta é meu — cochichou Finnegan.

Naquele momento, uma voz estridente vinda do alto-falante começou a soar: "Os forasteiros escaparam. Atenção seguranças. Tratem de agarrá-los o quanto antes. Repetindo: os forasteiros escaparam. Tratem de agarrá-los o quanto antes!"

Ryan olhou para os outros.

— Vamos correr para o elevador. Talvez possamos fugir num daqueles barcos. Duvido que eles venham atrás de nós.

— Mas precisamos destruir este ninho de maldade! — protestou Doc Tanner.

— Claro — ele concordou. — Porém não cabe a mim ordenar que vocês arrisquem as suas vidas.

Temos mais chances de sobreviver se fugirmos agora.

Finnegan franziu a testa.

— Eu nunca fugi de ninguém, Ryan. Além disso, esses filhos da mãe não vão poder fazer nada contra a gente. E sabe por quê? Porque essas merdas de armas que eles têm estão todas quebradas!

Ryan ficou pensativo por alguns instantes.

— Vamos fazer uma votação. Podemos tentar explodir o complexo, ou fugir agora.

Quem prefere ficar?

O único que hesitou foi Jak Lauren. Os outros cinco responderam imediatamente que ficavam.

Ryan olhou para ele.

— Se quiser, pode ir embora, Branquela. Você não é obrigado a nos acompanhar. A luta não é sua.

O albino balançou a cabeça.

— Errado. Se a luta é sua, também é minha.

— Então vamos ficar e explodir esta merda. Finnegan, você se encarrega do soldado?

O gorducho levantou a arma. — Claro. É pra já.

— Tome cuidado, amigo.

Ele deu risada.

Você já viu Thomas O'Flaherty Fingal Finnegan agir sem tomar cuidado?

— Muitas vezes, Finn. Muitas vezes.

Ele se preparou para atirar.

— Agora — ordenou Ryan.

— Depressa! — exclamou Krysty com voz cheia-de pânico, como se estivesse pres-sentindo alguma coisa.

O gorducho ia apertar o gatilho, quando o soldado se virou e atirou. Ouviu-se um barulho estranho e uma luz azulada atingiu Finnegan no peito.

Ele soltou um grito, algo que lembrava vagamente a frase: "Xi! Acho que me fodi!"

Foi uma morte medonha.

Durante anos e anos, Ryan Cawdor tinha visto muitas pessoas irem ao encontro do Criador. Poucos haviam partido de modo natural. Porém, nunca presenciara um assassinato tão feio quanto o de seu velho e querido amigo Finnegan.

Quisera a perversidade cega do destino que o fuzil a laser do mutante não estivesse quebrado.

Diferente de uma bala normal, o fecho de luz de uma arma a laser não causa impacto na pessoa atingida. O pobre Finn não voou longe, nem foi levantado do chão.

Em compensação, seu sofrimento foi atroz.

Ryan e os outros, boquiabertos, presenciaram com horror os últimos momentos do amigo.

O corpo estava em fogo. Cada movimento do moribundo só aumentava sua agonia. A pele havia ficado preta, a carne queimada pelo intenso poder da arma. O calor era tão intenso, que o intestino explodiu e derreteu, o sangue cozinhando onde o laser o havia atingido.

O soldado apontou a arma para Ryan. Nada aconteceu. Ela quebrara de novo.

— Deixe o filho da mãe comigo! — ele exclamou, entregando o fuzil G-12 e a pistola SIG-Sauer de 9 mm a Krysty.

Ela ainda tentou impedi-lo.

— Não faça isso, amor!

Ele nem lhe deu ouvidos e se aproximou do segurança. No chão, Finnegan dava seus últimos suspiros.

O mutante apontou-lhe a arma. Apesar de sua coragem ilimitada, o caolho hesitou. Podia ser que, dessa vez, ela funcionasse. Assistir ao sofrimento do gorducho teria sido o suficiente para fazer qualquer ser humano normal cair de joelhos, enterrar a cabeça nas mãos e chorar.

Mas não Ryan Cawdor.

Você matou um dos melhores homens que eu conheci — ele disse ao mutante, fazendo força para se controlar. — Amigo é coisa rara de se encontrar. Bons amigos, mais raro ainda! E você o matou, seu mutante nojentão, sem coração!

Dizendo isso, Ryan deu um passo à frente, tirou sua echarpe e fez um tal movimento, que ela estalou no ar e atingiu a garganta do soldado, como o golpe de um chicote. O infeliz caiu no chão, de joelhos.

— Você vai morrer, seu fodido! — Ryan deu-lhe um chute no meio das pernas, com toda a força. O soldado soltou um grito animalesco de dor. — Vai morrer na maior agonia, como o homem que você matou!

Dito e feito. Suas mãos voaram para a garganta do assassino e ele só parou de apertá-la, quando o sangue começou a escorrer do nariz e da boca do mutante.

Ele levantou-se e voltou a pôr a echarpe em volta do pescoço. Sentia-se um pouco melhor agora, mas não parou para chorar pelo amigo Finnegan. Haveria tempo para aquilo.

Mas não agora. Mais tarde.

Um pedaço de plástico explosivo do tamanho de um botão e um pequeno detona-dor foram o material necessário para que os seis amigos conseguissem entrar no lugar mais sagrado do complexo da Ilha da Magia para o Avanço Científico. A explosão fez eco em seus ouvidos, então a porta se abriu.

Os cientistas, percebendo finalmente que estavam sendo atacados pelos forasteiros, tinham tomado suas precauções.

Vários soldados de armas na mão esperavam pelos intrusos. Porém, antes que pudessem pensar em atirar, Ryan derrubava todos eles com uma rajada de balas.

Pulando os corpos, quase escorregando nas poças de sangue, Ryan e seus amigos entraram na sala.
— Deus do Céu! — ele exclamou, mal acreditando no que via.

Todos sabiam que os laboratórios do complexo deviam ser imensos. Porém, nem em seus sonhos mais fantásticos eles haviam imaginado uma coisa tão impressionante quanto aquela.

O galpão que se estendia à sua frente era maior do que cento e cinquenta hangares e tinha a altura de um prédio de dez andares. As paredes eram todas pintadas de preto.

Uma longa lista em cima de uma mesa mostrava os inúmeros itens das pesquisas a serem feitas: Um catálogo de morte e desumanidade.

Produtos químicos.

Remédios.

Destruição da visão.

Destruição das células neurais.

VDPCR.

— O que é isso, Doc?

— Veículos Dirigidos por Controle Remoto, meu caro sr. Cawdor. — respondeu o velho.

Sensores.

Mísseis de longo alcance.

Mísseis de médio alcance.

Mísseis de defesa.

Submarinos.

Venenos.

Vírus.

Armas nucleares.

A lista parecia interminável.

— Isto aqui é uma verdadeira fábrica de morte! — exclamou Krysty. — Precisamos varrer essa vergonha da face da Terra!

Porém, agora que Finnegan estava morto, somente J.B. e Ryan tinham conhecimentos suficientes sobre explosivos para destruir o complexo inteiro.

— Vamos nos dividir — decidiu Ryan. — Krysty e Jak, vocês vêm comigo. J.B., leve Doc e Lori. São onze e quinze agora. Nos encontramos aqui de novo dentro de...

Dentro de quanto tempo, Doc?

O velho balançou a cabeça e seus olhos ganharam um brilho estranho.

— Estamos no Palácio do Pecado, Sr. Cawdor. Esses corredores impregnados de morte me fazem lembrar... Me fazem lembrar o que mesmo?

Ryan sacudiu o braço dele.

— Isso não é hora de devaneios, Doc! Não vê que estamos correndo perigo?

Doc Tanner piscou os olhos.

— Minhas desculpas, Sr. Cawdor! Minhas mais profundas desculpas! De que falávamos mesmo? O que foi que me perguntou?

— Quanto tempo? Quanto tempo você acha que levaremos para dar uma volta pelo complexo e determinar os melhores lugares para instalarmos os explosivos?

— Uma hora. Não mais do que isso. O finado Dr. Avian me contou que existem verdadeiras hordas de soldados mutantes trancados em galpões como este, prontos para agir no momento em que um botão for apertado. Não podemos demorar. Se ficarmos muito tempo aqui dentro, jamais voltaremos a ver a luz do sol.

— Qual será o melhor jeito de explodirmos este lugar? — perguntou Krysty.

Doc franziu a testa.

— Mísseis e dinamites, cara senhorita. Coisas simples, que farão esta montanha maldita explodir! — Os olhos do velho voltaram a ficar nebulosos. — Vai ser um espetáculo tenebroso. O fogo vai arder, iluminando a escuridão da noite...

Ryan o interrompeu: — Então, está combinado! Vamos nos dividir em dois grupos. Um vai para a esquerda, o outro para a direita. Atirem em qualquer coisa que se mover. Agora são onze e vinte. Nos encontramos aqui ao meio-dia e vinte. O primeiro grupo que chegar espera o outro até o meio-dia e vinte e cinco. Depois disso, podem tomar o elevador e tratem de dar no pé. Atravessem a cidade de Ginsburg Falls e voltem à máquina de transporte. Esperem ali por vinte e quatro horas. Depois...

— Depois, adeus — completou Jak.

Para Ryan e seus amigos, a hora seguinte passou como um sonho de ação e morte.

Pelos seus cálculos, eles tinham matado três dos sessenta e um cientistas e uma boa parte dos soldados mutantes. A menos que a horda de seguranças resolvesse aparecer, não devia haver mais do que umas setenta almas dentro do Complexo da Ilha da Magia para o Avanço Científico, — Vem vindo alguém — Jak cochichou para Ryan e Krysty.

Os três se esconderam atrás de uma coluna e viram quem se aproximava. Era um anão sorridente, com um motorzinho nas costas que o fazia andar a alguns palmos acima do chão.

— Ele é meu — disse Ryan, levantando seu fuzil G-12 e apontando para a cabeça do homenzinho. Naquele momento, o míni-cientista os viu. O motor parou e, como por magia, ele ficou suspenso no ar.

— Agora! — exclamou Krysty.

Ryan atirou e o coitado caiu no chão, com uma bala bem no meio dos olhos. O sorriso, porém, continuou em sua boca.

Por um breve instante, Ryan sentiu pena dele.

Apenas por um breve instante.

A confusão estava armada. Os cientistas haviam finalmente percebido que a morte viera assombrá-los e passavam correndo pelos corredores, procurando abrigo na parte principal do complexo.

Estranhamente, não se viu mais nenhum soldado mutante.

O que teria acontecido às hordas de segurança às quais o Dr. Avian tinha se referido?

— Olhe! — exclamou Ryan, apontando para uma "porta, onde havia um cartaz com as seguintes palavras: "Explosivos. Cuidado! Entrada Expressamente Proibida".

Eles abriram a porta e foram dar num laboratório cheio de vidros e tubos de ensaio, cheios de substâncias borbulhantes. Ryan nunca vira tantos equipamentos científicos juntos, em toda a sua vida. Sentado numa cadeira, muito entretido com suas pesquisas, estava o gigante que eles tinham conhecido no dia da chegada ao complexo.

— É o tal astrofísico — cochichou Krysty. — O que será que ele está fazendo?

— Não sei — respondeu Ryan. — E para falar a verdade, estou me lixando.

A primeira bala entrou na garganta, a segunda no peito do homem. Ele caiu em cima dos tubos de ensaio, os líquidos coloridos de dentro deles misturando-se ao sangue que jorrava sem parar.

Sem olhar para o corpo uma segunda vez, Ryan seguiu seu caminho.

Ali, naquele mesmo laboratório, eles encontraram o que procuravam.

— Olhe! — exclamou Jak Lauren, entusiasmado. — Qualquer barão daria o braço direito para conseguir um material desses!

Ali, num canto, estava a maior coleção de explosivos que qualquer um deles já tinha visto. Toneladas e toneladas de granadas. Barris de napalm. Milhares e milhares de bombas.

Jak Lauren parecia uma criança numa loja de brinquedos.

— O tempo está passando — avisou Krysty. — Temos que andar logo.

— Fique de guarda — pediu Ryan. — Vou misturar o napalm às bombas e granadas, para que tudo

exploda na mesma hora.

Ao vê-la se afastar, ele deu um suspiro.

"Meu Deus, como eu amo essa mulher... ", constatou.

Em quinze minutos, tudo ficou pronto.

— As bombas vão explodir em meia hora — avisou Ryan. Isso quer dizer que precisamos dar o fora daqui o quanto antes. Vamos logo, pessoal! Temos ainda que nos encontrar com os outros.

J.B. Dix, Doc Tanner e Lori Quint já estavam à espera dos amigos no local combinado. Os corpos de cinco soldados jaziam no chão, em meio a uma poça de sangue.

O armeiro olhou para o relógio.

Meio-dia e dezesseis.

— Será que eles não vêm? — perguntou Lori.

Ryan, Krysty e Jak não podiam estar mais satisfeitos. Se as bombas realmente fi-zessem seu trabalho, uma reação devastadora iria ser desencadeada naquele complexo. A primeira explosão levaria a outras, espalhando fogo e destruição por todos os cantos.

Os três continuaram a andar pelo longo corredor. Mais alguns metros e se en-contrariam com os amigos.

Estavam quase chegando ao seu destino, quando a Dra. Tardy surgiu de trás de uma coluna, segurando uma arma esquisita nas mãos.

Ela sorriu e, quando falou, sua voz era calma e controlada: — Um só movimento e eu acabo com vocês três, forasteiros. Aliás, estou louca para usar esta arma em alguém, para depois examinar o resultado.

— Que arma é essa? — perguntou Jak.

Por um momento, Ryan pensou em atirar naquela anã gorda metida e besta. Acabou mudando de ideia. Ela estava longe demais. Além disso, tinha o dedo firme no gatilho.

— É a minha mais nova invenção, garoto. Como vocês sabem, as pessoas são com-postas de pele, ossos, sangue e músculos, que são interligados. Pois bem, esta arma remove essa ligação, que é muito frágil.

Krysty era a única interessada naquela explicação.

— Não estou entendendo...

A Dra. Tardy continuou a falar, como se estivesse dando uma aula: — O corpo se dissolve, mocinha. A pessoa se derrete em bilhões de partículas. É um processo extremamente lento e dolorido.

— Sua puta louca! — gritou Ryan, incapaz de se controlar.

— Não. Não sou louca. Nós somos os salvadores do mundo. Somente através da morte, conseguiremos criar uma vida melhor.

— Você é Doente! — exclamou Krysty.

— Negativo. Sou uma mulher lúcida e inteligente. O mal desaparecerá e a Terra será limpa pelo fogo e pelos cavaleiros da peste e da Doença.

Agora, ela começava a falar com um profeta, ameaçando os fiéis com os horrores do inferno.

— Quer dizer que vocês vão matar os poucos sobreviventes do holocausto de 2001?

— Exatamente. Não há ninguém que preste na face da Terra. Todos vão desaparecer.

— Nem todos são maus! — protestou Jak Lauren. — Ainda há gente boa neste mundo!

— Pois então os bons pagarão pelos maus. Dentro de pouco tempo não haverá mais vida neste planeta. A escuridão tomará conta de tudo. Daí, meus cientistas e eu...

Naquele momento, o Dr. Theophilus Tanner apareceu como um anjo da vingança e atirou o pescoço da Dra. Tardy com sua pistola Le Mat de duzentos anos.

— Apodreça no seu próprio inferno! — ele exclamou.

EPÍLOGO

Depois de uma breve luta com uma dúzia de soldados, os seis entraram no elevador principal e subiram em direção à luz do dia.

A subida levou exatamente oitenta e cinco segundos. O carro parecia se mover com uma lentidão agonizante. Uma vez, quando já se aproximavam do topo, o elevador tremeu e eles ouviram o barulho de uma explosão. Ryan e J.B. olharam para os seus relógios.

— Aconteceu mais cedo que o previsto.

— É, verdade — respondeu o armeiro. — Não se pode confiar em explosivos velhos.

O dia estava lindo, quando eles chegaram à terra firme. O sol brilhava num céu azul, sem nenhuma nuvem.

Havia vários barcos anfíbios escondidos sob a sombra das pedras, que camuflavam a entrada do complexo.

Vocês não estão ouvindo? — perguntou Krysty.

— Está se referindo às bombas) amor?

— Claro. Você não está ouvindo?

O Complexo da Ilha da Magia para o Avanço Científico estava enterrado tão profundamente, que nem Ryan, com sua boa audição, conseguiu detectar algum som. Mas pôde sentir. Através da sola grossa de suas botas, percebeu que alguma coisa de estranho se passava a tantos e tantos metros abaixo da terra.

— Vamos dar o fora daqui — disse J.B. Dix. — Quanto antes sairmos deste lugar maldito, melhor.

Os seis atravessaram o lago no barco anfíbio.

Chegando em terra firme, Jak Lauren encarregou-se de dirigir o veículo, tarefa que antigamente pertencia a Finnegan.

— Pé na tábua, Branqueia!

O pequeno barco andou bem pelas estradas esburacadas. Nenhum deles sabia como aquele motor funcionava e era muito provável que a gasolina, ou qualquer outra coisa que fizesse o carro andar, acabasse de repente. Se isso acontecesse, os seis podiam se considerar defuntos.

Entardecia, quando chegavam aos arredores de Ginnsburg Falls.

— Espero que os habitantes dessa simpática cidade tenham escolhido um prefeito um pouco menos sádico — comentou Doc Tanner.

Eles continuaram seu caminho.

Finalmente chegaram à entrada do depósito, que guardava a máquina de transporte. Já era noite.

Estavam descendo do barco, quando Krysty gritou: — Olhem!

Todos olharam na direção em que ela apontava. A terra estava explodindo.

O monte Mazana havia despertado de seu longo sono pela violenta explosão das bombas que Ryan e seus amigos tinham acionado, muito abaixo das águas profundas do lago. Chamas e lava levantavam-se a centenas de metros, iluminando o céu.

Mesmo àquela distância, eles ouviram o barulho do vulcão no momento de sua destruição.

— Uma bela pira funerária para Finn — comentou Ryan. Um homem não poderia querer uma homenagem melhor.

Eles assistiram ao espetáculo por alguns minutos, depois entraram no depósito. O frio que fazia ali fora era de matar.

Doc Tanner deu um suspiro.

— Chegou a hora de procurarmos um lugar melhor, amigos.

Conduzindo o grupo através dos longos corredores, Ryan parou diante de uma porta, onde havia um cartaz muito familiar, que dizia: "Entrada Expressamente Proibida".

Ele foi o primeiro a entrar, seguido por Jak, Doc, Lori e Krysty.

Ryan ficou na porta, esperando que todos se acomodassem.

— Vou sentir falta daquele velho gorducho -comentou Krysty.

— Eu também — concordou Lori.

— Todos nós sentiremos. Estão prontos?

— Estamos.

Ryan bateu a porta com força e correu para sentar-se ao lado de Krysty. Doc Tanner abraçou Lori.

Quando as luzes do chão e do teto começaram a brilhar, o velho cantarolou: "Vento do oeste que sopra, anunciando tempestade.

Traga de volta meu amor, de quem eu morro de saudade."

Aqueles haviam sido os piores dias de vida de Ryan Cawdor.

Antes que a escuridão caísse sobre eles, rezou baixinho para que, dessa vez, encontrassem um lugar melhor.